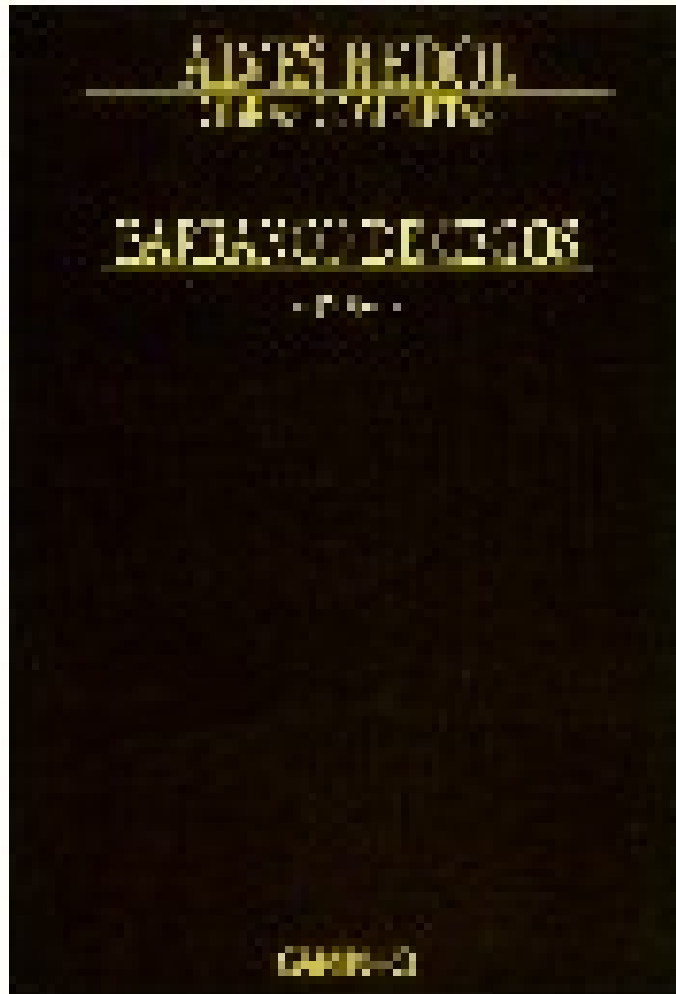


Alves Redol

Barranco de Cegos





Editorial Avante

Lisboa 1982

PREFÁCIO

Confessarei mais uma vez que quando leio ou ouço ou eu mesmo escrevo Homem, não consigo nunca libertar-me da velha necessidade de corrigir: os homens. Um vício de pensamento, se quiserem, uma maneira comezinha de considerar o mundo, uma banalidade. Mas devo-lhe a vantagem de não enxergar aquilo a que se chama “a literatura de hoje”, com exclusão do que, não sei bem porquê, o não seria. Há, sem dúvida, movimentos que criaram e continuam a criar situações novas, os pontos mais evoluídos duma busca, conquistas de expressão, que quase sempre tendemos a considerar a vanguarda da literatura. Mas cada fase das literaturas de certos países, em pleno desenvolvimento económico e cultural, constituirá a fase a atingir e ultrapassar por todas as literaturas duma mesma época?

Se não esquecermos que há países desenvolvidos, países em vias de desenvolvimento e países subdesenvolvidos, que os homens neles conhecem experiências assaz diferentes, que neles criam realidades sociais e culturais muito diversas, que as suas lutas, o seu desespero ou o seu espanto, as suas esperanças, não são as mesmas em Espanha ou na Noruega, no Brasil ou em França, na China ou em Itália, que em cada país os homens se dividem por práticas e ideais, e formação, e temperamento, e que a literatura com tudo isso intimamente se mistura, de tudo isso depende, de tudo isso se faz, apesar da sua força de recusa que a liberta, sem nunca a deixar afastar-se por completo daquilo mesmo de que se liberta, teremos de admitir, não só a existência de literaturas diferentes e igualmente válidas de país para país, como de correntes distintas, e igualmente válidas, dentro de cada país. E que, por isso mesmo, nem todas as literaturas forçosamente passarão pelas mesmas fases, sendo bastante prudente admitir que algumas seguirão caminhos bem diversos daquilo a que chamamos vanguarda, sem que tal as diminua, ou se tornarão vanguardas literárias por caminhos bem diversos dos que se abrem, por exemplo, em França ou na Itália. O critério da última palavra não parece de admitir no julgamento literário.

Que um criador, como criador, afirme apenas genuíno o rumo que escolheu - eu próprio tenho dito e aqui repito que, depois de Robbe-Grillet, de Claude Simon ou de Nathalie Sarraute, se não pode voltar a escrever como antes deles -, está isso

certo, corresponde a uma convicção e autenticidade, sem as quais aquilo que se propõe e tenta impor seria falho da força interior indispensável. E da cegueira fecunda de quem deve reconstruir o mundo de certa maneira e só dessa maneira.

Mas o crítico tem outras obrigações. Tem de saber compreender as limitações naturais e certamente indispensáveis dos criadores, sejam eles tradicionais ou de vanguarda. Tem de saber que, em arte, nada está nunca definitivamente morto nem nada existe integralmente novo. Que, num mesmo momento, podem ser, por exemplo, igualmente válidos um romance tecnicamente tradicional e um romance de vanguarda, por mais que o nosso gosto pessoal penda para um deles. Que o nosso gosto pessoal não é tudo e é mesmo, às vezes, muito pouco.

Tão pouco que foi possível publicar-se em Portugal um romance excepcional, tradicional e, no entanto, novo - este Barranco de Cegos -, sem que a crítica se debruçasse muito sobre ele.

Mas com Redol talvez haja outros aspectos a considerar, que só o futuro poderá avaliar com isenção.

Não se gostava de Redol e passou-se por cima deste grande romance por razões exclusivamente literárias, como às vezes se diz ou insinua? É possível que sim. Mas é raro quem ataca de frente certos interesses e conceitos criados obter a aceitação daqueles mesmos que aparentemente estão abertos a todas as inovações - desde que estas não ponham afinal em perigo as raízes da árvore, cujas folhas barulhentemente sacodem (que ousadias!, que ruidosas revoluções gramaticais e, sobretudo gráficas!), bem instalados, contudo, à sombra que ela dá. Conformistas ou inconformistas, os homens instalados são implacáveis para quem esboça tocar nos alicerces da sua instalação.

Não foi bem, talvez, pela qualidade literária do que escreveu, nem sequer pelos seus amores ou mesmo pelo grande escândalo de vestir calças, que George Sand - essa "pobre mulher", como Delacroix sempre lhe chamava - conheceu uma tão grande aversão da burguesia do seu tempo e do nosso mas, muito provavelmente, por ter tomado parte - e disso nunca se fala - na revolução de 1848, redigindo o Boletim da República do Ministério do Interior de então. É particularmente interessante, sob este aspecto, que só em 1954 o *Germinal*, de Zola, tenha encontrado, na actualidade, um escritor capaz de desfazer a carapaça de referências desdenhosas, de bocejos e reticências, duma aversão consolidada por anos e anos de ouvir dizer que impedia de ver nele "primeiro que tudo, um poema épico", a sua "poesia negra e ardente" tão rica de aspectos que interessaria vivamente, segundo Claude Roy, se o tivessem lido, o escritor e o crítico

apaixonado pelos pequenos factos verdadeiros, o surrealista, o amador de romances românticos, de mitos, o psicanalista, o crítico de esquerda e o crítico de direita. Mas o autor tinha ido longe de mais: *Germinal* (eis uma das suas leituras possíveis) “é o primeiro romance válido sobre a classe operária, a análise grandiosa do conflito entre o Capital e o Proletariado”. E isso não se perdoa.

Como a Zola, a Redol nunca faltou, nem falta, a multidão de leitores, um público muito vasto que, como diz ainda Claude Roy, não fala. Mas, apesar disso ou por isso mesmo, o seu destino imediato não foi ser entendido, mas desvirtuado: pelo incensar superficial de uns e pelo ataque constante e impiedoso (ou pelo silêncio, que é ataque também e o mais poderoso dos ataques) de muitos outros.

Que presa fácil! Não trouxe ele para o nosso romance (e para o nosso remorso) personagens, situações, problemas nunca antes tratados, até então tranquilamente ignorados pela literatura, com uma clareza e um espírito de luta que teriam de entusiasmar aqueles que de arte curam pouco, mas apenas de ideologias e incentivos de acção que nela possam ver? Não mostravam os seus primeiros livros esquematismos de concepção e de análise, tibiezas de linguagem e de construção, ingenuidades, que permitiam aos defensores da arte (e só da arte...) uma reprovação sistemática, facilmente estribada em declarações do próprio autor, segundo as quais só o documentário lhe interessaria?

Mas Redol nunca disse nem pensou o que lhe faziam dizer. Na portada do seu primeiro romance, *Gaibéus*, escrevera, com efeito: “Este romance não pretende ficar na literatura como obra de arte. Quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo. Depois disso, será o que os outros entenderem.” Mas que vontade de barrar a entrada dos recatados domínios da literatura ao novo escritor era preciso ter para se não ver em tais palavras uma simples prova de autêntica modéstia, sob a qual, aliás, ardia bem visível o desejo de que o seu livro fosse (mas os outros que o dissessem...) obra de arte! É o que o próprio Redol explicará, vinte e cinco anos depois, no prefácio à 6ª edição da mesma obra: “O que a portada deste primeiro livro não exprime, contudo, é uma tomada de posição contra a literatura, mas antes a confissão plena de que o autor não se sentia capaz de criar, então, uma autêntica obra de arte literária.” A essa distância, o autor não se ilude, aliás, sobre a sua estreia: “Há em todo o romance a impetuosidade desregrada, o arrebatamento impulsivo de um jovem que anseia por libertar o homem de tais grilhetas, desejando que a sua pena se torne ferramenta de progresso.” E aqui é que estava o crime: “que a sua pena se torne ferramenta de progresso”.

Impetuosidade desregrada, arrebatamento impulsivo. Dir-se-ia melhor? Ao domínio desta impetuosidade e deste arrebatamento se dedicou Redol, pacientemente e em silêncio a vida inteira, com o zelo e a probidade do operário que cuida da sua ferramenta e pouco a pouco se esmera no ofício, com a consciência crescente de que a nobreza da obra não está nos efeitos fáceis e vistosos que qualquer aprendiz rapidamente obtém, mas na simplicidade limpa e, enfim, verdadeiramente rica, que só os mestres alcançam. Consciência demoradamente adquirida, assimilada, construída.

Quando do aparecimento de Avieiros, em 1942, publiquei um longo artigo (era este o elogio mútuo, o espírito de capela a que os neo-realistas, segundo alguns historiadores que estudam muito pouco aquilo que historiam, se teriam entregado), em que a admiração pelo autor me obrigou a uma análise extremamente severa do que na sua escrita e mesmo na sua concepção de romance me parecia pôr em perigo uma obra que já se entremostrava importante. Nada havia em Avieiros do que Turgueniev ambicionava para o estilo: ser como a saúde, que só é boa quando se não dá por ela, não atrair os olhares como as botas novas nos pés dum noivo de aldeia. Redol não o esqueceu.

A última edição desse romance mostra bem o que desde então andou e como. No citado prefácio à 6ª edição de Gaibéus (muito significativamente intitulado “breve memória para os que têm menos de 40 anos, ou para quantos já esqueceram o que aconteceu em 1939”), deixou bem clara a linha que o seu trabalho seguiu desde os primeiros escritos, nos quais viria a reconhecer que neles confundia “rebuscamento com estilo, num amálgama de poesia romântica e de Fialho, de barroquismo e de certo tom melodramático, que correspondiam, por um lado, à falsa ideia de que ‘escrever difícil’ seria o objectivo supremo de um verdadeiro escritor e, por outro, à exaltação com que sentia os problemas das personagens a que aderira por origem familiar e por decisão de consciência premeditada”.

A sua batalha contra o “escrever difícil”, não foi, como nunca o é, empresa fácil. As “indigências de estilo”, que, segundo as suas próprias palavras, “comprometiam a interior unidade necessária”, não se limitaram, na verdade, aos primeiros escritos, continuaram, embora a “impetuosidade desregrada” fosse sem precedendo, com progressos e regressos, pois era Redol daqueles autores que, publicando muito, bem se pode dizer que trabalham à vista do público e lhe permitem avaliar todos os momentos, felizes e infelizes, da luta do escritor com o seu material.

Um momento veio, porém, de completo triunfo, um momento em que toda a obra de Redol culmina, os seus temas fundamentais se reelaboram, o escritor atinge a plena posse de si mesmo, e se chama Barranco de Cegos: a sua obra-prima sem dúvida, sem dúvida um dos romances portugueses mais completos dos nossos dias, sem dúvida também um dos grandes romances de toda a nossa história literária.

O que mais, ou primeiro, nele impressiona é a densidade e a variedade dos materiais e a unidade que interiormente os faz viver no universo fechado de toda a obra acabada. E é essa decerto a nota maior que define um romancista. Mas o que neste romance poderia ser pesado de imobilidade ou de andamento menos ágil anima-se, pelo contrário, de surpresas narrativas ou descritivas que não comprometeram nunca a gravidade do contexto.

Mais uma vez Redol despista os seus críticos malévolos ou apenas apressados com um prefácio, enganosamente intitulado “breve nota de culpa”. Aí, num tom de modéstia (agora forjada, é evidente) e afinal com intenção polémica, insiste no seu papel de testemunho e na sua incapacidade de bem ordenar os materiais de que dispõe... Mas não nos deixemos enganar pelas manhas do artista, pois está ele bem longe de só querer testemunhar (“não só o que soube e vi, mas também o que inventei”) ou de descurar a construção ou de escrever com “indigências”, de que então se libertara. E, ao procurar o exemplo de alguém que o desculpe de pecados que afinal (já) não tem, recorre a um escritor de frescura de língua e beleza de estilo exemplares, mestre de compor, embora diga que não, nada menos que Fernão Lopes!

Romance tradicional pela composição (e só até certo ponto), romance moderno pelo tema (ou temas) e pela maneira de sugerir, Barranco de Cegos ilumina enfim o sentido mais oculto da busca do autor e esclarece definitivamente que, se Redol não fazia ou fazia mal o que toda a gente dele esperava, não era porque não pudesse fazê-lo como toda a gente mais ou menos faz, mas por ser outro o seu alvo.

Romance do Ribatejo, sim, e o mais completo livro que se escreveu sobre uma região que já entusiasmara Garrett (um dos mestres de Redol) e interessara Ramalho. Romance duma família poderosa e dum mundo que em torno dela e sob ela gravita, de campinos, varinos, valadores. Mas romance também duma época e dum país. Fundamentalmente, de cegos que conduzem cegos para o barranco, na imagem de S. Mateus, e do esforço mais ou menos cego, denodado e violento, para evitá-lo - em vão.

Quem são os cegos? Os políticos dum governo que cede perante zzz a desordens dos tempos (indústria, caminhos-de-ferro, liberalismo) em vez de reagir-lhes com dureza, como pensa Diogo Relvas? O próprio Diogo Relvas, tratando com severidade igual quem põe a sua ordem em perigo, sejam criados ou os próprios filhos? Tudo e todos, enquanto o caruncho rói e rói a velha mesa da Torre dos Quatro Ventos?

Há aqui, sem dúvida, um esquema subjacente, uma “tese” que encantarás os que nos romances só procuram elementos comprovativos de doutrinas sociológicas. O rigor com que a época histórica é reconstituída, a minúcia com que o latifúndio se descreve, sobretudo através das relações entre senhor e servos, a mentalidade excelentemente observada do senhor agrário que joga tudo por tudo contra a invasão progressiva da indústria, a análise da situação dos servos, dos que logo se descobrem mal ouvem ao longe os passos do cavalo do seu senhor (mesmo os mais asperamente tratados pensarão: “Malandro é como quem diz, porque nunca arranjei casa como aquela”) e dos que começam a resistir-lhe, criando associações de classe e voltando a cara ao amo pela primeira vez na história do seu condado, são elementos de importância capital.

Mas Barranco de Cegos é forçosamente muito mais e, por isso mesmo, não só um grande livro, mas um grande romance. É, acima de tudo, antes de tudo, uma história de pessoas. De pessoas extremamente diferenciadas, vivas, bem humanas. Como é o caso, entre todos notável, de Diogo Relvas. E o de Emília Adelaide. E o de Maria do Pilar. E o de Miguel João. E o de António Seis-Dedos. E o de Zé Segeiro. E o de Joaquim Taranta. E o de tantas outras personagens, centrais ou de passagem, ricas do que as prende à classe a que pertencem e, ainda mais, do que as faz excedê-la. Pois se é este um livro de lúcida compreensão duma situação social e da sua surda transformação, o não é menos de compreensão pessoal e simpatia por tudo quanto é humano, onde quer que se encontre.

Essa mesma compreensão, que é muitas vezes adesão, terá ditado porventura a Redol a variedade de processos por que optou, transpondo por vezes a narração para lendas contadas pelo povo anónimo, de geração em geração - a partida de Maria do Pilar para o desterro em Monte Pragal -, para relatos das próprias personagens - “Olhem, agora me lembro, se me dão licença: foi um toiro desses, o Passarinheiro, que matou o João Pedro Borda d’Água”, ou “Agora conto eu, com sua licença... Quem sou?! Ora essa! António Seis-Dedos, um criado para o servir, como servi durante dezasseis anos o patrão Diogo” -, o terá feito intrometer na acção visões e transfigurações e ele próprio se dirigir directamente ao leitor em tom

de narrativa oral, como se uma nova personagem ali surgisse: “António Lúcio agarrou essa tosse seca que ainda lhe ouvimos há bocado”, ou “Acho que não será bonito contar tudo dum homem como Diogo Relvas. Mas, se prometerem guardar segredo, poderei acrescentar...”

Adesão interior a um mundo próprio com os seus grandes e pequenos problemas, com os seus mitos, os seus encantos, os seus amores, os seus ódios, a sua moral, as suas razões de viver e de morrer. Só isso explica a propriedade de linguagem, em que avulta a assimilação lexical da região e dos misteres, a exploração espontânea, perfeitamente integrada na acção, de tudo o que se refere a homens e animais, à beleza selvagem dos cavalos, sempre tratados com o conhecimento e o apreço dos que lidam com eles, à força negra dos touros, e essas páginas exemplares, isoláveis mas não isoladas, “episódios” conviria chamá-lhes, no sentido que se lhes dá nos poemas épicos, como aquelas em que se descreve a luta do campino com o touro Passarinheiro, a matança dos liberais nas guerras miguelistas, a parada agrícola, a morte do Quintas às mãos do Chico Bem-Fadado, o fandango dançado por António Seis-Dedos, a ida de Diogo Relvas a cavalo numa madrugada fria com os restos do criado que mandara matar e capar, as eleições, as cheias do Tejo, causadoras da fome e da morte de camponeses que arriscam a vida para salvar o gado que lhes não pertence sem nada quererem em paga, e o filho do patrão que arrisca também tudo, galopando em plena avalanche para salvar a vida de homens sem rosto e sem nome, que nunca viu e que odeia, ou essa corrida às lebres, verdadeiro “embarque para Cítera” em pleno Ribatejo, a que nem falta uma pincelada de Watteau na nota airosa, fútil e provocante de Julinha Quintela.

Chocará o leitor decerto - à primeira leitura - a última parte do livro, voluntariamente absurda (ou não tanto como isso), que precisamente se chama “O livro das horas absurdas”. O salto é brusco - propositadamente - da realidade verosímil de todo o romance para o ambiente fabuloso, quase pícaro, de fantasia desencadeada dessa parte e indiscutivelmente quebra a lógica externa da narração. Mas a externa. Porque é esse salto brusco e surpreendente em Redol que assegura a sua lógica interna, e, se dum capricho se trata, teremos de tomá-lo no sentido que a palavra tem nas famosas gravuras de Goya. Só ele nos mostra, na verdade, que a história dum homem é sempre a história de qualquer homem e que este século, começado em 1891 e cujo fim não se distingue ainda muito bem, se parece inquietantemente com o nosso próprio retrato de cegos caminhando à beira dum barranco.

Da 1ª para a 2ª edição, alterou o autor o último capítulo deste estranho, profético “livro das horas absurdas”. O título passou, de “A luta final”, para “Paz, doce paz”. Mas, ao contrário do que tal alteração de títulos faria supor, não se trata de substituição duma situação clara de luta por uma alusão distante ao conflito social: o devaneio, cheio de intenções embora da 1ª edição é que deu lugar, sob a ironia do título, à referência precisa à nova fase histórica para que o romance se abre quando fecha.

E, então, já não se trata de Diogo Relvas, desaparecido para sempre na sua Torre dos Quatro Ventos, nem das variadas gentes do seu intenso domínio, mas de todo o País, do mundo e de cada um de nós.

Se absurdo há - mas não terá sido mais do que uma imagem -, ele é nosso também.

1964

Mário Dionísio

Ao assinalar que a acção deste romance se inicia numa semana de Maio de 1891, poderia levar alguém a supor que houve intenção de arremedar a história, dando a factos e personagens justo equilíbrio de luz e de sombra que sempre se projectam na arena de cada época.

Esclareça-se desde já o possível equívoco.

Certos acontecimentos, decisivos na vida dos homens de então, só aqui aparecem na medida em que a trama romanesca deles precisa para envolver os homens imaginários que vivem e morrem nesta história sem ecos prolongados.

Prolongue-os somente a imaginação do leitor para esta vida efémera de algumas horas de convívio.

Deixai-os; cegos são e condutores de cegos; e se um cego guia a outro cego, ambos vêm a cair no barranco.

S. Mateus

Breve Nota de Culpa

Conheci Diogo Relvas.

Julgo que me lembro de tê-lo visto passear por Aldebarã a cavalo, numa das vezes, não sei se a última, em que estive em casa do meu avô. Já lá vão quase cinquenta anos, tempo suficiente para que um lago se torne num pântano ou uma estrela distante e misteriosa se transforme num mundo corriqueiro, ambos possíveis por obra dos homens.

(Eu e Diogo Relvas preferimos as águas apauladas. E cá estamos.)

Contaram-me que numa tarde de domingo, daquelas em que meu avô, seu criado e maioral das éguas, vinha aviar o alforge para quinze dias de Lezíria, o patrão Diogo nos viu juntos e se dignou, sem nojo, concretizar uma carícia nos cabelos encaracolados da minha cabeça de menino pobre. Toda a minha família falou nesse facto histórico durante mais de uma década julgando-me talvez predestinado para agradar aos amos, espécie de deuses agrários no meu país de desventura e de sonho. (Aqui lhe agradeço o prestígio que esse gesto de ternura me fez conquistar na aldeia.)

Ouvi chamarem-lhe santo homem, com unção e humildade; mas ouvi também minha avó, de lágrimas nos olhos e ódio na boca, amaldiçoá-lo por mais de uma vez, como se dum tirano falasse. Dum tirano irremediável que nada, nem ninguém, pudesse apear do mesmo trono onde morava Deus. À volta dele criou-se assim uma espécie de mitologia que julgo digna de crónica, embora queira penitenciar-me de ser eu a escrevê-la, pois a um neto de campino nunca deveria ser permitido o acesso a certos meios de expressão que o progresso, sorrateiramente, enfiou pelas nossas fronteiras.

Acuso-me deste ultraje.

Acuso-me também de ter rompido, com muitos outros, os nevoeiros premeditados, os abismos reais e os abismos ilusórios, que são ainda mais perigosos, as cadeias, as ameaças e os sortilégios do cercado em que conviria permanecermos por mais uns séculos, para glória e proveito dos nossos amos, que dispuseram de poderes suficientes para mandarem decapitar todos os seus servos, sem qualquer coima ou embargo, e não o ordenaram pelo simples facto de não poderem passar sem eles.

Incapaz de compreender, inteiramente, a graça de usar da vida que os Relvas me permitiram, tentarei, contudo, não cair no mal da ingratidão, que é moeda corrente nestes tempos desvairados. Entre a fábula e a realidade, procurarei relatar o que foi passado à minha beira, não só o que soube e vi, mas também o que inventei na interpretação imaginosa da história desse homem, meio Deus meio lavrador, cuja sombra ainda hoje se projecta na pausa absurda dos netos, que teimam em prolongá-lo. E que o conseguem, o que é mais absurdo, como se o patrão Diogo continuasse vivo.

Pobre de engenho e de arte, aqui me têm como testemunha sem perjúrio, embora admita também para mim o papel de réu. Como testemunha, juro dizer a verdade e só a verdade. Na humilde condição de réu, peço para acrescentarem aos papéis do meu julgamento esta breve nota de culpa, forçosamente incompleta, a que ajuntarei o testemunho de Fernão Lopes no que respeita a dificuldades do ofício de escritor:

Certo é que quaisquer histórias muito melhor se entendem e lembram se são perfeitamente e bem ordenadas do que de outra maneira. E posto que nossa tenção seja de estas que queremos escrever o serem em bom e claro estilo, porém, tão grande multidão de histórias nos são prestes, mormente neste lugar, que desviam muito de tal ordenança nosso desejo e vontade.

LIVRO PRIMEIRO

O LIVRO DAS HORAS PLENAS

Capítulo I

A “semana negra”

Não era por seu gosto que o funeral se encaminhava para o cemitério de Aldebarã. Nem todos os mortos merecem a mesma sepultura, essa é que é a verdade, por muito que doa aos vivos. Na morte não somos não, não somos todos iguais. Nem sequer perante Deus, tinha a certeza. Se Deus não dorme...

A terra daquele cemitério era sua, como a aldeia e tudo o que lhe ficava à volta. E ali era ele quem mandava, não precisava de o lembrar à filha. Já marcara o lugar para o genro - seria metido num dos jazigos da família, no dos aparentados ao pé das mulheres, das crianças e dos homens; de certos homens que disso pouco mais tinham do que o corpo. De cova aberta no chão, bem funda, só os que davam à terra o que ela merecia. Tradição herdada do avô, não seria ele quem iria traí-la, porque ali estava, sozinho podia dizê-lo, desde os quinze anos, de dentes cerrados e corpo jogado para diante na mesma luta sem quartel.

Sabia que lhe cumpria vencer; não desconhecia os inimigos, mas sentia os pés firmes no chão que pisava. Tinha de os pôr firmes, bem assentes: Ah! sim, abdicara de muita coisa que um jovem pode desejar quando lhe levam o pão à boca! Arcara com horas terríveis e amargas, bebera muitas lágrimas, sem deixar verter uma só, desde o dia em que o pai entrara ao portão da quinta, pronto a morrer, às costas do Manel Fandango, sem queixa que se lhe ouvisse do corpo esfrangalhado.

Matara-o uma égua de pêlo-rato, desenfreada, ao atirar com ele de encontro a uma oliveira, na fúria dum galope. Exactamente em Janeiro, a 13 de Janeiro, às cinco e vinte e cinco da tarde.

Há vinte e nove anos que era ele, pois, o chefe da casa. E, enquanto assim fosse, naquele talhão mais alto do cemitério, donde se viam chãs aleziriadas e a veia do Tejo, só entrariam patrões e criados, sem distinção de coval, quando o quinhão oferecido por eles à terra merecesse que esta os guardasse. Esses, sim, ficariam todos iguais na morte, quase de ombro com ombro no sossego eterno, em campa rasa. Menos de um palmo de terra a marcar, em lomba, a linha do esquite,

uma cruz de madeira, uma legenda simples, mais aprimorada para o servo afeiçoado do que para o senhor. E os vivos que lhe dessem améns no coração.

“Essa é a única e boa maneira de o homem se alongar para além da morte”, concluía Diogo Relvas, sempre que alguém lhe falava do panteão da casa.

Agora caminhava logo atrás da urna com o corpo de Rui Portela Araújo, seu genro. Seguia-a de cabeça erguida, quase arrogante, como se buscasse no céu, lá longe, algum sinal desejado para adivinhar o que se seguiria àquela semana trágica.

A corrida ao dinheiro prosseguia, alucinada. Lutava-se, a murro, por moedas de ouro à porta dos banqueiros ou por um lugar nas bichas das tesourarias. Todos queriam receber e ninguém pensava em pagar. Num golpe de melodrama, o Freitas dos Cereais - quem não conhecia o Freitinhos? - metera uma bala na cabeça, à porta do gabinete do director de certo banco que lhe recusara o pagamento dum cheque, por falta de numerário na caixa despejada. Fraco de sangue, embora até ali sobranceiro por causa dos seus interesses nos caminhos-de-ferro e na finança, o genro viera morrer-lhe a casa, numa fuga espantada, quando os depositantes fizeram a primeira corrida à caixa do banco de que era director e accionista. Graças a Deus, duas vezes graças, por ter exigido separação de bens em troca do consentimento para que a Emília Adelaide casasse aos dezassete anos. E agora aos vinte era viúva, uma menina ainda. Que mais lhe estaria guardado com dois filhos nascidos e outro no ventre? Poderia ele protegê-los?! Não diria dos azares da fortuna, mas das baldas de sangue dos Araújo, valdevinos e soberbos.

Era nisso que pensava agora.

Acompanhava-o a restolhada dos passos, lenta e pesada, um soluço ou outro, irreprimido pelos familiares do defunto, e a nuvem de poeira que o cortejo deixava na estrada, encontrando-se ainda com a que fora levantada pelas carruagens postas à disposição da gente da cidade, incapaz de dar mais de dois passos pelo seu próprio pé.

E depois queixam-se do destino, deduzia Diogo Relvas, quando eles próprios o talham com a preguiça, o aborrecimento e a poltrância que lhes amerdalha o sangue. Onde lera ele, sim, já lera em qualquer sítio, que em certa época até os jovens fidalgos precisavam do encosto dos pajens para andarem duma casa para a outra. Era o mal ruim da Índia, do Brasil e das outras terras descobertas, todas a porem a teta na boca de quem se habituara a luxar, sem suor que lho merecesse. Um dia, sem perceberem como, tão dados eram à boa paz e ao improviso, faltava-lhes a mama e saltavam, de rompão, para a violência, como lobos acossados. E logo

se punham em plena secura de vingança, capazes de tudo, dementes, dementes e medrosos, com medo de olharem a vida nos olhos... Impondo o terror, assustados da própria voz e da própria sombra, como se o mundo tivesse de mover-se ao sabor da sua inépcia e da sua modorra. Que poderia esperar-se duma raça de sonâmbulos?

Alguns desses ali estavam, escaveirados e inquietos como se lhes doesse o passamento do amigo e do rival. No fundo, receavam a mesma sorte - o rebentar do coração ou o envenenamento súbito da alma com o suicídio por única saída. Falavam baixo, moviam-se quase sem gestos, apresentavam pêsames, num mover de lábios, como se fossem eles a recebê-los, e ensimesmavam-se na tristeza dolorosa e um pouco teatral de quem espera dos outros um gesto de piedade. O alarme agarrara-se-lhes ao sangue. Esperavam que alguém inventasse culpados para a crise. Os republicanos, por exemplo, serviam bem para o efeito. Então, cevariam nesses os ódios da sua impotência, enchendo de crimes o vazio da alma côncava.

O Governo procurava um travão para o descalabro, mas estava também a contas com credores que lhe impunham liquidações já vencidas. A falência do Baring, em Inglaterra, prestamista do Estado, fora um dos sinais da crise. Dera-se a inflação, aumentara a circulação fiduciária. Subiam os preços. E a instabilidade, o receio do pior pegara-se aos espíritos quando, depois da implantação da república no Brasil, surgira o ultimato inglês, em Janeiro de 90, por causa de África. Um ano depois, a revolta republicana no Porto apressara o pavor, num sinal de que tudo se poderia perder às mãos da canalha carbonária. A partir daí o Governo reparara no exército. E dava-se ao luxo, por motivos eleitorais, de cobrir os destemperos dos banqueiros nortenhos, metidos até aos cabelos nas negociatas dos caminhos-de-ferro, nas salamancadas. Tentara fazê-lo com o empréstimo dos Tabacos, mas a manobra redundara num fracasso para o Estado, ficando ainda em grande parte, setenta por cento, nas mãos de franceses e alemães.

O Banco Lusitano já rachara pelo meio. E nos descalabros das finanças entrelaçavam-se as concessões dos caminhos-de-ferro de Lourenço Marques, o escândalo da Companhia do Niassa e as consequências do novo tratado com a Inglaterra. Caminhava-se para a bancarrota.

Sacudia-se a Europa em mais outra crise. De superprodução. Enquanto a nossa era financeira, de especulação pura.

Os câmbios baixos do Brasil forçavam a emigrar os que viviam desses rendimentos em Lisboa e no Porto; e eram muitos. Fechavam-se fábricas e ficavam

mais operários sem trabalho. Entre o protesto de letras e o desespero de muitos créditos volatilizados, encerravam-se lojas e muitos comerciantes buscavam no suicídio a saída válida para a desonra. Usava-se a corda, o tiro no céu-da-boca e o rodado do comboio para resolver alguns problemas.

O Fontes quisera uma lei para obrigar os Portugueses a andarem três meses de comboio. Assim salvaria o País da ruína, pensava o idiota. E os homens de negócios, que tinham dado o dinheiro para as aventuras do Salamanca, metiam-se agora debaixo da locomotiva que eles próprios haviam comprado. Salvava-se o País na mesma, por obra e graça do caminho-de-ferro, ficando vazio se a moda pegasse.

- Uns emigram, outros pedem esmola, outros rebocam cegos por feiras e estradas - dizia Diogo Relvas, à porta do cemitério, para o grupo que o rodeara. - No fundo estão cegos todos, e, mais ainda, os que vão adiante; esses acabam por atirar com os outros para o barranco, como disse S. Mateus.

Como lhe dissera, para contar a verdade, o padre Alvim, já trôpego, que seguia à frente da urna e marcava o passo sorna do acompanhamento.

O sino da igreja dobrava a finados. Ainda não parara de tanger, havia mais de meia hora. Era o luxo do sineiro, aquele badalar doloroso que fazia chorar, asseveravam as velhas de Aldebarã, deitadas por terra e a rojarem-se de joelhos, ao lado do carro funerário, para que o patrão as visse bem. Ninguém lhes encomendara a carpideira; faziam-na por iniciativa própria, julgando assim conquistar favores do amo. Pareciam ciganas na violência teatral da dor alheia.

Mal a urna passara do carro para as mãos dos amigos do defunto, Diogo Relvas seguiu-a com o mesmo ar distante, mas já ordenara ao abegão da casa, por intermédio de um dos filhos, o António Lúcio, para que “calasse o mulherio, nem que fosse a chicote”. Daí a instantes, sumia-se o coro da tragédia barata e só ficava o arrastar dos pés. Espavoridas, algumas mulheres abalaram, arrastando os filhos fraldiqueiros, e foram meter-se em casa, sem perceberem a ingratidão do amo.

Altivo, sem ponta de emoção, o lavrador consentira que os dois filhos varões se pusessem a seu lado; ele mesmo os chamara com um aceno de cabeça. Cofiava a barba farta e o bigode, deixando escapar para os rapazes, num sussurro, o que pensava de tudo aquilo:

- Era um fraco... O vosso cunhado foi sempre um fraco. Que a terra lhe seja leve...

Quando o padre bichanou as últimas rezas, preparou-se o Dr. Barradas, deputado regenerador pelo círculo, para largar o voo dum discurso que se suporia

sair de dentro do chapéu alto, de tal modo o orador o olhava e revirava na mão canhota. Encarou o sogro do morto, compondo uma expressão dorida, mas aquele teve um gesto de enfado e o Barradas percebeu-o. O Relvas valia quase quinhentos votos. Então, cortou todas as asas ao discurso, ali mesmo, e só disse:

- Morreu um homem. Neste momento de tragédia desabou um dos pilares mais fortes desta construção esplendorosa que é a Pátria. Inspiremo-nos no exemplo do amigo morto, confiemos na gente do seu sangue que o continuará, e honrará, saibamos todos estar à altura da herança que os nossos avoengos nos legaram, preparando-nos, mais uma vez, para dizermos, e ensinarmos ao mundo, como se constrói um destino nacional. Temos no mundo uma missão a cumprir...

Diogo Relvas já não o escutava. Pôs-se a falar com o filho mais velho, indicando-lhe o nome de alguns lavradores com quem queria falar. Sim, agora mesmo, logo que acabasse o enterro. Era inadiável.

Calou-se bruscamente a voz ribombada do deputado e logo a urna foi metida, à pressa, dentro do jazigo destinado pelo lavrador. Este tomou a chave do monumento aos aparentados da família, cumprimentou o irmão do defunto, o Araújo da Mala Real Portuguesa, e dirigiu-se sozinho para o alto do cemitério, onde ficava o talhão dos seus mortos. Dobrou o joelho junto da campa do avô e do pai, rezou um padre-nosso para ambos, e já lhe sorriam os olhos quando os volveu para as terras baixas, lá longe, onde se divisavam as manchas dos gados manadios com o ferro da família. Fez tudo aquilo num ritual simples e solene. Sabia que todos os acompanhantes lhe seguiam os gestos, embora estivesse de costas. Talvez por isso lhe pareceu absurdo o choro convulsivo de alguém. Absurdo e inquietante. Ele estava vivo e continuaria vivo por muito tempo, assim o esperava de Deus.

Pediu flores ao guarda-livros, que as levava num ramo, e desfolhou-as entre os dedos, por cima das covas dos criados. Parou um instante junto de cada uma, como se os lembrasse.

Só via, porém, o genro sentado à sua frente, esfregando e dominando as mãos, a contar-lhe tudo o que o trouxera até à quinta. Precisava de um conselho. Que deveria fazer realmente? O Banco do Povo fechara com o Lusitano. O Ministério caíra. A Companhia dos Caminhos de Ferro estava mais uma vez à beira da falência. Poderia Diogo Relvas dar-lhe uma carta, um bilhete; qualquer coisa, para um dos directores do Banco de Portugal?!...

Quase no mesmo instante, ouvira-se o galopar de um cavalo na estrada, a sua paragem dentro do portão da quinta, e, daí por momentos a última notícia que chegara de Lisboa entrava absurda e terrível dentro do escritório do lavrador:

- Começou a corrida ao Montepio, patrão Relvas! A polícia já não segura as pessoas que querem o seu dinheiro.

- Obrigado, Joaquim! - respondera-lhe de voz apagada, voltando-se no cadeirão.

Quando olhara para o genro, vira-o derribado sobre o apoio do sofá, com a mão crispada e aberta em cima do peito, ali mesmo, onde lhe doía. Apagara-se num sopro. Era um fraco.

Talvez por essa lembrança, o lavrador de Aldebarã jogou, de arremesso, uma rosa amarela para a sepultura do pai. A flor rolou um pouco sobre a terra seca e ficou voltada para ele.

Estava-se em Maio. A “semana negra”, surgira à entrada de Maio, em plena Primavera. Não faltavam flores para os mortos. Mesmo para os mortos de medo.

Capítulo II

Que cartas temos na mão?

- Que pensam os senhores fazer?!...

Deixou abrir-se uma pausa, como se pretendesse ouvir os outros, mas não a prolongou demasiado, preferindo insistir nas interrogações para os estimular.

- Pensam alguma coisa, com certeza. Tenho a certeza...

Ergueu a cabeça e olhou à volta.

- Ou esperam que tudo aconteça?!... Tudo pode acontecer de um momento para o outro e muito para além do que suspeitamos agora. O quê?!... Os vossos olhos perguntam-me: o quê?!

Um sorriso triste esboçou-se-lhe no rosto grave.

- E eu responderei: a roda começou a desandar e não sabemos nem como nem quando irá deter-se. Vai acontecer alguma coisa mais, tenho a certeza. Não me sinto capaz de fazer previsões. Julgo, porém, que deveremos desde já tomar uma atitude: unirmo-nos. Embora tenhamos de escolher a união que nos convém. Só a união não basta. Uma associação na descrença conduz à morte e não foi para morrermos juntos que lhes pedi para virem aqui.

Passeava sem um estremecimento; só ele poderia apontar onde morava a sua angústia. Talvez na névoa do olhar. Uma leve cortina nos olhos castanho-claros.

- Qual dos senhores deseja falar?... Não acredito que nada tenham para dizer...

Metera-os na sala grande do rés-do-chão, mesmo por baixo do gabinete onde o genro tombara fulminado pela síncope, como se quisesse defrontar-se com os gritos da filha, vivos ainda, e com a sentença implacável do médico da casa, o Dr. Bernardino Gonçalves:

“- A ciência aqui já nada pode fazer... Esgotaram-se os recursos da medicina.”

Lembrava as palavras e dava-lhe resposta interrogando os outros.

- Não poderemos também nós fazer qualquer coisa?!...

De costas voltadas para os convidados, abriu a janela que dava para o grande terreiro da entrada, e dali via o portão de ferro, as grades envolvidas em trepadeiras com campainhas violetas e a mancha que se movia lá fora, quase parada, como se mal lhe tocasse a aragem da tarde. Em dia de nojo vinham sempre mais, calculando que no testamento dos mortos havia lugar para esmola grada. Conheciam os hábitos dos lavradores.

Lá estavam, pois, espreitando às grades, os pobres da aldeia, e também os da vila, que vinham buscar sopa para a ceia. Mas naquela tarde o número aumentara. Pensou ainda chamar o feitor ou o abegão e dizer-lhes para mandarem embora os que não viessem todos os dias.

Ele próprio designara os mendigos a proteger pelo palácio. A selecção era um dos seus mitos. Um pouco por gracejo, repetia muitas vezes essa exigência, no intuito de sublinhar bem a importância que lhe concedia: “- Devemos escolher até os pobres que ajudamos.”

- Ou n-não?!...

Arrastava a palavra, era hábito seu, quase sempre acompanhado dum movimento brusco de cabeça, que aproveitava também para meditar melhor no que deveria acrescentar de seguida.

Agora raciocinava na companhia dos lavradores designados por ele à saída do cemitério, “precisamos de trocar impressões”, e fazia-o na sala que destinava sempre para tais encontros. Entendia que cada conversa demandava cenário adequado. E era ali que se comprazia em mover a sua figura poderosa, alta e entroncada, e, mais ainda, a voz grave e cheia, modulada e cheia, estudada de pausas, mas cortante sem arestas. Distribuíu os assistentes pelas cadeiras, tomava o cadeirão de braços, sabiamente colocado ao topo da mesa longa, de mogno encerado, de maneira que a luz do janelão o deixasse na penumbra, e levantava-se logo depois. Ficava pronto a dominar os outros.

Tudo ali era sobriedade.

Na parede mais comprida, onde se abriam três janelas pequenas, de peito, tinham pendurado os retratos do avô e do pai, em molduras escuras e largas; lá estava também, mesmo por cima de pequena escrivaninha mais adocicada de formas o lugar que lhe caberia quando morresse. Exactamente entre ambos, já o explicara aos filhos. Na parede fronteira, sem mais nada, duas cabeças de cavalo; a do baio, em que montara D. Pedro durante as lutas liberais, ofertado em público por adesão de ideias, e a do cavalo branco, branco-porcelana, que pertencera a D. Miguel, o Arcanjo Miguel, durante os dias da Vila-Francada. Este saía em segredo

das cavalaria, numa das noites em que o rei absoluto dormira perto da quinta dos Relvas, e o pai de Diogo, humilde, mas a ferver de raiva, o fora levar à mão, em jornada de penitência, a um acampamento de caceteiros miguelistas que na véspera lhe rondaram o palácio com ameaças veladas.

Desde tal vexame, João de Meneses Relvas resolveu nunca mais se meter a fundo em coisas de política. E as duas cabeças de cavalo, mandadas embalsamar por ele, tornaram-se símbolos presentes das palavras com que avisou o filho: “- Nesta casa não se pode fazer política... A não ser em momentos extremos de vida ou de morte. A política é só para os homens públicos... Tu sabes bem o que significa mulher pública. Nisso são os homens iguais às mulheres. Percebes?!” E acrescentou ainda: “- Mas isto não quer dizer que não devamos ter amigos entre eles... Ficam mais caros, mas vale a pena. Percebes bem a diferença?!...”

Sim, Diogo Relvas entendera a lição; por isso mesmo ali estava agora com aqueles lavradores ribatejanos, a quem certas tentações mesquinhas poderiam perturbar numa hora tão grave.

As duas cabeças significavam, pois, que nas manadas da casa haveria sempre cavalos e éguas dignos de reis, mas também que ali se serviria a quem viesse em nome da Coroa, sem se perguntar que partido dava os bons-dias no Poder. É claro que, sem grandes alardes, cabia aos Relvas escolher agora entre progressistas e regeneradores, pressionando ambos ao mesmo tempo, para que a “nobre instituição da Lavoura” não fosse vítima de perseguições ou vinganças.

Os senhores de Aldebarã confiavam nos quatro ventos que faziam soprar em terras suas - dali e do Alentejo, onde em montados (Ponte de Sor), terras de sementeira (Estremoz e Cuba) e vinhedos (Borba), possuíam a maior parte da fortuna da casa.

Fortuna que dentro daquela mesma casa se vangloriava de brasão ibérico. Lá ao fundo, arrogante e bravia, a cabeça dum toiro negro lembrava violências. Dominadora nas fogueiras do sangue, de cornadura aberta e bem agulhada, como dois punhais na mão de argelino, via-se o toiro Terramoto, que honrara o nome e o ferro do dono ao receber doze varas na praça de Sevilha, matando cinco cavalos, depois de atirar com dois espadas e três bandarilheiros para a enfermaria.

O espada que o matara, a ele, ao romper praça, e aos outros irmãos de curro, vira a vida mal acabada nessa tarde de Semana Santa. E tanto, tanto medo passara, que a si mesmo prometera cortar a coleta, ainda que a Virgen de los Reys lhe pedisse, de mãos postas, para voltar a vestir o traje de luzes. Diogo Relvas gostava de contar a história: “- Quando lhe perguntaram donde vinha tão pálido e

taciturno, o matador, que era sempre um homem de bromas, e alegre, caramba!, como o foram sempre os Sevilhanos, respondera aos aficionados: *Vengo de la guerra, hombre! E que guerra!...*

E naquela semana aí tinha ele também a sua guerra, à qual não poderia voltar costas, sem que cortasse também a coleta de lavrador e de homem. De homem que os tinha no seu lugar. Confiava na sua serenidade. Mas na dos outros?!... O receio não lhe vinha do Alentejo, onde não chegaram, nem chegariam - tinha a certeza! -, as solicitações da indústria.

- Conhecem bem as notícias? - perguntou com voz firme.

Ficaram os quatro à espera que ele prosseguisse. Mas o senhor de Aldebarã pensava agora na filha viúva. Sabia que Emília Adelaide o esperava. Exactamente por isso, para lhe demonstrar que nem a morte deveria imobilizar os Relvas, quisera provocar aquela troca de opiniões. Passeava por baixo da cabeça do toiro Terramoto, de mãos atrás das costas, aguardando que alguém comesçasse a falar.

- Então, meus senhores! - gritou, já próximo do cadeirão.

E dando uma pancada com a mão aberta sobre o tampo da mesa:

- Conhecem as notícias... Espero que sim... Ou n-não?

Todos os presentes se entreolharam. Diogo percebeu que aquele silêncio era sinal de hostilidade entre eles. Deveriam estar a culpar-se uns aos outros do que se passava.

Uma voz sumida começou em lamento; logo outra pediu que falasse de maneira que pudessem ouvir. E o silêncio cerziu os golpes das palavras.

- Peço-lhe, Zé Botto, que volte ao princípio. Estamos aqui para nos ajudarmos uns aos outros - acentuou o Relvas, por fim, com dramatismo na voz. Tenho de meter um cagaço a estes safardanas. - Seremos i-r-r-emediavelmente esmagados se não soubermos agir. E sem piedade. Vivemos um momento grave... sim, de guerra, de uma autêntica guerra que poderá levar à perda da independência.

"Bem t'importas tu com isso", pensou Zé Botto.

O dono da casa aproximara-se do outro lavrador e tocara-o no ombro para lhe dar alento.

- Pouco sei... Sim. O que sei, afinal?!... O que todos sabem, uma vez que não estou no segredo dos deuses da política e da finança.

- Mas diga... - teimou o de Aldebarã.

- Sim, que houve corrida aos bancos e ao Montepio, que todos os que puderam, trataram de arrecadar o ouro e a prata - respondeu um homem de suíças mal sementeado, olhos pequenos e inquietos, correndo o rosto dos outros por cada

sílaba que a voz quebrada deixava coar pelos beijos grossos, bem vivos de sangue. Abria as mãos espalmadas, como se quisesse travar a marcha do destino, e depois movia-as, lentamente, numa rotação, voltando-as para cima, em concha, no jeito de quem segura qualquer coisa. O corpo rotundo mal cabia no cadeirão onde se sentara e a que parecia amarrado. Os breves movimentos, feitos com os ombros, eram de quem se queria soltar de uma força que o subjugava.

- Mas diga o que pensa de tudo isso, diga, Zé Botto! - insistiu o Relvas, enquanto começava a acender as velas dos castiçais postos sobre a mesa, pensando consigo: "Deixa-me ver bem a cara destes gajos."

O outro ficara-se a seguir-lhe os movimentos, cerrando os olhitos, como se a luz lhos ferisse; mas reparava, de soslaio, na expressão preocupada dos três companheiros escolhidos pelo lavrador de Aldebarã. Ora! que pensava ele, que pensavam todos dum desastre daqueles!... Que estavam lixados, mais do que lixados. Fornicados! Fornicados e mal pagos.

- Olhe, Diogo! Eu não sou homem pra me matar, como muitos já fizeram, porque acho que a nossa vida pertence a Deus...

- A gente não veio aqui pra falar na morte, Zé Botto - interveio Fortunato Rolin com uma punhada na mesa. - Deixe Deus em paz e jogue aqui as cartas que tiver na mão. Jogue-as, homem!

O outro sacudiu os ombros num arremesso, mas não gostou do olhar que o Rolin lhe deitou, e sabendo-o capaz duma desfeita de palavras, ali mesmo, nas barbas de todos, emendou o gesto de enfado:

- Vamos lá com paciência!... Não é com gritaria que a gente se entende.

Diogo Relvas parecia agora só interessado com as velas acesas; olhava a janela aberta, da qual vinha uma aragem que dobrava as chamas, espalhando na sala um vago cheiro a cera.

Zé Botto mastigava as palavras:

- Tu falaste de jogo... E disso sabes tu.

- E ainda bem: tenho os meus vícios. É bom que os tenha. Até na Corte já sabem que gosto de mulheres, de toiros... e de jogo. Se fosse noutra sítio, mandava-te uma parrelha de coices. São vícios meus e sou eu que os pago, Zé Botto! Não devo nada a ninguém. Ou devo?!...

- Deixem-se disso! - interveio o Pereira Saldanha, franzino e nervoso, que até ali só premira a testa com dois dedos, sempre de cabeça baixa, o raio duma dor meteu-se-me cá dentro, parece que vai estoírar comigo, a maldita!

- Para mim é um jogo de vida ou de morte, este em que estamos metidos agora. Se não se importar, Zé Botto, fale-me em termos de jogo para o entender melhor - retorquiu Fortunato.

Dos altos do palácio, chegava um choro reprimido. Só de vez em quando, por entre passos cautelosos, certamente das criadas, como se o fio dessa dor viesse lembrar aos cinco as razões verdadeiras daquele encontro.

- Faço-lhe a vontade, meu caro Rolin...

- Trata-me por tu, como é costume - observou o outro, menos agressivo. - Somos velhos amigos... apesar de tudo. (Queria lembrar certa manobra do Botto numa compra de acções da Companhia das Lezírias.)

Zé Botto acenou a cabeça com um sorriso misterioso, cujo significado só ele poderia denunciar. Mas era reservado para toda a gente e mais ainda para o Rolin, que blasonava fidalguia por causa do nome - “escreva com ene e não com eme e escreve muito bem; o nome é francês e lê-se rolã”, acentuara malcriadamente numa escritura feita entre os dois, à frente de advogados e mais gentalha do foro. Também eu sou Botto, sempre com dois tês, e não chocalho para aí a ascendência da família.

Relvas metera os polegares nas cavas do colete e tamborilava o peito poderoso com os dedos da mão grossa. Esperava que passasse aquela conversa de arame farpado, sempre fatal quando estavam os dois; e não intervinha, um pouco brincão, apesar das circunstâncias trágicas do momento e dos sinais que lhe fazia o João Vitorino, taciturno e calado, avaro de palavras, embora fosse homem de ideias claras.

- Faço-te a vontade mais uma vez, meu caro Rolin. Passo a vida a fazer-te vontades - insinuou o Botto em voz mais baixa. - E já que queres que fale de jogo e de cartas, serve-me exactamente para o que te queria dizer. Estamos aqui os cinco e há ainda outro parceiro a jogar com a gente. Pediste-me para que fizesse o meu jogo. E eu pergunto-te: que cartas temos na mão? Tu e eu... todos nós. Tens alguma?!...

- Há sempre cartas para jogar - afirmou o Rolin. - Menos a da morte... Percebes?!

Pusera-se de pé. Passara para o outro lado da mesa e fitava o Botto com o olhar espantado.

- Já temos mortes a mais... Infelizmente. - E emendou:

- Ou graças a Deus! Quem mandará, realmente, em tudo isto?

Não podemos fugir perante o perigo... Nunca gostei de lhe voltar a cara.

- É isso mesmo, Fortunato! - exclamou Diogo Relvas, atirando com o braço direito num golpe de guilhotina. E pediu-lhe que continuasse, num gesto sacudido de mão.

- Devemos perguntar a nós próprios se, porventura, temos culpas no que se passa. Eu gosto de fazer essa pergunta a mim mesmo. (Erguera a cabeça de cabelos revoltos para imprimir força ao que queria sublinhar.) Fortunato Rolin!... Diz lá, meu velho! Não serás réu também nesta altura?...

- Todos somos réus - comentou o Pereira Saldanha, ao introduzir um pedaço de rapé nas ventas.

- Não estou de acordo! - gritou Zé Botto, tentando desembaraçar o corpo pesado dos braços do cadeirão. - Réus como?!... Para mim, e há muito boa gente da mesma opinião, todo o mal começou com a revolta do Porto. A revolta republicana meteu medo às pessoas de bem. Eu sei de alguns que puseram o seu dinheiro lá fora... Em Paris e em Londres. Devem ter desaparecido fortunas nessa altura. E ainda estão a escapar-se...

- Esses são os cobardes de sempre! - observou João Vitorino. - São os mesmos que põem o dinheiro a salvo e encetam conversas, às escondidas, com os maçons e os carbonários.

- Mas será tudo?! - perguntou Diogo Relvas do fundo da sala. O cheiro da cera incomodava-o; recordava-lhe a cada instante a figura esguia do genro dentro do esquite. Adivinhava o choro da filha por entre o alarido das palavras jogadas agora com raiva. Teria escolhido bem esta altura para conversarmos em tal assunto? Receei o pânico; mas talvez me precipitasse... - Ao que julgo, há uma soma de acontecimentos. A independência do Brasil...

- As lutas liberais - objectou alguém.

- Eu insisto: a independência do Brasil, as aventuras coloniais, agora a implantação da República Brasileira, o ultimato, a revolução do Porto... e a falência do Baring Brothers, ou lá o que é.

- Exactamente - sublinhou João Vitorino, enxugando no lenço o suor das mãos.

- Exactamente, sim, senhor, mas convém talvez pôr aí um grãozinho de pimenta - interrompeu Fortunato Rolin. Depois moderou a voz, olhando à sua volta, como se receasse que mais alguém o ouvisse: - A falência dos banqueiros do Governo não será também, eu faço a pergunta, não será também uma manobra dos ingleses por causa de Angola e Moçambique? Não insinuo, pergunto.

Os outros respondiam em meneios lentos de cabeça.

- Uma falência política, digamos, para lembrar que um país sem dinheiro, nem crédito...

- Temos vergonha! - observou Pereira Saldanha num grunhido.

- Já a viu por aí?! - interrogou, chocarreiro, o Botto.

Fortunato Rolin olhou o dono da casa, como a pedir-lhe ajuda, se estivéssemos noutra sítio, outro galo lhes cantaria, e aquele deu-lha, rogando aos demais que o deixassem falar, que deveriam habituar-se em reuniões daquelas a escutar e a intervir, sim, sem dúvida, todos tinham direito de dar opiniões, mas só na altura própria, senão embrulhavam-se e perdia-se muito tempo sem chegarem a concluir qualquer coisa que valesse a pena.

Foi à janela e gritou para os lados do portão:

- Despachem essa gente e façam pouco barulho!

Depois avançou para junto da mesa e pediu ao Rolin para continuar. Este esperou o fim de um ataque de tosse do Saldanha. Era a asma. Sempre que se enervava, vinha-lhe a tosse asmática.

- Dizia eu que os ingleses cortaram-me o fio à meada e agora apagou-se-me o fogacho, que os ingleses quiseram lembrar-nos que somos um país de pilhas e que não podemos, portanto, ter a presunção de dispor de países africanos, maiores... (buscava a comparação e não se sentia capaz de a encontrar) muito maiores do que tudo isto.

E abria os braços enormes, como se ali mesmo procurasse medida para o confronto.

- Os ingleses não serão bem o que dizes, Rolin - opinou Zé Botto. - Temos de acabar com essa mania de que os ingleses é que fazem todo o mal ao continente. Isso é calão republicano, desculpa que te diga. Sei bem as tuas ideias... Mas os republicanos é que culpam os bifes de toda a peçonha desta terra. E isso não é justo! Há crises! Aí é que está o busílis: há crise?!

- Começa aí a ferida - acrescentou Diogo Relvas. - Aí mesmo. Ou n-não?!

Não se dirigia a ninguém e falava para todos; e talvez mais ainda para os outros que tinham chegado de Lisboa à hora do funeral e já haviam partido, apressados, como se o susto os matasse à punhada, assaltando-os por aqueles caminhos sem polícia nem exército.

- As nossas crises começaram exactamente a crescer de intensidade... (Fez pausa, entrelaçou os dedos e descansou as mãos em cima do peito.) Digo bem: os males aí estão com o dinheiro arrancado ao País em investimentos supérfluos. Não perceberam ainda onde quero chegar. Chamo supérfluos, e acho que muito bem, n-

não?, ao dinheiro posto nos caminhos-de-ferro, por exemplo, em negociatas do Ultramar, em algumas indústrias de que não temos matérias-primas, em tudo aquilo, enfim, donde não tiramos rendimentos líquidos. Para os meter na agiotagem, como muitos fazem? N-não! Como esses também não! Esses também são os culpados da crise.

O Botto movia-se agora no cadeirão; parecia que o corpo lhe mingara com as palavras iradas do Relvas. Fortunato Rolin sorria por baixo do bigode farto - toma lá que já apanhaste para o almoço de amanhã, meu malandrecão!

- Para ocuparmos verdadeiramente esta terra... digo esta terra (e batia com o indicador esquerdo no tampo da mesa), que é a nossa, que Deus nos entregou para glória Sua, e que bem pouca tem sido... E por culpa nossa. Somos uns tontos uns galdérios. Queremos é mudar de sítio. Queremos é guitarra e cantoria. Temos alma de cego. Navegações por esse mundo fora, sim, senhor, muito bem. E gente?!... E dinheiro?!... E aí vamos, esquecendo que "o primeiro passo de uma nação para aproveitar as suas vantagens é conhecer perfeitamente...". Isto não é meu - explicou -, mas é como se o fosse: "Conhecer perfeitamente as terras que habita, o que em si encerram, o que de si produzem, o de que são capazes." Só os lavradores, e alguns, têm obedecido a este preceito!

- É assim mesmo, Diogo Relvas! - assentiu João Vitorino.

- Temos aí esse Alentejo todo... A míngua e rico. A lei que acabou com os bens de mão morta...

- Isso é liberalismo - interveio, agastado, o Pereira Saldanha.

- Pois que o seja?! Eu sou liberal... Devem acabar-se com todos os bens de mão morta. A lei das terras das congregações foi um passo; o arredar dos morgadios, mais outro. Mas não é tudo! A terra deve ser dada a quem a pode e sabe trabalhar. Não com a enxada, porque isso é a anarquia, e o regresso aos poisios, por causa da mândria do povo, mas com iniciativa confiança na terra...

- Como todos nós fazemos - asseverou o Relvas, um tanto irritado com a intervenção afogueada do Vitorino. Estranhava-o. Nunca o vira tão impulsivo e falador. - Se me dão licença... (Puxou do relógio, envolvendo a grilheta de ouro no dedo.) Está a fazer-se tarde. Não os quero pôr na rua, mas parece-me pouco conveniente, nestes tempos agitados, andarem cá por fora até muito tarde. A malandragem vai pôr-se à solta. Vêm aí os roubos e os assaltos. Se os prenderem, irão desculpar-se com a fome, e a canalha republicana bater-se-á por eles nos tribunais. E farão aí mesmo comícios à nossa custa e contra nós. Noutra altura, e

noutro dia, compreendem, não é assim? teria muito gosto em convidá-los para jantar...

À medida que falava, Diogo Relvas sentia-se desumano para com a filha e os dois netos, embora não lhes faltasse a companhia da restante família. Quisera aquela reunião para significar à Emília Adelaide que nem a morte deveria travar o caminho dos vivos, daqueles que querem realmente viver e prolongar-se, mas agora reflectia, talvez começasse a ficar cansado e preocupava-o acabar depressa com aquilo, como se os quatro filhos e os netos lhe abalassem, de repente, deixando-o só naquele palácio enorme. A conversa, em parte, fora só de palha, quase só de palha; e interrogava-se se a culpa não teria sido sua, e só sua, com todas as perguntas que pusera no começo. Era outro mal da raça - falar muito e realizar o mínimo. Ou nada. O gosto do eco das palavras.

Os outros escutavam-no, sei lá em que estarão a pensar?, acenando a cabeça com gravidade. E ele prosseguia:

- Devemos mobilizar imediatamente a Lavoura, todos os que têm peso, e irmos ao Governo lembrar-lhe que não deve deixar a anarquia vir até ao campo... A Companhia do Crédito Predial deverá emprestar-nos todo o dinheiro de que precisamos...

- Eu tenho o que preciso, Diogo Relvas - esclareceu, ufano, o Zé Botto.

- Todos temos, meu velho! - gritou o lavrador de Aldebarã. - Mas se o comércio e a indústria vão pedinchar, se vão cair em cima do Governo, teremos de nos precaver já, retendo tudo o que pudermos. Percebes agora?!... Ou n-não?

Fulminava o outro com os olhos cor de oiro velho.

- Todo o dinheiro, todo o crédito... Tudo! E sem demoras. Amanhã mesmo. Eu por mim estou pronto a deitar a Lisboa. Levo comigo a Câmara do concelho e bato-me no gabinete do ministro, batemo-nos todos ali, para lhe dizermos da agitação que lavra entre o povo... - Percebeu o gesto evasivo do Rolin e encolheu os ombros, numa desculpa; e dirigiu-se-lhe: - Nada se passou ainda, claro! Mas garantes tu, ou eu, ou todos nós, que o povo dos campos, o daqui e o do Alentejo, pelo menos, não comece a ajuntar-se e a fazer distúrbios? Pois antes que tal suceda, precisamos de denunciar-lhe o perigo. Precisamos de dinheiro. O País depende da agricultura em setenta por cento dos seus rendimentos. Setenta por cento do dinheiro deve vir para nós. Estamos de acordo?

- Perfeitamente! - concluiu o Pereira Saldanha ao erguer-se, com um impulso de quem vai sair.

- Um momento mais, tenham paciência. Lembram-se dum pacto que fizemos há dois anos?

- Um pacto? - perguntou Zé Botto, franzindo o rosto e coçando as suíças.

- Sim, amigo Zé, um pacto sem assinaturas, mas um pacto de honra. O que é mais ainda do que as escrituras. Para mim, pelo menos...

- Para todos - increpou o Rolin.

- Que assim seja, e ainda bem. O perigo agora aumentou. É possível que alguns industriais, ligados a certos banqueiros da estranja e de cá também, venham tentar mais uma vez meter certas indústrias no nosso concelho. Bastam-nos as que já temos. Vocês sabem que não sou contra a indústria, longe disso. Mas entendo, como sabem, e vocês também o entendem - emendou para os ligar melhor ao compromisso -, que deve haver áreas perfeitamente demarcadas para uma actividade e para a outra. Doutra maneira poderemos ter a fuga do pessoal do campo; já são muitos que se escapam para as fábricas, ao que sei doutras regiões. Quando entrarmos em competição de salários com a indústria, estaremos perdidos. Por eles e por nós. O equilíbrio de tudo está no campo. No lavrador e no seu servo. Eu faço por mim o que posso... Percebem o perigo?! Tu, Zé Botto, vês bem o nosso risco?

- Ainda não disse menos. Mas quero fazer uma pergunta: eu sei que estás ligado à Companhia dos Tabacos...

- Toda a gente o sabe... Ah, malandro?! que se pudesse... Um dia talvez possa! Não faço segredo disso. O que queres perguntar, afinal?

- Se te pedirem para cederes terreno nas tuas propriedades...

- Digo que não. É só isso que desejava saber?

O outro aparafusava. Irritado, o Fortunato Rolin puxara João Vitorino para o fundo da sala e garantia-lhe que o Botto andava feito com os ingleses. Tinha a certeza. Não era de Londres a companhia seguradora dos seus haveres?

- Mais outra coisa ainda, Diogo Relvas - insistia o Botto.- Se te derem uma boa posição numa fábrica qualquer com a condição de deixares instalá-la aqui, continuas na mesma atitude?

- Exactamente na mesma.

Varava o outro com o olhar.

- Sou homem de uma só fé e de uma só palavra. Máquinas para mim só as que servem a lavoura. E dessas mesmo nem todas. Algumas só são boas para nos levarem o dinheiro e deixarem-nos o ferro-velho.

- E as que preparam tabaco - objectou o outro com maldade. Toma lá para a tua vaidade!

- Sim, também essas. Gosto de me interessar pelos vícios dos criados e dos amigos. Quando tu quiseses, cedo-te algumas acções. Meti-me lá, fica sabendo, para que os estrangeiros não arrebanhassem tudo.

- Estou satisfeito. Obrigado, Diogo Relvas, pelas tuas explicações. Gostei da tua franqueza e não me esquecerei da oferta que me fizeste. Das acções...

Todos estavam de pé, conversando em pequenos grupos. O dono da casa fora até à janela para a fechar, mas reflectia na intervenção final do Botto, no tom de provocação com que lha fizera, naqueles olhitos de rato, perfurantes e malandrecos, cínicos e falsários. Não gostavam um do outro. Quem gostava desse tipo que quisesa opor-se a que a Companhia das Lezírias lhe vendesse um dos mouchões do Tejo? A propósito da lei que concedera a venda pela Fazenda Nacional dos bens da Casa do Infantado, quisesa barrar-lhe o negócio. Sabia que ele estava feito com os dos caminhos-de-ferro e que eram estes os mais interessados na instalação de indústrias junto das suas linhas, para que assim contassem com mais fretes.

Regressou depois ao convívio dos outros e perguntou:

- Amanhã a caminho de Lisboa, não é assim? Serve o comboio das dez?

Todos concordaram.

O Pereira Saldanha aproximou-se e pediu-lhe “uma palavrinha à parte”. Queria um favor, um favorzinho: se ele seria capaz de lhe arranjar uns centos de libras de cavalinho lá no banco. Qual banco?, perguntara o Relvas. Não é, com certeza, o do meu genro.

- O teu, homem, o teu. Toda a gente sabe que tens lâmpada acesa no de Portugal...

- Eu?!... Essa agora!

Mandou-os levar no breque, indo acompanhá-lo até à saída do portão, mas ruminava na maneira como soubera o Saldanha, o miguelista do Saldanha, do seu poder junto do banco. Deixou-se ficar por ali a meditar em tudo o que dissera e ouvira, enquanto o anão das cavaliças lhe seguia o vulto, convencido de que o patrão Diogo chorava sozinho as lágrimas da sua dor, longe da filha e dos netos. Depois viu o vulto aproximar-se e ergueu-se do banco onde se entretinha, todas as noites, quando acabava as obrigações, a ver as estrelas e a pensar se as pessoas iriam na verdade para o céu, se aquelas seriam as luzes do Senhor e das almas. Os

campinos riam-se dele por causa disso e do seu defeito, mas gostavam de lhe pedir versos para cantarem ao desafio.

O anão era poeta. O patrão sabia-o; e já uma vez, depois da ferra do gado bravo, lhe pedira a ele, Joaquim Taranta, um seu criado, se seria capaz de lhe cantar versos da sua lavra. “Cantar, não, não senhor; os meus versos não são da voz, saiba Vossa Senhoria; são da cabeça”, respondera o cocheiro.

Via agora o patrão caminhar para ele, e interrogava-se: deveria dar-lhe os sentimentos ou seria atrevimento falar-lhe nisso?

Diogo Relvas queria ver a égua que escolhera para o neto. Naquele dia em que o genro se enterrava, apeteceu-lhe aproximar-se do animal e acariciá-lo, num impulso de que não compreendia o significado. Talvez para meditar ainda no que deveria dizer à filha ou nos ecos de certas palavras pronunciadas durante a entrevista com os outros lavradores.

A lei teria de continuar a vir deles. Cada um, isolado, seria pouco mais do que uma bateira arrombada - isso mesmo, uma bateira arrombada posta à mercê da cheia que tudo arrasta para o mar.

A lembrança dessa bateira abandonada, vista numa tarde da sua infância, na margem norte do Tejo, e impelida pela braveza das águas, negra e quase desfeita, ficara-lhe desde então como a imagem acabada duma derrota irremediável. Sim, agora compreendia o desejo de ver a montada destinada ao Rui Diogo. Um animal daqueles, decidido e dócil, temperava-lhe a confiança; nada havia no mundo que mais o empolgasse.

Capítulo III

A Torre dos Quatro Ventos

Trocara breves palavras com a filha viúva. Fora encontrá-la, pálida e distante, junto de Maria Teresa, a quem embalava ainda, sem perceber que já adormecera, como se quisesse acalentar a própria dor no movimento cansado que imprimia ao berço. Volvera a cabeça, bruscamente, quando ouvira o ruído da porta, sublinhara o gesto com um olhar de estranheza, talvez de ódio, por não cumprirem as suas ordens, mas logo se recolhera ao descobrir que era ele o intruso. Estava seca de lágrimas; nunca gostara que a vissem chorar. Era do seu temperamento altivo. Nisso nada tinha da família da mãe, os Villaverdes, que teatralizavam prantos. Conhecia-os demasiado.

Caminhara até ela, sentindo embora que havia no ambiente uma muralha densa de hostilidade, através da qual passara quase à força de poder físico. Rompera-a com os ombros, não, não a posso deixar entregue à sua dor, mas ficara tolhido perante o silêncio de Emília, ausente e estranha, como se quisesse desfeiteá-lo também.

“- Essa menina está insuportável!”, contara-lhe António Lúcio, o varão mais velho, ao ouvir-lhe os passos na escada de mármore. “- Queria que o senhor viesse para junto dela, mal o funeral terminou. Acha também que fomos deselegantes com a família do marido. Eu ainda insisti...”

Precisava de lhe dizer qualquer coisa que ela pudesse entender naquela hora amarga, sim, o quê, realmente o quê?! Esboçou ainda uma carícia nos seus cabelos negros, um pouco desalinhados contra o seu hábito, mas ela adivinhou-lhe o gesto e sentiu-a mirrar-se, numa contracção súbita, como se quisesse impedir-lhe o contacto da mão. Tocado por esse movimento, Diogo Relvas julgou-se molesto ali dentro e pensou em deixá-la só, ficaremos todos sós e neste momento não é possível, teremos de nos acompanhar, sermos solidários na dor e na procura duma saída, ainda se voltou para a porta num ímpeto mal-humorado. Reagiu, porém, e debruçou-se sobre a neta; compôs-lhe a dobra da renda do lençol, sorriu-se quando a viu sorrir, num sonho bom que a devia acompanhar, e afagou a cabeça da filha

quase com rudeza, querendo apagar os ressentimentos absurdos que pareciam crescer entre eles. Viu-a indiferente, para não dizer magoada com o seu contacto. Era natural, era natural que ela estivesse assim, reflectiu, mas precisava de lhe fazer compreender a necessidade de reagirem todos contra a fatalidade que se queria impor-lhes, e não podiam consentir, ele não podia consentir que a onda de descrença os submergisse também, então seria o fim, e nada estava no fim, antes pelo contrário, seria até possível aproveitar da situação se ele mantivesse a serenidade, e os filhos tinham que o ajudar a mantê-la, era a compensação dos fortes, dos homens válidos perante a perturbação dos cobardes que fugiam dos acontecimentos em lugar de os defrontarem.

“- Precisamos todos de ser fortes, Milai!” - Empregara o tratamento íntimo que lhe dava quando estavam sós; ela precisava de perceber a verdadeira ternura que lhe dispensava, não, não era mais amigo da Maria do Pilar, ambas eram suas filhas, uma parvoíce pensar também ela que a outra irmã tinha a sua preferência. E que a tenha! Não se percebe, faço tudo para que se não perceba.

“- Venha daí comigo, Milai! Precisa de descansar.... insistiu em voz surda, puxando-lhe a cabeça para si.

“- Deixe-me ficar sozinha.

“- Porquê?!...

“- Porque estou realmente só. Gosto de situações claras; já sabe que sempre fui assim...

“- Está a dizer asneiras, Milai. Martiriza-se sem necessidade.”

Emília Adelaide levantara-se, então; e vira-lhe os olhos turvos de lágrimas, gostaria que ela lhas deixasse apagar, e a filha fitara-o com hostilidade.

“- O senhor nunca gostou dele...

“- E a menina?

“- Era o meu marido.

“- Não foi isso que lhe perguntei.

“- Eu pedi-lhe, Pai, eu pedi-lhe quando chegámos que o ajudasse, que lhe desse o seu ânimo; eu adivinhava, eu sabia que o coração dele estava fraco, não devíamos atormentá-lo e o senhor deixou que lhe viessem trazer a notícia...

“- Não podia supor, Milai!

“- Eu é que sabia das noites e dos dias que ele passara, atormentado, cada ruído o sobressaltava, movia-se aos sacões tudo nele era brusco... Vivia apavorado. Só o preocupava o meu futuro e o dos filhos...

“- Para isso é preciso encarar bem os acontecimentos.

“ - Mas ele era um fraco...

“- Disse tudo, Milai. Com essa palavra disse tudo. Ele era um fraco! Qualquer coisa o faria desabar.

“- Mas o senhor ajudou...”

Ainda não sabia como pudera conter-se, como evitara espancá-la, talvez a presença da neta, talvez a culpa, mas culpa de quê?!... como podia evitar que ele soubesse o que se passava?!..., ou o amor por ela, por todos os seus, afinal, que não lhe perdoariam uma cena violenta naquela hora.

Saíra do quarto, alguém batia à porta, e deu com a criada a Iria, tentando segurar o neto mais velho, um menino de três anos, pálido como o pai, de grandes olhos azuis - os olhos tristes e frios dos Araújo. A criada explicou-lhe que o menino Rui Diogo não queria dormir enquanto o pai não voltasse, ainda pensou dizer-lhe qualquer coisa para o enganar, mas acabara por quase fugir da presença de toda a gente, vindo meter-se ali dentro, na torre do mirante do palácio, onde gostava de passar as horas extremas da sua vida - as amargas e felizes. Chamava-lhe as horas extremas. Que tinham agora de ser lúcidas, amargas e lúcidas, vividas com paixão e com serenidade, de cabeça fria sem que o coração arrefecesse, antes pelo contrário, com o coração apaixonado, mas sem que essa paixão, por sua vez, chegasse nunca a tocar-lhe o cérebro. Esse tinha de ver tudo o que o rodeava, claramente tudo o que o envolvia, e mais ainda o que ficava para além, o oculto e o subterrâneo, as forças misteriosas daquela vida de interesses, desencadeadas agora num apocalipse. Adivinhá-las, pressenti-las e aparar-lhes os golpes. E dominá-las, sim, acima de tudo dominá-las.

Amanhã deveria falar ao ministro. Lá iria com os outros, mas seria ele a conduzir a conversa, sóbrio, talvez cordato e quase humilde, para melhor poder reagir com brutalidade, se o outro se mostrasse incompreensivo para a situação da Lavoura. E agora a discussão com a Emília Adelaide desviara-o da tarefa. A certeza de que ela se melindrara por não ter vindo ampará-la, era uma ciumenta, sempre assim fora desde criança, preocupava-o naquele dia mais do que habitualmente; embora confiasse na capacidade de a demover, sentia-se magoado com o tom áspero, desrespeitoso até, com que ela se lhe dirigira. Importavam menos as palavras, essas talvez pudessem esquecer-se, porque outras se lhe viriam sobrepor e cobri-las, e assimilá-las, como aos sedimentos da terra, embora voltem a descobrir se o ferro vivo de um acontecimento as revolver.

Subia as escadas que levavam à torre do palácio, meditando em tudo isto. Fazia-o pausadamente, como de costume, não porque os quarenta e quatro anos

lhe pesassem, sentia-se ainda com todo o poder, mas para preparar o encontro com as recordações que ali se guardavam. Chamava-lhe a Torre dos Quatro Ventos.

...Que queria dizer com isso?

Diogo Relvas responderia, simplesmente, com um sorriso misterioso nos olhos, que era fácil de adivinhar, claro como água; cada janela deita para um ponto cardeal e há quatro pontos cardeais donde o vento sopra. Simples, nada mais simples.

O sorriso misterioso nos olhos significaria, porém, que naquela torre-mirante mandada construir pelo avô, e onde só entrava o chefe da casa, se confrontavam, em lembranças vivas, os quatro segredos do poderio dos Relvas: a objectividade, a coragem no essencial, o amor pela perfeição e a pertinácia. Nesta rosa de quatro ventos que se harmonizavam, quase sempre, arrecadava-se o mistério, podia-se chamar-lhe mistério, da história dos últimos cem anos da família.

Antes de subir, recomendara também à Brígida, a governanta, que não o chamasse para o jantar, mas que o desse aos meninos exactamente à hora habitual; nada de procurá-los por salas e quartos; tocaria como sempre a sineta do corredor, mandando-os servir cinco minutos depois. Nem um segundo de tolerância. Decorrido esse tempo, ninguém mais se poderia sentar à mesa. Só ele resolveria acerca das razões invocadas pelo retardatário; simplesmente, não desejava que o incomodassem naquela noite, sob qualquer pretexto fútil. Queria trabalhar em sossego.

Levava consigo a candeia de azeite de três bicos com que lá dentro se alumiaava, quando não entendia apagá-la e ficar só com a luz do luar. Foi o que fez, embora a Lua mal se definisse ainda, embrulhada em nuvens que a tapavam e descobriam, num jogo de penumbras.

Despiu o casaco, tirou o plastrão do luto e disse a mesma frase sacramental, sempre que ali entrava:

- Cá estamos! - Era uma espécie de palavra de passe dirigida ao pai e ao avô, com quem vinha confrontar-se.

Branda claridade penetrava pelas quatro janelas. Lá se viam a cama de ferro com colchão de palha-milha, a mesa vulgar pintada de castanho-escura onde o caruncho roía, roía, tanto nela como no banco e nas duas cadeiras, ou talvez ainda na moldura velha que sublinhava um cromo da Virgem Maria, pintalgado pelas moscas; a um dos lados, entre a janela do norte e a do nascente, o lavatório de ferro com bacia, balde e jarro. Tudo pobre, como em qualquer dos casebres dos campinos de Aldebarã.

“Foi o meu primeiro quarto”, contava o avô, de quem Diogo Relvas era o retrato chapado. Achara-se com poder para abalar por aí adiante nos caminhos da fortuna, e conservara sempre aquela mobília tosca por padrão comparativo do que fora e do que era. De espírito aventureiro e destemido, dizia-se que nada devia à violência de um bandoleiro e à manha de um cónego, o que, por certo, não passavam de aleivosias de gente despeitada e de fraca madeira, incapaz, acrescente-se, de amarinhar tão depressa e tão alto como Bernardo Santa-Bárbara Relvas, o Chicote, assim alcunhado por amigos e servos, pois tudo se propunha resolver com a ajuda daquele. Não era que o usasse com frequência, mas tomara-o como símbolo de que na vida muito se poderia resolver pela força, quando outro jeito se não achasse para almejar o que se queria. Ele dera-se bem com o processo. As provas viam-se. E nada as encarecia mais do que a presença daquele quarto miserável no enquadramento faustoso do palácio Mãe-do-Sol, adquirido no espólio de um dos companheiros do general Gomes Freire, caído com ele em desonra pública. A torre-mirante fora acrescentada pelo Chicote, não só para enxergar dali algumas terras do seu domínio, como o Tejo, de quem o lavrador era apaixonado; e tanto, que se lhe metera nos projectos criar uma companhia para o navegar até Madrid, se o Governo resolvesse alguma vez levar por diante o projecto do italiano Antonelli, esquecido desde os tempos dos Filipes.

Mobilada com a indigência dos haveres de um pobre, a torre passara a ser o refúgio do chefe da família, a que ele próprio deveria garantir a limpeza, em sinal de humildade e orgulho também. Nunca ali entrara outra pessoa, salvo seja, além dos três varões - o Chicote, o filho João, pai de Diogo Relvas, e este. E certa marquesa, cujo título não vem para a história, teimosa e bizarra, que porfiara em só aceder à corte do último senhor de Aldebarã, se ele a despisse dentro da torre. Fiado num dito do avô - “o que é necessário é conseguir as coisas” -, o rapaz quebrara o compromisso tomado perante o pai para não atraiçoar o lema do Chicote, que lhe parecia mais digno de obediência. Não veio daí mal à casa, nem ao prestígio da família, porque a marquesa achou a cama dura e não insistiu no local. A partir, porém, desse encontro fugaz, a torre passou a dispor de binóculo, com que a fidalga a dotou, em louvor dessa paixão exaltada que deu escândalo em Lisboa e acompanhou a senhora até à morte, garantindo aos Relvas bons negócios em gado cavalar, pois o marido da mesma era oficial mandão na remonta do exército.

Diogo recordou-a naquela noite quando se estendeu sobre a cama de palha dura. O binóculo lá estava sobre a mesa. Que mulher!... Tinha quase mais vinte

anos do que ele; mas na idade em que a conhecera, aos dezassete, não poderia aparecer-lhe amor mais didáctico e exaltado. Amara-a também com orgulho; ficara a dever-lhe o gosto inestimável de saber descobrir no corpo da mulher alguma coisa mais do que “o curral do porco”, como ela própria chamava ao amor abrutalhado de certos homens.

Começara por pensar na filha, no que lhe dissera, e ali estava ao seu lado a primeira amante que conhecera realmente, e talvez a única, confundidas ambas na sua lembrança. Rolou a cabeça na travesseira, à procura do perfume que ali ficara durante meses. Conhecia-o entre todos. Mandava-o agora vir de Paris para a amante que recatava em Lisboa depois que enviuvara. Um pouco antes, para dizer a verdade pois já a tinha quando a mulher morrera, ia agora para onze anos. Maria Joana Rolin Villaverde, segunda prima de Fortunato Rolin, que com ele estivera reunido naquela tarde, finara-se numa manhã de Dezembro de 1880, esgotada por dar ao mundo mais uma filha, a sua Maria do Pilar. Morriam cedo os Villaverdes. Não soubera escolher mulher! Ele que se esmerava em seleccionar tudo o que as suas terras e gados produziam, o melhor da Península, sim, o melhor, enfeitiçara-se por aquela rapariguinha airosa e débil, de pele branca e transparente, talvez por contraste com os Relvas, poderosos e morenos; mas a verdade é que os filhos haviam herdado muito da fraqueza do corpo materno.

“Que vou dizer amanhã ao ministro?” interrogava-se com ansiedade, querendo cobrir certas lembranças que lhe chegavam de roldão. Não acendera a candeia de três bicos para se sentir mais só e, afinal, enleava-se em pensamentos, não podia dizer estranhos, mas talvez clandestinos e indesejáveis para a lucidez que necessitava de chamar a si naquele momento. Mandara um recado ao presidente da Câmara Municipal, precisava dele no comboio da manhã, e antes de procurar o ministro queria deitar a mão ao deputado a quem dera os votos de Aldebarã, inteirinhos, sem uma falha - ali até votavam os mortos e os entrevados, e muitos e muitos de todo o concelho onde manobrava amizades e benfeitorias. Iria exigir-lhe que o acompanhasse também; não era só pavonear-se nos corredores das Cortes, à sua custa, e fazer discursos fúnebres. Já agora sempre queria ver os talentos do homem! Depois... Ah! Depois não lhe faltariam passos para dar!... Nem queria pensar em tudo isso, embora se lhe impusesse imediatamente uma visita ao banco do genro, para saber com exactidão em que situação estavam, e quais as perspectivas para o inventário a efectuar por causa dos netos. Teria de se avistar também com o malandrete do Manuel Araújo, o irmão do genro, capaz de assaltar um clérigo à Sexta-Feira Santa, se o soubesse portador de coisa que lhe desse jeito.

- Cá estamos! - repetiu a frase para o silêncio passivo da torre.

Dirigia-se aos dois a quem devia dar contas, ao pai e ao avô, sem desalento na voz, como se ambos estivessem vivos à sua frente. Queria significar-lhes, assim, a maneira como empregava a força herdada perante um conjunto de acontecimentos trágicos.

Ah! não, não exagerava, chamando-lhes trágicos, não era homem para isso. Queria vê-los nesta emergência, tendo à volta rebanhos e rebanhos de carneiros, capazes uns de se suicidarem em grupo, como sucedia, outros já prontos a entregarem-se aos financeiros da indústria e aos pistoleiros do caminho-de-ferro - nunca mais se esqueceria da indemnização de borra que lhe pagaram pelas terras cortadas pela via -, outros ainda assarapantados de medo e a fraquejarem das pernas e do coração, piores do que codornizes espavoridas em dia de batida. Homens para rebanho não faltavam; mas pastores capazes de os conduzirem a salvo, isso é que não havia, disso não se encontrava muito. Sabia lá se felizmente para si!...

Acabou por se levantar da cama, indo espreitar a cada uma das janelas da torre. Os ventos pareciam quietos naquela noite. Deteve-se mais na do lado sul, donde soprava o ciclone da “semana negra”. Precisava de lhe resistir. Seria capaz?!... Acreditava que sim, senão seria o cabo dos trabalhos, o termo de tudo o que durante cem anos fora acumulado pela família. Poderia a vida obrigá-los a regressar àquele quarto miserável, sem mais nada?!... Sabia que não e, só por isso, gostava de admitir a hipótese. Foi, então, que se resolveu a acender os três bicos da candeia.

O quarto ficou cheio de sombras negras e desdobradas enquanto do silêncio rompia, angustiado, o silvo estridente de um comboio. Naquela noite era bem o grito de terror de alguém que fugia de Lisboa, de alguém que vinha buscar refúgio no sossego dos seus braços.

E Diogo Relvas abriu-os sem reflectir

Capítulo IV

Retrato de família em ponto grande

O fotógrafo estava na moda, depois que a família real lhe dera a honra de se sentar à frente da objectiva. Melhor não se fazia em Londres e Paris, lá isso não, e toda a aristocracia de primeira e segunda água, bem como os burgueses de catedais grossos, começaram a disputá-lo.

Cabotina, Emília Adelaide, que tinha quanto queria do pai, viera com aquela ideia aferrada na sua bonita cabeça de andaluza, ao regressar das férias de Sintra, exactamente quando conhecera o marido, Rui Portela Araújo, numa burricada feita à Várzea de Colares.

Diogo Relvas fora buscar os filhos no fáeton novo que mandara construir ao segeiro da casa, ao Zé Segeiro, servindo-se duma revista inglesa para modelo, e esmerara-se na equipagem, regalo seu e de quantos a viam passar, pois atrelara-lhe cinco cavalos; poderosos na batedura e impecáveis de formas. Quatro deles, a parrelha que ia ao tronco e a que levava em potência, eram de cor rucilho flor de alecrim, famoso apuro do ferro da casa - nunca se conseguira daquela mistura de pêlos, brancos, pretos e vermelhos, fusão tão graciosa, quase lilás em certos reflexos, ainda sublinhados pelo contraste das crinas e cabos pretos; o cavalo solto, o que ia isolado à frente, era um animal branco de leite, prateado, mais vaidoso do que o dono, sempre de cabeça erguida na conta justa, alegre e, ao mesmo tempo, sóbrio, atirando as mãos sem harpejar ou arregaçar. Era ele que marcava o ritmo do andamento dos outros, bem conduzidos os cinco pela sábia mão de rédeas do lavrador de Aldebarã.

Se cavalos e dono iam orgulhosos uns dos outros, não se pode descrever a euforia dos filhos. Basta dizer que levaram o pai a dispensar a criada de os acompanhar, pondo-a no carro alentejano da bagagem, ao lado do Joaquim Taranta, o anão, e tendo ainda Diogo Relvas de se opor quanto à dispensa do cocheiro, pois os meninos teimavam em ir sós com ele, tamanha bazófia se lhes metera no sangue com o espectáculo da equipagem nova.

Emília Adelaide subira para a boleia com o pai. Os dois varões e Maria do Pilar iam nos assentos de trás, na companhia do cocheiro, o Zé Bonito, ufano também na farda nova de botões prateados e no boné de pala de polimento. Falaram da burricada, o António Lúcio gracejou dos galanteios do Araújo à irmã, esta motejou por seu lado do namoro dele com a Lusinha - sim, a Maria Luísa Sampaio Quintela -, enquanto o Miguel João e a Pilar pareciam ausentes da conversa, debruçando-se no fáeton para admirarem o andamento dos cinco cavalos, e o Relvas pensava “que já a morte tem vícios” referindo-se à idade dos enamorados. Depois da saída vitoriosa de Sintra, num meio-galope, aplaudidos até por alguns amigos de férias, que se juntaram, como de costume, para o bota-fora, o pai metera os animais a trote, numa guizalhada que fez adormecer as conversas. Só quando pararam numa fonte, para o Zé Bonito dar de beber ao gado, é que a filha lhe fez o pedido:

- Há-de tirar o retrato connosco, papá! Os cinco!...

Numa ampliação grande, como vi no chateau dos Quintelas.”

Diogo Relvas acendera charuto, embora ainda fosse pouco dado ao fumo, e prometera que sim, chamava-se o Teixeira, de Vila Franca, era bom fotógrafo, e Emília Adelaide insistira no de Lisboa, no Benoliel, era outra coisa, só faltava as pessoas falarem.

Foi o que a Brígida e as outras criadas disseram, quando viram o retrato ampliado. Só então o lavrador deu por bem empregado o trabalho, e ainda o dinheiro, que dispensara em convencer o fotógrafo para vir à quinta fazer o serviço. Sim, senhor, uma bonita coisa, quase tão janota como o retrato da tia, Rita Constança, pintado por um artista qualquer, e de que resultara a vinda do anão para a casa deles. Rita Constança vira a reprodução de certo quadro de um pintor espanhol, gostara do anão na tela, e exigira um para segurar o galgo alemão com o qual queria posar, montando ela, à amazona, no cavalo isabel-escuro que o pai lhe oferecera num domingo de Páscoa. Não vêm agora para a história as canseiras causadas pela descoberta de um anão que ficasse bem no quadro de Rita Constança. Isso daria para contos largos!

Não há dúvida, porém, que o retrato ficou um mimo.

Emília Adelaide quis o pai vestido à lavrador, embora ele fosse obrigado a segurar o chapéu de aba rija na mão, uma vez que quase tapava o filho com a copa alta, e o fotógrafo teimava em que “a fotografia de arte obedecia a regras, tenham paciência, disto sei eu, sou o artista da Casa Real”. Mas nem tão ancho argumento convenceu a Emília a ficar sentada perto do pai, porque a rapariga fazia luxo no

pregueado da saia do vestido rosa-velho que mandara acabar para o dia, e em teimas ninguém lhe levava a palma. Diogo Relvas começara a ficar possesso com tanta complicação. Tivera de chamar o barbeiro para lhe tratar dos cabelos da cabeça e do rosto, gramara o miudinho do alfaiate por causa da jaqueta e da calça à andaluza, e agora assistia àquelas cenas irritantes entre a filha e o fotógrafo, que ameaçava abalar sem fazer o serviço, embora tivessem de lhe pagar, isso santa paciência! Noutro dia diferente tê-lo-ia posto na rua, mas a filha fazia dezasseis anos, e lá conseguiu arranjar uma plataforma - a Emília Adelaide ficaria de pé e o fotógrafo não poria o seu nome no retrato.

“- Pronto, mestre, vamos embora a isto!”, acabando por se sentar na cadeira que lhe destinaram; para a outra subira o Miguel nos seus dez anos tristes, tão tristes que se lhe vêm na fotografia as duas lágrimas contidas na menina dos olhos. Ele gostava de ficar de pé e de perna traçada, confessou um dia ao pai.

Emília Adelaide colocou-se entre ambos, bonita e risonha, a mostrar a feira maravilhosa dos dentes e as duas covinhas nas faces pálidas; junto do Relvas, mesmo por trás dele, António Lúcio empertigou a cabeça e descansou uma das mãos nas costas da cadeira, todo pimpão na jaqueta nova e no chapéu cordovês que escolhera para si, enquanto Maria do Pilar, de cabelo aos canudos, se encostou à perna do pai, feliz como nenhum outro.

A que vem o retrato numa altura destas, perguntará o leitor, sabendo das preocupações de Diogo Relvas e do drama vivido pela filha mais velha?...

Porque Maria do Pilar discutia com os dois irmãos, apontando a ampliação que está numa das saletas do primeiro andar, na da música, onde colocaram a harpa e o cravo de que as meninas mal fizeram uso, apesar de terem metido professora. Saíram ambas ao Relvas na dureza de ouvido.

- Estamos os cinco muito juntos - dizia ela - e eu pergunto como diz o papá: gostamos, porventura, uns dos outros? O papá, sim, é o único de nós, o único, que está ali bem. Apesar de vocês dizerem que ele gosta mais de mim... Talvez porque nunca lhe dei desgostos...

- Deixe lá, que tem tempo - resmungou Miguel João nos seus catorze anos embirrentos. - A menina com essa idade devia ser menos explicada.

- É uma pronóstica! - acrescentou António Lúcio.

Morena e alta para a idade, embelezavam-lhe o rosto, de grandes olhos cor de tabaco claro, os cabelos loiros da mãe, um pouco mais escuros, talvez; em certas horas de dias soalheiros, os olhos tornavam-se verdoengos, mais vivos e menos dóceis; nariz um pouco aquilino, expressivo nas asas inquietas das narinas

sensíveis, tanto como os lábios de recorte bem definido, embora um nadinha excessivos na grossura. Compunham-se ainda, garantia a Brígida que se lhe afeiçoara por nunca ter conhecido mãe, o que era razão da antipatia que António Lúcio, o menino amimado de D. Maria Joana Villaverde, lhe devotava. Para ele só à irmã cabiam culpas pela morte da mãe. Por isso já a mandara calar por diversas vezes; jogava sozinho à pedida com o baralho que trazia clandestinamente na algibeira das calças, oferta de um campino, o maioral dos poldros, que lhe ensinara na Lezíria aquele jogo rufio. Era agora o seu vício.

Tinha dezanove anos; obtivera o consentimento do pai para fazer a barba, e deixara crescer um impante bigode arruivado, de duas guias retorcidas que lhe chegavam aos pomos das faces. Usava patilhas quase em linha vertical com o início da popa baixa do cabelo, um pouco em melena, para o que mandava rapá-lo junto das fontes da testa alta.

Timorato de sangue, reagia com violência quando julgava ser preciso mostrar-se um homem. Mais pálido do que o mano Miguel, tinha imaginação fecunda para as lições do amor, talvez porque o pai o proibira de arranjar entretém nas raparigas de Aldebarã. A sentença fora áspera: “Ponho-te na Charneca, dois anos, a cuidar das éguas cheias!”

Maria do Pilar dizia:

- O papá zangou-se com a Emília...

- Cale-se, menina!

- Ouvi.

- Também escuta às portas?

- Não, mas devia escutar. Escusava de passar por parva algumas vezes...

- Quais?! - perguntou-lhe o Miguel João, debruçado sobre a mesa, naquele seu jeito de preguiça.

- Para o ver fumar às escondidas e a contar poucas-vergonhas aos criados.

António Lúcio ergueu a cabeça, correndo os dois irmãos com o olhar.

- O Miguel vai para a cocheira?

Maria do Pilar fingiu que o não ouvira. Corado, trémulo de mãos, o réu fingiu dormir.

- Responda ao que lhe perguntei, Maria do Pilar!...

- O mano disse alguma coisa?

A repetição da pergunta do irmão, a jovem sorriu, abanou os ombros e fez-lhe uma careta com o nariz e os lábios.

- E se ele contasse?...

- A menina sabe o que são poucas-vergonhas? Quem lhe ensinou?...

Antônio Lúcio viera até ela e sacudia-a pelo braço.

- Não, ninguém me ensinou... Mas ouvi falar.

- Diga se foi alguma criada!

- Não falo às criadas como o mano.

- Parva!

- Mas agora queria uma para conversar toda a noite. Tenho medo de ir pra cama...

- Não seja tonta!

E foi sentar-se, baralhando as cartas para novo jogo.

- A menina é tonta! Com essa idade já é tonta!... Começa cedo.

Maria do Pilar encolheu-se, cruzando os braços sobre os seios pequeninos.

- Já sei que vou sonhar com o Rui... Agora vou vê-lo durante muito tempo no caixão.

Era a única que gostava do cunhado. Gostava que ele a tivesse ao colo, porque sentia tremerem-lhe as pernas quando se sentava em cima delas. E depois o Rui afagava-lhe o cabelo, e dizia-lhe ao ouvido: "Vais ser a rapariga mais bonita da família."

Capítulo V

Algumas páginas secretas do Diário de Emília Adelaide

Se no dia em que o Rui se enterrou, ele (o Outro), não tivesse saído do quarto onde eu estava com Maria Teresa não voltaria a este Diário que deixei há quase quatro anos para a mim mesma explicar o que não fui capaz de lhe dizer há algumas horas e teria dito com certeza naquela noite; agora pergunto se não foi melhor assim respondendo talvez não (depois ponho o resto das vírgulas) por mim pelo menos embora me doa perceber que me diminuo sempre junto dele, que não sou eu própria quando o vejo e oiço, eu que digo tudo às pessoas infelizmente tudo; fui assim para o pobre do Rui a quem só compreendi na véspera da sua morte tão aflito meu Deus! tão dependente de mim quando entrou em casa e me deu a notícia como se fosse meu filho quando antes me tratava sempre como criança; tinha quase o dobro da minha idade quando nos casámos e isso foi importante para mim, embora não lhe tivesse grande amor. O amor vem depois todas as pessoas diziam o mesmo, e não veio, isso não...

Levei tudo no meu dote de noiva menos isso, que talvez não seja o mais importante. O QUE SERÁ REALMENTE IMPORTANTE? Bom mas não foi para desvendar o valor dos sentimentos e das coisas e das pessoas que voltei a estar verdadeiramente sozinha comigo, ou talvez para melhor dizer verdadeiramente acompanhada contigo. Vou ainda antes falar numa coisa que só agora me ocorre: este Diário foi o meu companheiro o meu vício secreto durante quase sete anos, está cheio de tudo o que se passou comigo e com as pessoas da nossa casa, foi a Mademoiselle Guibert, a Michèle Guibert que ensinava francês à gente, a mim e aos meus dois irmãos que me disse para eu o começar quando me viu andar triste; ela dizia que era *très important* compreendermos o que se passa dentro de nós (cá está a razão porque gosto tanto da palavra importante) e que a confissão não bastava principalmente quando o padre a quem a fazíamos dependia tanto de nós, ela percebia perfeitamente, era muito esperta, que não tínhamos assim um grande respeito pelo padre Alvim. É um bom sacerdote o padre Alvim! Mas então que percebeu ela em mim para me dar aquele conselho?

Disse-me que era bonito escrever um Diário, quase todas as meninas de França o faziam alguns tinham desenhos também mas era preciso guardá-los por causa dos mais crescidos, porque eles não percebem que as pessoas têm os seus segredos e querem saber tudo da vida dos filhos; e então foi ela que arranjou comigo o sítio onde devíamos escondê-lo. Eu perguntei-lhe que achava ela em mim para só naquela altura me aconselhar e ela sorriu-se tinha um bonito sorriso, o António esteve apaixonado por ela é por isso que ele sabe mais francês do que eu, e eu corei quando ela me olhou muito nos olhos, e então a Michèle respondeu que era por isso mesmo em que eu estava a pensar. Bom, afinal estou a perder tempo com estas explicações.

Fiz o meu Diário por causa da minha irmã, da Maria do Pilar (já agora ponho os nomes das pessoas; no fim rasgo tudo) descobri no meu pai que ela viera tomar o meu lugar junto dele e isso fez-me infeliz; só nessa altura percebi perfeitamente o que perdera com a morte da minha mãe e foi à medida que escrevi estas folhas que me tornei cúmplice do António no seu ódio pela Maria do Pilar; muitas vezes lhe batemos quando ela estava a dormir e então ninguém percebia a razão do choro da menina, assim de repente no meio do sono; até a levaram muitas vezes ao médico a Azambuja, ao Dr. Maldonado, convencidos de que ela tinha qualquer doença escondida. Agora que esses ciúmes já não me importam tanto posso dizer que cheguei a ter dores nos braços e nas costas por causa disso, vomitei muitas vezes também depois de comer parecia que o estômago era de pedra e não queria ter nada lá dentro.

Mas foi no fundo por causa dele, mais dele do que de tudo o mais que comecei a escrever, e agora é ainda pelo mesmo motivo que fui buscar o Diário no esconderijo onde o guardei com a Mademoiselle Guibert. Ele esteve ausente dois dias em Lisboa e assim que chegou veio ter comigo para me dizer que falara com o ministro; as coisas para nós não iam mal como para a maioria e até a fortuna do Rui não estava assim tão ameaçada, não fora caso para ele se incomodar tanto pois se o Banco Lusitano fechara também sucedera o mesmo ao Banco do Povo, e falou ainda doutros, e de muitas coisas de negócios a que eu não prestei atenção; e acabou por concluir que os Araújo eram vaidosos porque talvez tudo corresse doutra maneira se o Rui viesse procurá-lo mais cedo e ouvir-lhe um conselho; e eu respondi-lhe que a culpa fora sua qualquer pessoa percebia que ele não gostava do Rui e o Rui percebera-o antes de todos, logo na altura do casamento; foi só por tua causa, respondeu-me e tive pena de não lhe poder bater. Que cara faria ele se eu lhe batesse? Contive-me, só me apetecia chorar por não fazer a minha vontade mas

também não chorei para ele não vir com os seus carinhos a fingir de bondoso. Tem a preocupação de parecer bondoso às pessoas, bem o conheço e então disse-lhe assim por minha causa? nunca percebi que fosse por minha causa. E ele começou a falar na vida que o Rui levava antes de casar comigo que era um valdevinos, tinha amantes por toda a parte, sabia perfeitamente que iria continuar nessa vida depois de casar e que me avisara e que só acedera por eu ter ameaçado fugir. Foi nesse dia que o pai me bateu pela primeira vez; bateu-me e depois foi a correr tratar de tudo, ele sabia que eu era capaz de fugir e trouxe o Rui a jantar à quinta, foi ele mesmo buscá-lo a Lisboa. Eu só respondi: os homens nisso são todos iguais, todos têm outras mulheres; olhei muito para ele e percebi perfeitamente que ele compreendeu o que lhe quis dizer com isso e então fugiu à conversa; gostei de ver que também ele fugia a certas coisas importantes.

Teria gostado realmente de o saber também cobarde?

Foi quando ele então insistiu em me lembrar que o Rui era um fraco e eu só disse também o senhor é um fraco e ele acenou a cabeça, depois sorriu-se, veio junto de mim para me passar a mão nos cabelos e eu levantei a minha e pedi-lhe para não me mexer. Ficámos os dois de mão erguida e eu de repente tive medo dos seus olhos e disse-lhe perdoe-me, quando não era isso que me apetecia atirar-lhe à cara; mas pensei nos meus filhos, mais ainda no que trago dentro de mim e sei que ele seria capaz de os deserdar se eu não me mostrasse arrependida nesse momento. Só hoje percebi quanto sou fraca afinal julgando-me julgando-se senhora da minha vontade, capaz de dizer às pessoas as coisas mais inconvenientes. Como tanta vez as disse ao Rui...

Agora sinto que me vou arrepender e nem quero escrever o que penso disso; sei que tenho vinte anos e que estou viúva.

Mas nesta casa não, não posso continuar a viver nesta casa. Sempre pensei ter vivido aqui dentro uma vida feliz ou quase feliz e agora de repente,

QUE ME TERIA LEVADO A PENSAR NISSO?

percebi duma maneira concreta, assim como qualquer coisa que se vê mesmo com os olhos que já não me é possível suportar este inferno manso.

Capítulo VI

A verdade é fêmea e por isso precisa de retoques

Se fosse possível a Diogo Relvas espreitar por cima do ombro da filha quando esta escrevia, tê-la-ia interrompido para lhe dizer: “Estás a compor a verdade à tua maneira.” E acrescentaria, por certo, o seu N-não?, bem sublinhado, naquela voz grave e densa que tanto impressionara o ministro. (Sim, não se fala todos os dias a um ministro, mesmo que seja estúpido. E é bom que o seja. Um ministro deixa de ser um homem para se tornar numa instituição, atrás da qual vigiam a polícia secreta, os bigodes e os soldados dos generais e a papelada que os arreata a todos. A lei é o círculo de giz traçado à volta do peru que vai ser degolado, e não é capaz de sair daquele imaginário abismo branco, tão frágil que quaisquer pingos de chuva o apagam.) Nisto teria também pensado Diogo Relvas, enquanto se dirigia à filha, de tal modo voltara com essas ideias de Lisboa. Dissera-o, de resto, ao próprio guarda-livros, tamanha necessidade trazia de desabafar e tão pouco confiava nos companheiros da comissão da Lavoura, “recebida por Sua Excelência com as honras devidas à categoria dos seus componentes e à importância dos assuntos que foram tratar com o Ilustre Homem de Estado”, segundo dizia o jornal da manhã seguinte.

“Não, Milai, há aí pequenas coisas a rectificar, acrescentaria depois. Devemos dar sempre grande importância às coisas aparentemente pequenas. Concordaste comigo (em pensamento deixa-me tratar-te por tu), em diversos reparos que te fiz. Recordas-te?... N-não?!... Vou refrescar-te a memória. Tenho o gosto extravagante da exactidão. Não fales agora!

“Quando voltaste a dizer-me que eu nunca gostara do teu marido, não é assim?, respondi-te com outra interrogação, o que para ti é indelicadeza, pois achas que a uma pergunta não se responde com outra. Perguntei-te: - E tu?! - Mostraste um grande embaraço, sacudiste a cabeça num dos teus pequenos arremessos habituais de mimalha, ias a dizer qualquer coisa, e eu impedi-te que mentisses, lembrando-te que já mo confessaras. - Sim, está bem, e depois? - Foram todas as

tuas palavras. E não gostavas dele exactamente (Diogo Relvas pronunciava exactamente num boleio de voz) porque o consideraste sempre um fraco.

“Não, tem paciência, deixa-me ir até ao fim. Tiveste, então, outro dos teus rompantes de menina, a quem dei mais améns do que devia. Abusas de mim, Milai! Tem cuidado! Voltaste-me um pouco as costas, baixaste os olhos e vi, não digas que não, vi claramente as covas do teu rosto pronunciarem-se, como sucede sempre que sorris. Sim, desdenhosa. Sabes o que penso, e ainda mais o que faço, a quem de mim desdenha. O desdém é o único sentimento que não consinto de alguém para mim. Ódio? Pois o ódio que venha. Certos sorrisos é que não!

“Pergunto: considerava-lo também um fraco, talvez por não acreditares que ele pudesse substituir-te por outra mulher? Desconheço se terás inteira razão, mas nisso deverias tê-la inteiramente. Foste sempre bonita rapariga, e agora ainda o estás mais. Que coisa terrível seria para os maridos se pudessem ver as esposas, certas esposas, vestidas com o luto por morte deles. Que bem te fica o preto!

“E contaste-me depois, sem que eu to pedisse, e sem o dramatismo da noite em que me acusaste de o ter ajudado a matar... Repara bem no que foste capaz de sugerir, Milai! Contaste-me pois o poltrão que ele fora quando te apareceu quase choroso a relatar o que se passava; mais ainda o que se ia passar, com esse sexto sentido que têm os pessimistas de adivinhar as desgraças e de as chamar para si e para os seus.

“Pergunto: poderias alguma vez amar tal homem? Percebes agora que eu também adivinhava, eu que não sou pessimista nem nunca o serei, que o Rui não era o homem merecido pela minha filha Emília Adelaide. Nada tinha contra ele, a não ser por ti...

“Como sabes, já o teu avô encontrara o dele na formação da Companhia das Lezírias e noutras iniciativas, e eu próprio nunca me arrependi de negociar e de ter contactos com essa gente de sangue afogueado para as mulheres, embora os conheça na sovinice. Só uma vez te disse, mas sublinhei, vê se te lembras, com um talvez que era a palavra mais importante de toda a frase; só te disse uma vez que ‘talvez o amor viesse depois’. É raro o amor vir depois, minha filha. Porquê?!... Tens já vinte anos, és viúva e assim irás ficar, como sempre fizeram as mulheres da nossa família, mesmo as que, porventura, não gostaram também dos maridos. Não podes dar padrasto aos teus filhos, porque eu estou vivo... Não te falta dinheiro, nem outras e várias riquezas para os criares, educares e casares. Aceita a viuvez como redenção de qualquer pecado que cometeste. Deus assim o quis.

“Ah! sim, perguntaste-me: porquê?!... Por tudo quanto acabei de dizer, poderei falar-te em certas coisas... Talvez tenhas de as repetir um dia aos teus filhos. O amor nunca vem depois, Milai. Pode alargar-se, sim, crescer, tornar-se poderoso como certas árvores da nossa floresta, mas é preciso que a semente já lá esteja. E só a semente do amor pode trazer mais amor. Não há enxertos para isso. Os filhos?!... É diferente! Os pássaros espalham sementes, mas só a terra é capaz de acolher, alimentar e fazer florir o que traz no bico um pássaro vadio. A terra dispõe de um poder maravilhoso que os homens não têm. No amor, pelo menos, os homens não conseguem imitar a terra. Tu envaideceste-te com a corte do Rui, e nada mais do que isso te levou até ele. Tinhas quinze anos, ele vinte e oito; o que já sabia ele da vida! e o que ignoravas tu de tudo o que ela guarda para nos surpreender!

“O que sucede muitas vezes, Milai, para não dizer quase sempre, é que se casa com amor, com algum, pelo menos, e ele se some num momento, como sucede a certas veias de água que por aí nascem. Porquê?!... Isso é um pouco mais delicado! Mas tens razão: fui eu que puxei a conversa para esse jeito. Há mulheres... e homens, claro, que não são mais do que esses búzios vazios que certas pessoas guardam. Bonitos, sim, têm aquela voz lá dentro, pode ser o mar, se quiseres; é uma voz. Com o tempo percebe-se que nem de uma voz se trata. Certas pessoas são assim no amor. Lindas, maravilhosamente belas, adoramo-las, e depois no contacto, às vezes logo no primeiro contacto, nem uma voz chegam a ser. Nasceram com o sangue cinzento para o amor. E não se percebe, eu não entendo, como é possível certas mulheres, e também certos homens, claro, mostrarem aquela aparência de beleza, quando no sangue lhes faltam todas as cores que o amor pinta nos que o desdobram por uma intuição surpreendente, e sempre com novos tons, numa vida inteira!

“Não, já fui demasiado longe. Claro que podes ser tu o búzio vazio, embora... Precisas de me compreender: não sou eu, o teu pai, quem te irá dizer agora o que cabia ao Rui.”

Diogo Relvas diria isto mais ou menos, pelo que dele conheço. Começaria a conversa num tom um pouco áspero e acabaria em tréguas. Às vezes sucedia o contrário; tinha a preocupação de não parecer monótono. Vendo bem, talvez a razão fosse diferente: para nunca se contar, de antemão, com as reacções de que seria capaz. É mais isto, com certeza.

Mas já que estamos a dar uns pequenos retoques na verdade, fique a saber-se que do relato feito à Emília Adelaide de todos os afazeres sem conta de que se

incumbiu, ele esqueceu, e isto também não contou ao guarda-livros, uma tarde passada em casa da amante, da tal com quem já mantinha relações no tempo de D. Maria Joana Rolin Villaverde.

Lisboa é um pântano, como ele diz, quando se trata de resolver certos problemas urgentes de auxílio à Lavoura. Atolam-se os pés. Mas talvez porque só nos pântanos nasçam certas flores estranhas, também não há como Lisboa para um homem viver, em mistério, certas coisas bem simples e que só aí acabam por ter simplicidade. Sem mistério.

Tomou um trem depois de sair do banco do genro, onde a conferência não correu mal, atendendo aos tempos que se viviam, subiu o Chiado, encheu-se de embrulhos de chocolates, bolos e croquetes, tudo fresco, os croquetes ainda estavam quentinhos, e lá foi para certa Rua da Lapa, sossegada, como convém ao amor e à clandestinidade pública; um pouco enervado, talvez, quando mandou o cocheiro tocar a sineta do portão do jardim, de tal modo ficou com o vago pressentimento de que a Rosália não estaria em casa. Veio abrir a criada, não se lhe confirmaram as suspeitas, uma rápida troca de sinais, e aí enfiou pelo portão, deixando à Etelvina o encargo de pagar o trem e recolher os embrulhos.

Merecia aquele repouso, sem dúvida. Depois das garantias recebidas do ministro, precisava de recompor os nervos fatigados. No dia seguinte tinha muito trabalho, a que acrescentara mais uma tarefa com a ida ao pasteleiro do Chiado - com grande espanto seu vira duas lojas com escritos, ali mesmo, e embora já soubesse que nada pediam pela chave, queria apalpar o terreno junto do senhorio. Não ia, claro, abrir loja e fazer-se comerciante. Mas talvez valesse a pena pagar renda durante uns meses... Ou o País acabava de vez, ou a tempestade havia de passar. E quando passasse, uma loja ou duas no Chiado valiam o seu dinheiro. Não gostava de ver o dinheiro e os filhos parados - era sinal de doença.

A Rosália também se espantou quando ele lho disse. Pusera-se à vontade; e daí começou a desabafar tanta coisa que se havia passado desde a última vez que ali estivera. Mas as lojas com escritos deram-lhe no goto. Afagava-o, com a cabeça dele no regaço, embora um nadinha irritados, os dois, com as rendas das mangas largas que faziam cócegas nas barbas do Relvas. Noutra altura tê-la-ia despido sem mais azedumes; talvez ele acabasse por ficar a noite. “Se já se viu tal coisa em Lisboa! Nunca!... Vai ser uma grande desgraça, mas pode ser um grande negócio, como tu dizes.” E, secretamente, a Rosália pôs-se a acarinhar a hipótese de ter uma loja dessas em seu nome. Uma loja com artigos de senhora, tudo *demier cri*, e tudo de Paris. Que negócio! Podia-se arranjar um nome bem bonito para a casa. Os

nomes franceses davam muito bem... Champs Elysées, por exemplo. O pior é que o Relvas, se era um relógio de pesos na regularidade da mesada, ainda não deixara de se mostrar avesso a tudo o que lhe parecesse palermice de ricaço, segundo palavras suas.

Rosália era galega, de La Coruña; e viera a Portugal para ver se em Lisboa a chuva era diferente da da Galiza. Mas as nuvens do Relvas eram sempre de Verão; deitavam pouco. Ela é que se afeiçoara à pujança daquele ciganão. Só faltava sovália para ser exactamente o homem que sempre desejara ter.

Através dos vidros da janela, ambos viam cair a chuva, uma chuva mansa, e fora por isso que Rosália se lembrara da comparação. Mas logo lhe ocorreu uma cantiga da sua terra:

Cando chove e fai sol
Anda o demo por Ferrol
Con un saco d'alfileres
Para pical as mulleres...

Diogo Relvas também pensava em mulheres e numa noite de chuva. Deu uma gargalhada curta para depois bocejar.

- De que te ris, meu pequeno demónio?

- Duma noite em que apanhei toda a água que caiu do céu por causa da minha marquesa. Esperei três horas que o marido saísse...

- E saiu?

- Com certeza, Rosália. O destino associou-se sempre com a minha família.

Capítulo VII

Há um cavalo na alma de cada homem

Salvo seja!

- Salvo seja é como quem diz, porque tomaram muitos homens ter a nobreza, e a coragem, e também a lealdade, da autêntica, de certos cavalos. Há cavalos sendeiros, pois há. E homens?... É o que não falta por aí. Sei bem o que estou a dizer. Homens que chegam a ter medo da própria sombra. Todos conhecemos disso!... Estou a ver na cara do Dr. Mendanha que está a lembrar-se dalgum desses bichos. Ou n-não?

Quando em Lisboa as coisas lhe corriam ao jeito, Diogo Relvas não se esquecia, era já vício, de passar pelo Turf-Club ou pelo Tauromáquico, onde encontrava certa roda de conhecidos - lá isso de amigos mais devagar! - com os quais gastava algumas horas a dar uns dedos de conversa. Fartos de mexericos da cidade, apetecia-lhes ouvi-lo fanfarronar sobre toiros e cavalos, em que ele gozava de senhoria por essa Ibéria toda. Era fácil trazê-lo a terreiro. Bastava picarem-lhe na vaidade, embora com subtileza, porque o Relvas não era homem que se prestasse a folias, o que poderia testemunhar certo visconde peralvilho, a quem sacudira laboriosamente a poeira da labita. Um pouco solene e composto de maneiras, levassem-no às boas doutro modo, a coisa dava arraial bravio. Não aconselhava a ninguém, recomendava ele, que se desse ao gosto de vê-lo do avesso. Tinha o forro muito áspero, acrescentava a sorrir.

Mas naquele dia estava de veia. Passara quase um ano sobre a “semana negra”, em que o genro morrera, e o Relvas sentia-se de bem com a consciência. Fizera o que queria, e era importante, muito importante, o que acabara de conseguir.

- Quando vejo um cavalo rebelão, desses que o cavaleiro quer que recue e ele avança sem mais quês, lembro-me sempre de certas pessoas que fazem tudo ao contrário, só por teimosia barata, sem mais nada. Puxa-se-lhes a rédea para a direita e largam-se para a esquerda, pegam-se por perrice, e só à força de espora e cacete vão ao sítio. Às vezes acabam sendeiros... E também os há rancorosos.

- Todos o somos um pouco - confirmou alguém.

- Conforme...

Disse aquilo num modo fastiento e prosseguiu no arrazoadado:

- Entre os homens, um liberal não pode ver um absolutista ou um progressista um regenerador. Há exemplos, sem conta, de cavalos ruços que odeiam os baios, ou de outros, como certos políticos, que só gostam duma cor e não conseguem encarar as outras, senão a dente e a coice. São os duros.

Os outros riam-se.

Diogo Relvas gostava de os entreter, um pouco por vaidade, diga-se, mas também porque no meio da conversa saltavam quase sempre certas pequenas minúcias da finança e da política que lhe davam jeito ao quadro já construído por si. Nunca mais podia esquecer que agarrara uns bons hectares da Charneca, mesmo pegados com os seus, só por mor de certa conversa, por enigmas, que lhe chegara aos ouvidos, ali mesmo no maple onde se sentara naquela tarde um pouco fria, já de Outono a bater à porta.

- Gente que morda e pencos que mordam, não faltam; e homens que dão coices, desses que não conhecem o dono? São às manadas... Há menos cavalos que atirem a sua parelha. E agora nesta bonita coisa que para aí arranjam, sim, nesta crise, quantos foram os homens que tomaram o freio nos dentes e desertaram, como a gente lá na Lezíria nomeia os cavalos que fogem? Foi o que eu disse ao princípio e acho que disse muito bem: há um cavalo na alma de cada homem.

- Amigo Relvas: há homens com alma de pássaro.

- Talvez, talvez... Isto ao fim e ao cabo a massa é a mesma. Mais ou menos, claro - rectificou. Depois insistiu na sua: - Já viram por aí, estamos todos fartos disso, certos tipos de olhar apagado, de cigarro ao canto da boca... Nem fumam. A gente no Ribatejo até diz que fumam de cachimbo certos cavalos que abocam qualquer coisa para comer e nem disso são capazes. Iguais. Iguazinhos. Irmãos na sonolência, na estupidez e na indiferença. E gente com alma birrenta?... Só quem não conhece as birras dos cavalos é que não percebe a irmandade duns e doutros. Só há uma diferença: eu que gosto de apurar tudo o que sai com o ferro da minha casa, mal descubro um animal desses, mando-o matar, quando não arranjo maneira de lhe dar uma boa alma.

- Venda-o aos ciganos...

- Metia um tiro na cabeça, aqui, no dia em que visse um animal saído das minhas manadas e com o meu ferro, a ser corrido na feira por um cigano. Ciganos só na Andaluzia e a bailarem. Nem a cantar gosto muito deles... Põem-me triste.

Veio um silêncio sorrateiro deitar-se-lhes aos pés. Diogo Relvas olhava a rua pela janela, mas meditava melhor no que estivera a contar. A alma das pessoas também se ensina como a dos cavalos. É assim mesmo...

- Pois é! A alma das pessoas também se ensina como a dos cavalos e é por isso, muito mais por isso do que por outra coisa, que eu penso que a alma do homem é um cavalo.

Olhava em frente, sem fixar ninguém, cofiando a barba negra, já tocada aqui e acolá pelo fio branco da baba da idade.

- Um cavalo entra selvagem num picadeiro e sai de lá outro. Dá às vezes mais suor do que uma seara. Entra sem se lhe poder tocar e sai como a melhor guitarra. É só saber pôr-lhe os dedos. A vida também é um picadeiro; exactamente um picadeiro. Há almas que se amassam só com açúcar, que é o que damos ao cavalo, e na nossa mão, para que ele veja quem lho dá e perceba que mereceu a recompensa. Ele percebe perfeitamente porque lhe dão o açúcar... E agora pergunto: ainda diz salvo seja?

Dirigia-se a um velho de monóculo que o interrompera no começo e permanecera calado, sem um sorriso, talvez mais pálido, durante toda a conversa.

- Desculpe, Relvas, desculpe. Nas almas dos homens é Deus quem põe o dedo.

- Não diga isso, conselheiro. Deus põe o barro, mas nós é que lhe damos o jeito. É uma questão de paciência, de chicote e de açúcar... Tudo na altura própria. E o segredo, todo o segredo, está nisso.

Aproximavam-se as horas de jantar e o grupo começou a desfazer-se. Diogo foi ficando, talvez acabasse numa teatrada, e já que estava ali perto não lhe convinha afastar-se. Apetecia-lhe uma comédia. Há mais de um ano que não via uma peça; exactamente desde o dia em que o genro lhe fora morrer a casa.

Passara pela Associação da Agricultura, pelo Banco e pela Caixa de Crédito. Estava em pleno a ameaça da bancarrota. Mas ele segurara-se, se alguém pudesse considerar-se seguro num momento daqueles. Metade das receitas do Estado iam para os encargos da dívida pública. O Crédit Lyonnais não deixava de insistir no reembolso da soma bárbara que emprestara à Fazenda Nacional e os liquidatários do Baring batiam a mesma solfa; a maior parte do empréstimo dos Tabacos esvaíra-se em juros, só em juros de dívida externa nos sinapismos para aguentar certas companhias e na compra de prata para amoedar. No Banco de Portugal tinham-lhe dito, em confidência, sob palavras de honra, que o deficit da balança

comercial iria descer, mas só por falta de cheta; e que em Lisboa, só em Lisboa, haviam falido e encerrado as portas mais de quatrocentas lojas.

Não queria ele entrar numa companhia para a concessão do monopólio dos fósforos?

“Dos fósforos?!... E as fábricas pequenas?... Seriam expropriadas, claro!”

- Mas que lhe parece a coisa?!... Sempre é bom ouvir este marau! Não é que esteja interessado...

- Pois devia estar, sabe? Já que está nos tabacos, metia-se também nos fósforos. Negócio de vício dá sempre...

- O doutor sabe que tenho certa... repugnância, é exactamente repugnância, em participar em coisas que só têm o objectivo de arranjar dinheiro para os negócios dos caminhos-de-ferro, para essas aventuras do Salamanca... Que é um homem simpático, diga-se de passagem.

- Você não gosta dos caminho-de-ferro...

- Não é bem isso, Dr. Mendanha. Mais devagar!... Eu continuo a vender os meus cavalos e se mais tivesse mais desapareciam. Mas você sabe, sim, você sabe que o ministro da Fazenda, sem conhecimento do Ministério, fez suprimentos a essa loba faminta... de treze milhões de francos!... Treze milhões ouviu bem?... Vamos lá com Deus ou com o Diabo! E parece-me que vamos muito mais com este, Deus me perdoe. Claro que todo este verdadeiro festim acaba por ser pago por nós...

Mendanha punha uma certa fé no Ministério do Dias Ferreira. Acreditava nas propostas do Oliveira Martins. O pior é que os republicanos andavam acesos, lembrara Diogo Relvas que acabou por se despedir, sem que o outro o convencesse das vantagens da lei do Fomento Rural. Agarrar em homens do Norte e pô-los no Sul. Bonita coisa! Escritores, ao resto! A conversa já não lhe interessava. Adeus, passe muito bem.

Pôs-se a gozar o cair da noite. Subia o resto do Chiado de mãos atrás das costas, cumprimentando à direita e à esquerda; queria descer a Rua do Alecrim para ver o Tejo. Depois do final daquela conversa apetecia-lhe ver água corrente; assim como quem precisa de se lavar. Ia dar água ao cavalo que tinha dentro da alma, pensou.

Insistia demasiado naquilo, mas inventara a comparação nessa manhã. E estava a deleitar-se com ela. Parecia-lhe certa. Por muito estranho que pareça, também um homem de carácter pode cair em certas pequenas fraquezas. E recordava o que quisera dizer para si mesmo, quando falara aos outros no açúcar

dado pela própria mão que bate com o chicote. Só hoje, conseguira, finalmente, que a Emília Adelaide se tornasse branda. A quinta de Sintra do Araújo fora à praça; nas suas tamanquinhas, a filha não lhe dissera uma palavra, nem mesmo por carta. Sentia-a morta na vaidade e ressuscitada, ao mesmo tempo, naquela terrível vaidade da sua própria costela. Magoava-o vê-la rebelde para ele e maravilhava-se que assim fosse. O leilão começara antes do almoço; pouca gente, como era natural numa época daquelas, em que os vagabundos andavam aos bandos pelas estradas. Seria bom que continuassem só a pedir esmola! Não havia muito quem guardasse dinheiro para licitar sobre uma quinta. Para honra da família apareceu o irmão do defunto, o Manuel Araújo, que fez o seu lance. Quando Relvas passou sinal para subirem a oferta, o outro chegou-se-lhe e pediu que talvez não houvesse vantagem em se baterem. Diogo encolheu o ombro direito, como de quem não cuida, e esperou o golpe do adversário. Andaram para ali, como se lutassem, qual de baixo qual de cima. A quinta já atingira o valor real que tivera antes da crise.

O outro picou mais um lance de cem mil réis, compondo o monóculo, e voltou costas sem esperar pelo resultado. Parecia ter atirado com um osso, foi a comparação do Relvas, e por isso mesmo o chamou:

- Há bocado não percebi bem o que me disse, Manel Araújo. Ando um bocadinho duro de ouvido. Era alguma coisa por causa da quinta?...

Diogo Relvas sabia que além da Mala Real Portuguesa aquele marau se enfiara até ao pescoço nos caminhos-de-ferro, arrastando o irmão para o negócio, mas guardando para ele os de mão-cheia, como essa burla das travessas de madeira que em dois anos foram todas substituídas por não prestarem. Andava com o homem atravessado.

- Sim - continuou -, eu julgo que, uma vez que o dinheiro apurado na venda será para pagar dívidas do seu irmão, você viria convidar-me a fazer subir o preço. Ou n-não? Tudo acabou em bem, ao que parece.

Deu-se o outro arompantes de leão, virando-lhe as costas, o que não fez até ao fim, porque o lavrador de Aldebarã o voltou para si. Temo-la armada, pensou com azedume.

- Diga boa tarde, homem de Deus! - E segredou-lhe: - A quinta interessava-lhe? Parece que sim...

- Era um gosto da família...

- Quanto a isso não se preocupe. Ficará para os seus sobrinhos e meus netos. Os verdadeiros donos, não é assim?...

Nunca dera grande apreço àqueles gajos que usavam um só vidro na vista. Ficavam de cara desdenhosa. E rematou:

- Quero pedir-lhe um favor: coisa pouca! Nunca mais na puta da sua vida se dê ao trabalho de me dizer os bons-dias. Entendido? (Avançava a passo para o Araújo.) E não olhe para mim dessa maneira. Não gosto desses olhos frios... Pode dar-me a gana de lhos aquecer.

Posto em brios perante tanta gente, o outro fixara-se, inquieto, nos funcionários do tribunal, como a denunciar a provocação; mas, percebendo a escassez do acolhimento, largou uma farronca:

- Talvez demorasse muito... E depois... estão frios de desprezo.

Aí estava a palavra mágica. A precisa, como o lavrador comentava depois para o cocheiro.

Uma punhada bem assente na ponta do queixo fez o Araújo dar um grito, afastando-o num pequeno voo assustado; logo o Relvas lhe foi na cola, para segurá-lo no chão com o tacão da bota no ombro, ameaçando-o ainda com o outro pé, ao mesmo tempo que lhe indicava com os olhos o sítio em que poderia atingi-lo: exactamente no rabo, como se faz aos cobardes.

- Aqueço-o na caldeira, seu poltrão!

Vieram dois amigos pedir ao Relvas para não dar escândalo, por causa dos saloios que se juntavam. Era uma vergonha para ambos, e de mais a mais com afinidades de família.

- Família, vírgula. Ponham aí uma grande vírgula. Não tenho nada a ver com gente desta laia...

E dirigiu-se para o trem. Ouviu ainda o alarido duma voz que o ameaçava, mas não se dignou voltar a cabeça. Lembrou-se depois que deveria indicar um pormenor aos do tribunal e mandou o cocheiro aproximar a equipagem.

- Passem o documento de compra em nome de Emília Adelaide Villaverde Relvas.

- Relvas Araújo, quer dizer Vossa Excelência - emendou o escrivão numa vénia.

- Eu disse: Relvas. O último nome da minha filha é Relvas. Não esqueça.

Ainda se rira sozinho no regresso a Lisboa. Passara pela quinta do Campo Grande a entregar o papel a Emília Adelaide e não trocaram uma só palavra sobre o caso. Mas o lavrador ouviu de novo na voz da filha aquele tom festivo que perdera no dia do funeral. A mão do chicote dava agora o açúcar. Com mais uma

compensação para Diogo Relvas: o cavalo que Milai tinha na alma, não lhe lambia a mão.

O afastamento não a acanalaria. Ainda bem.

E nisso se guardava o segredo verdadeiro da sua ida ao Turf.

O sangue pedia-lhe uma folia de amor, mas já resolvera obrigar-se à castidade naquele dia. Talvez amanhã... Sim, logo aí pelas dez horas iria visitar uma das três viúvas, as suas graças, como ele lhes chamava na intimidade. O Rolin conhecia-as também e perguntava-lhe por travessura:

- Então em que apeadeiro ficaste?

Usava a linguagem ferroviária para o ouvir.

Pois só amanhã veria em que apeadeiro descia. Talvez decidisse com moeda para não ficar com problemas.

O que lhe apetecia agora, verdadeiramente, era um pequeno passeio para aligeirar as pernas. A borda do Tejo, isso mesmo. Jantaria sozinho e depois uma teatrada. Tinha a consciência de que a merecia. Não, não passaria a noite com a Rosália. Prestava essa homenagem à filha, que não gostava da galega. Diogo Relvas sabia-o e fazia-lhe mais aquela vontade (uma vez só, pois claro!), sem que Emília Adelaide lha pedisse.

Era bem a filha do seu sangue orgulhoso. Os Relvas nunca pedem.

Capítulo VIII

Dois campinos pedem licença para entrar no romance

Não pedem. Sugerem, quando muito. E tanto basta para que se entendam entre si. Os outros que lhes obedecem ou passem de largo, de maneira a não lhes pisarem a sombra. Esse é um dos seus mitos, legado, se bem me lembro, pelo avô Chicote. “Um homem da nossa família tomba de pé, mas nunca deixa que lhe pisem a sombra”, dizia o velho com frequência.

Daqui, pela força de uso imoderado de um tal princípio, a ideia quase plena de que a dignidade surgira no mundo por obra dos Relvas. Quando lhes trazem um cesto de frutas dos pomares, ou um punhado de cereais de terras suas, ou se detêm perante um animal de gado manadio por eles criado, sabem que está ali o melhor, o extremo possível do melhor, e usam de palavra exacta, e única, para pôr no coruto de todas: isto tem dignidade.

Vivem para ela.

Tudo o que a não conquistar, será vendido em produto anónimo, ou queimado, ou morto, como sucede a raros cavalos e éguas que degeneram depois de levarem o ferro da casa. Um ferro muito simples, um R metido num triângulo, sem mais nada. Aos toiros que se mostrarem de sangue frouxo, sucede-lhes pior: capam-nos e amansam-nos, à canga, a canga e aguilhão, pondo-os a lavrar nas tralhoadas. Deixam de ser toiros com fidalguia, dignos de morrerem numa praça de Espanha, ao sol e em luta plena, para acabarem em servos de meia tigela, como essa gentilha maltrapida que vem da Beira para ajudar às mondas e ceifas. E os campinos da casa não os poupam - aos gaibéus e aos toiros degenerados que passam a bois de trabalho, embora na amansia façam, às vezes, a sua desgraça.

“- Olhem, agora me lembro, se me dão licença: foi um toiro, desses, o Passarinheiro, que matou o João Pedro Borda-d’Água, quando ele se lhe chegou mais do que a conta, para compor a canga a que o tinham brochado com outros dois bois mansos, cujo nome não me vem à ideia. Ora deixem ver!... Um deles, o mais amarelo, era o Gravito... O outro... Não sou capaz. Bem, não interessa. O malandro do Passarinheiro era um malesso, pelo que se viu nessa manhã. Mugia, e

escarvava, e sacudia-se para fugir àquele peso, já arrastara toda aquela cangalhada pelo campo fora, e vá de aguilhão em cima, e vá de cair e de se levantar; nunca mais humilhava, o falsário, e o maioral-real da casa, o Salsa, já dizia mal da sua vida, porque se o patrão soubesse que um toiro daqueles era assim depois de tanto calvário, ninguém salvaria o Salsa de ser despedido da casa Relvas. E isso seria o seu fim como maioral de gado bravo, porque nenhum outro lavrador o tomaria ao ano como campino. E isso era uma vergonha para a família dos Salsas! Ele dissera ao patrão Diogo: o Passarinheiro é um toiraço mas é mole como lama. A gente dizia doutra maneira. Um dia, se vai a uma praça, deixa a gente todos mal. É capaz de fugir das varas. E vai o patrão Diogo pergunta-lhe de quem era filho o Passarinheiro; do toiro da cobrição, o semental espanhol, e duma vaca, a Mimosa; boa cruza, sim senhor, mas isto de toiros é como nos homens. E é mesmo. Então, mete-o à charrua, disse o patrão envinagrado de todo. Aquilo era pior que lhe tirar um dente da boca. Fui eu mesmo, sim, senhor, João Atouguia, um seu criado, que levei o Passarinheiro para o curral da casa, depois de o tirar da manada, e logo nesse dia se castrou o bicho; meteu-se-lhe a bolsa em cima do cepo e vá com um maço, zás, zás, até aquilo ficar migado, foi mesmo o Salsa que fez o serviço, senão ainda algum campino ia para a Lezíria contar os caniços das abertas; isto é o mesmo que dizer ia com dono para o olho da rua. É assim que começa o calvário dum toiro quando lhe pedem trabalho. O trabalho é uma coisa mesmo danada!... Até o dos toiros... Um dia hei-de contar o que um toiro sofre nestes passos desgraçados. Mas já agora sempre digo que o animal anda triste, que nem um homem capado, quando lhe passam as dores da castração, porque antes disso até parece que uma manada de diabos pequenos e grandes lhe entram no corpo todo. Nem se percebe como um animal tão grande pode dar saltos tamanhos...

“Depois de outras voltas, a gente ensina-os a trabalhar às bombaleiras, umas charruas de madeira que servem para as lavoiras de Verão, mais pesadas do que as outras, e uns com a canga na mão vá de o jungir, mete-se a brocha por baixo da barbel, dá-se a volta à piaça nos cornos do toiro, salvo seja!, e depois ligam-se as pontas num fecho de madeira, a que a gente chama a cádega.

“O Passarinheiro era um toiro um bocadinho vareiro de corpo, assim compridote mais do que a conta, cardão escuro com o testuz em carapinha e um bocado cornalão, diga-se a verdade. A gente já o metera dois dias à canga e o animal parecia a modos conformado com a sorte. E vai no terceiro dia, era assim de manhã, rebentam-lhe outra vez os diabos por todo o corpo, e toca de saltar que nem uma lebre, ah rapazes! caía e levantava-se, levantava-se e caía, e vá de choupa

em cima para não descansar, e então toca o bicho de mugir, assim como quem queria fazer dó à gente, e depois atira-se para o chão a olhar o pessoal. Eu vou e digo assim: o toiro está raivoso. O João Pedro Borda-d'Água largou-se a rir, parecia que se esbandalhava, e o maioral-real mandou pegar em cardos secos e largar fogo ao rabo do Passarinheiro. Ah rapazes!...

“Todos os toiros a que a gente fez aquilo, só corriam a direito por esse campo fora; mas aquele deu um berro e sem mais nada levanta-se num pulo, a bufar, e aí vai ele direito ao João Pedro, estava com a crença, e mete-lhe um corno à coxa, salvo seja!, ensarilha-o na cabeça, joga-o ao ar, espera-o na volta, mais uma forquilhada, e outra, eu agarro-me a rabejá-lo, a puxar, e todos gritavam, e todos lhe davam com as choupas, e ele na mesma com o Borda-d'Água entre o focinho e os cornos, até sentir que o sangue do homem se calara debaixo dele...

“Então levantou a cabeça, fez um rodopio para se livrar da gente e livrou-se mesmo, que todos se puseram a salvo para trás dos bois da tralhoadá. E ali ficou com o João Pedro entre as mãos, morto e entre as mãos... E com um olhar prà gente que só quem não viu toiros alguma vez, pode dizer que eles não têm entendimento. Tivemos de ir buscar os cabrestos para o tirarmos dali, e dois homens a cavalo, pois então! O João Pedro Borda-d'Água era um Cristo todo rasgado.

“O patrão quando soube?!... Fez só duas coisas: olhou para o Salsa, desconfiado, e disse-lhe que queria o toiro à charrua, desse lá por onde desse, e que ele havia de estar sempre ao pé da canga, nem Santo Isidro o livrava dessa; então o Salsa levou o Passarinheiro mais uma vez ao cepo e deu-lhe com o maço na bolsa dos testículos até o animal se ir abaixo das pernas; aquilo foi de mais! Quem teve sorte foi o filho do João Pedro: o patrão levou-o para a quinta, paga-lhe soldada inteirinha, e é ele quem acompanha os meninos nos passeios a cavalo. Leva vida de fidalgo. A mãe é que não gosta de ver o rapaz naquele trabalho. É parva! Diz que o coração não lhe diz coisa boa. Palermices de mulheres!...”

Como eu ia dizendo, antes de o João Atouguia aparecer na conversa, os Relvas não pedem. Mas também não gostam que lhes peçam.

Só eles sabem quando e como devem dar. Gente servil ou lamurienta não rompe meias solas a trabalhar para a casa. Respeito, sim, cada um no seu lugar, nada de intimidades, mas nada de baixezas também. Um campino que traga a insígnia do Relvas na égua e no colete, precisa de vestir a dignidade dessa condição.

Às senhoras da família é que compete fazer caridade. Todas aprendem espanhol e francês ou inglês, música, não muita, não vá alguma querer correr mundo, como já sucedeu a uma sobrinha do patrão João, que Deus tenha a sua alma em sossego!, um pouco de geografia e história da Europa, que o resto não interessa, e pintura sobre seda, pois é bonito a uma senhora mostrar prendas de mão, nisso como em bordados de qualquer fantasia; mas sabem todas a primor, e sem excepção, mesmo à custa de lágrimas, montar a cavalo, como um verdadeiro ginete, e distribuir caridade a quem a merecer.

O chicote cabe aos homens que o empregam com sobriedade; o açúcar compete às senhoras que correm as casas de Aldebarã a visitar doentes, a amparar mulheres grávidas e a recomendar ao hospital da vila os que precisarem de internamento, depois de o médico da casa, o Dr. Bernardino, tentar resolver as doenças com clisteres ou ventosas. Todos os anos organizam corrida de novilhos a favor do hospital, em que trazem à vila a fina flor marialva. Desde os cavaleiros aos capinhas e bandarilheiros, dos moços de forcado aos carecas e andarilhos, são raros os que não se lustram com o dom, ainda realçado com título entre parênteses, para que a arraia-miúda veja como o tetraneto de um capitão das Índias usa a garrocha no toiro, no jeito com que o antepassado empregava a lança no corpo do asiático, ou outro sabe levar ao cavaleiro a farpa colorida com o mesmo garbo do bisavô, quando distribuía civilização aos selvagens desses continentes distantes.

A festa marca sempre pela elegância. Os camarotes enchem-se de senhoras das mesmas árvores genealógicas dos toureiros, não faltam mantons a decorar as grades a que se encostam, há no intervalo distribuição de lembranças pelas organizadoras da novilhada, tudo com música bem espanhola, e não há farpa nem pega que não seja dedicada.

Diogo Relvas preside como um deus que é. Lembra-se de Espanha, e sorri. É a única vez que o povoleu o pode ver sorrir. Talvez muita gente pague o bilhete só para isso. E lá do alto, sobranceiro e largo de benesses, atira charutos aos que lhe oferecem as sortes. E aplaude, debruçando-se no varandim do camarote, enquanto a praça inteira o olha embevecida e aplaude também. Travam-se assim pequenas batalhas de aplausos.

É por isso que as senhoras mandam no hospital, apesar de os republicanos dizerem que o Relvas o faz com o dinheiro dos bilhetes pagos pelos outros. Má-língua da política!...

Quanto lhe custava o jantar que oferecia nessas noites aos lidadores?!...

“- Agora conto eu, com sua licença... Quem sou?! Ora essa! António Seis-Dedos, um criado para o servir, como servi durante dezasseis anos o patrão Diogo. A novilhada tinha saído boa para aqueles toureiros, seja dito aqui para a gente, e depois lá foram todos para a quinta, para um celeiro que havia ao pé da cocheira. Eu era poldreiro e o melhor fandanguista de Aldebarã, que o negue quem for capaz e tiver razão. Era uma vaidade minha; por isso batia o fandango lá na Lezíria, mesmo sozinho; punha-me à frente duma árvore e dançava para ali o que me vinha à cabeça, só me mexia dos quadris para baixo, o resto nem bulia. Com a ponta do pé e o tacão do sapato fazia outra música, toda em compassos marcados como a do harmónio. Mas nessa noite acabou-se o meu fandango, até o sangue me ferve quando me lembro.

“Mais isto, mais aquilo, tal e coisa, a festa foi andando. Comeram e beberam para ali à farta, isto há gente da fidalguia que só faz más figuras, e aquilo foi por ali adiante com o patrão Diogo a mostrar má cara e aquela canalha na bêbada, alguns levantavam-se, iam de cambalhada agarrados aos ombros da gente, depois davam-lhes na tola e diziam que não precisavam de ajudas; era um virote enquanto caíam. Uma senhora também vi eu quase a tombar, e lá numas liberdades... Bom, mais isto, mais aquilo, tal e coisa, a gente não deve contar tudo o que vê, mas o parvo do marido é que precisava que lhe abrissem os olhos.

“Começaram dois tocadores a afinar a guitarra e a viola, e vai logo de fado para cima, bem bonitos duma vez, e então o patrão Diogo mandou o pessoal todo sair pra gente não assistir àquela rambóia, ‘vão-se embora eu depois chamo os do fandango’. Eu disse logo cá pra dentro, fandango uma gaita, também já devia estar com um grão na asa, e estava mesmo, senão não me metia numa daquelas. Fiquei enjudiado com a desfeita, toca a gente de se sentar no pátio, à espera, e então tirou-se a desforra daquela fidalguia toda, contando uns aos outros o que sabíamos deles. O Atouguia já andara com uma gaja daquelas ao colo, mais isto, mais aquilo, tal e coisa...

“Mas nem o patrão Diogo se aguentava com eles e daí a bocado a gente viu-o passar com o menino Miguel e mais as duas meninas, falavam uns com os outros em voz baixa, deviam ir zangados, porque nem repararam que a gente os cumprimentou, todos de pé e de barrete na mão, e eles nem água-vai, coisa que ele nunca fazia nem ao pobre mais pobre que encontrasse na estrada e lhe tirasse o carapuço. Esperámos a ver como aquilo acabava e assim que demos pela luz acesa na Torre dos Quatro Ventos aí vai a campinagem toda lá pra dentro. - António Seis-Dedos, diz-me o patrão António Lúcio assim que me viu. Vá lá uma

fandangada... Há aí um fidalgo que quer bater-se contigo. Aguentas-te? Não me deixes ficar mal...

“E isso é que foi a minha desgraça... Se ele não me dá aquela palavra, eu queria lá saber! Mas o tal conde, ou o que era, salta-me pra diante e aponta-me uma garrafa de vinho fino, que aquilo era o prémio, quem ganhasse havia de bebê-la toda dum fôlego. Ninguém já se entendia ali dentro, estava tudo embrulhado, eram mexidelas dum lado, eram mexidelas do outro, e há coisas que se pegam assim como a febre-amarela, ou o que é; mas aquilo era uma febre doutra cor, um homem não é de pau, e eu que nunca dançava bem ao desafio com gente de senhoria, era a ordem que tinha do patrão Diogo, meti-me em caganças por causa daquelas gajas todas; atiro com a jaqueta pra cima duma que só se ria pra mim, puxo a carapinha do barrete bem prà testa e ah rapazes!... Ah rapazes duma cana!... Meto os dedos nas cavas do colete atiro-lhe dois saltos à frente e começo a marcar passos para um lado e para outro, muito certinhos, vá dois para a esquerda e logo uma batida com o salto e outra com a ponta do sapato, e depois venho ao meio noutros dois passos e faço o mesmo para a direita, três vezes para cada banda, e assim que fiquei no meio outra vez atiro-lhe com o meu passo de trepadeira, que é um passo bonito em que o pé vem do chão depois de dar uma batida e sobe com jeitos de se enrolar a qualquer coisa que não se vê, repito a coisa quatro vezes com cada pé, e depois fecho no meio batendo com os calcanhares num salto e atirando com a cabeça num desafio para o fidalgo dizer lá das suas; largou-se tudo às palmas e eu vou à procura da tal gaja com os olhos e vejo-a com a minha jaqueta em riba do peito, assim com as mangas atiradas para os ombros, como se fosse eu que a estivesse a abraçar; ah rapazes... vem-me a tal febre, aquela que a gente traz do campo quando lá anda uma quinzena sozinho, parece que as pernas se me punham mais grossas, e o corpo todo, e depois um calor aqui no gargomilo, e sem reparar que o fidalgo ainda não tinha acabado a sua macacada, aquilo era lá fandango!, atiro outros dois saltos, batendo os calcanhares no ar, e deixo-me depois ficar de cócoras, para jogar a perna direita para diante e ficando com o pé esquerdo quase debaixo do assento, e depois mudo, e vou mudando sempre sem perder a tineta na música, estava todo alagado de suor, e atiro outro salto com os pés juntos para mudar aquilo tudo, voltado para ela, queria lá saber do resto, e ali me ponho a fazer bordados com as pernas, e de vez em quando vá uma batida de tacão e ponta de sapato, só me mexia dos quadris pra baixo e o resto parecia de pedra, mas não era, e não era porque já o corpo se me queimava todo com febre...

“Atrapalho-me sempre que me ponho a falar nisto... Começa tudo às palmas, vem aquela gente e agarra-me em charola, mais isto, mais aquilo, tal e coisa. Foi a noite mais feliz da minha vida e também a mais desgraçada... Entregam-me a garrafa pra beber e a tal gaja põe-se-me à frente, assim pra eu não ver mais nada, e agarra-me os quadris com as mãos, ah rapazes duma cana!... Falou-me numa língua atrapalhada, vi logo que era estrangeira, francesa ou lá o que era, e eu passo-lhe a garrafa pra ela beber à nossa saúde, e vá de me dar uma veneta desgraçada: pego-lhe ao colo, assim agarrada com a gana toda, e de repente começam as pessoas a calar-se, o coração dá-me um coice e fica tudo quieto...

“- António Seis-Dedos!

“Eh voz duma filha da mãe!... Se eu conhecia a voz do patrão Diogo... A gaja agarra-se-me à cabeça e eu a querer soltá-la, mais isto, mais aquilo, tal e coisa, e vai daí sinto uma chapada aqui neste ouvido que ainda hoje cá tenho a zoeira dentro zuzuzuzu... Que é lá isso! gritei eu fora de mim. Apanhei outra e outra. E então os gajos e as gajas largam-se a rir, arrancam a estrangeira de mim e ela leva-me um bocado da camisa nas unhas, eh mulher danada!, e então fico à frente do patrão, sozinho à frente do patrão, e ele atira-me mais duas chapadas e eu aguento a raiva nos braços, finco os dedos uns nos outros, desabava tudo, e ainda hoje não sei como fiz aquilo; joguei-lhe uma cabeçada pela banda dos queixos e atirei com ele de cangalhas. E disse pra mim: ah Tóino’tás desgraçado! E estava, se não me ponho a pau. Dali até à porta foi um bailarico de porrada que apanhei e dei, pontapé e murro de ferver, e jogo a mão a uma égua qualquer das que estavam no pátio e abalo a fugir por aquela estrada fora, sabia lá pra onde é que ia!... Matavam-me se me deixo ficar.

“Andei a monte, à espera que aquilo passasse ao patrão, e uma noite fui a casa para saber da boca da mulher o que é que havia, se ela lhe tinha pedido, a ele e aos meninos, e quando bati à porta e a abriram, vi outra cara, era a mãe do Arregaça; foi ela que me contou que tinham posto a minha família fora de casa, devia estar prà vila, o melhor era eu ir entregar-me, as autoridades andavam à minha procura; o patrão fizera queixa de mim, que eu lhe tinha batido e ainda por cima lhe roubara uma égua... Malandro!... Malandro é como quem diz, porque nunca mais arranjei uma casa como aquela.

“Nunca mais dancei o fandango... A última vez foi no posto da Guarda, sem música. E que fandango!... Roguei uma praga àquele barbas por causa disso e agora estou à espera que ela lhe caia em cima. É só o que espero da vida... Só isso!”

Esse foi o último jantar que Diogo Relvas ofereceu aos lidadores. António Seis-Dedos viu-se obrigado a fugir para Lisboa com a família, porque ali nunca mais arranhou trabalho nem sossego.

O que não espanta, quando se souber que o tio de Diogo Relvas, o Manuel Filipe, foi posto fora do palácio e atirado para um monte do Alentejo por ter desobedecido ao pai, ao Chicote. Nunca se soube bem a causa desse degredo, mas o exemplo é lembrado na família como aviso aos rebeldes. Diz-se que é um monte isolado, no concelho de Cuba, dado à guarda de mastins e caçadores, e donde se não pode fugir. Manuel Filipe esteve ali para cima de quatro anos e só regressou quando o velho caiu à cama para morrer.

Contam as velhas de Aldebarã que trazia umas barbas brancas pelo peito e que não falava a ninguém. Se a gente lhes pergunta mais qualquer coisa, benzem-se e encolhem os ombros. O que sabemos é que morreu pouco tempo depois do pai e que o seu corpo está em jazigo, no cemitério da aldeia. O Chicote deixou essa ordem no testamento - não quis aquele filho enterrado junto de si, nem dos criados que merecem a honra de ficar no talhão da família.

Capítulo IX

O curro para Madrid

Zé Pedro Borda-d'Água, o filho do campino que o Passarinheiro matara, viera na véspera para as cortes, onde o patrão mandara juntar doze toiros que ele mesmo queria escolher com o maioral-real. Havia corrida em Madrid, corrida de gala, a que assistiam o rei de Espanha e o senhor infante de Portugal, e fora convidado a fornecer o curro completo, para dois matadores sevillhanos e outro cordovês, honra nunca até ali concedida ao ferro da casa, desde que o avô começara a criar gado bravo. Metera empenhos em Madrid para o efeito, mas esse pormenor não diminuía a seus olhos o significado da selecção. Desejava corresponder-lhe plenamente, estivera longas horas a apreciar as notas de tenta e a ascendência de mais de cinquenta toiros de quatro anos feitos que tinha nas manadas, e ordenara ao Salsa para os conduzir a passo, nada de correrias, até às cortes do Vau. Os dois toiros seleccionados estavam a ração há quase um mês. Não olhava a despesas. Sabia que ao pavilhão azul e amarelo da casa se apresentava a grande oportunidade; e nada podia deixar ao improviso, embora o comportamento dos animais na praça nunca se conseguisse adivinhar, porque isso depende tanto deles como da maneira de os picarem. Na apresentação do gado é que o ganadeiro mostra os melindres da honra. E Diogo Relvas sabia que em arrobas de peso, morrilhos fartos e alegria para o combate, a piara iria fazer sensação. Toiros bem armados, não lhe cabia dar comodidade aos matadores; hesitara, isso sim, na cor da pelagem. E a dúvida continuava dentro dele pela estrada fora, depois de o ter acompanhado na travessia do Tejo, num barco à vela.

Os três filhos haviam partido à carreira, todos montados em animais preto-morzelo, nevados na garupa e com sombra de estrela na testa; a égua de Maria do Pilar tinha malha branca maior, um luzeiro na frente da cabeça, e era a de melhor tipo, porque Zé Pedro a escolhera, talvez a pensar que poderia acompanhá-la. Mas o patrão dissera à filha para ir com os irmãos, precisava do campino, segundo explicara, e obrigava-o a cavalgar atrás do grupo que ia com ele no fáeton.

Fizera-se um pouco tarde com a demora na chegada do Fortunato Rolin e a calma caía na Lezíria. Ranchos de ceifeiros erguiam-se para os saudar. O trigo chegara-se bem cedo às foices; ia ser um ano de pão.

Zé Botto mostrava-se preocupado com a crise americana, apesar de já terem passado mais de três anos sobre a “semana negra”. João Vitorino acalmava-o e dizia-lhe que o pior para a gente eram as crises inglesas; taciturno, Pereira Saldanha tentara meter o bedelho, mas o perfume que enchia o campo excitava-lhe a asma, e aí se partia ele, todo frenesi, numa orquestra de espirros.

- Não, o Sr. José Botto tem razões para recear a crise americana - objectou um banqueiro de Lisboa, o Sequeira.

- As crises também são precisas, meus senhores - comentou o Relvas, depois de assobiar aos cinco cavalos para os meter a passo. O carril estava de partir molas.

- Essa é de estucha! - enfadou-se Zé Botto.

- Mas diga lá ó Relvas, diga lá! - rogou o banqueiro. O lavrador de Aldebarã empertigou-se na boleia, de maneira a fazer-se ouvir melhor pelos que iam nos assentos de trás, e largou a voz cheia:

- Uma crise para mim é, muitas vezes, uma mudança de jogo... Uma oportunidade regular para que se experimente se os que têm dinheiro merecem continuar a dispor dele... ou se há gente nova, digamos, forças novas, que mereçam a vara do mando.

- Não diga isso, homem de Deus! - replicou o Rolin, que já despira a jaqueta e se abanava com o chapéu de abarija. - Uma crise é sempre uma desgraça!...

- Aí o Relvas sabe o que lhe deu a última e por isso fala assim - concretizou o Botto a afagar as suíças ralas.

- Estive atento... Parece que te irritas com isso, ó Zé! - rematou Diogo Relvas numa verdascada.

- A gente não vem aqui para se zangar, meus senhores! - rogou o banqueiro, entretido com um voo de garções.

Zé Botto sabia bem aonde queria chegar. Ainda não percebia para que manhas o Diogo o convidava sempre para ferras e tentas; o outro explicaria que gostava de ter os inimigos debaixo de olho, faziam-lhe assim menos mal. E ambos pensavam no mesmo: no dinheiro que o de Aldebarã obtivera na Caixa de Crédito Predial a 5% e que emprestara a 25 % e mais, tudo com escrituras assinadas; por isso lhe saltara para a mão o palacete do D. Torcato, um mimo em jardins e pomares, fora uns hectares bem bons em terras de pasto e sementeira, mesmo à borda do Tejo.

O calor obrigava o Botto a ofegar como o fole de um ferreiro, ao mesmo tempo que o desfazia em bagas de suor.

- Vou morto de sede...

Relvas rectificou em pensamento: “vais morto de inveja, minha pipa azeda!”

Estavam já perto da emposta onde ficavam as cortes dos toiros, e o lavrador faz sinal ao Zé Pedro Borda-d’água para avisar o abegão dali; em seguida gritou-lhe:

- Quero ver os toiros antes do almoço.

E só depois perguntou aos convivas:

- Se os meus amigos estiverem de acordo...

Todos anuíram, pois então, tanto mais que qualquer deles podia escapar-se até à cozinha e meter uma palmeta antes de irem à mesa. O Relvas, para lhes abrir o apetite, já explicara que mandara preparar uma sopa de linguado e camarão do Tejo, com arrozinho, isso mesmo!, enguias grelhadas no espeto e um anho no forno com batatas novas. Todos conheciam o dedo da Quitéria para petiscos.

- E a Quitéria fez aquele arroz-doce que o padre Alvim benze bago a bago?

- Quitéria quer dizer arroz-doce, homem! - explicou o Rolin.

- Devia ter sido bem boa quando era rapariga, ó Diogo!

- Já sabes que não reparo nas criadas...

- O quê?! tapas-lhes a cabeça?

Diogo Relvas também riu com a piada do João Vitorino, mas Zé Botto fez rolar o cascalho em gargalhadas sem fim.

Metidos num cercado, os doze toiros pastavam naquela pachorra de bichos selvagens em manada. Diogo Relvas pediu ao Zé Pedro a égua de cor cinzenta muito aberta, rato-clara, e entrou para a tapada com ele e o maioral-real. Iam todos armados de pampilho. Maria do Pilar ainda pediu ao pai para ir na garupa com o filho do Borda-d’água, mas o lavrador garantiu-lhe que faria chegar o curro seleccionado até perto da vedação de arame, de maneira que todos admirassem bem a pinta e o poder dos animais. A rapariga amouu.

Estava com catorze anos. E a calma daquela manhã e a juventude à solta abrasavam-lhe o rosto trigueiro, pondo-lhe os olhos verdoengos. E a boca que nem talhada de melancia, pensava o banqueiro de Lisboa e, se calhar, os lavradores e campinos que assistiam à apartação. Maria do Pilar despira a jaqueta, ficando de camisa branca que lhe realçava o garbo do tronco; tirara os pés dos estribos e sentara-se no selim, a seguir os movimentos do pai e dos maiores.

O Relvas chegara-se à manada e continuava a hesitar. Bonitos todos, de lâminas finas e equilibradas, deviam pesar mais de quinhentos quilos em bruto. Na peleja com os cavalos dos picadores adivinhava o que se iria passar; talvez fosse preciso pôr alguma cabeça daquelas no lugar da do Terramoto, que tinha na sala do palácio da Mãe-do-Sol. Talvez... Não iria deixar o mais bravo para outra corrida menos importante? E qual seria o mais bravo e nobre?!... Poderia escolher um curro de toiros negros, tinha ali uns três de azeviche, uma maravilha! , mas havia outra hipótese aliciante que lhe moía a dúvida: meter aqueles três e um negro-zaino, alternando-os na saída com um berrendo, outro retinto e almarado, mais o toiro borralho, que estampa!, e o estorninho, o Pintor, do qual o maioral-real dizia pôr as mãos no fogo, enquanto o Zé Pedro lhe indicava um outro cardim com órgãos genitais cobertos de pêlo branco, meano, como se chama aos toiros com esse sinal.

Quando entrou o jogo de cabrestos ainda não resolvera.

A criadagem e os filhos sabiam o que o atormentava; e discutiam em voz baixa a mesma dúvida. Maria do Pilar não gostava do berrendo por causa da cabeça - achava-a feia. Diogo Relvas metera a égua a passo até junto da manada, dignidade é que é, mas o que será realmente mais digno duma toirada real?, e tocou um dos animais com o pampilho, sem usar o bico.

Foi nessa altura que o tal toiro estorninho, o Pintor, ergueu a cabeça para o ver bem, exactamente quando o ganadeiro pensara mandar só dos negros. O Salsa recebeu o bicho e gritou-lhe: - Pintor! Eh Pintor! Eh... ói!

E o toiro deu uma corrida curta para junto dos outros, voltando a desafiar o dono lá de longe, num estremecimento das agulhas majestosas.

- Eh Salsa! Aquele toiro vai a Madrid!...

- E os outros, patrão Diogo?

- Escolhe aí com o Zé Pedro... São todos bons. Vai sair um curro real!

O orgulho deu-lhe para fazer um bonito com a égua e obrigou-a a saltar a vedação. Quando se chegou perto dos amigos, fez-lhes sinal para o almoço.

Nunca gostara de gozar os triunfos antes de os ter na mão. Mas aquele estava ali à vista. Se a corrida saísse como esperava, venderia o gado bravo só para Espanha. Arrebanharia bom dinheiro. Tudo o que é bom, acaba por se impor, disse-o diversas vezes durante o almoço.

Os pitéus estavam para anjos comerem e os vinhos - que pingas! -fizeram boa companhia a tudo. Diogo Relvas deixou os dois rapazes alargarem-se nos copos. O António Lúcio ia casar no fim do ano, se calhar preferia o Inverno por causa do

frio, e o Miguel João completava dezassete anos naquele mês, a 20, isso mesmo. Como não os levava a Madrid, fingiu não reparar no que bebiam. Ele próprio se contaminou com os elogios dos convivas aos vinhos de Borba. - O branco é um néctar, afirmara, já pisco, o Sequeira do banco.

Mordeu-lhe a vaidade, e com gana, quando viu o curro já apartado numa tapada mais pequena. O Salsa entregou-lhe a lista que o abegão escrevera com os nomes de todos os toiros, passou-lhe os olhos de fugida e foi dar uma volta à piara.

- Fiz uma aposta com o Zé Pedro - contou-lhe o maioral-real. - Eu ponho cinco mil réis no Pintor e ele outros cinco no Guitarreiro.

- Então põe lá cem mil réis em todos - replicou o lavrador. - Dou-os em Madrid... Gastem-no em espanholas.

Ficou o Salsa embasbacado com a fala liberal do patrão. E mais parvo se achou, quando o ouviu dizer ao Zé Pedro que fosse buscar o tal cavalo, tão gabado por ele, pois queria vê-lo à frente de um novilho; aí é que se percebia o valor dum calção e da montada. Os dezoito anos do Borda-d'água, já valentaços por sangue de família, cresceram dois palmos. E logo deitou a correr para a cavalaria, enquanto o Zé Tavares recebia ordens para despontar as hastes do novilho, um bicho bonito e lombardo com ano e meio bem empregado.

Diogo Relvas remoçara. Mandou a criadagem toda montar nas facas campinas, não se esquecessem das varas, e disse aos filhos para o acompanharem também. E explicou ao amigo de Lisboa:

- Vai assistir a uma coisa que só se fazia noutros tempos. Isto é que é Ribatejo! Aprecie!

Deu ordens ao Salsa para dispor a criadagem em círculo largo, onde ele entrou também com os dois filhos, e o garraio foi largado no centro pelos cabrestos, que logo saíram, à força de bico e gritaria de campinos. O Zé Pedro não media perigos. Trazia um pedaço de zambujo na mão para lhe servir de garrocha e ensaiava o cavalo fora da roda, encostando-lhe a roseta das esporas numa carícia. Ele sabia que o patrão Diogo não perdoava a ninguém a marca de sangue nas montadas.

- Vamos lá embora com isso! - gritou-lhe o lavrador, exuberante.

Todos os cavaleiros se puseram firmes na sela e de pampilho pronto, em riste, para afastar o novilho, se ele se chegasse para o contorno do círculo. Zé Pedro já estava também dentro da arena improvisada. Refreava o cavalo baio, mostrando-lhe o inimigo, e fazia-o ladear num cite largo, enquanto o garraio ora fitava, ora se

distraía com os outros ginetes, um pouco taranta no meio de tanto inimigo. Escarvou por duas vezes e o lavrador irritou-se.

- O garraio é manso - disse Maria do Pilar, que forçara dois campinos a abrirem lugar para ela.

Zé Pedro animou-se quando a viu; alegrou o novilho com a voz aberta, correu-lhe ao encontro para provocar a investida e o bicho foi ao vulto de cabeça baixa, onde o cavaleiro fez cambiar a montada para lhe encostar a garrocha. Mas o garraio recargou, tinha palheta, e o Borda-d'água deu de rédeas ao cavalo, a meio galope, os dois pega não pega;??aquilo sem uma pessoa a bregar de capa era um perigo?,, pensavam os campinos todos, menos o Zé Pedro, que não deixava de olhar os cornos do bicho e gozava em vê-lo falhar as marradas que atirava com fúria ao rabo do baio.

Então o novilho parou, voltando a encarar o círculo que o rodeava. Sabia que para além das varas ficava a liberdade da campina. Experimentou uma vez a força que dali vinha, mas saiu-se mal. Entraram-lhe dois bicos na anca e foi atirado por terra.

O patrão Relvas irradiava todo o orgulho do feitio pimpão que tivera em moço. Gritou ao cavaleiro que citasse o bicho. Hesitava em tomar partido entre o cavalo e o garraio, ambos marcados a fogo com o seu ferro. Só não se lembrava do cavaleiro, porque nem este se dava conta do perigo. Não sabia bem porquê, mas achava agora que aquilo era importante para a sua vida. E voltou a desafiar o bicho lombardo com a montada a passo. Já o cavalo parecia ganhar vaidade no apuro do mover das mãos e na altivez da cabeça seca e firme.

- Eh garraio bonito! - lançou Zé Pedro no desafio.

E aí partiram novilho e ginete ao encontro um do outro, cada qual seguro das suas armas, prestes a reunirem-se, confundiam-se as pelagens, e logo o baio mais vistoso se arrancou do negro mal tinto das fúrias bravas. O campino falhara o toque com a farpa imaginária, nunca fizera aquilo, faltava-lhe a certeza na mão, mas mostrara bem que o cavalo, o Estreleiro, tivera mestre a ensiná-lo nas furtetas e na coragem. Voltou o garraio a recargar, sem o mesmo ímpeto da primeira vez embora já houvesse aprendido que lhe mordiam agulhões se se chegasse perto das varas. Passava de largo, movia a cabeça se algum pampilho se movia para ele e quedava-se à distância, sem nunca humilhar, atento a tudo o que o envolvia.

Atento, tão atento, que mal viu espaço mais aberto entre duas éguas de campino, enfiou por ele com todo o poder do corpo já possante, derrubando o que achou pela frente, apesar de uma choupa lhe ter rasgado o lombo, onde tinha a

mancha mais clara. Ouviram-se gritos, tropel e algazarra a perseguir o garraio, e aí foi o Salsa em charola para os aposentos com um “braço desnocado”, como logo constou entre a criadagem. A égua em que montava o maioral-real sangrava da anca, por uma ferida esbeçada, aberta pela haste romba do bicho fugido.

Maria do Pilar só pensara em apertar a mão do Zé Pedro, chegando-se ao cavaleiro ainda primeiro do que o pai. O rapaz tirou o barrete em sinal de respeito, mas reparou que a menina o olhava doutro modo, embora já gostasse de galopar com ele pela mata da quinta.

- Dou-te o cavalo, Zé Pedro! - disse-lhe Diogo Relvas.

- Como se chama?

- Estreleiro, patrão. É filho da Andorinha e do garanhão Alter...

- Foste tu que o fizeste. É teu.

O novilho já regressava numa nuvem de poeira, entre a galopada de campinos, que se desforravam agora da colhida do Salsa, metendo-lhe as varas com raiva. Valeu-lhe um grito do lavrador.

- Se mais algum dá de bico ao garraio obrigo-o a fazer-lhe uma pega sem ajudas. Eh! lá tu!...

Em cima das montadas, os campinos estremeceram. Conheciam bem a voz de Diogo Relvas.

Capítulo X

Um homem tem duas sombras

As glórias custam o seu preço, é um velho aforismo.

E aquela de ver toiros arvorarem o pavilhão da casa na praça de Madrid foi oportunidade para os Relvas experimentarem a verdade de certo dito de Joaquim Taranta, o anão, espécie de oráculo vivo das terras de Aldebarã, e não só em coisas de tempo como em mistérios de coração.

Meio poeta, meio bruxo, dizia ele, sentencioso, na humildade do seu corpo burlesco:

“-Um homem tem duas sombras: uma do Anjo da Guarda e outra do Demónio. Moram as duas na mesma alma e ambas saem de lá, mas sempre separadas. Um homem nunca consegue adivinhar qual é a sombra que o vai seguir em cada minuto da sua vida. As estrelas são um mistério; o homem é outro mistério...” E depois ficava com os olhos arregalados, a seguir, talvez, certos sinais ou sombras imaginárias, que só ele via na transparência das pessoas e das coisas.

Quando Diogo Relvas saiu, de faeton, ao portão da quinta, acompanhado por Maria do Pilar, o Taranta foi espreitá-los até à estrada, quis vê-los desaparecer na curva e ficou a ouvir o eco da batadura dos cinco animais na distância. Os dois meninos, o morgado António Lúcio e Miguel João, escaparam-se logo, talvez para calarem a raiva que se lhes via na cara por o patrão não os levar a Espanha. O pai achara que eles deveriam ficar por causa das debilidades e doutros trabalhos; quis fazer-lhes sentir que na sua ausência era preciso dar a entender ao pessoal que ele se prolongava nos filhos. Mas ambos sabiam que aos feitores, ao guarda-livros e aos abegões, e só a esses, competiria dar ordens a toda a gente, mesmo a eles próprios, não de viva voz, mas na vigilância de que seriam alvos.

Explicava-se, por isso, a maneira ostensiva como voltaram costas, e mal o faeton virou para o lado da vila, onde o pai e a irmã iriam apanhar o combóio. (Aqui para nós: o despeito, uma das sombras do Demónio, levava-os já a desejar que o curro fosse uma boiada, capaz de vexar Diogo Relvas com uma bronca histórica.) Depois deles desapareceram as criadas, a Brígida chorava pela sua

menina, o padre Alvim, o preceptor e a preceptora inglesa que entrara para o palácio havia só umas semanas, e alguns campinos chamados para ajudarem às malas.

Joaquim Taranta ficou sozinho, a menear a cabeça, de barrete na mão; o que adivinhava naquela viagem não era coisa boa, não senhor, sabia lá o quê!, mas vira sombras negras à volta da equipagem, como se um luto cobrisse os quatro cavalos rucilho flor de alecrim e o branco-prateado, os patrões e o cocheiro. E o dia estava bonito. Quente e de céu azul. O céu tremia.

“Quanto mais não seja, pensava o anão, já chega, com certeza, o que se vai passar por cá nestes quinze dias. Sem o patrão Diogo tudo corre pior... Todos querem mandar... E desgraçado está quem precisa de receber ordens no meio da inveja destes maiores.”

Parecia o Taranta que adivinhava.

Logo nessa noite a gentalha de Aldebarã veio conversar para as portas depois da ceia. A noite ainda sufocava. A maioria dos homens andava na Lezíria por causa do resto das ceifas e da azáfama das debilhas, bom ano de pão, graças a Deus!, e sem o medo deles pelas ordens dadas, desde há muito, pelo patrão, ninguém conseguia segurar as mulheres e o rapazio dentro dos casebres quentes como fornos. Vá de vir para as portas. Apetecia-lhes mais do que isso - trazerem os colchões para a rua e dormirem ao relento, à espera que chegasse, lá pela madrugada, qualquer brisazita do Tejo. Em casa faltava o ar.

O patrão gozaria em Espanha com a menina Maria do Pilar, a macha-fêmea, como à boca pequena lhe chamavam as velhas, e elas poderiam, ao menos, receber o fresco na pluma, no dizer malandro da gaibéua que vivia com o Zé Segeiro. Mesmo assim falavam baixo, nada de alaridos ou cantigas, que bem apetecia entoá-las, não acabassem por estragar, logo na primeira noite, aquele gostinho de sentirem o chão a arrefecer debaixo delas .

À porta da mãe do Zé Pedro acabaria por se juntar a aldeia em peso, se ela não lhes desse para trás. Continuava na sua: os améns do patrão, agora até o levaria para Madrid, ou lá o que era, a amizade da menina, tudo aquilo lhe fazia medo. Quanto mais não seja, dizia ela, toda trémula, o meu rico filhinho não se aguenta com a inveja e o mau-olhado desta gente toda. É de mais para a bondade dele.

O rapaz era opinioso, tal qual como todos os Borda-d’Água? lembrava-se do que lhe haviam contado da picaria em pleno campo e da oferta do Estreleiro, e parecia-lhe sorte a mais. Deus me livre se com isto estou a dizer algum pecado: quando o pobre come galinha um deles está doente.

E as vizinhas lá vinham saber novidades, dizia-se por toda a aldeia que o Zé Pedro talvez acabasse por ser cavaleiro de toirada, era só uma questão do patrão Relvas se lhe meter na cabeça, ele fazia tudo o que queria. A pobre mãe envaidecia-se por um lado e doía-se por outro. E acabara por se deitar mais cedo do que as enzoneiras, só para as não ouvir, com receio de que a má sina viesse ao chamadoiro de tanta conversa.

A noite ainda abrasava. Como teriam os homens passado na Lezíria metidos no inferno das debulhadoras? E os da ceifa?! Maria Santíssima!, muito custa o pão a quem o sua! Mas sabia-lhes bem a ausência, porque doutra maneira ninguém estaria na rua àquela hora.

Já os miúdos se haviam aquietado no regaço das mães e das avós, já as raparigas tinham enchido tudo o que em casa pudesse levar água, como pretexto para se encontrarem à volta das três bicas do chafariz, em conversa que metiam derriços e amuos com a criadagem dos Relvas. Dormitavam todos, cansados de brincadeira, de mexericos ou de histórias. E as horas corriam lentas, a terra começava a ficar mais fresca. Das bandas do Tejo a aragem acenava. Já não era sem tempo! Tanto calor, Deus do Céu!...

O relógio da igreja viera a lembrar que já não era cedo, batera os quartos, as meias horas e as horas. E dera há bocado as onze badaladas; quando soassem as doze não estaria viva alma perto do chafariz, porque essa hora pertencia às bruxas que iam ali beber água e pentear-se. Mas a noite estava tão quente...

Alguns de sono mais leve ouviram à distância os passos batidos duma alimária. Quem seria àquela hora? Faltava tão pouco para a meia-noite... Talvez um campino que viesse do palácio da Mãe-do-Sol para dar algum recado do Campo. Ou haveria desgraça? Era raro não haver algum desastre com as máquinas de debulhar, aquilo eram coisas do Diabo para tirar o trabalho ao pobre e martirizá-lo; os abegões e o patrão bem diziam que o pessoal não tinha cuidado com as máquinas, mas elas achavam, elas sabiam que coisas daquelas só poderiam ser geradas no coração do Demónio. Se não era um pão mais bendito aquele que só conhecia a mão do homem e a barriga da terra!... Quem seria àquela hora?

Alarmaram-se as mulheres menos dorminhocas, puseram-se à espreita, e aí começou o sino a bater a primeira hora das dozes, e os passos cresciam mais perto, lá vinham, ai Jesus, Maria Santíssima!, que será?, o chão parecia tremer debaixo daquele barulho, era assim uma coisa pesada e cava, cheia de ecos longos, e logo um mocho piou na torre da igreja, deviam estar a beber o azeite dos altares, os mochos e as bruxas, e mesmo à curva da rua comprida...

- Que vejo eu, Maria Santíssima! - gritou uma velha, levantando ao céu os braços amedrontados.

E toda a rua foi um grito, e choros, e correrias, e quedas e súplicas, e rezas.

Tinham visto, sim, todos tinham visto com os dois olhos que a terra havia de comer, um cavalo branco, branco e grande, com um lobisomem em cima, todo branco também, a passo, ih Jesus, foi um arrepio em todo o corpo, os cabelos puseram-se-me no ar, fiquei com o lenço todo furado com os cabelos, pareciam arames finos de medo, e o cavalo a passo, e a cada passo o chão tremia, e ficava oco, como se a terra fosse um bombo, como se a terra fugisse também debaixo dos pés do fantasma e só deixasse uma capinha para ele passar. Acenderam-se todos os oratórios de Aldebarã, e nunca a devoção chegou na mesma hora e com tamanha fé. As poucas mulheres que tiveram a coragem de espreitar o cavalo do fantasma contaram no dia seguinte que iam os dois cheios de luz, pareciam de vidro ou de coisa assim, e, de cada vez que uma ferradura batia no chão, o chão deitava lume, e cegava as pessoas; elas tinham ficado cegas mais de meia hora. Quem seria?!... Talvez alguma alma penada que viesse lembrar promessa feita e não cumprida, ou lobisomem que esperasse alguém capaz de lhe quebrar o fadário. Quem seria, então??...

E logo na noite em que o patrão Diogo partira para Madrid. Não seria o paizinho dele, que morrera desgraçado num desastre do Campo?! .. Sim, isso mesmo, o patrão João Relvas!

O fantasma, ou lá o que era, fizera a passo a rua comprida, metera depois ao cemitério, e voltara pelo mesmo caminho; não porque alguém o tivesse visto, mas os passos, lá vieram os passos outra vez, naquela batida pesada e oca, até desaparecerem ao longe. E mal deixaram de se ouvir, os galos cantaram, e até cantaram as galinhas chocas, como se fossem galos. Nem um ovo se aproveitou de tanta galinha deitada que havia em Aldebar!...

Contaram ao padre Alvim na missa da manhã, disseram-lhe tudo, o que viram e mais o que imaginaram, e ele ralhou-lhes, porque todas estavam em pecado mortal e o mundo só poderia ser salvo pela fé, pela oração e pela humildade. Porque tinham elas deixado de cumprir o que o amo tantas vezes recomendara?! Se havia calor, ficassem nos quintais, cada uma tinha o seu quintal, escusavam de falar na vida alheia, e de se ouvirem ralhos e zangas em Aldebar. Se havia fantasma, ou lobisomem, ou lá o que era, deveriam procurá-lo nas próprias culpas.

Foi então que uma das velhas lembrou o dito do anão: que um homem tinha duas sombras, uma do Anjo da Guarda e outra do Demónio.

- Sim, essa que vocês viram, seria a sombra do Demónio que todas as pecadoras trazem consigo.

- Mas era branca e o Mafarrico é encarnado, padre Alvim. O branco é a cor dos anjos...

Padre Alvim zangou-se. Que sabiam eles de cores?! Que sabiam elas de anjos? A Igreja dispõe dos seus doutores e a ela é que incumbe meditar nesses problemas. E que problemas, às vezes! Fossem para casa, tratassem dos filhos, cumprissem as suas devoções e fechassem as portas à noite...

No dia seguinte, apesar do calor ainda estorricar mais, as portas de Aldebarã permaneceram cerradas. Só em certas janelas, poucas, havia cortinas afastadas ao de leve, embora em nenhuma delas se vissem sinais de luz. Os ouvidos das mulheres é que nunca estiveram tão atentos.

E exactamente antes da meia-noite, mesmo à primeira badalada do sino, lá voltaram os passos batidos do cavalo branco, e os sustos arrepiados, e as preces devotas. Valha-me o Santíssimo Sacramento do altar!

Dessa vez, porém, o fantasma demorou mais de duas horas na ronda sinistra. Onde ficara aquele tempo todo?!... No cemitério com as luzinhas dos mortos, com as almas do outro mundo? Ou na fonte a dançar com as bruxas?!... No regresso tardio pesavam-lhe mais as ferraduras, com certeza, porque o ecoar dos passos tornou-se ainda mais lúgubre e lento. Algumas mulheres afirmavam, contudo, que tinham ouvido o fantasma assobiar. Talvez pudessem descobrir que alma era aquela, se se lembrassem de quem morrera com o gosto de repenicar a marcha toureira do lobisomem, ou lá o que era.

Durante mais três noites, mais quatro, talvez, o avejão fez o seu passeio por Aldebarã, regressando em cada noite, do fundo da aldeia, a hora mais rambóia. Nasceram esperanças de o verem esquecido da alvorada. Se tal acontecesse, se um primeiro galo cantasse antes de o fantasma branco voltar às trevas do seu fadário, este seria quebrado e poderia descobrir-se, então se se tratava de alma penada a pedir sossego, ou de alma viva, a fadejar alguma praga bem caída.

Mas o galo não chegou a cantar, porque à quinta noite, aí pelas duas da madrugada, a descarga duma espingarda caçarreta atroou no silêncio espantado da aldeia. E logo se ouviu disparar o tropel do cavalo, que deixara o passo lúgubre para meter num galope cerrado. Parecia levar as casas com ele, era mesmo um vendaval; e ouvia-se, diziam as mulheres ao outro dia, sim, ouvia-se, eu ouvi

gemidos de gente, e mais outro tiro e outro... E o cavalo branco relinchava, deitando fogo pelas ventas e lume de pederneira nas ferraduras; até havia pedras queimadas na passagem do avejão, podia-as ver quem quisesse.

Toda a gente as foi ver com as devidas precauções - uma figa bem feita com os dedos da mão esquerda e dois padre-nossos bem rezados.

O anão ouviu os tiros na cavalaria da quinta e ficou cheio de medo. Daí a instantes, o menino Miguel aparecia-lhe, tão branco como o cavalo que levava naquelas noites. Tremiam-lhe as mãos, piscava os olhos, e só dizia: - O pior é que não trouxe o lençol. E deve ter marca...

Joaquim Taranta pusera-se a limpar o suor do animal, não lhe desse alguma pneumonia, e ficara logo a perceber que havia naquilo negócio de saias. O que não entendia, era a preocupação, quase maluca, de Miguel João Villaverde Relvas só falar do lençol. E mostrou-lhe o seu espanto:

- Então o menino ainda queria trazer os lençóis das mulheres com quem se deita? Desculpe que lhe diga, mas o menino não está bom da cabeça...

Só aquele disparate do anão poderia fazê-lo rir. E depois de obrigá-lo a nova jura, de que nada diria ao pai, nem sequer ao abegão, contou-lhe em meias palavras o que se passara. Joaquim Taranta saltitava nas pernas caneladas, com medo de se ver metido num segredo daqueles. Podia ir para a rua. Mas arriscou-se ainda a dar conselhos, repetindo a frase do seu gosto:

- É o que eu digo, menino. Um homem tem duas sombras... Esta noite o menino Miguel levava consigo a do Demónio.

- Levava a do Demónio e ia lá deixando as duas...

- Mulheres comprometidas é no que dá! - retorquiu o anão, composteiro.

- Mas aquela deu bem - disse o rapaz num jeito canalha.

E escapou-se para dentro do palácio, desejoso de contar ao irmão a aventura que tivera; talvez o mano António Lúcio descobrisse a maneira de voltar à posse do lençol, pois tirara-o da cama e a criada dos quartos faria mistério com a falta. Mas o irmão ainda não regressara também. Andavam os dois a esquecer o desgosto de não estarem em Madrid com o pai.

António Lúcio preferia ir até à vila namoriscar certa varina com quem gostava de dançar o real-das-canas, acompanhado a bandurra e cantigas ao desafio. "Aí ao menos, pensava Miguel, não é preciso um homem mascarar-se para estar ao pé duma rapariga."

Pegara-se-lhe a excitação, não lhe vinha o sono. Resolveu esperar o regresso do irmão, inquieto com ele, já agora era bonito se também lhe sucedia qualquer

coisa... E foi para a janela fumar um cigarro de onça; era o tabaco que mais lhe apetecia, ou talvez o fizesse só para se tornar notado. E pensava:

“Se o Segeiro me agarra com uma chumbada, lá ia até ao Monte de Cuba, como sucedeu ao meu tio-avô Manuel Filipe. O velho anda sempre a ameaçar a gente e desta vez não me perdoava, lá isso não. Mas não percebo, não há maneira de perceber isto. Com tanta mulher aqui ao pé e acha que havemos todos de ser de palha. Se a gaibéua tem pinta, carago!”

Pôs-se a assobiar baixinho.

A noite enchera-se de perfumes do jardim e da mata.

“O padre Alvim é que diz bem: os ócios trazem os vícios.”

Mas quem estava atrapalhado, de verdade, era o Zé Segeiro. Nunca tivesse voltado do Campo a hora tão tardia! Mandaram-no arranjar uns carros singeleiros que precisavam da sua arte, acabara aquilo, à pressa, para chegar a Aldebarã, aí viera a pé uma data de quilómetros, e logo para dar com uma coisa daquelas das suas portas adentro. O pior era o lençol. Lá estavam as letras bordadas a branco, a dizerem-lhe da origem do adúltero. Dera uma carga na gaibéua... Mas que ganhara com isso? Um dia o patrão velho fechava os olhos e lá estava ele com dono. Escangalhara a vida por uma coisa daquelas!. . Já era azar! Ainda se pudesse... Pôr a gaibéua com dono, seria uma gaita; ficar com ela também não era jlhomem para isso... Um homem sabe lá para o que nasce!

Capítulo XI

Pequenos vícios para tão grandes ócios

Que nem pecados chegavam a ser, poderia confessá-lo o padre Alvim, que dispunha de balança aferida para tal pesagem. Ele próprio conservava alguns para manter a hipótese de santidade que há em cada homem, uma vez que quase todos os grandes santos foram também grandes pecadores. Como a modéstia era o maior prejuízo do seu carácter bonzão, fazia nesse tempo o que hoje fazem os pequenos jogadores de lotaria, garantindo-se com uma cautela todas as semanas. Arriscava pouco e ficava dentro da esfera do destino.

Pequenos vícios, se tal nome lhes poderia dar. Um cigarrito lá uma vez por outra, meia dúzia por dia, quando muito, algum vinho, e só tinto, e o gosto um tanto diabólico de jogar as cartas. E este, vendo bem, muito mais para evitar grandes pecados de António Lúcio, que ganhara o vício terrível da jogatana, da maneira que sabemos. Estar perto do pecado, arriscar-se dentro dele, era serviço que o padre Alvim entendia dedicar às ovelhas do rebanho de Aldebarã, sacrificando-se embora.

Depois entusiasmava-se e caía em exageros. Não gostava de perder. Alguém gostará de perder?!...

Naquela tarde recebera-se carta de Diogo Relvas; iria demorar-se mais uma semana em Madrid, dando conta do êxito estrondoso da ganadaria. Dois toiros de bandeira aplaudidos no arraste, para cima de dez cavalos mortos nas varas, três picadores com pernas e costelas partidas, um matador empitonado, em perigo de vida, e mais dois subalternos do capote com colhidas menos graves. O toiro do Salsa e dele, o Pintor, saíra com rompantes de leão, mas acabara bronco. (Os jornais madrilenos chamavam-lhe manso.) Mas o Guitarreiro e o Azeitono haviam provocado delírio. O Zé Pedro fora obrigado a dar duas voltas à arena como prémio ao ganadeiro, que se recusara, é claro, a ir à praça. Em compensação, o rei de Espanha e Sua Alteza, o Príncipe de Portugal, tinham-no chamado ao camarote das realezas para o conhecerem e cumprimentarem. Vendera, nessa mesma noite, seis curros para diversas praças espanholas, entre os quais mais dois para Madrid.

Aí estava Diogo Relvas em pecado de soberba, pensava o padre.

Os dois filhos andavam com o olho na preceptora inglesa; um nadinha seca, mas com pinta, dizia o António, ao que o Miguel retorquia, num gracejo dos seus: também o bacalhau, certo bacalhau, deve ser comido desfiado e cru; é melhor prà pinga.

A londrina achava-lhes graça, embora não entendesse as alusões. Mas assentiu na pequena festa que os Relvas se propuseram dar na intimidade, com o louvável propósito de consagrarem também a glória do pavilhão azul e amarelo da casa. Viria o padre Alvim para desfazer mal-entendidos, e os quatro, mais o lesma absurdo do professor de Geografia, História e Português, comporiam a mesa. A Brígida prometeu esmerar-se no jantar, o morgado Relvas deu-se em escolher os vinhos da garrafeira, de acordo com o mordomo, a quem deu instruções para variar sabiamente as qualidades e as doses, pois queria toda a gente bem bebida.

Tudo correu como fora previsto.

O padre Alvim, que nesse dia recebera do guarda-livros a mesada do palácio, mostrava-se radiante. Fez um pequeno discurso a propósito do sucesso de Madrid, bebendo pelos presentes e ausentes, nos quais entendeu incluir, em nota terna e comovida, o avô dos meninos, a quem devia a sua vinda do Alentejo para ali. Agora considerava-se um amigo da casa. Vira nascer os quatro filhos de Diogo Relvas, pusera-lhes o sal e a água benta, e orava por eles durante as missas e à noite, na esperança de que naquela casa só entrasse a felicidade. Era tudo o que poderia desejar.

De repente, porém, teve outra lufada mais rija de inspiração; e quis dar ao preceptor uma sabatina de história local.

- Mãe-do-Sol é o nome por que a gente daqui, o bom povo daqui, conhece esse monte que fica no meio da mata deste palácio, onde se viveram, no passado, horas sublimes da nossa história.

A Miss cabeceava com a paleta dos vinhos bebidos.

- Mãe-do-Sol - continuava o padre na voz débil -, pois é sobre ele que o divino astro parece nascer nesta terra. É um símbolo muito significativo. Porque é também nesta casa que o Sol nasce, para quantos vivem do trabalho que os senhores Relvas, verdadeiros fidalgos, distribuem por todos, como pais que são de pobres, de remediados e até de ricos. Aqui estamos em pleno Céu; aqui se faz na Terra o que o Céu manda. E, por isso, a própria aldeia que esta casa fez, e em boa hora, para os seus servos, tem o nome de Aldebarã, que os antigos consideravam uma das quatro partes em que o Céu se divide. Aldebarã é quarenta vezes maior do que o

Sol, e é o olho das estrelas do Toiro. Aqui tomo o fio ao que queria dizer: não admira, por isso, que Madrid se deslumbrasse com a bravura e a nobreza dos toiros criados pelos senhores de Aldebarã, porque ela é uma estrela de primeira grandeza nessa constelação simbólica.

António Lúcio dissera, por diversas vezes, obrigado, padre Alvim, mil vezes obrigado, na convicção de lhe cortar os voos; mas o velho prior achara a sua antiga eloquência, e queria esgotá-la até onde lhe permitisse a veia aberta.

Levantou-se e fez um brinde.

Enfadonho, como lhe competia, o preceptor quis dizer também das suas, e lembrou ao velho cura que Aldebarã era um dos quatro guardas do Céu, assim o consideravam os Persas, e o próprio Sol, sim, o próprio Sol adorado pelos Árabes. Não viria o nome do tempo dos Arabes, sabido como era o que eles haviam deixado por todas as terras ribatejanas?

O padre encolhia os ombros, não por ignorância, mas por lhe parecer vedado opinar acerca dos infiéis à santa religião. Dissera o que lhe parecia correcto, e nada mais, nada mais queria acrescentar, embora louvasse muito o gosto pela erudição do Dr. Santos Pinto. Só lhe chamava a atenção para um aspecto: a erudição acarretava algumas vezes os seus perigos; tudo começava e acabava no único livro verdadeiramente sábio, a Bíblia, não seria preciso lembrar-lho.

A Miss falava em inglês com Miguel João e parecia não estar muito satisfeita. Nem António Lúcio, que percebera os manejos do irmão por baixo da mesa. Isso levou-o a propor-lhe que passassem imediatamente à sala de jogo e de fumo, onde tinha umas contas a ajustar com o padre Alvim, e donde melhor poderia descobrir as artimanhas maliciosas do mano. Agora tinha-o na mão, por causa da gaibéua do Segeiro; acabara já por lho dizer sem mais palavras. Miguel fingira-se acobardado, com plano assente para a inglesa, e retorquira-lhe:

- Se entender, vou imediatamente para a cama. E ainda faço mais: posso ir agora mesmo escrever uma carta para Madrid, relatando ao pai tudo o que se passou. Não me meto nesse jogo de ameaças. Comigo é preciso jogo franco.

António Lúcio hesitou, perante a impulsividade do irmão.

- Venha ser meu parceiro numas partidas de sueca. Vamos esfolar o padre e o preceptor para os termos na mão.

- Não entro nessas manobras, mano António.

- Não haverá outra oportunidade tão breve, mano Miguel, para os termos inteiramente do nosso lado.

- O padre Alvim já está consigo há muito tempo.

- Nunca é de mais reforçar as amarras.

O preceptor quis escusar-se também, mas foi envolvido na teia pelo velho cura. Miss Curry preferiu entreter-se no bilhar; precisava de fazer uns pequenos rodopios que lhe tomavam a cabeça e a faziam rir. Estava agora com uma grande vontade de rir. Miguel amuara, era uma tática, e a inglesa arrependera-se de tê-lo molestado. Ambos eram bonitos, mas preferia ao bigodão castanho de António Lúcio o buço negro do mais jovem. Já entrara na idade em que se preferem mais os jovens por uma questão de equilíbrio. Começara a dar umas tacadas com a bola vermelha, sempre conseguia vê-la melhor, e exagerava nas posições difíceis por cima do bilhar.

À quarta partida de sueca, o preceptor desistiu. Não gostava de jogar a dinheiro, nem lhe parecia próprio. O padre lembrou-lhe que atirasse a primeira pedra o que estivesse isento de pecado. E concretizou:

- Sabe, com certeza, que o pecado da gula é um dos mais graves.

- Sei que sim, meu padre. (Sorria com o ataque.) Mas ignora que tenho uma bicha solitária.

Riram todos. O preceptor azedou.

- O Dr. Pinto só comeu a sopa; o resto, todo o resto, foi para a bicha - ironizou António Lúcio, que estava fora da alçada do preceptor.

- Talvez seja uma hidra de sete cabeças o que tem na barriga - gracejou também o cura.

Silva Pinto atirou com as cartas:

- Parece-me de mau gosto brincarem com uma doença que me pode levar à morte.

Fez-se um silêncio.

- Miss Curry! - disse o preceptor. - Entendo que são horas de recolhermos.

A inglesa falou entre dentes na sua língua e continuou a dar tacadas à toa. António Lúcio aproximou-se para recordar ao Dr. Pinto que ambos eram convidados naquela noite e que estavam isentos, portanto, dos deveres do contrato com o pai. Lembrou ainda que o mano Miguel iria no dia seguinte às propriedades de Ponte de Sor e que não teriam, portanto, qualquer obrigação professoral a cumprir. Cumprissem, então, a de convivas.

- Mas não me pode obrigar à batota - retorquiu o outro mais azedo.

- De modo algum, doutor... Este gajo precisava dum puxão de orelhas. Está em sua casa. Mas não é rigoroso ao falar de batota neste jogo ingénuo...

- Em que já perdi quase cinco mil réis.

- Não é correcto, desculpe que lhe diga - lembrou o padre Alvim -, dizer aos donos duma casa quanto se perdeu com eles. Podemos ter de ouvir quanto com eles ganhamos, Dr. Pinto...

O preceptor perturbara-se com a intervenção do cura. Voltou a sentar-se, jogou cartas ao acaso, e o velho prior irritou-se.

Foi a partir daí que o jogo se fez como era costume, quando ambos se escondiam de Diogo Relvas: padre Alvim e António Lúcio ficaram frente a frente com dois baralhos à mão e uma garrafa de brande espanhol.

Miguel João despediu-se, resolvido a abandonar o projecto de se meter no quarto de Miss Curry. Era jogo forte de mais para quem já tinha um fantasma às costas. Bebeu ainda dois copos de brande para lhe pesar o sono e sumiu-se no corredor. António Lúcio só lhe gritou:

- Veja lá o que arranja!...

- Fique com a sua alma em paz, porque a minha está morta. Essa ida para Ponte de Sor deu-me cabo da consciência... Boa noite! Gozem muito e gastem pouco...

Miss Curry ficou triste por vê-lo partir. Deixou de se estender sobre o bilhar, girando agora com o taco de uma mão para a outra, e acabou por se sentar num dos sofás da sala. Estava muito só dentro do palácio. Mas Diogo Relvas fora bem explícito nas recomendações que sublinhara ao admiti-la. Em Lisboa poderia fazer o que quisesse, sem escândalo público, claro. Ali porém, exigia que fosse exemplar, uma vez que tinha uma menina a quem dar exemplos. E dois rapazes para quem deveria significar pureza, de maneira a que não pensassem mal de todas as mulheres. O encargo era pesado. Servia-lhe?...

Dissera que sim, mas nunca conhecera a força desagregadora da solidão. Nem o perigo dos ócios.

Padre Alvim já sabia o que lhe estavam a custar os pequenos vícios desses grandes ócios. Perdera metade do dinheiro recebido dos Relvas, embora guardasse certa fé no desandar da má sina que o perseguia no jogo com António Lúcio.

Este disse para o preceptor:

- Quando quiser, Dr. Pinto, fica desobrigado de assistir a esta pequena carnificina. Peço-lhe sigilo, claro. Estamos a entreter-nos...

O prior fez uma careta. As cartas não lhe davam. O outro aproveitou a deixa e despediu-se também, fazendo uma vénia a Miss Curry. Esta foi até à janela e sentiu um desejo inexplicável de chorar. Talvez fosse do calor... O calor deprimia-

a. Depois regressou, entretendo-se a apagar as velas do candelabro que iluminavam o pano verde e sobre o qual se desenhava a sua sombra esguia.

- Vão demorar-se muito tempo? - perguntou em inglês.

- Até um de nós ficar sem dinheiro - respondeu o Relvas, a sorrir.

A fazer caretas, um pouco trémulo de mãos, o prior batia cartas e suava. Depois sorriu para Miss Curry quando reparou que ela lhe seguia os movimentos.

- Estou com a macaca - disse, batendo as sílabas.

Ela não percebeu, mas encolheu-lhe os ombros. E saiu de mansinho, sem se despedir.

Capítulo XII

Onde se sabe de pequenas vinganças de Job

Embora no coração do padre Alvim não pudesse albergar-se o prazer da vingança, alguém lhe deu o gosto saboroso da desforra, tanto mais gostoso quando não foi dele o braço da justiça. Ficou-lhe assim a consciência limpa - a consciência e as mãos, que sempre se lavam melhor, vamos lá.

E não foram precisos muitos dias, após aquela noite em que o velho prior, no desfrutar do seu pequeno vício, viu sumir-se, inteirinha, a mesada recebida do Relvas, além de contrair dívida de vinte e dois mil réis, nada mais, nada menos. “Esfolou-me, esfolou-me, era o que dizia, e bem esfolado, por sinal. Quando a cabeça não tem juízo, paga-lhe o corpo. Adivinhava alguns dias passados a açorda; o pior é que ainda deveria mentir à governanta, inventando a perda do dinheiro pelo caminho. Se bastasse dizer que o perdera, não mentia; mas a Guilhermina era muito dedutiva e lá teria de entrar o pecado da falsidade. Isso doía-lhe sempre, apesar da muita idade. E tanto que as mulheres de Aldebarã o estranharam na missa; parecia atordoado, inquieto, mal olhando para o altar de Nossa Senhora dos Aflitos, protectora da aldeia e das gentes das redondezas.

Como já sugeri, a desforra aconteceu poucos dias depois dessa noite fatídica, ainda Diogo Relvas não voltara de Madrid com a filha.

Sempre que podia, António Lúcio lá se escapava para a vila, no gozo dos meses de celibato que Lhe restavam. Se lhe perguntassem, francamente, com quem desejaria casar, responderia, sem hesitação: - com a Florinda. Chegou muitas vezes a admitir a hipótese, e com sinceridade, de ele próprio falar ao pai, garantindo-se o papel heróico de se fazer barqueiro ou pescador para se tornar num verdadeiro marido da rapariga. Viu-se descalço, de cinta preta, ceroulas e camisa de castorina, ao leme duma fragata ou dum bote do Tejo. Com os mesmos calos dos outros varinos, nada de senhoria entre eles, tu cá tu lá com toda a gente.

O pai nunca percebera alguma coisa deste sonho, quando o via sentar-se perto dos arraias, ao navegarem pelo rio, ou ajudando os moços a lançarem os cabos nas manobras de atracção.

A noiva, a Maria Luísa, tornara-se meninoca postiça ao pé do azougue da Florinda, tão senhoril, ao mesmo tempo, na esbeltez do corpo delgado e enxuto. E depois os cabelos loiros, os olhos azuis e aquelas mãos longas, sempre faladoras nos gestos, segredando às suas as coisas autênticas que devem pressentir-se entre um homem e a mulher que lhe cabe.

Ao discutir com o mano Miguel por causa da gaibéua do Zé Segeiro, António Lúcio arremedara-se a poeta: - A camponesa é um penedo, a varina é uma nuvem, qualquer coisa que não é permanente e está sempre viva. Se eu te dissesse que a Florinda é assim uma nuvem de mar, nem tu nem ninguém perceberia o que queria dizer; talvez não tenha sentido, mas é isso o que penso dela. Onda de mar, não dá bem. Porque ela é nuvem e é mar ao mesmo tempo...

Deslumbrava-se nela, como se quisesse redimir-se daquela vida pachorrenta que não lhe calhava com o feitio exaltado. E perdia-se pelo bairro dos varinos, à noite, sempre que o pai se ausentava da quinta, gozando a popularidade fácil do senhor da terra que confraterniza com aqueles que dele dependem. Não entendia isso. E ainda bem para si.

Metia-se nos bailes, chegara uma vez a descalçar-se no entusiasmo de dançar uma tirana, e iniciara-se no toque da viola maruja com as lições do velho Rendeiro. Rodeavam-no, riam-se com ele, e deixavam-no namorar a Florinda, à porta, enquanto a mãe dobava o linho para as redes, à tarde... E ali ficava pela noite dentro, sumido no portal, a saborear no vivo o que as mãos dela lhe sugeriam à frente de todos.

Submissa e composteira, exultava a maioria da varinagem com o apego do lavrador à gente do rio e aos seus gostos, achando vaidades na companhia, se não vantagens, por se tratar de quem poderia facilitar fretes aos barcos ou resolver aborrecimentos com os esbirros da justiça e do município. É bom ter amigos nem que seja no Inferno... E o Chico Moleira que o confirmasse, pois safara-se, por intervenção de António Lúcio, duma zaragata com um moço de fretes, em que ambos haviam puxado de navalhas para resolver a contenda. Dissera-se então, por exagero, que o poupava a dois anos de prisão na costa de África.

Certas velhas, porém, não viam com bons olhos aquelas liberdades do filho de Diogo Relvas com a Florinda Farula, o que logo foi agarrado por alguns rapazes ciumentos do namoro e por outros, bem poucos, que se davam com caixeiros e operários da vila, gente de ideias republicanas ou libertárias, sempre a rosnar contra padres, fidalgos e ricaços. “Um dia, concretizara a Ana Ginguinha, o lavrador põe a água barrenta e depois vai ser um dos nossos netos que a tem de

beber.” Mas esta oposição era clandestina; ficava-se em sussurros e olhares de reprovação, ou ia, quando muito, até ao abandono do baile, nas noites em que António Lúcio aparecia a cavalo ou de charreta.

Dessa vez em que Deus, metendo por linhas tortas, escreveu a direito, o morgado dos Relvas mandara aparelhar a égua pigarça à aranha preta de grandes rodas amarelas, e lá partira, para o aconchego da Florinda, entre estalidos do pingalim que manejava com alardes de domador de circo. E vá de bailar o que calhava, ó canas, ó real das canas,/quem te mandou aqui vir,/ se eu agora te matasse/quem te houvera de acudir... ; pegou na bandurra e zangarreou-a a seu modo, alargou-se mais do que nunca a pagar rodadas de vinho a quem calhava, por conta do esfolanço ao prior, e escorregou ele próprio nos copos, pois nessa noite foram muitos os rapazes que o fizeram beber, considerando-se desfeiteados se ele não lhes aceitasse a oferta.

Ó canas, ó real das canas/quem te mandou aqui vir...

Às tantas, sem conseguir encostar-se à porta da Florinda, partiu com certo grupo a fazer serenata pela vila. Perdeu o tino.

E eram já cinco da manhã quando a égua pigarça apareceu ao portão da quinta com ele a dormir na boleia da aranha. Joaquim Taranta lá o acordou como pôde, pediu ajuda ao Atouguia para o meter em casa, e o rapaz só deu por si, às tantas, perto do meio-dia, quando o irmão lhe apareceu no quarto, a lembrar que os preceptores e o padre Alvim esperavam por eles na casa de jantar. Mal acabara, porém, de lhe falar naquilo, largara-se a rir num disparate de gargalhadas; até batia com as mãos nas coxas e saltava, o palerma. Que bicho lhe mordera? António Lúcio não percebia, espantado e meio tonto, e só dizia:

- Parece que me puseram meias solas na língua.

- O mano António já se viu ao espelho? (E ria-se, ria-se.) Vá lá ver a sua cara...

O valdevinos endireitou-se com o espelho, fez uma careta, apalpou o rosto todo por mais duma vez, e ficou à procura de qualquer coisa que lhe faltava.

- Acabe lá com essa risota! - gritou enfurecido.

Queria tomar consciência do que se passara, buscava na confusão da memória indícios que o fizessem perceber onde perdera ele a guia esquerda do seu bigode majestoso e arruivado. Sentiu-se alvo da galhofa da varinagem.

- Quem seria o filho da mãe?! Cortava-o a cavalo-marinho... Palavra de honra!...

Miguel João ria-se agora para dentro, recordando as longas horas perdidas pelo irmão no trato dos pêlos imponentes da bigodeira, e compreendia o seu

embaraço em explicar aquela perda às pessoas da casa, e, ainda mais, ao pai Diogo quando chegasse de Espanha.

- Ao menos cortassem as duas guias... E julgava eu que eram meus amigos...

- Se calhar a Florinda...

- Não meta nisto a Florinda, faça favor.

Sentia-se capaz de chorar de raiva, de cometer uma violência contra alguém; sim, cortar a cavalo-marinho quem tivera a ousadia de se rir dele! Pensou, sobressaltado, no dinheiro que levava, foi às algibeiras procurá-lo e encontrou-o. Mas com ele ainda encontrou um papel escrito aos gatafunhos. Passou-o ao irmão e este conseguiu ler: “Desta vez foi só a guia do bigode. Mas há umas navalhinhas que limpam muito bem as tripas dos ricos.” E, por baixo, em letra maior: “Viva a República!”

Olharam-se com espanto perante a insólita revelação, como se eles próprios vissem a água do Tejo semeada de pinhal ou os toiros da casa ganharem asas e emigrarem para o Norte de Africa, à chegada do Outono. Mas o que faziam, afinal, o presidente da Câmara, e os esbirros, e as “moscas da polícia secreta?... O pai não devia ter conhecimento daquilo e era necessário dizer-lho, concluía o Miguel João.

- O mano é parvo! Gostava que lhe contassem também do fantasma branco corrido a tiro?

- Mas isto é mais grave...

Sim, muito, muito grave, concordaram ambos; bem procedia o pai em dar pouca confiança à gentilha da vila, uns ingratos, embora não fosse justo considerar todos pela mesma bitola; mas se a doença maçónica já atingira a gente do rio, tão santanária e humilde, a maior parte do povo deveria estar corrompida de há muito. Julgaram-se rodeados de inimigos naquele momento. E foi preciso que o Miguel João chamasse o padre Alvim, para se sentirem mais calmos.

O velho capelão sorria ao encarar António Lúcio amputado e gozava o prazer da pequena desforra, tão cedo obtida. Garantia-lhes, contudo, que não se assustassem, a monarquia estava bem firme, para a canalha haveria a cadeia e o degredo em África, e ele próprio comprometia-se a tratar do caso com as autoridades concelhias, pedindo-lhes sigilo, claro, de maneira a que o pai Relvas não soubesse do desrespeito ao filho. Era um ultraje, uma verdadeira ameaça de subversão.

E propôs-se, solícito, a consertar a outra guia do bigode do menino António, o que fez com requintes no pipilar da tesoura. O rapaz estava passado.

- Batessem-me, esfrangalhassem-me à pancada, mas isto é realmente um requinte de malvadez...

- Sim, um verdadeiro requinte - concordava o cura -, pelo que tem de simbólico. Se não fosse por causa do seu pai, era caso para apresentar queixa e levar os malandrins ao tribunal.

- Nem tanto, padre Alvim - interveio Miguel.

- A intenção é que conta, menino.

Foi a intenção que contou quando as “moscas” da vila começaram a vasculhar no bairro dos varinos, procurando saber quem acompanhara o morgado dos Relvas na noite do bailarico. Os suspeitos foram levados à Câmara e convenientemente apertados, entre ameaças e alguns safanões, sob pena de terem enxovia se contassem lá fora o que ali se passava. “Onde tinham escondido a guia do bigode do Sr. António Lúcio Villaverde Relvas?!... Quem lha cortara? Não sucederia mal a ninguém, se o confessassem; mas a mal... ah! sim, a mal a coisa iria acabar em pena maior.”

Diogo Relvas regressou à quinta e as averiguações afrouxaram, quando um dos varinos, já apoquentado com tanto interrogatório, se propôs falar-lhe para garantir a inocência dos acusados. E o padre Alvim mandou aliviar, de acordo com António Lúcio, que explicara ao pai a insolência de ter mudado de bigode, sem consentimento seu, por um desastre do barbeiro no manejo do ferro de frisar, demasiado quente...

Deslumbrado com o sucesso da ganadaria na toirada real, o patrão Relvas aceitou a explicação do filho; enquanto o velho prior se deliciava com a vingança de Job, a cujo livro se dedicara nas horas de ócio, sublinhando-o, a lápis, nas passagens mais significativas.

- Porque agora, dormindo, estaria em silêncio, e descansaria no meu sono.

Juntamente com os reis e conselheiros da terra, que fabricam para si solidões:

Ou como os príncipes, que possuem o ouro, e enchem as suas casas de prata:

Ou como o aborto que se oculta não existiria, ou como os que depois de concebidos não viram a luz...

... Por que foi concedida luz ao miserável, e vida aos que estão em amargura de ânimo?

... Os que temem a geada cairá sobre eles neve.

... A terra foi entregue nas mãos do ímpio; cobre com um véu os olhos dos seus juízes: se não é Deus quem é logo?

... Se for mau, desgraçado de mim; mas se for justo, não levantarei cabeça, farto de aflição e de miséria.

- Para ti só se hão-de calar os homens? E depois de zombares dos outros, ninguém te há-de confundir?

... Derrama desprezo sobre os príncipes, elevando outra vez aos que foram oprimidos.

Secreta, a vingança miúda do capelão da quinta suspendera o tracejar da Bíblia. Um dia a daria a ler ao menino António Lúcio.

Mas quem exagerou, foi o Zé Segeiro, quando se resolveu a entregar ao lavrador de Aldebarã o lençol do avejão. Despachara a gaibéua para a terra, mas agora não podia com a sua ausência, e dispusera-se a tudo.

- Quem foi, não sei, patrão Diogo! Eu bem lhe fiz a pontaria...

- Que foi que fizeste, Zé?

- Atirei três tiros ao fantasma...

- Pra lhe acertares?

- Pra lhe acertar, sim senhor.

O lavrador tornara-se pálido. Tomou o lençol nas mãos, despediu o servo e mandou vir os filhos à sua presença. Ambos, porém, se fizeram de novas; Diogo Relvas insistiu, sem perder a serenidade, e concluiu a conversa:

- Amanhã mesmo, de madrugada, vocês partirão para o Monte de Cuba... Passam lá dois meses... Um de vocês irá dizer ao Zé Segeiro para os acompanhar. Hão-de fazer boa companhia uns aos outros..

Miguel João propôs-se falar.

- Acabou-se a conversa. Tudo o que dissesse agora vinha fora de tempo... Na nossa casa não há coisas fora de tempo. Ou n-não?!

Capítulo XIII

Histórias miguelistas

Quem passou pior os primeiros dias de degredo no Alentejo foi o Zé Segeiro. Embora levasse o encargo de reparar todos os carros do monte, doía-lhe a ausência da gaibéua e a certeza de que o patrão o quisera castigar, mandando-o para ali com os dois filhos, esses malandros, que ainda gozavam com a sua má sina. Um deles - qual seria? ah, se o adivinhasse!... era o causador daquela desgraça de se ver mais uma vez sem companheira. E da vergonha que passara em Aldebarã, onde lhe fizeram uma sogada de motejos e chocalhos, como se a aldeia fosse atravessada por alguma manada de toiros espantados.

E o patrão Diogo, ainda por cima, fazia-lhe a desfeita de metê-lo naquele ermo, ali mesmo na presença do enxovalhador da sua honra. Gaita!, que era sujar as barbas a um homem! E que mal fizera ele a semelhante gente?!... Mais de cinquenta anos a servi-los em suor e pachorra, para tudo era o Zé Segeiro, anda cá Zé, vê lá se és capaz de me fazer um carro como este, e ele sempre com as artes prontas a fazer-lhes as vontadinhas, a moer a cabeça para tirar os desenhos e a linha bonita das carruagens, noites inteiras sem dormir e dias mal-comidos, só com os brios de ver nascer das suas mãos um trem ou uma charreta, onde os cavalos da casa pareciam estampas de livros. Sujaram-lhe a honra, queixara-se a quem devia, e atiravam-no para ali como a um monte de esterco.

Ruminava vingança, mal cabida no corpo baixote, e talvez por isso gastasse o dia a falar sozinho. Palavras tolas, diria quem o ouvisse a morder no silêncio, arreganhando a dentuça rala, como se alguém lho arrancasse às mãos deformadas. Pegava na ferramenta e toca de trabucar com gana, assim a modos para castigar o corpo, e vá de lamentações só consigo, num desfiar de lembranças amargas. E daí a instantes, de repente, alevantava-se-lhe no sangue um acesso mais bravio, punha-se a ralar com as paredes do alpendre e tirava o chapéu da cabeça para jogá-lo ao chão e pisá-lo, em saltos desajeitados de bode tonto.

Quando a ira ardia quase por inteiro, sentava-se no chão e fumava um cigarro. Sempre a olhar a enxó. Afiava-a todos os dias, mais duma vez, e sonhava-

se a desbastar o pescoço do malandro que lhe arruinara o último quartel da vida. Qual deles seria?!... Dum ao outro fizesse o Diabo a escolha. Sentia-se incapaz de agir, um caca de pombo, era lá homem para tirar uma desforra de sangue; e então com gente daquela... Por isso falava sozinho. Falava e zangava-se, todo arremessado em raivas de gestos abertos.

Perto, no canil dos mastins para a caça às lebres, Chico Bem-Fadado assobiava que nem uma fanfarra. Era um gosto ouvi-lo. Toda a canzoada deixava de ladrar e latir, mal vibrava no ar a estridência aguda do primeiro sopro dos seus lábios esticados e abertos numa pequena campânula. Só executava marchas triunfais com esse instrumento minúsculo, mas fazia-o quase com gênio, passando dos clarinetes para os trombones e destes para os cornetins, entre os quais sabia imaginar os rufos dos tambores e o grito estridente dos pratos. Cerrava os olhos miúdos e negros, nos momentos que mais lhe agradavam, balouçando levemente o corpo grande e gingão para marcar o ritmo marcial, como se uma batuta imaginária e portentosa o conduzisse na solfa. Nem isso arrefecia a fogueira de ódio do Zé Segeiro, desconfiado com os rodeios do outro; sempre a espreitá-lo. Julgava o artesão que o tratador dos cães lhe queria desvendar os milagres do ofício. E entretinha-se a enganá-lo, marralhando no serviço ou desfazendo o que reconstruía momentos antes.

Olhavam-se com hostilidade, falando-se por meias palavras, sem que qualquer deles ultrapassasse certo limite imaginário, imposto e aceito por ambos, que os deixava arredios, mesmo na hora do comer. Chico Bem-Fadado só mostrava alegria no assobiar. Quanto ao resto, era taciturno. Brusco na voz cantada; parecia dizer ameaças a toda a gente, até aos filhos do patrão, quando lhes preparava as montadas e soltava alguns dos mastins para os acompanharem nas corridas pela solidão do monte.

Enxuto de ancas, que mal lhe seguravam as calças, pernas escanifradas e busto largo, tinha mãos e braços de traga-moiros, compridos e poderosos. Não cuidava de asseios consigo, mas dava-se ao luxo dum bigode despontado que puxava para os cantos da boca, como se quisesse cosê-la a fios de cabelo. A mulher vinha com a filha trazer-lhes o comer e ali ficavam os quatro, em silêncio, debaixo do alpendre, enquanto a garota não apanhava um sopapo da mãe, ao primeiro gesto de empreender traquinice. E logo a tinham a chorar baba e ranho até o pai a puxar para o colo, onde adormecia com carícias daquela mão bruta. Zé Segeiro fechava-se também com eles, não era preciso muito lume no olho para perceber que não morriam de amizades por si, alentejões ao resto, desconfiados e falsos, era

o que pensava. Mas gostava da menina, com mil diachos, as crianças não têm culpa das malfeitorias da gente crescida. Malfeitorias era um modo atravessado de dizer: nunca lhe haviam dado má palavra ou escândula; podiam queixar-se dele pela mesma razão. No fundo, vendo bem, era só aquilo de lhe espreitar o trabalho, talvez para o aprender; era um ofício bonito, lá isso era, mas o Chico Bem-Fadado não tinha trombas para lhe conhecer os segredos. Aquilo fiava mais fino do que tratar cães!

E uma tarde, deviam estar os dois malandros dos Relvas a bater a sesta, pôs-se o Zé Segeiro a armar um carro pequeno, aí com dois palmos bem medidos, quatro rodas de bom azinho e uma lança comprida para o puxarem, onde a Marianita podia juntar bolota no montado ou ser conduzida em passeio, se houvesse alguém com disposição para lhe servir de besta. Fê-lo todo às escondidas, sempre a rosnar a mesma vingança morta à nascença, passou-o a grossa e lixa, deu-lhe duas demãos de tinta azul e pintou-lhe flores amarelas e vermelhas, muito missanguinhas, dentro do círculo das rodas. Depois desanimou quando o viu pronto. Eh!, pérolas a porcos!... E foi guardá-lo debaixo da tarimba onde dormia. Tarimba de preso, pensava o Zé, arrenegado.

Mas a Marianita veio fazer-lhe companhia certa manhã, falava pouco e mal; e perguntou-lhe, na sua língua tatibitate, se ele também tinha meninos. Contar-lhe a verdade, para quê?! Podia lá a Marianita perceber o que era ser pai dum filho, um homem já se vivo fosse, e não dar conta do que fazia nem por onde andava. Coisas da corna da mulher que Deus lhe dera... Abalara-lhe. Abalara com o filho, desculpando-se que ele tinha mau vinho e a tratava mal, sem explicar às pessoas que toda ela se desfazia em mel quando falava a algum homem. Era sina sua. Nunca houvera entre eles, a verdade devia contar-se a direito, outras razões que fossem essas. Asseada, não conhecia outra; podia comer-se um jantar no chão da sua casa. Ia dizer isto à criança?!... Pois é bem de ver que não. E para a não deixar sem resposta, agarrou no carro e deu-lho. Deu-lho e pôs-se a puxá-lo, depois de a sentar no leito de tabuinhas aplainadas. A Marianita fez uma festa. E abriu-se em tal alarido, que o pai apareceu a correr. Vinha desembestado, mas cravou-se no chão a dar à cabeça e aos braços. Morreu ali mesmo a má-fé entre os dois.

Foi daí que o Zé Segeiro soube que o Bem-Fadado recebera ordens do lavrador para o vigiar, principalmente quando os filhos estivessem perto. Arreceava-se dele e teria razão, se a têmpera do servo desse no rijo.

- Alentejano eu, compadre Zé? Não senhor, não sou. Nascido e baptizado na freguesia de Valada, mesmo à borda do Tejo. Mas vim praqui em menino. O meu pai era o Bem-Fadado, um homem muito conhecido no seu tempo.

O Chico não adiantou muito a conversa e o Zé não lha puxou, de tal maneira se deixou enlear na vingança que o patrão temia.

Mas uma noite, no pino do Verão, soube um pouco do romance dos Bem-Fadados. O menino Miguel fazia anos. Mandaram matar um bácoro e abancaram juntos na cozinha da casa do lavrador. Zé Segeiro foi à má cara, ficou trombudo e comeu pouco durante a ceia; mas o menino Miguel obrigou-o a beber e a raiva antiga foi-se-lhe com a bêbeda. Falaram de cavalos e de toiros, de ferras e derribas, cada qual contou a sua história, e vai o Chico pôs-se a falar de coisas da vida.

- O meu pai era António. António dos Reis, mais conhecido pelo Tóino Pimpão. Era campino da senhora Casa Cadaval, maioral das éguas afilladas, e viu um dia o senhor D. Miguel numa espera de gado bravo, vestido de campino e de vara ao ombro, parecia um arcanjo do povo, contava ele. Veio a guerra e o meu pai meteu-se nela. Ele dizia-me muitas vezes que a gente, por causa dum amigo, deve meter-se onde for preciso. E o senhor D. Miguel era amigo dele, tenho a certeza. Bailaram o fandango algumas vezes; o meu velho era um grande fandanguista, mas o Rei ainda o era mais, fazia tudo melhor do que ninguém, antes que aquelas mulas malditas lhe tivessem passado por cima e partido a perna. As mulas eram malhadas e deviam ser dos liberais, ensinadas pelos liberais, e logo ali foram mortas e queimadas pra que todos os malhados vissem o que lhes acontecia.

“E o mesmo aconteceu a muitos, contou-me o meu pai que Deus haja.

“ Ele viu queimar alguns liberais depois do povo lhes cuspir em cima, e bater-lhes, a caminho da forca, iam a pé, de pé descalço, e o povo juntava-se nas ruas para os castigar, e os fidalgos de verdade viam-nos das janelas com colchas, era festa, e os frades comiam doces e bebiam vinhos finos, porque aqueles malandros eram contra a Santa Religião e contra o nosso Rei...

“Eles iam vestidos de branco, os malandros, o meu pai viu-os, e davam umas voltas à forca antes de lhes passarem a corda pelo pescoço, e então o carrasco enfiava-lhes um capucho branco na cabeça e saltava-lhes pra cima dos ombros, e eles lá ficavam a dar às pernas até que os arriavam pra baixo. A alguns cortavam-lhes as cabeças e espetavam-nas em paus altos, pra que todos os malhados as vissem bem, o corpo desses, o resto do corpo desses assassinos, era queimado com os outros condenados..

“Parece que é uma coisa danada, eu nunca vi, mas gostava de ver...

“Parecem vivos, mexem os braços e as pernas como se fossem com elas já a caminho do Céu, mas esses não entram lá, tenho a certeza, vão acabar no Inferno, com a alma no Inferno, porque o corpo ficava em cinzas e as cinzas eram deitadas ao mar...

“E não mataram todos quantos era preciso, dizia o meu pai, e ele contou-me que aqui no Alentejo, mataram mais de trinta, a machado, no Castelo de Estremoz, e outros tantos e o dobro em Vila Viçosa, uns presos que iam de Lisboa para o Forte de Elvas; aquilo era gente que não merecia cadeia, porque o Mafarrico estava da banda deles e a guerra pendeu para a sua banda, e o meu pai teve de fugir, meteu-se com outros por este Alentejo dentro e foi ao Algarve juntar-se à quadrilha do Remexido... Esse é que era um homem! Valia todos os generais dos malhados..

“O meu pai à sua beira. Era baixo e forte, tinha barbas compridas, mais compridas do que o pai dos meninos, o Sr. Diogo Relvas... Foi com ele que o meu pai ganhou a alcunha do Bem-Fadado, e eu hoje sou o Chico Bem-Fadado, nunca dei outro nome em qualquer parte. Andavam não sei quantos mil soldados atrás deles, eles conheciam a terra a palmos, desapareciam como nuvens, e um dia deram com uma guerrilha grande, quem mandava nela era o pobre Marçal Espada, e uns tantos atiram em cima do meu pai, eram mais de dez, e ele bateu-se com todos e conseguiu fugir...

“Deixou de ser o Tóino Pimpão e passou a chamar-se Bem-Fadado.

“O Remexido era o Rei da Serra, miguelista, sim senhor, e o meu pai esteve com ele até ao fim, nunca virou a cara à morte... Um dia prenderam-no, e aqueles assassinos dos liberais levaram-no a conselho de guerra e condenaram-no à morte... Ao Remexido.

“Faz hoje... hoje dia dois de Agosto quase sessenta anos. Quantos anos tem o menino Miguel?”

- Dezassete.

- O meu pai ainda andou nas guerrilhas depois de matarem o chefe... Quem mandava nele era o padre Marçal Espada, e a esse mataram-no quando fugia também. Nem a ajuda dos espanhóis salvou a gente...

“Um dia perguntei ao meu pai quantos malhados tinham caído à bala da espingarda dele, e ele disse-me que não sabia porque não tinha matado todos... E o mal é o que se vê. O Portugal vai cada vez a pior...

“Voltou a Valada um tempo depois. Fez pra lá muitos filhos; as mulheres gostavam dele por causa da fama que tinha de valente, e eu tive sorte, fui o último,

e ele não me deixou nem à minha mãe. Mas nunca mais foi campino, nunca mais foi capaz de ser campino. Vivia da caça, metia um tiro, sei lá a quantos metros!, na boca duma garrafa. Foi por isso que o Sr. Diogo Relvas o trouxe para aqui.

“Viemos tinha eu cinco anos. Estou quase com trinta e ele fez-me aos sessenta; a minha mãe tinha vinte e dois, era uma rapariga, mas não via outra coisa. Morreu ainda antes dele... Morreu mirradinha de tísica que nem um pau queimado.”

Zé Segeiro nunca pensava que o Chico conseguisse falar tanto tempo. Invejava-lhe o pai, queria ele próprio ter a mesma tèmpera, para perguntar àqueles dois que estavam à sua frente quem lhe manchara a cama.

- E tu já mataste alguém? - perguntou António Lúcio.

- Nunca; nunca matei - respondeu o Bem-Fadado.

Estavam os quatro sozinhos.

- Só um dia... - prosseguiu o Chico. Mas logo se calou.

- Um dia o quê! - insistiu Miguel João.

- Conta lá - exigiu António Lúcio, enchendo-lhe o copo até deitar por fora.

Viam-lhe as mãos trémulas, a afagar o bigode que puxava para a boca.

- Houve aqui um gajo, o Quintas, que fazia aí uma terra dos senhores. Um dia não quis pagar a renda, desculpou-se que a colheita fora fraca, e ameaçou o paizinho dos meninos. Que o matava!...

Veio-lhe um sorriso de longe, espreitou-lhe no rosto, e depois mostrou-se por inteiro, brilhando também nos olhos negros e pequenos.

- O seu pai contou-me e eu disse: “Deixe cá o homem comigo...”

“Andei a espiá-lo três meses, todos os dias... Passei a andar com uma corda, aqui, neste ombro. E uma manhã vi-o entrar, sozinho, num celeiro pequeno e velho; entrei atrás dele e fechei a porta. Estávamos os dois num ermo; tudo isto é um ermo. Nem sei como ainda não endoideci. Os cães é que me ajudam a passar o tempo. Os cães e o vinho.

“Ele viu-me e perguntou-me ‘o que queres daqui?’ e eu disse-lhe: venho saber se ainda queres matar o meu patrão. Tratei-o logo por tu, para ele saber que a coisa não ia a bem. E não foi... Atirou-se danado a mim, parecia que estava raivoso, o homem, e eu agarrei-o para debaixo do meu corpo, já tinha tudo pensado...”

“Puxei da navalha e ele gritou-me que não o matasse, dava-me tudo o que quisesse. Pagava-me a mim a renda que não queria dar ao paizinho. E eu só lhe disse: mete o dinheiro onde quiseses, arranja-te como quiseses, mas desfeiteaste o

meu patrão, foi ele que valeu ao meu pai quando ele estava velho, e o meu pai foi um homem valente, da quadrilha do Remexido, já ouviste falar nele, com certeza.

“O Quintas tremeu todo debaixo de mim, parecia até que o corpo lhe desaparecia com medo. Cá estava o homem!... Tinha medo. Não era preciso mais nada. Agarrei-lhe numa orelha e cortei-lhe um bocado com a navalha; de princípio ele nem deu por isso, mas eu mostrei-lha e disse-lhe:

“Tens duas mortes à escolha: uma é esta, assim cortado aos bocados; um homem assim dura muito tempo, tem tempo de ver bem a morte e morde-lhe o corpo...

“A outra é melhor pra ti. Tens aqui esta corda e mata-te. Naquela trave. Fui eu que lhe escolhi a trave. Qual queres?!... E ele voltou-me a prometer dinheiro, prometeu-me a filha e a mulher, mas eu sabia que ele não me dava nada disso, era esperto mas ele não era capaz de enganar o filho do Tóino Bem-Fadado, o guerrilheiro. Ia-me meter logo na autoridade..

“Eu só lhe disse: vamos depressa com isso, tenho mais que fazer; daqui por meia hora vou dar o comer aos cães. E lembrei-me de lhe perguntar se ele queria que o deitasse aos cães. Então, ele gritou, gritou quanto pôde, mas ficou rouco, e depois já não dizia uma palavra, depois já não gritava...”

António Lúcio levantou-se, atirando com a cadeira, e mandou-o calar. Embaraçado, o Chico deu à cabeça.

- O homem desfeiteara o seu pai. E o seu pai disse-me: dá-lhe uma lição...

- Mas não te disse para o matares.

- Não, não senhor. Nem eu o matei. Mas a gente não precisa de ouvir as coisas todas.

- E o homem? - perguntou Miguel João.

- Enforcou-se. Foi ele que fez justiça plas suas mãos. Eu só lhe tirei um bocadinho da orelha pra ele perceber como era... Ele é que agarrou medo.

Zé Segeiro adormecera há muito, esmagado pelo vinho. Ressonava.

- Este velho é bom homem - disse o Bem-Fadado.

- O seu paizinho mandou-me tomar conta nele... Mas não faz mal a uma mosca.

Miguel João pegou num bocado de carne e pôs-se a mastigá-lo; custava-lhe a comer.

- E o que te disse mais?

- Mais nada...

Depois levantou-se e pediu licença para se retirar - queria ainda ver os cães.
Ia sempre vê-los antes de dormir.

- Este gajo é um assassino! - gritou António Lúcio, mal o viu sair a porta.

- Talvez...

- Vamos jogar às cartas lá pra cima. Preciso de esquecer esta conversa.

Capítulo XII

Mandar na chuva e começar a molhar-se

Ainda hoje se ria quando recordava a cara lívida do filho mais velho, ao receber ordem de cumprir pena de exílio, no Monte de Cuba, acompanhado pelo irmão e pelo Zé Segeiro. Quando o rapaz quisera explicar-lhe que aquele degredo público o comprometia perante os criados, argumentando também que já não era criança, ia casar-se em Novembro, Diogo Relvas só replicava: “- Estás certo de que não tens culpas?!” Mantivera a mesma carranca fechada, embora lhe espreitasse nos olhos um sorriso brindão. Gostava de experimentar, uma vez por outra, em que medida segurava as rédeas dos próprios filhos, oferecendo-lhes o açúcar e o chicote em doses sábias. Era uma forma de ternura por eles, no propósito de os preparar para a vida dura que sentia aproximar-se nos horizontes perturbados do mundo. Queria-os à altura das circunstâncias. Sabia, ah!, sabia perfeitamente!, que precisavam todos de ter mão firme para se manterem na boleia da caleche.

Gostava da imagem. Dissera-a num dia, em conversa com o Dr. Bernardino Gonçalves, o médico da casa, a propósito do craque da Áustria, arrastada pela crise americana de 1893. Chegara-lhe a notícia de que um milhão de desempregados aparecera nos Estados Unidos, quase de um dia para o outro, e vira nisso a prova de que a tentação da indústria estava a arrastar o homem para o abismo. Confrangia-se com a falta de lucidez daqueles que comprometiam o futuro pela ânsia doentia de lucros mais apressados. O dinheiro, em seu entender, deveria andar, nunca estar quieto, sim, não gostava de ver os filhos e o dinheiro parados, era sinal de doença; mas também se uns e outros fossem atacados da demência de correrem sempre, sempre e cada vez mais, perguntava: quem seria capaz de manter as rédeas na mão, evitando que a caleche se voltasse?

Ainda há pouco tempo, na fábrica de lanifícios onde tinha posição por herança dos Villaverdes, os operários e operárias viviam ali em regime de internamento, trabalhando dezasseis horas; agora faziam greves, batendo-se pelas dez horas, e exigindo salários iguais. Quem pagaria a diferença?!... Não seria isso

uma medida contra todos?!... Contra os próprios operários e talvez mais contra eles, que se haviam tornado em verdadeiro coito de ideias absurdas.

Por bizarra coincidência, falava nisto com o presidente da Câmara, dentro da caleche negra, puxada a parelha de éguas isabel, que usava nas vindas à vila para tratar de assuntos oficiais. Era essa a carruagem das solenidades. O trono volante do “manda-chuva”, como lhe chamavam os republicanos, essa canalha, a que se haviam unido agora os progressistas - ah! , a cegueira desse Zé Luciano!...

O momento era grave, sem dúvida, pelas dissensões que minavam os partidos monárquicos, cegos, cegos e moços de cegos, e ainda bem que o Hintze e o João Franco se tinham entendido para criarem a ditadura, acabando com essas veleidades liberais, tão do gosto do pai, mas que começavam a não ter sentido, em virtude do País não saber usá-las. Vira-se o resultado. A liberdade era um mito perigoso quando chegava ao povo. O povo era menor e precisava de tutores que o conduzissem, que o afastassem de certos perigos mortais, cujas consequências precisavam de ser previstas, e evitadas, à força, se fosse necessário. Ainda bem que o juiz Veiga estava vigilante e se mostrava de mão firme no castigo.

- Nunca deixe que a mão lhe trema - dizia para o presidente da Câmara. - Vivemos horas extremas... Nessas, já sabe, estarei aqui ao seu lado. Nunca voltei a cara ao perigo. Não desejo ser um homem público... mas quero ser um homem. É a diferença.

- Os comerciantes andam a mexer-se...

- Faça-se como o meu avô dizia: chicote! E com força!... O Governo vai no bom caminho, e já não era sem tempo. Levantaram-se as associações do comércio e da indústria contra as medidas da Fazenda, fecharam-nas; os progressistas espinotearam contra o adiantamento das eleições, adiaram-se. Se houver mão firme, eles encolhem-se.

- Talvez...

- Não podemos ficar no talvez, meu caro Sousa. Talvez é dúvida, e as dúvidas nestes momentos são sinónimo de traição. O talvez é já o micróbio do inimigo..

- Considero-me incorrupto.

- Então, não receie, vá para diante.

- É mais fácil dizê-lo do que fazê-lo, Diogo Relvas.

Recebeu a resposta como uma bofetada e encrespou-se. Turvaram-se-lhe os olhos cor de oiro velho, ou de lodo. Certo lodo dos esteiros do Tejo tem a mesma cor.

- Um dos meus filhos fez há meses uma pequena leviandade. Coisas próprias de rapaz! Perguntei aos dois o que havia, e calaram-se. Espetei com ambos em Cuba. (Gozou uma pausa.) E exactamente com o criado que se queixara, para se verem bem uns aos outros...

O outro pensava: "Castigaste só o criado, meu velho. Que dias lhe deste!"

Mas disse com bonomia:

- Você, Diogo Relvas, dava um óptimo presidente de câmara...

- Já sabe que tenho a minha vida - retorquiu com azedume. - Mas se um dia a perturbação for longe de mais, também irei até aí. (Depois desfez a bola ácida das palavras.) No dia em que você, Sousa Madureira, entender retirar-se: o que espero não seja breve nem nunca.

Era uma amabilidade e uma ameaça. O outro sabia bem que dependia dele. E, então, estendeu-lhe a mão açucarada.

- O lugar é o homem, Sousa Madureira. E você tem cumprido o seu... As vezes, porém, o seu coração é grande de mais para certa gente. Vigie-me bem esses republicanos e quejandos. Ande-lhes em cima, pregue-lhes o seu susto... Um bom susto, a tempo, evita violências maiores. Atente bem na situação: a França apertada com a gente por causa do empreiteiro do porto de Lisboa, esse tal Hersent; a Alemanha toma-nos a baía de Quionga, em Moçambique; os macacos dos brasileiros refilam, por termos concedido o direito de asilo, nos nossos navios, aos revoltosos duma insurreição qualquer. E vamos permitir neste momento perturbado...

- O Governo pensa fechar o Parlamento - concluiu o outro para se mostrar no segredo obscuro da política.

- Já o devia ter feito.

- As frutas colhem-se no seu tempo...

- Quando não há o perigo de se perderem com a espera; doutra maneira, é melhor apanhá-las em verde. Sempre dá para o gado.

Deixou o presidente à porta dos Paços do Concelho, e bateu a vila, na caleche, para visitar amigos e apensos. Mas nos momentos mais graves, preferia deslocar-se a cavalo. Sozinho. Para que todos o vissem bem.

Assim fez, meses depois, quando a ditadura Hintze-Franco publicou novo Código Administrativo, com alterações à lei eleitoral, extinguindo as minorias, e arreatando o Município à tutela dura do Magistério do Reino. As oposições enfureciam-se. A manobra governamental acertara em cheio: alargar os círculos de eleitores aos limites distritais era comprometer o prestígio acentuado dos

republicanos e progressistas nas cidades, dissolvendo-os com os votos das vilas e aldeias, onde o senhor agrário dispunha e agia, como se se estivesse em plena Idade Média.

Diogo Relvas passeou-se na vila, num deslumbrante cavalo rosilho, mistura de pêlos cor de canela e branco, um rosilho mil-flores, de tinta geral a puxar ao cor-de-rosa e de pequenas malhas brancas por todo o corpo. Era um bicho soberbo, de formas apuradas e de maneiras raras. O Zé Pedro Borda-d'Água é que o desbastara, pagando a façanha com duas costelas partidas.

Foi dessa mesma montada que o lavrador se apeou à porta da igreja, quando em Novembro de 1895 se convocaram os colégios eleitorais. Apesar de a oposição se abster e a vitória dos regeneradores não deixar dúvidas, chegou a Aldebarã perto do meio-dia.

O largo estava cheio de criados, de pequenos lojistas e artesãos que viviam na quinta da Mãe-do-Sol. Esses estavam apeados, em grupos e grupelhos, apesar de a chuva não deixar de cair. Os feitores e abegões, os maiores de gado e os maiores de gente, todo o séquito do seu reino, esperavam-no a cavalo, rodeando os dois filhos que haviam chegado antes. António Lúcio casara no ano anterior e viera, com o irmão, da quinta que o pai lhe distribuía como prenda de noivado. Emagrecera. Uma tosse mesquinha, mas permanente, não o largava, depois do acidente que sofrera na última cheia.

Assim que se ouviu, ao longe, a batida dos passos solitários de um cavalo, as conversas pararam. Descobriram-se os servos, apearam-se os ginetes, e todos abriram alas para o Relvas passar. Só os dois filhos continuavam montados, de jaqueta e calça à ribatejana, embora tivessem tirado os chapéus de aba rija quando o vulto do pai surgiu na rua comprida, onde as mulheres apareciam às portas para o verem passar, fazerem-lhe respeitosa vénia e desejarem que Deus o levasse em bem. E em bem ali vinha o lavrador, no cumprimento do seu dever cívico.

O silêncio anunciou aos da mesa eleitoral a sua aproximação; e aí correram, pressurosos, aparecendo no alto da escadaria da igreja, a distribuírem pequenas cotoveladas, para se mostrarem melhor uns do que outros. Miguel João e António Lúcio fizeram as éguas tomar o lugar que lhes cabia, cada uma a seu lado, e de frente. Diogo Relvas só levava a ponta dos dedos da mão direita ao chapéu preto, como se não olhasse ninguém. Mas via todos, um por um, e eles sabiam-no.

Quando parou, os filhos baixaram-lhe a cabeça e saltaram ao mesmo tempo dos selins, enquanto o presidente da mesa descia as escadas, sozinho, como se fizesse uma pequena escala num piano mal afinado. Miguel tomou as rédeas do

baio, sem deixar as da sua montada; António Lúcio pôs-se junto dos estribos do pai e cumprimentou-o, tomando-lhe a mão para a beijar e receber a bênção. De um magote de gente, foi a vez do guarda-livros, o preceptor e os apontadores avançarem, endomingados nos fatos e nos sorrisos. Mas tiveram de aguardar que Miguel João se abençoasse, para depois pegarem, com as pontas dos dedos, na manápula estendida pelo lavrador. Um pouco atrasado, o padre Alvim veio fazer a sua vénia, entendendo-se, num olhar rápido, com o presidente da mesa. Voltou este com os acólitos, a tomarem a solenidade do cargo soberano do acto, segundo a lei consignava.

Daí a instantes, o tempo suficiente para que lá dentro tudo se compusesse, o cortejo rompeu com o Relvas à frente, um pouco agastado com a proposta do preceptor que viera perguntar-lhe, em segredo, se não era melhor ouvirem-se umas palmas. “Julga que sou algum actor? O senhor é parvo!” E correrá-o com um safanão da sua frente, indignado, a pensar que aquele fraldiqueiro seria posto na rua, hoje mesmo, sem mais explicações. Idiota!

Nervosos, os da mesa mexiam nos cadernos eleitorais, na urna e nas próprias mãos, como se quisessem limpá-las de qualquer coisa feia que se lhes tivesse pegado.

- Deus os salve, meus senhores! - disse o lavrador.

Atrás dele vinha um rabo de gente, largo, pesado e silencioso. Os criados ficaram à porta, a espreitar.

- Já votou alguém?

- Votou a mesa, patrão Diogo Relvas.

Num gesto dos dedos, o senhor de Aldebarã mandou vir qualquer coisa, e logo um dos secretários abriu a gaveta e tirou dois maços de votos, entregando-os a medo, não fosse o amo aborrecer-se por não lhe franquear outros tantos. Também só tinha mais um maço, a dizer a verdade, porque a hora obrigava a economias profundas. Nada de supérfluos, proclamara o ministro da Fazenda num discurso célebre.

O lavrador olhou à volta com os votos numa das mãos, deu um maço a cada filho para lho desatar, e, num sinal de cabeça, ordenou ao presidente que destapassem a urna, o que este fez, como um prestidigitador, segurando a tampa com a ponta dos dedos frágeis. Diogo Relvas debruçou-se sobre a caixa de folha e afundou a mão lá dentro, um pouco à maneira dos espadas que estoquearam os seus toiros em Madrid; e, um tanto como estes, erguera a fronte e sorrira, vitorioso, dando dois passos à retaguarda.

A eleição caíra, redonda, como um toiro.

Votavam duma vez todos os que tinham ficado lá fora; e não só esses como todos os ausentes, mortos e vivos, que não quiseram aparecer naquela manhã de chuva. Depois fez-se a chamada de António Lúcio, do guarda-livros, do preceptor e dos restantes que mereciam segurar o boletim na mão. A percentagem foi alta. O presidente da mesa veio mostrar a certidão que se deveria afixar à porta, mas Diogo Relvas não concordou.

- Noventa e oito por cento é um disparate, ó professor Matos! Nada de exageros... Ponha lá noventa e dois, que está na conta.

O professor voltou à mesa e irritou-se com o secretário, que não percebia a diferença. Limitara-se a calcular o número dado pelos escrutinadores e considerava um absurdo que o patrão Relvas quisesse diminuir a voz das urnas.

- Podemos ir ao almoço? - perguntou o lavrador.

- Com certeza...

- Meus senhores! - disse ao despedir-se.

Apertou a mão do presidente da mesa e saiu com o mesmo aparato, embora os dois filhos seguissem agora a seu lado, radiantes todos, mas só nos olhos. Montaram a cavalo e partiram a passo, enquanto a multidão se desfazia no largo de Aldebarã. O menino Miguel lembrou-se da gaibéua, mas ao calor da recordação juntou-se depois um frio maior.

O pai dizia ao morgado:

- Não gosto de o ver assim, meu filho. Já foi ao médico?...

A meio caminho dos respectivos palácios, Maria Luísa Sampaio Andrade, a mulher de António Lúcio, apareceu num trem, com a cunhada e Rui Diogo, o filho mais velho de Emília Adelaide. Voltavam de dar um passeio pelas matas e queriam saber notícias. Maria Luísa é que estava interessada; mas o sogro não lhe deu tempo à curiosidade, pois recomendou-lhe que olhasse pela saúde do marido. E foi muito intencional no tom de voz com que sublinhou essas palavras.

- Lá vem o manda-chuva! - disse, à porta de certa loja da Rua dos Mercadores, o chefe jacobino da vila.

Nesse dia, também de Inverno, voltou Diogo Relvas a passear-se a cavalo. Das expedições militares enviadas às colónias chegavam notícias de êxitos constantes - era a resposta às manobras inglesas que apoiavam os vátuas do Gungunhana. E o lavrador de Aldebarã vinha mostrar-se, não por causa dessas glórias, mas para que o vissem bem os que o hostilizavam por aplaudir a lei de 13 de Fevereiro de 1897.

- Sim, senhor, aí estava uma boa prova do Poder - já o proclamara dentro dos Paços do Concelho. - Processo sumário e secreto aos anarquistas com arrumação em Timor. Quem não quiser ser lobo não lhe vista a pele ou não os acompanhe, pois aos suspeitos há que dar tratamento igual ao dos convictos.

Os republicanos sabiam que a forma de processo escondia o degredo de qualquer um ir malhar a Timor, por simples suspeita. Vivia-se no reino da suspeita e do medo. E, naquela hora agreste, Diogo Relvas esquecia que na sala do seu palácio havia duas simbólicas cabeças de cavalo. Mas a época não lhe deixava alternativas. Deixar crescer o escalracho da insubmissão popular era pôr em perigo os fundamentos da civilização. E nisso não pactuava.

Tinha a certeza de que o avô e o pai saberiam compreendê-lo. Lá estivera na Torre dos Quatro Ventos a confrontar-se com ambos; e não achara outra forma de velar pela eternidade da Pátria. Tomava um risco, sabia-o bem, mas cabia-lhe dar o exemplo no seu concelho, sacudindo os sonâmbulos.

E, para se provar, parou à porta de certa loja da Rua dos Mercadores, onde perorava o chefe jacobino da vila. Encarou-se com ele, embora fingindo que o não via, e chamou um dos empregados.

- Dizes ao teu patrão... Conheces-me?

- É o Sr. Diogo Relvas.

Acenou a cabeça, satisfeito com a resposta.

- Pois dize-lhe que estive aqui. Disseram-me que ele garantira ser capaz...

Arrependeu-se da bravata. Começava a perder a calma e o exemplo era mau.

- É melhor dizeres-lhe que estive aqui e que o espero no meu palácio, quando ele me quiser procurar... Não estou a dizer tudo o que queria. Entendes?

O patrão apareceu à porta, incitado pelos correigionários. Era um zé-ninguém de tamanho, mas tinha fama de corajoso.

- O cidadão vem para falar comigo? - perguntou o jacobino. - A que devo a sua visita?...

- Sou Diogo Relvas, sabes?... Disseram-me...

- As pessoas honestas não emprenham pelos ouvidos.

- Tens razão. Queres dizer-me de viva voz... Precisavas que te entrasse em casa, a cavalo. Ou n-não?

- Nunca me coibi de tomar a responsabilidade das minhas ideias.

- Fazes bem. Fui amigo do teu pai... era um santo homem.

- Um cidadão honrado...

- Espero que nunca o desmintas.

- Mesmo com ameaças.
- Então, estamos entendidos.

Mas o regresso à quinta tornou-se-lhe irritante. Sabia que não estivera à altura de si próprio, indo tomar satisfações a outrem por uma simples denúncia. Se acreditara nela, devia ter chegado ao fim; pegar num cavalo-marinho e zurzir o adversário. Mas a verdade é que o inimigo lhe parecera depois qualquer coisa, ou alguém, que se lhe escapava. Noutro tempo pensava que deveria deixar encargos destes aos políticos. E nessa altura é que estava lúcido.

“Preciso de continuar a ser lúcido... Enervar-me é já ceder ao inimigo. Mas será aquele o meu verdadeiro inimigo? Devo proibir ao Sousa Madureira que me traga denúncias. Ele está na Câmara para fazer o seu serviço. O pior é que gosto de saber o que se passa... Mas devo vencer essa tentação. Preciso de continuar a ser lúcido.”

Capítulo XV

Onde se assiste a desgraças e a coisas bonitas

A gracejar, o que não era agora muito do seu feitio, António Lúcio considerava histórico esse ano já distante de 94: - Fui degredado, ia morrendo e casei. Uma desgraça nunca vem só.

Não falava da Florinda e da guia cortada ao bigode majestático, dois desgostos no mesmo pé. Ainda esperara um recado da rapariga para se encontrarem em qualquer parte, fora do bairro dos varinos, mas nunca soube duma carta que ela lhe mandara para a quinta e concluía pela cumplicidade da Florinda nesse atentado à sua senhoria. Não lhe falassem agora de varinos. O Salsa e os outros campinos da casa acompanhavam-no no ódio secreto a tal malta, que só aparecia nas ferras do gado bravo para complicar o trabalho e ainda arranjar zaragatas com o mundo todo. Tinham a mania de pegar garraios, esses fraldiqueiros de pé descalço! Era darem-lhe para trás, ordenava ele quando o pai não vinha.

Do degredo no Alentejo só lhe ficaram boas recordações, ao resto. Gozara em cheio com a hostilidade do irmão e do Zé Segeiro, a quem provocara, certa noite, pondo-o a falar da gaibéua. O velho artesão metera-se em pormenores depois de o porem bem bebido, e fora um fartão de riso, quando o mano Miguel entrara em brios com ele garantindo-lhe que a rapariga não era nada do que o Segeiro dizia.

“- O menino bem podia deixar-ma... Para si aquilo era uma camisa rota e a mim fez-me falta; ao pobre até a camisa rota dá jeito. E o menino tinha as mulheres que queria, e bonitas, e asseadas... Ela era tão vergonhosa...

“- Achas que sim, Zé?

“- Se visse os trabalhos que passei prà trazer prà minha companhia... Era menina quando a apanhei. Não sabia uma pouca-vergonha.

“- Menina, aonde, Zé? - gracejava Miguel João.

“- Eu cegue agora mesmo... O menino desinquietou-ma; foi mal feito. E eu é que tive a culpa, vendo bem as coisas. Andava sempre a gabá-lo; que o menino era muito bom para todos, e lixei-me... Agora já não quero outra mulher das minhas

portas pra dentro... e fez-me falta, sabe? Uma mulher faz mais falta a um velho do que a um novo.

“- Pra quê, Zé?

“- Ora isso é lá pergunta que se faça. Um homem em velho tem mais frio; e o pior frio é o de dentro. A gente julgar que uma rapariga está ali plos nossos bonitos olhos, é uma boa coisa. E ela estava... E o menino roubou-ma. Se não fosse tudo o que devo ao seu paizinho, isto não ficava assim, menino Miguel...”

E, de repente, o Zé Segeiro pusera-se a chorar, convulsivamente, sobre a mesa onde tinham arranchado para comerem um bocado de lombo assado e beberem uns copos. “Chorava o vinho”, dissera António Lúcio na brincadeira; e Miguel João pusera-se a arranhar na ferida do velho, contando que fora a gaibéua quem se metera consigo, uma tarde, vinha ele, a cavalo, dum passeio pela borda do Tejo. Zé Segeiro pedia-lhe para não falar assim, não, não era bonito o menino mentir, e os dois viam-lhe os olhos acesos pelo ódio, confundidos de lágrimas, mas cheios de raiva impotente e desgraçada. E antes que pudessem intervir, o velho partira a garrafa no bordo da mesa e pusera-se a rasgar o rosto com os cacos. Ele, António Lúcio, é que o salvara da morte, atirando-lhe uma punhada pela banda dos queixos e pondo-o a dormir. Levaram-no à sede do concelho num carro de mulas, e custara-lhe menos a sarar as feridas dos golpes do que a ofensa do Miguel Relvas. António Lúcio resolveu escrever à irmã, a pedir-lhe quinhentos mil réis emprestados; foi-lhe fácil depois convencer o Segeiro a não voltar a Aldebarã. Que pensaria e faria o pai quando visse a cara retalhada do velho? Teve ainda de comprar o silêncio do abegão do Monte Pragal, incluindo no serviço a carta para o lavrador, a informá-lo de que o Zé fugira à vigilância dos mastins.

Miguel João lembrava-lhe algumas vezes a ferocidade do Segeiro a golpear-se e da resposta que lhe dera, ao ser perguntado quanto ao destino que iria dar àquela pequena fortuna. “Vou à procura da rapariga, não tenho vergonha de o dizer. Pode guardar-se vergonha, quando uma mulher faz falta?... Só peço ao menino para não contar a ninguém o que se passou.” E lá partira, no pino do calor, a caminho da estação mais próxima. Nessa altura condoera-se do velho.

Também decorridos dois meses desta invocação se condoeram dele, António Lúcio Villaverde Relvas, todos os que o julgaram morto na cheia grande da Lezíria.

O Inverno viera temporão. E logo nascera rijo, ao contrário das coisas prematuras que aparecem débeis e depressa se extinguem. Chegara na semana da feira de Vila Franca com maneiras de ciclone, levando a cúpula de dois circos e varrendo umas tantas barracas, inundara a arena da praça no fim da primeira

espera de toiros, e parecia ter-se sentido bem, porque se agarrou a toda a região ribeirinha do Tejo, em danações de vento e em chuvas cerradas. Ninguém o esperava assim coalhado naquela arremetida.

Retiraram-se os gados, à pressa, quando uma aziela entrou lá acima no Vau, e foi uma desgraça para alguns lavradores, que não fizeram caso e tiveram de deixar morrer muitas cabeças, pois algumas manadas, colhidas de surpresa, viram-se obrigadas a atravessar as águas para ganharem o caminho da Charneca. Fazia pena ver os animais, trôpegos e assustados, relinchando uns, mugindo outros, acompanhados pelo dobrar sinistro dos chocalhos, como se os levassem para a morte. E os toiros, feitos bichos sendeiros, seguiam os campinos e os seus óis, sem um arrebatamento de braveza. Pareciam manadas de cordeiros, tristes e submissos.

Ainda se podia dar graças, afinal, porque na altura das marés vivas não soprou o vento sul, o palmelão, e o Tejo não rompeu os valados da Ponta de Erva, juntando as suas águas às da aziela que entrara por cima e vinha carregada com o húmus da erosão doutras terras. As azielas carregam, de graça, os adubos vivos roubados pela chuva e depõem-nos sem canseiras, nas chãs lezirentas. É uma mãozada larga de oiro atirada a esmo para o saco do lavrador dali.

Diogo Relvas rejubilava. Aguentara as crises, colhera delas até alguns benefícios e via o tempo e a política porem-se da sua banda, o que o levava a reforçar a crença em certo rifão inventado por ele : “A sorte é um vento que sopra sempre a favor do mais forte.” E foi dar a sua volta habitual pelas propriedades do Alentejo, levando Miguel João por companheiro e deixando ao morgado a incumbência de velar pelas outras. Pô-lo em brios.

- Em pequeno queria ser barqueiro... Agora fica ao leme deste navio. Já sabe que se o barco está em perigo, o capitão é o último a abandoná-lo. Escreva-me todos os dias a dar notícias. E agradeça-me a confiança. Preciso de saber com quem posso contar.

Limitara-se a corresponder com uma vénia, depois de beijar a mão que o pai lhe estendera lá do alto da boleia do breque. Puseram-se-lhe os nervos de aço e prometeu-se demonstrar aos outros, naquela mesma hora, que um lavrador é alguma coisa mais do que um tirano.

Sim, exactamente: isto significa que António Lúcio não concordava com tudo o que o pai fazia.

Houve umas clareiras de sol, poucas, bem poucas, entre o cair da chuva cerrada. Mandara vigiar os valados, as abertas e o Mar de Cães, uma vala grande que atravessa toda a Lezíria, desde o Vau à Ponta de Erva, e a primeira aziela já se

sumia no Tejo depois de abandonar a riqueza coada dos nateiros. Erguia-se de madrugada, dava uma volta pelas cavaliças e pelo picadeiro, onde o Zé Pedro Borda-d'água preparava agora cavalos e éguas, recomendando-lhe logo no primeiro dia que não deixasse a irmã, a Maria do Pilar, tomar-lhe tempo, e aparecia no escritório antes do guarda-livros. Só falava com os dois feitores; nada de conversas com abegões ou maiores, como era hábito de Diogo Relvas. A disciplina deveria manter-se com o pleno respeito das hierarquias. Evitava confianças com o padre Alvim, a quem perdoara a dívida do jogo, e punha, a certa distância, os preceptores e a irmã mais nova, embora mantivesse o hábito de passar um bocado de tempo com Joaquim Taranta, o anão, talvez para simbolizar qualquer objectivo muito subtil que só ele poderia desvendar.

Dentro da cocheira do palácio, mantinha-se sempre arreada a égua que escolhera para o seu curto reinado durante a ausência paterna.

O anão cuidava dela com todo o carinho de que era capaz. Sem mulher nem filhos, dedicara-se aos meninos do patrão; e agora àquele mais do que a nenhum, porque nunca outro qualquer lhe dera também honra maior. Vir ali à noite, puxar dum banco igual ao seu e pôr-se a conversar, toma lá um cigarro destes, Joaquim Taranta, que me dizes a isto? Nem a Cereja, a égua que o patrão velho, salvo seja, legara ao menino Rui Diogo, lhe merecera mais galanteios do que a Doirada.

“- Que digo a isto, menino? Que vamos ter aí água de os cães a beberem de pé. Vai chegar uma cheia de rebentar tudo...

“- E porque dizes isso?

“- Ora!? gente aprende muito quando olha bem pràs coisas... E eu aqui é o que faço: trato dos animais e olho prò céu. Até plo cheiro que anda no ar eu sei o tempo que vem... Mais ou menos. E o cheiro que o vento traz da banda de cima, não é lá grande coisa!? Torcera mais a cara já torcida de si, pusera-se de pé, a saltitar nas pernitás bambas e disformes, e arrematara: “- Vem aí, esta noite, um inferno d'água.”

E o inferno começara cedo, e toda a noite, toda a noite sem parar um bafo de minuto, a chuva caiu, dobrada e redobrada ora sozinha em cordas grossas e direitas, ora tocada por vento nordeste que as empurrava, vergastando e mugindo na noite feia. António Lúcio ficara levantado até tarde, inquieto, mas o cansaço acabou por vencê-lo e atirou-se vestido sobre a cama. Derreado de todo, Nem pensou na preceptora inglesa. Parecia-lhe depois que mal pegara no sono, o seu dormir tinha orelhas nessa noite, e já ouvira chegar alguém ao pátio das colheitas aflito, talvez fosse a voz do Atouguia a contar ao anão e ao Zé Pedro a desgraça

que acontecera. Abriu a janela e indagou. Responderam-lhe que o Tejo abrira a boca num valado e vinha por aí abaixo a varrer tudo. Pela golada de água que se contava no cais, devia ser uma grande desgraça.

Desceu a correr e esperou que o Taranta lhe trouxesse a Doirada. Só vestira a samarra com gola de raposa por cima da jaqueta, e o Zé Pedro é que lhe lembrou para levar a capa de oleado. Partiu logo num galope, sozinho, não, não precisava que fossem com ele, mas o Atouguia fez a sua obrigação, seguindo-o a distância. Ao aproximar-se do cais ganhou um receio súbito, como se o coração lhe fraquejasse na ânsia de chegar depressa. Amarrou a égua a uma árvore e foi a pé, embuçado na capa, até à borda do Tejo. Numa taberna não cabia mais gente. Todo o pessoal se mostrava excitado com as notícias; o que bebia aguardente e o que esperava cá fora, em grupos, a que se tinham juntado algumas mulheres, em alarido de carpir e lágrimas. Atracados ao cais velho só havia três botes e uma fragata.

E foi então, mesmo na altura em que ia dar-se a conhecer, que uma voz rebentou por trás dele. Irada.

“- O gado já eles levaram para a Charneca... Isso custa-lhes dinheiro. Mas homens é quantos queiram... E por isso não s’importam com os homens.”

Voltou-se ainda para responder qualquer coisa àquela voz, mas achou que as palavras nada valiam naquela altura. Deu uma corrida à árvore, desamarrou a Doirada, e meteu com ela pelo cais abaixo.

- Eh!, arrais do barco!... Passe-me lá prà outra banda!

- Com um tempo destes?

- Pago o que for preciso...

- Duas libras em oiro, valeu? - replicou a voz da proa.

- Eu disse o que for preciso.

Já alguns o haviam reconhecido, mesmo antes de o Atouguia chegar a cavalo. Rodearam-no a oferecer-se.

- Não, obrigado. Vocês não vão lá fazer nada. Só preciso dum barco...

- Tem aí o dinheiro? - perguntaram de bordo, depois duma conversa entre a tripulação.

- Toda a gente aqui me conhece. Sou da casa Relvas. Serve?... Senão fica aí uma égua ou duas na mão do taberneiro.

Puxou a montada para junto do barco, fazendo-a descer com a ajuda de alguns campinos e dos dois camaradas da embarcação. O Atouguia insistia em acompanhá-lo. Mas o que ele queria, dissessem depressa, o que ele queria era saber

notícias. Afinal a cheia ainda não rompera o valado, pelo menos até à passagem duma fragata que vinha carregada de trigo e dera conta do que se passava lá para cima. O que havia era gente por todo o Campo, sem contar com um grupo de valadores da Senhora Companhia que fora para a Arriaga na véspera de manhã. Era preciso avisá-los. Os campinos explicaram, então, que os barqueiros se tinham recusado a passá-los para a outra margem. Que iriam lá fazer?!... O rio levava uma grande corrente e eles não estavam para naufragar, por causa de meia dúzia de patacos em passagens.

Mandou largar.

As mulheres tinham calado a choraminguice. E os homens descobriram-se quando o bote se afastou da muralha, acenando-lhe os barretes. Respondeu com a voz; só agora respondia à que ouvira falar de gados e homens. A manhã começava a descobrir. Evitou aproximar-se da companhia, ficando junto da montada que se pôs a afagar para lhe dar ânimo. A égua escorria água e agradecia-lhe o carinho movendo a cabeça dócil.

- Já viu a corrente que aí vai, patrão? - perguntou-lhe o arrais.

- Já sim; e depois? - replicou com hostilidade.

Não conhecia qualquer dos barqueiros, mas tomava-os a todos pela mesma gente disfarçada. Deviam ser de Alcochete.

O Tejo avançava de rompão, quase em fúria. Ia barrento e feio; e uma ponta de vento emprestava-lhe uma mareta que o fazia alqueivar. António Lúcio olhou para as duas margens, mediu as distâncias e voltou o rosto para o lado da chuva. Queria apanhá-la bem de frente; talvez aquela dor de cabeça que trazia na nuca fosse de receio. Não se sentia afoito, era a verdade, mas nada havia no mundo que o obrigasse a retroceder.

De vela bem aberta ao vento, o bote guinara para outro bordo, e mostrara a proa à corrente do rio; as vagas amarinhavam pelo costado e desfaziam-se cá em cima, a varrer o barco duma ponta à outra. Deixou molhar os pés; importava-se mais com a égua. Tinha a preocupação de mostrar àquela varinagem que um homem de terra, mesmo lavrador, não se acobardava por coisa pouca.

- Onde quer que atraque, patrão?

- Onde a égua puder sair...

- E a gente espera?

- Claro que esperas. Ou vinhas só trazer-me?

- Julgava que era só pra vir e voltar...

- E trazeses também o pessoal que queira vir. São duas libras em oiro; é boa paga.

- A gente tem um frete de palha...

- E faço este pra levar pessoas... Se queres acrescentar mais alguma coisa, faz lá o teu preço... Mas já agora sempre te digo que hás-de ir receber à Câmara.

Gritavam um para o outro, só assim se conseguiam fazer ouvir, embora António Lúcio evitasse encarar o arrais. A chuva apertava. E o vento. Rumo a terra, o bote cortava a corrente ondulada, galgando-a, e procurava uma praia onde a montada do lavrador pudesse saltar melhor.

- Ali, ao pé daquela comporta!? gritou o camarada que se deitara na proa.

O arrais deu uma guinada ao leme, a vela sacolejou no mastro, e o barco fez-se ao largo, para encontrar melhor caminho para atracarem. E lá ia ele agora nas horas de estalar, quando o camarada colheu a vela, à pressa, e a marcha se tornou mais lenta, arrastada ainda pelo impulso que levava.

- E quantas horas?

- Não devem ser muitas.

- Aí duas?...

Não lhe respondeu. A égua atascava-se no lamaçal dos valados e o cavaleiro hesitava no caminho a tomar. Olhava a Lezíria silenciosa e deserta, sem gados. Só os choupos tristes, as poisadas de caniço e os palheiros punham relevos na planície. Tudo estava ocre e cinzento, a escorrer angústia. Ainda não havia sinais de água da cheia, os valados deviam estar a aguentar-se, talvez pudesse descer, metendo a um carril que descobriu mais adiante, de maneira a avisar o pessoal que devia estar abrigado das chuvas dentro dos barracões das empostas. A Doirada ainda não fizera um sinal de receio. Escorriam-lhe as crinas com água da chuva, as ferraduras chapinhavam sempre e ela prosseguia, sem necessidade de António Lúcio se servir das esporas. Era uma boa prova para o animal. De que sangue seria a sua cruz?

O ruído daquela batida áspera fez aparecer gente no terreiro duma poisada e o lavrador mandou-os procurar o barco, levassem o que fosse mais preciso, havia mais gente para embarcar.

Seguiu sem muita conversa; já tinha o corpo cheio de arrepios, vamos lá a ver se me lixo por causa desta malta. Ficou a ver, por instantes, qual o carril que deveria tomar, entre duas empostas mais próximas do sítio onde chegara. Resolveu dirigir-se para a que lhe ficava do lado do nascente, situava-se mais longe, e depois daria uma volta para alertar o pessoal da outra. De lá adivinhava uns vultos, um

deles pusera-se em riba do coruto dum palheiro e daí fazia sinais. António Lúcio foi ao seu encontro, incitando a égua para trote mais largo. Gritou-lhes que viessem, que havia barco ao pé da comporta, mas percebeu que o vento lhe levava a voz para as bandas de baixo. Assustou-se, de repente, sabia lá porquê; talvez pelo ruído da ventania que se lhe afigurava mais danoso do que o sopro, parecia enrolado, era assim uma coisa que não o envolvia, mas caminhava de longe para o lado donde estava. Desconfiado com o pressentimento que tivera, parou a égua e pôs-se de pé nos estribos, a olhar para longe. Reparou que a cor do que ficava mais distanciado era diferente do que lhe estava mais perto, mas que a cor de lá, mais amarela, cobria o negro e o verde que via à sua volta. A Doirada só então se mostrou inquieta; movia-se debaixo do seu corpo, virava a cabeça para o lado donde tinham vindo, e nitria, nitria e atirara dois relinchos que pareciam vozes aflitas de gente aflita. Quis segurá-la ainda com receio de fazer algum ridículo perante a malta do barco, mas viu, ah!, sim, viu com os seus próprios olhos!? uma golfejada da cor amarela barrenta a rodear o palheiro onde se pusera o vulto, e depois a dobrá-lo todo, como se quisesse jogá-lo a terra, num golpe.

Então, virou a égua e deu-lhe de esporas. E aí vinha o troar da cheia a persegui-lo, não podia voltar a cabeça para a ver, já perdera tempo de mais, mas sentia-lhe o bafo frio e terrível. Era uma boca enorme que gritava, rouca, quase um trovão, sem começo nem fim, talvez para o devorar num só movimento da queixada que se abria sempre e mais, cujo bafo sentia nas costas e nas pernas, desvairadas agora a apertarem-se de encontro ao ventre da Doirada, que corria de crinas eriçadas apesar da chuva, como se fosse o próprio vento a transportá-lo. O valado ficava perto, não tão perto quanto seria preciso, e tornara-se agora no único abrigo que poderia encontrar por toda a Lezíria. Apareceu-lhe uma aberta pela frente e saltou-a, não podia explicar como o conseguira, mas o bafo frio vinha já em cima deles e ouviu um urro no salto da água, por cima e por dentro da aberta, a preencher todos os vazios que ficavam sobre a terra afogada. E aí lhe pegava também, enrolando-o com a égua derrubada pelo impulso da golada bruta da água em liberdade. Sentiu-se submerso, deu aos braços, gritou. Um terrível grito de medo que lhe levou todas as forças e o deixou inerte, encostado ao valado, enquanto a Doirada se erguia; foi o que depois lhe contaram.

A luta devia ter sido prolongada entre a cheia e a égua. Ambas o queriam levar consigo. Mas a Doirada acabou por vencer quando se viu sozinha com o cavaleiro; lá conseguiu arrastá-lo, prendendo-o pelos dentes, num esforço penoso que interrompia com relinchos, à espera de ajuda. Ninguém podia vir até ela. E

dava mais um passo, e outro, rojando pela lama e pelos cardos do valado o corpo do Relvas, que se prendia ou resvalava, prestes algumas vezes a abalar com a água. Ficou tempo sem fim naquela teima. E quando chegou ao capelo da trincheira que ficava entre o Tejo e a cheia, a égua soltou mais um relincho e deitou-se, esgotada, de guarda ao corpo do seu dono.

E foi assim que os barqueiros deram com os dois, julgando-os já mortos.

António Lúcio agarrou essa tosse seca que ainda lhe ouvimos há bocado. A égua baia mudou de nome e já se habituou a que lhe chamassem Milagrosa. O padrinho foi o anão das cavaliças .

Na igreja de Aldebarã, sempre no mesmo dia de Novembro, Diogo Relvas ouviu missa de graças com a família e os criados que ele próprio indica. Maria do Pilar acompanha-o, é a sua filha predilecta, apesar de os Relvas terem crescido em número. O lavrador já conta cinco netos: os três de Emília Adelaide, que moram em Sintra com a mãe, e mais dois varões, dados ao mundo por Maria Luísa Sampaio Andrade, agora Relvas, por casamento com o morgado da casa. Ambos os rapazes são Diogo: o que já gatinha chama-se António Diogo, o outro, de mama, é o João Diogo.

Capítulo XVI

Um lobo bonito

Zé Pedro Borda-d'Água foi sempre opinioso, é costela da banda do pai, mas tornou-se pimpão, desde o dia em que Diogo Relvas lhe ofereceu o cavalo com que toureou o novilho em pleno campo. Cresceu-lhe a vaidade em Madrid, na corrida em que saíram dois toiros de bandeira e foi ele que saltou à arena, a agradecer os aplausos por conta do lavrador e na companhia dos espadas. Depois entregaram-lhe o picadeiro, é muito jeitoso para amansar gado cavalár, dizia o patrão, e gosta de contar que já partiu duas costelas no seu novo trabalho; e ainda que escavacou um braço por conta dum cavalo lobeiro-claro, assim amarelado, vendido pela casa a um cavaleiro tauromáquico e cujo nome já veio muitas vezes nos jornais.

Toma a fama do animal para ele. Ensinou-o e deixou-lhe marca no corpo; é meu filho, diz o Zé.

Não usa barrete, o Zé Pedro, nem se veste de campino, sequer o traje domingueiro de calção escuro e meia arrendada, faixa vermelha a apertar-lhe a anca e colete da mesma cor. O patrão mandou-o vestir à lavrador, embora de cotim, e ofereceu-lhe chapéu cordovês castanho-claro, com camisa pregueada na frente e botões doirados no colarinho baixo.

A vaidade não lhe fica mal ao corpo.

Esguio, muito esguio e seco, pernas rijas e um rosto de lobo bonito, vivo no olhar e nas expressões, com as maçãs do rosto bem marcadas pelas covas da cara enxuta. Tem o cabelo muito negro, como os olhos que são negros e vivos, e uma boca pequena de lábios finos, onde os dentes alvoram por causa da pele tostada. Parece um árabe.

Foi assim que o descreveram, numa tarde de lição, a Maria do Pilar e a preceptora, quando a aluna sugeriu que poderiam fazer um ponto escrito sobre o domador de cavalos. Cada uma delas deu a sua achega para o retrato do Zé Pedro, embora Miss Curry se entusiasmasse de tal modo que acabou, só ela, por escrever o exercício na língua de Shakespeare, como sempre a designava o pernóstico do preceptor. A inglesa detestava-o cordialmente, apesar de ele lhe fazer a corte.

Sob aquele aspecto grave, quase autoritário, Miss Curry escondia temperamento exaltado que lhe vinha aos olhos, sempre ansiosos e brilhantes, e ao pensamento imaginativo que ela guardava, com avareza, dos senhores de Aldebarã. Gostava de viver ali, o ambiente excitava-a, mas descobrira, desde as primeiras horas, que devia manter aparências de comportamento modelar. Com excepção da noite em que se festejou o triunfo madrileno da ganadaria - ainda hoje não percebia por que razão o Miguel não tivera um atrevimento-, a inglesa evitava fechar o cerco feito à sua volta pelos homens do palácio. Uma vez por outra deixava-os adiantarem-se nos projectos, gostava de se sentir requestada, mas esgueirava-se sempre com um ah! indignado, que acompanhava dum rubor intenso, interpretado pelos homens como de pudor, quando era bem o seu adormecido fogo que lhe vibrava no sangue.

Guardava os desmandos da imaginação para dentro do quarto. Despia-se, de luz apagada, estendia-se nua sobre o tapete verde, e aí bebia da garrafa de uísque que trazia todas as semanas de Lisboa. Já andara assim, sem consequências, com os dois meninos, o próprio Diogo Relvas, sim, era ainda um belo homem, e mais uns tantos maiores que a tomaram em fantasiosos delíquios selvagens. (Nas cartas que escrevia de Lisboa para uma amiga íntima de Londres contava-lhe tudo isto, como se na realidade vivesse o que sonhava. A outra já lhe pedira um emprego igual.)

Miss Curry não bebia muito da sua garrafa secreta. Sabia que o uísque deixa marcas com o tempo, mas tomava-o na conta exacta em que a podia transportar à mata da quinta, para aí viver a liberdade plena dos seus gostos bizarros. Fazia dessa mansão, de árvores raras e pássaros, o paraíso dos seus noivados. Sabia dum sítio, cheio de plátanos e cedros, perto duma bica que brota da rocha e onde o sol nunca entra, embora a luz se filtre lá de cima, como se viesse a saltitar de ramo em ramo, sem nunca chegar ao chão coberto de fetos. Estive aí uma manhã, sozinha, mas tinha a certeza que conhecia todo o caminho até esse sítio; consigo lá ir de olhos fechados, pensava.

Quando via Maria do Pilar meter-se a galope pela mata dentro, aos gritos, levando o campino atrás de si, Miss Curry adivinhava para onde se dirigiam e o que se passava entre eles; não podia ser doutra maneira: chegariam cansados, saltariam das éguas que deixariam à solta, iriam beber, na mesma boca, o fio de água férrea que pingava por uma calha de madeira mal cortada, e logo se deitariam muito juntos, de mãos presas...

Foi nessa lição que a inglesa pôs em letra sua tudo o que imaginava daquelas fugas pela quinta, colocando o caderno entre ela e Maria do Pilar, de maneira que a rapariga fosse traduzindo o que escrevia.

- E depois? - interrogou a preceptora.

- Depois o quê?!...

- O resto...

- Qual resto?

Miss Curry fitava-a com o olhar ansioso, nunca quisera aludir àqueles passeios, mas a filha do Sr. Relvas ia fazer dezassete anos e contara-lhe, certo dia, que o pai estivera a perguntar-lhe quando pensava arranjar noivo e que ela lhe respondera, é cedo, preciso de gozar a mocidade, não quero ficar viúva como a Milai. Maria do Pilar só dissera isto ou pouco mais, talvez, mas a preceptora julgou-se na posse de toda a verdade, ela faria o mesmo, e cerziu a resposta ao lavrador com as oscilações de temperamento da rapariga, ora acabrunhada, pronta a chorar por uma contrariedade mesquinha, ora vibrante, como se quisesse viver depressa, e plenamente, tudo de que dispunha e exigia. O próprio pai, sempre tão pronto a dominar os outros, submetia-se aos caprichos daquela filha com pachorras de avô.

- Percebeu bem o que escrevi?...

- Mais ou menos - respondeu Maria do Pilar.

- Diga o que percebeu...

- Começámos a falar do Zé Pedro e eu disse: parece um árabe. Depois a Miss começou a descrever um passeio pela mata, dum rapaz e duma rapariga a cavalo, iam ter a um sítio onde há uma fonte e deitavam-se com as mãos agarradas.

- Sim, foi isso mesmo - confirmou a inglesa, hesitando em repetir a pergunta que fizera.

- E a Miss perguntou-me pelo resto. Como quer que eu saiba, se não conheço o rapaz e a rapariga?

O rosto de Maria do Pilar nada mais exprimia. Ou enganava-a?!...

- Não gosta de fantasiar...

- Não! Aqui em casa aprendemos desde o berço que a fantasia é para os fracos. Eu acho que o meu pai tem razão.

- Nunca pensou no tal rapaz que parece um árabe? - interrogou com hostilidade.

A outra negou, numa negativa desordenada, incapaz de defrontar os olhos da preceptora, sentindo-se corar, numa irrupção de calor súbito. Queria dizer com

aquela perturbação que o vira com outros olhos desde a toirada no campo, quando cavalgara ao seu encontro, talvez para lhe falar de qualquer coisa de que se lhe revelara a necessidade, mas que não dissera nesse dia nem nunca mais. Sim, gostara de passar aqueles dias em Madrid na sua companhia e na do pai. Arranjaram cavalos e passeara com o Zé Pedro, fardado de campino, por ruas e parques de Madrid, e desfrutara o sucesso que ambos tinham feito, apesar de o pai só lhe permitir que montasse à amazona; ouvira os mais bonitos piropos castelhanos e soubera interpretar a maneira como as madrilenas paravam a ver a figura guapa do rapaz. Mas agora nada disso contava, nada disso tinha importância, e era preciso dizê-lo.

- Miss Curry esquece que o Zé Pedro é um criado da minha casa - respondeu sem grande firmeza.

- Por isso mesmo... Os criados servem também (agora arriscava tudo) , pelo menos na Inglaterra, e noutros países civilizados, para as mulheres sem amor...

- O encontrarem?

- Exactamente. É um lugar-comum na alta sociedade. Quando vir, repito, num país civilizado, uma senhora tratar mal, em público, um criado, ou o jardineiro, por exemplo... Mas desculpe, menina Maria do Pilar, é ainda muito nova para lhe falar destas coisas.

Afectada nos brios, ferida molesta dos Relvas, a jovem quis alardear de mulher sabida, sacudindo a cabeça num jeito muito seu de desdém, que sublinhava ainda com o pender do lábio inferior.

- Não vai julgar, Miss Curry, que sou assim tão ingénua. Não pareço nada, com certeza. Mesmo nos países que não são civilizados.

A inglesa percebeu a alusão e emendou:

- Não queria falar de si...

- Obrigada pela excepção. - E prosseguiu num ar vitorioso: - As raparigas aprendem muito umas com as outras...

Depois sorriu a fazer tréguas; e precisou:

- E com os primos... De resto, não há como o campo para se aprenderem depressa as coisas do amor. Os animais não sabem esconder-se...

Nasceu entre elas a cumplicidade das confissões. Miss Curry contou tudo o mais que imaginara daquelas cavalgadas pela quinta - sim, dois jovens, belos ambos e ainda por cima tão diferentes na beleza; ah, não sabia? pois há uma atracção instintiva pelas pessoas de características opostas. O Zé Pedro, se aparecesse em Inglaterra ou nos países nórdicos, seria um homem rico e poderoso

em pouco tempo. As nórdicas adoram os homens morenos; faria lá o casamento que quisesse. Ela própria, confessava, até já tivera ciúmes da liberdade que ambos gozavam, desculpasse a franqueza, mas o domador de cavalos era o único homem que a perturbava dentro da quinta. Ia mais longe: era o homem mais belo que vira até àquele dia em Portugal.

Depois voltou a insistir:

- É para ver os cavalos no picadeiro que vai ter com ele?!

Voltou a perturbação a fremir o rosto de Maria do Pilar.

- Não sei... Agora já não sei...

- Tire a venda que põe nos olhos para ver o servo e olhe-o como a outro homem qualquer.

A rapariga confessou:

- Já tirei.

- Percebia-se - confirmou Miss Curry um pouco sombria.

A jovem entendeu esclarecer:

- Mas nunca houve qualquer coisa...

- Nem um beijo?

- Nunca; nada. Não esqueça que é um servo. Em Portugal não confundimos...

Dentro da quinta todos sabiam pôr-se no seu lugar; e nunca da parte do criado percebera o menor interesse por ela, até evitava de a olhar, talvez por se terem habituado desde pequenos a acompanharem-se. E contou a história do pai dele. Miss Curry excitou-se, não entendeu muito bem o que a rapariga lhe dizia em inglês, faltava-lhe vocabulário, mas se entrava um toiro no romance, sim, era o verdadeiro capítulo dum romance, e se o homem morrera, era realmente espantoso... E comovedor... E belo... E emotivo...

A preceptora gostava de dizer tiradas um pouco teatrais batia muito certas frases, fazendo-as curtas e reticentes; mas ficava realmente mais jovem quando as declamava.

- Será difícil conseguir de seu pai...

- Nunca me recusa o que peço - alardeou Maria do Pilar.

Depois destorceu a intenção: - Também só lhe faço pedidos razoáveis...

- Se poderia acompanhá-la nas idas ao picadeiro. Daríamos ali algumas lições; a menina precisa de aumentar o vocabulário.

Compreendendo tudo o mais que ficara por dizer, a rapariga ofereceu:

- Posso pedir-lhe para que o Zé Pedro lhe ensine a montar a cavalo. Quer?...

A inglesa não teve mão no entusiasmo que a sugestão lhe provocou. E abraçou Maria do Pilar, pediu-lhe desculpa daquela liberdade, mas cobriu-lhe o rosto de beijos - era uma ideia maravilhosa! Há quanto tempo ela pensava nisso!...

A rapariga sorria:

- E depois poderá ir até ao tal sítio e acabar o exercício que hoje quis que eu lhe ditasse - rematou a jovem com picardia.

- Mostrando-lho a si também... Faremos como hoje - retorquiu a inglesa, intencional. - Foi você, importa-se que a trate por você?, que me propôs o exercício e começou por dizer...

Espreitou no caderno:

- Esguio, muito esguio e seco...

- A imagem do lobo bonito foi sua, Miss Curry. Ele parece realmente um lobo...

Pensativa, a preceptora levantou-se da cadeira e foi até à janela. E dali perguntou:

- Um servo poderá aqui dentro tomar alguma vez o papel de lobo?...

- Que quer dizer com isso?

- Se teria coragem, uma vez que o amasse, de consentir que ele fosse o seu lobo...

Esticando o busto, num movimento de braços que mais parecia um gesto de preguiça, Maria do Pilar avançou para ela numa corrida e segredou-lhe:

- Não, faz-me medo. Nunca pensei casar porque tenho medo de morrer. Gostava de ter um filho... isso sim, mas sem conhecer homem...

Uma súbita tristeza prendera-se-lhe ao rosto. Lembrava-se da acusação que os irmãos lhe haviam feito, um dia, no casinhoto abandonado da mata. Pôs-se trémula, pensando que naquela noite iria sofrer uma insónia, durante a qual reviveria o seu julgamento pela morte da mãe. E pediu à preceptora para lhe fazer companhia, uma vez que o pai saíra com Miguel João e ambas ficariam sós na parte habitada pelos Relvas.

- Gosta de uísque? - perguntou-lhe Miss Curry numa carícia.

- Nunca bebi...

- Vai gostar.

E beijou-a nos olhos.

Capítulo XVII

Cavalos e mulheres no picadeiro

Vinham sempre juntas todas as manhãs, mal tomavam o pequeno-almoço, logo depois de ouvirem a missa das sete, onde o cocheiro as conduzia na caleche fechada. Maria do Pilar sabia agora que nem tudo se revela a um confessor, particularmente quando ele é o capelão da casa paterna. O padre Alvim, de resto, era já um velho servo de quem conhecia pequenas fraquezas. Miss Curry tornara-se agora no seu único ídolo, de tal modo aprendia com ela muitos dos enigmas da vida que toda a gente lhe vedava, lembrando-lhe a sua condição de rapariga e de jovem.

Resignava-se, mas sentia-se vexada.

Pois bem, já não voltaria a fazer perguntas a quem quer que fosse, convencida de que sabia muito mais do que todos eles juntos. A inglesa excitava-lhe a imaginação, satisfazendo a sua, ao contar-lhe factos a que assistira e vivera; sim, a vida devia ser vivida intensamente, embora houvesse que escondê-la dos mais velhos, sempre relapsos nos seus próprios desmandos e, talvez por isso, sempre austeros a julgar a juventude. Já pensava isso mesmo por si, mas nunca dispusera dentro do palácio de qualquer cumplicidade para se garantir de um apoio sólido. Só a Isabelinha Villaverde, sua prima por parte da mãe, pactuara com ela, até então, no julgamento dos “grandes barbas”, como classificavam os mais velhos, tratasse-se de homens ou de mulheres.

À frente dos outros tratava Miss Curry com rudeza, dum modo frio e distante. E de tal maneira desempenhava o papel convencionado entre elas, que o pai já a repreendera por diversas vezes. Fora mais um pretexto para se rirem juntas, principalmente quando Maria do Pilar referiu à preceptora certo mistério que nunca soubera interpretar em Sintra, na quinta da irmã, e agora se lhe revelava duma transparência evidente. “Como poderia Milai continuar a manter o mesmo jardineiro, um estúpido, dizia ela, mas um belo homem, afirmava toda a gente, se lhe seria tão fácil admitir outro em seu lugar?” Agora imitava o tom austero da

irmã, radiante por ter achado um argumento poderoso para lhe responder à hostilidade: - Ah!, não, nunca! Nunca darei um padrasto aos meus filhos...

Que bom era sentir-se vingada! E que pena tinha do cunhado, do pobre Rui, cujos carinhos encontravam novos ecos nas suas recordações. A forma como lhe afagava os cabelos e a olhava, e o gosto que punha em encostá-la a si, dizendo-lhe segredos com a boca muito encostada à sua orelha. “E o pai? Que pensaria o pai desse jardineiro maltratado e tão dócil?”

Dormia mal e emagrecera um nadinha. Ficara mais bonita, diziam-lhe todos, menos a Brígida que a queria forte, talvez anafada, que é o único sinal de saúde e beleza reconhecido pelos pobres.

Entravam pelas nove horas no picadeiro e iam sentar-se no pequeno camarote que Diogo Relvas mandara construir para ele próprio orientar, algumas vezes, o trabalho de Zé Pedro. Este trazia tudo num brinquinho. O chão do círculo da arena era duma areia doirada e grossa, que o anão transportava do areeiro da mata, duas vezes por semana, resignado, o pobre! e as paredes estavam pintadas de amarelo e vermelho, tarefa a que o próprio domador se entregava com o ajudante, o filho mais velho do Atouguia. Os animais vinham da cavalaria privada do picadeiro por um túnel em arco, a sugerir o feitio de ferradura.

Zé Pedro cumprimentava-as, tirando o chapéu cordovês, depois de parar o trabalho, entregava o animal ao ajudante e vinha reverenciar-se à frente das duas:

- A menina Maria do Pilar dá licença que continue?

Ela acenava-lhe com a mão, num sinal de assentimento, ou pedia-lhe que mandasse buscar qualquer égua ou cavalo que mais gostasse de ver na arena.

Naquela manhã ordenou:

- Manda trazer o Emir. Que tal vai agora?...

- Há-de ir como os outros... - respondeu o picador em plena bravata. - Como todos os cavalos com um pouco de sangue a mais...

Miss Curry pediu explicações: que queria dizer com aquilo?

- São os demasiado secos e um pouco angulosos; os de olhar muito vivo que denuncia inquietação e turbulência de movimentos. Raramente estão quietos, adivinham tudo à distância... Arruínam-se depressa.

A inglesa acenava com a cabeça e sorria com os pormenores, sem tirar os olhos do domador, que fingia brincar com o pingalim, um tanto embaraçado com a insistência daquela inspecção.

- Repare, Maria do Pilar, repare bem para ele - segredava a preceptora. - Veja como é exactamente um desses cavalos sanguíneos...

Respondeu-lhe a Relvas com uma gargalhada:

- Talvez...

- Acha que devo aproveitá-lo antes que se arruíne?

- Deixe o pobre rapaz...

- E para quem vou deixá-lo? - perguntou Miss Curry com insinuações no olhar e na voz. - Quere-o para si?...

Maria do Pilar hesitou por instantes, perturbada talvez com a afoiteza da outra, que precisou melhor o que pensava:

- Não acha que é pena perder-se essa maravilha?

- Exagera, Miss Curry. O Zé Pedro é um pobre rapaz...

Trazido pelo filho do Atouguia, o cavalo acabava de entrar na arena do picadeiro. Era um lazão cerejo, todo energia e nervos, pondo na cabeça bem erguida o sinal da vivacidade que o consumia. Zé Pedro foi buscá-lo e conduziu-o para diante do camarote; depois fê-lo andar à sua volta, por pequenos toques do bridão nos lábios do animal, enquanto o aquietava com a voz carinhosa.

- Emir! Ó cavalo! Ó...

Parecendo recluir a presença das mulheres no picadeiro, o bicho não se confiava inteiramente à mão do domador, ameaçando levantar-se das patas dianteiras. Nitria e sacudia as crinas, sempre de orelhas firmes e inquietas.

- Está hoje pior! - gritou Maria do Pilar.

- Talvez não goste de ver mulheres aqui dentro - respondeu o rapaz, por graça.

- Estás a falar a sério?

Zé Pedro encolheu os ombros.

- Ou és tu que preferes estar sozinho com ele?

Metida nos abismos da imaginação, a inglesa não dava conta do diálogo. Lembrava-se do que lhe recomendara Diogo Relvas quando para ali viera - nada de confianças com qualquer homem, nem mesmo com os filhos, dissesse-lhe logo que o primeiro cometesse a mais ligeira inconveniência, seria implacável, uma vez que ela teria de ser a educadora de Maria do Pilar, o seu exemplo em tudo. "Quando um dia, porventura, pressentir que uma tentação a pode afastar deste encargo, não receie de mo confessar. Receberá os ordenados de seis meses além duma carta de recomendação. Aceita?" Não pusera uma única objecção, convencida de que saberia cumprir o lugar sem dificuldades. O lavrador consentia que fosse a Lisboa uma vez por semana, tal como procedia com os dois filhos. O que não admitia, e nisso punha todo o exagero, era que dentro do palácio se

instalasse a imoralidade. Preferia um roubo, uma violência qualquer, a ter conhecimento de que dentro daquelas paredes se esquecera o respeito que todos lhe deviam.

- Miss Curry! Quer aproveitar hoje mesmo?...

- O quê? - respondeu, distraída.

- Dar o primeiro passeio a cavalo. Já falei ao Zé Pedro.

- Hoje porquê?!

- Pareceu-me preocupada em não perder tempo. Ou já não tem medo que ele se arruine depressa?

- Disse-o por gracejo...

O domador pusera-se a trabalhar à guia com o Emir, trazendo-o à mão cada vez que o animal executava bem as mudanças de andamento, ou para não o deixar insistir em qualquer defeito que lhe percebia. Afagava-o, falando-lhe em segredo, como para lhe pedir o que desejava ou para elogiá-lo. Logo depois fê-lo afastar-se de si, pondo-se a corrigi-lo.

E aí estava Zé Pedro no pino da sua vaidade, a conduzi-lo com a voz cheia de requiebros estudados, em cada um dos quais havia uma insinuação ou um aplauso que o cavalo parecia entender à maravilha. Sabia que as duas mulheres lhe seguiam cada gesto e cada palavra; embora deixasse de olhar francamente para o camarote, era para elas que punha o pingalim a estalar ou a zunir em círculos curtos, cujo eco o animal tomava na pele transparente. Chamou-o mais uma vez para o centro do picadeiro; afagou-lhe as crinas e a garupa, e deu-se por satisfeito com os progressos obtidos naquela manhã. Passou, então, a trabalhá-lo à vara, pondo o Emir a caminhar ao longo da pista depois de tirar para baixo as rédeas do bridão. Segurou-lhe as extremidades com a mão esquerda, onde tinha igualmente o pingalim, e tomou as rédeas, aí a menos de um palmo da argola, conservando o dedo indicador entre elas. Colocara-se, em seguida, junto da espádua esquerda do cavalo, de maneira a oferecer-lhe a direita e provocando-lhe a marcha para a frente quando estendeu o braço direito. Assim que o animal fazia ameaça de baixar a cabeça, tocava-lhe nos lábios com um toque do bridão e sorria, cantava-lhe na voz, de maneira a exprimir-lhe contentamento.

- Posso montá-lo ainda hoje? - perguntou Maria do Pilar, entusiasmada com o bicho.

- Se quiser... Mas só dentro do picadeiro, à minha vista. .

- E se me apetecer sair com ele?

- O cavalo ainda não é seu, menina. Tenha paciência!

Ensinava o animal a ladear, ora para a direita, ora para a esquerda, sem pressas.

- Já sabes que o meu pai mo deu.

- Mas só quando eu disser... Aqui dentro todos os cavalos são meus.

- Só os cavalos..

- Sim, só os cavalos.

Maria do Pilar erguera-se da cadeira e começara a descer as escadas que levam à pista, seguida pela preceptora. De repente, sem saber porquê, sentira necessidade de dar uma lição ao criado. Chegara já à entrada da arena e pusera-se a preparar a espora que metera no calcanhar da bota esquerda.

O domador parara o Emir e trazia-o a passo.

- Gostas muito de mandar, Zé Pedro - disse a rapariga com rispidez. - Vê-se bem que nasceste para mandar...

- Todos gostam, menina.

- E achas que só tu dás ordens aqui dentro?

- São as ordens do Sr. Diogo Relvas, seu pai.

- Então prepara o cavalo para eu sair. Depressa!

- Vai à sua responsabilidade?

- Não percebo porque fazes a pergunta.

- Para deixar as minhas...

- Tens medo delas...

- Nunca vi a cor do medo.

- Então, anda lá. E deixa-te de conversas. Ficas aqui a ensinar a Miss Curry; dá-lhe um animal manso.

Ajudado pelo moço da estrebaria, Zé Pedro preparou o Emir para ser montado. Mantinha o mesmo ar pimpão de sempre, mas agora não deixava insinuar-se-lhe no rosto trigueiro aquele sorriso misterioso que aprendera em Espanha com um dos matadores da corrida de Madrid.

- Às suas ordens - disse quando concluiu o trabalho. - Evite a espora, se faz favor.

Montada no cavalo, Maria do Pilar pegou nas rédeas e na verdasca, que o moço lhe fora buscar, e bateu com ela no ombro do domador. Olhava-o com desdém, explicando à preceptora como ali, no palácio, se lembrava aos criados a sua origem. Zé Pedro baixara os olhos e ela fê-los erguer, tocando-lhe com a verdasca no queixo.

- Deixo-te Miss Curry, embora me dissesse que os cavalos não gostam de mulheres dentro do picadeiro. Não sei se já ouviste o meu pai dizer que cada homem tem um cavalo dentro da alma. Responde.

- Não, senhora.

- O cavalo que tens na tua, também não gosta de mulheres aqui dentro?

- Recebo ordens... Mas recebo-as do seu pai.

Fitava-a agora com firmeza.

- E por isso mesmo...

- O quê?!

Naquela interrogação Zé Pedro percebeu que Maria do Pilar lhe pedia para não acabar a frase. Lembrou-se da camaradagem dos dois naqueles últimos anos, nos passeios pela aldeia e pela quinta, no olhar que ela lhe oferecera na tarde da picaria em pleno campo. E era agora o mesmo depois de ter sido hostil.

- Não aperte muito com o Emir; tem só três meses de picadeiro.

- Está bem. E diz aí ao Atouguia pequeno para me acompanhar... Faz-te falta?... Prefiro que fiques sozinho com Miss Curry.

Entusiasmado com a oportunidade do passeio, o moço da estrebaria largou a correr, mal o domador lhe deu ordem para levar uma das éguas já prontas. Maria do Pilar encaminhou o cavalo para a saída. Mas não ia feliz. Caíra numa das mudanças bruscas do seu temperamento exaltado. Agora gostaria que lhe dessem uma oportunidade de chorar. Pensou ainda dizer qualquer coisa a Miss Curry, mas percebeu que a voz talvez não fosse capaz de acompanhar o gracejo.

Abandonou-se sobre a sela e deixou que o Emir a conduzisse pela álea do jardim. Lá adiante voltou-se para trás; Zé Pedro postara-se à porta do picadeiro e acenava-lhe com o chapéu na mão. "Deve ter vindo com receio do cavalo abalar comigo", relacionou Maria do Pilar. Daí por instantes, o moço da estrebaria metia a sua montada a trote e ia alcançá-la à entrada da mata.

- Vai depressa! Vai adiante! - ordenou-lhe.

"Que faria Miss Curry dentro do picadeiro?"

Ora! Que pergunta...

Há interrogações que ninguém deve pôr a si próprio, quando conhece a determinação duma mulher de meia-idade. E a sabe imaginativa, mesmo que não a julgue apaixonada.

Teve receio de se ver em cima da égua que o Zé Pedro escolhera e achou depois que devia mostrar-se mais tímida do que se sentia. Pediu-lhe para ele a não largar, agarrou-se-lhe às mãos, quis que ele a tirasse do selim e obrigou-o a pegar-

lhe em peso, deixando-se escorregar pelo peito do domador de cavalos. E sempre a sorrir, com os olhos claros postos nos dele. Quando o viu nervoso, tomou-lhe o braço e pediu-lhe para a levar à cavalaria, sim, queria ela própria escolher a montada. E nisso hesitou muito tempo...

Tanto tempo que, daí por meia hora, quando ouviram a batida do galope do cavalo que voltava da mata, ainda não haviam regressado ao picadeiro. Mas foi ela que apareceu a Maria do Pilar, dizendo-lhe que passava das dez e meia e o Dr. Silva devia estar furioso, à sua espera. Também esse não gostava de as ver metidas ali dentro.

Capítulo XVIII

No suor dum homem pode nascer uma flor

Preocupava-se; sim, preocupava-o muito a doença do filho, do seu António Lúcio, a consumir-se cada dia que passava. Sabia agora que não era caso para menos, embora os médicos não o tivessem desenganado - repouso, muito repouso, mas aquela maldita falta de apetite... Maneiras de iludir ou de adiar a revelação da verdade. Que se resolvia no fundo?!... A verdade estava ali na evidência plena dos factos.

E o pior de tudo é que não poderia confessá-lo a ninguém. Realmente a ninguém. Nada havia de mais atroz do que os momentos de desânimo de um homem forte. Se esse homem, como ele, sempre apelidara de ignomínia, de última ignomínia, a fraqueza dos outros, aquilo que considerava a corrupção do próprio sangue, quando essa maldita coisa maligna, a cobardia, se instalava dentro de alguém e acabava por deixá-lo vazio, sem ânimo... A tal concha vazia de que tantas vezes falara.

Amigos não lhe faltavam, diria toda a gente. Sim, recorrera a muitos para lhes contar a audácia do filho ao atravessar o rio e ir meter-se, sem companhia, dentro da Lezíria, sabendo - era assim que narrava o que se passara - que a cheia se aproximava a toda a força; mas tornara-se necessário avisar os homens, e ele, o seu António Lúcio, aí fora para os salvar com o risco da própria vida. Ah!, sim, nessa altura tivera os amigos do Turf e do Tauromáquico, os do Banco de Portugal e quantos mais se reuniam com ele à volta das mesas de direcção de certas companhias e da Associação da Agricultura. Mas falar-lhes dos pressentimentos que o atormentavam, desse quase pânico que dele se apoderara agora, tornando-o ansioso para quantos ruídos de carruagens ou de animais se ouvissem na estrada, não, para isso não poderia achar um amigo com quem desabafasse. Um só. A Rosália estava longe também, em Lisboa, entregue por inteiro ao deslumbramento da loja do Chiado, que lhe dera em sociedade. Deixara-lhe as asas crescer, oferecera-lhe um pretexto para se escapar de casa.. Que lhe interessavam agora os escapachos da Rosália?! Nem a essa, de resto, iria falar nos pavores nocturnos que

o visitavam; nunca lhe dera confiança para falar nos filhos, e, muito menos, nesta altura em que um deles se consumia numa cama. Adivinhava-a, via-a ali à sua frente, a sorrir com os olhos aveludados, sentindo-se talvez vingada pelo filho de ambos que sempre desejara e ele lhe recusara com obstinação.

Não tinha outro remédio senão vir meter-se na Torre dos Quatro Ventos, junto das recordações do avô e do pai, para que eles o ajudassem a suportar a angústia de certas horas, em que o irremediável o abraçava. Mas a indigência dos móveis recusava-lhe qualquer estímulo; pela primeira vez tornavam-se testemunhas resignadas da amargura, eles próprios amargura viva também. E porquê agora?! E porquê só agora?!... A morte nunca lhe parecera até ali um irremediável. Todos os seus mortos haviam preenchido aquele tempo de vida que ele próprio aceitara como limite. Mas com o António Lúcio havia uma acusação interior à qual nada opunha, à qual nada sabia opor, porque o filho só nascera realmente para ele, nesse dia em que estivera prestes a morrer na Lezíria. A égua tirara-o à morte e a morte viera atrás dele, persistente e terrível. E aí continuava à volta do seu leito, a minar-lhe o corpo, atirando-o desfeito pela boca...

A invocação desta imagem, a que ele próprio assistira, Diogo Relvas não conseguiu segurar os soluços. Quis esmagá-los na almofada, encostando-lhe o rosto com desespero, como se os antepassados o recriminassem pela debilidade do ânimo. Então, teve um assomo de revolta e ergueu-se para mostrar as lágrimas que lhe caíam. Chorava, sim, e depois?!... Não, desta vez, pelo menos, Deus não era justo. Perdoasse-lhe a afronta, se estivesse a pensar uma heresia, ou castigasse-o, sim, se ele merecia ainda castigo maior; mas aquele não era justo. Nunca deixara o filho revelar-se, essa era a sua culpa. Tomara-o sempre como um Villaverde, pretensioso e débil de carácter, tudo para vergonha sua que se apaixonara por uma mulher bonita, sem cuidar do que é essencial nas pessoas, no que as faz realmente belas para a vida -, a determinação do querer, a coragem para agir, a dignidade... Dos quatro filhos só as raparigas lhe pareciam senhoras desse toque. E acima de todos a Emília Adelaide... Depois, de um dia para o outro, e na sua ausência, António Lúcio revelara-se-lhe um autêntico Relvas, fazendo talvez o que ele próprio não seria capaz.

Era disso que Diogo Relvas se sentia culpado. De nunca o ter compreendido, de não se querer lembrar de certo dia, em criança, quando o filho de seis anos, no intervalo duma corrida às lebres, não voltara a cara ao Zé Andrade, ao que era agora seu cunhado, batendo-se com ele, mais velho quatro anos, por causa duma galga a que o outro dera um pontapé. Devia ter visto logo que o signo dos Relvas

lhe estava no sangue. Porque esquecera esse facto?... O outro era já possante, mas o seu António jogara-se a ele sem receio, a punho e a dente, qual de baixo qual de cima, sem gritar, sem pedir ajuda aos criados, que só intervieram por ordem sua, quando os viram estafados. E o seu António Lúcio vira-se ao campino que lhe pegara pelos braços, sem uma lágrima; raivoso, mas sem uma lágrima, a ameaçar o outro, a quem não perdoou, porque daí a momentos voltava a engalfinhar-se nele com a mesma coragem da primeira bulha. Logo nesse dia fora injusto para o filho, batendo-lhe e ameaçando-o quando os separara. E porquê?! Queria agora beber o seu próprio fel, devia bebê-lo. Porque o Andrade pai manejava na Companhia das Lezírias a venda do mouchão do Tejo que ele, Relvas, ambicionava comprar. E por isso, só talvez por isso, trocara a personalidade do filho por uma ilha de terra fértil, boa para dar trigo.

Quase vinte anos depois o seu António voltara a ser o homem que ele, seu pai, fizera viver soterrado durante tanto tempo. Não, talvez não exagerasse... O que sabe o adulto do castigo injusto que a criança sofre e se resigna a aceitar?...

Lembrava-se ainda, isso sim, que o filho se perturbava quando lhe ouvia a voz e tomara essa agitação à conta de medo e cobardia. A cobardia pública de que os Villaverdes eram espelho. Ele não os via doutra maneira e pusera o filho na fileira dos fracos, por imposição, sentia-o agora, aperreando-o sempre com a sua autoridade. E quantas vezes quase só por vingança?!...

Pesavam-lhe estas culpas na alma. Dolorosamente. Daí a razão de passar a maior parte do tempo junto da cama dele, como se aí pudesse impedir a aproximação da morte. Precisava agora do filho vivo para o compensar dos ultrajes que cometera para com ele. O seu António ainda não tivera o tempo de vida suficiente para ele se resignar com a marcha da doença que se revelara uns dias depois da cheia.

Agora entrava no mirante da torre e já não dizia: cá estamos! Até aquele refúgio parecia enjeitá-lo. Vinha ali para ouvir resposta às suas interrogações ansiosas e só encontrava mais perguntas.

Queriam levar-lhe o filho para longe; o médico falava na serra da Estrela e ele sentia-se incapaz de intervir. Intervinha com o silêncio da sua presença torturada, hesitante, sem ganhar autoridade naquele caso. Deixava a resolução à nora, embora desejasse o filho perto de si, ao menos àquela distância a que ficavam agora.

Ouviu galope de cavalos e foi espreitar a uma das janelas, cheio de ansiedade. Agora esperava sempre notícias más. Custara-lhe a perceber que a batida dos

cavalos não vinha da estrada que levava à quinta onde o filho vivia. Só quando lhe apareceu a Maria do Pilar, seguida pelo Zé Pedro e pela preceptora, é que ficou sossegado. A alegria deles tornou-se-lhe inimiga. Abriu a janela e gritou-lhes:

- Um dos donos desta quinta está doente!...

Zé Pedro Borda-d'Água descobriu-se quando lhe ouviu a voz.

- Não tens que fazer no picadeiro? - perguntou-lhe com rudeza.

Foi Maria do Pilar que interveio:

- O pai deu-me licença para ele nos acompanhar...

- Esqueci-me de acrescentar que só quando não fizesse falta. Ouviste?

Parecem-me já passeios a mais...

Percebeu que o abegão lhe queria falar e só lhe disse:

- Todos sabem que quando venho para aqui, não quero maçadas. Esperem!

Todos esperam por mim...

E atirou a janela com força. Insinuara-se-lhe no espírito outra interrogação: "Também a morte será capaz de esperar?"

Andou agitado dentro da torre, sem poder achar um sítio onde a calma viesse ao seu encontro. A solidão doía-lhe. Encheu a bacia de loiça do lavatório e banhou o rosto com a água fria. Teve uma sensação de alívio. Mergulhou, então, a cabeça lá dentro, sacudindo-a e fazendo a água espalhar-se pelo chão. Queria agora movimento e ruídos à sua volta. Foi enxugar-se à janela do nascente, à que deitava para Aldebarã, esperando que a brisa do rio viesse secar-lhe o rosto.

Olhou mais para o longe, em direcção à Charneca de Azambuja onde já não ia talvez há um ano. Que se passaria por lá?!... Eram aí vinte hectares de terra agreste, um piçarro no qual cresciam uns centos largos de sobreiros, erva rala e caça. Recordou-se da história que o pai lhe contara, a propósito das famílias que lá viviam.

"Ainda o avô era vivo, o avô Chicote, dera-se uma cheia no Tejo, daquelas que parecem capazes de cobrir a terra. Tocadas pelo vento, as águas submergiam malagueiros, mouchões e lezírias, danadas de todo, e se não fora um rancho de gaibéus, que estava na margem norte e se meteu ao temporal, todo o gado e o trigo de um celeiro atestado teriam ido com a cheia para o mar. Depois de fazerem aquele trabalho, sem ninguém lho encomendar, os homens disseram que nada queriam receber. Só pediam, fora o avô dos Moitinhos, o único capaz de ir à fala com o lavrador, que este lhes arrendasse as terras da Charneca. - Pra que querem vocês aquela pedra esfarelada? - Pra viver nela. - Mas fazerem o quê? - Trabalhar..."

- Aquilo não dá um bago de nada. - No suor dum homem pode nascer uma flor, saiba o patrão, respondera o Moitinha, todo rompantes.

“O Chicote gostara da prontidão da réplica e anuíra. A cortiça era para ele, mexessem na terra, mas nada de prejudicarem os sobreiros, e fossem lá à vida. - E quanto é a renda ao ano? - Nada. Não dou terras de renda. Terra minha faço-a eu. Empresto-a. - E por quanto tempo, lavrador? - Enquanto vocês e os netos quiserem. Só não quero é zaragatas por lá. A primeira coisa que houver, e que me chegue aos ouvidos, ponho tudo na estrada. - Está falado! dissera o Moitinha.

- E quando pode ser? - Hoje mesmo, se vocês quiserem...

“E lá se tinham aguentado naquele deserto, ia para cima de trinta anos. Ninguém hoje seria capaz de dizer o que aquilo fora. Buscaram água e encontraram-na; quiseram terra e fizeram-na no suor de cada um. E não lhes faltavam manchas de vinha, canteiros de horta, leivas de trigo e árvores de fruto. O avô esquecera-se deles. Um dia o Moitinha apareceu no palácio. Era um mendigo. Teimou em falar com o lavrador, fez barulho e zangou-se. Dizia ele que achara um punhado de oiro na Charneca e vinha dá-lo ao seu dono. Só assim o feitor se convenceu. A primeira vista o avô não o reconhecera. - Quem és tu? - Sou aquele homem que pediu ao lavrador pra fazer a Charneca; naquele dia de cheia... - E depois? - E depois cá lhe trago este pão (e tirara um pão de quilo de dentro do saco) o primeiro que a terra deu à gente este ano... - Que comeram vocês neste entretanto? - Fé e fome, lavrador. Lembra-se do que eu lhe disse? - Não me lembro bem. - Disse-lhe que no suor do homem pode nascer uma flor. Cá lha trago. Está tudo lá em cima na Charneca, à espera que eu volte pra começar a comê-lo. Gostava que o patrão lhe desse uma dentada...”

O avô repetia a história e aquela frase com frequência; e o pai também. Ele é que quase as esquecera. Recordá-la naquele momento, foi uma boa coisa para a sua alma doente por mor da pouca saúde do filho.

“Vou lá um dia destes”, pensou.

Desceu as escadas da Torre dos Quatro Ventos, sem pressa de chegar. Desejava e temia, ao mesmo tempo, a presença dos outros. Ainda lhe doíam os olhos de chorar, mas não queria que o percebessem. Ninguém podia supor que os seus olhos tinham lágrimas.

Mal apareceu no terreiro da entrada da quinta, viu uma mulher ao portão e, logo depois, algumas cabeças de crianças que o espreitavam. Interrogou o feitor. O outro explicou-lhe que era a mulher do Tóino Valador com os seis filhos. Excitou-se.

- Não lhe disseste a minha ordem?

- Pois disse, patrão Diogo.

- E então?...

- Ela veio mesmo assim...

- E ele? Por que não veio ele?... Já sabem que não gosto de tratar destes assuntos com mulheres.

- Ela diz que o Tóino ficou em casa a chorar...

Deu-lhe um baque no peito.

- Estamos servidos se os homens se põem em casa a chorar. - Enfureceu-se. - Mas por que não deram ouvidos ao que eu disse? Eles não percebem que se eu fingir que não sei deles, amanhã não posso fazer o mesmo aos outros? Eu gosto de tratar as coisas uma vez.

Olhava para o portão com hostilidade. Deixara de ver o vulto da mulher.

- Só uma vez chega... Que lhe disseste tu?!

Embrulhava-se o feitor com evasivas e gestos.

- Não tens boca?

- Disse-lhe que tinham de largar a casa... Disse mesmo ao Tóino Valador ainda ontem. Foi a quinta vez que lhe disse.

- E ele?... Diz, homem. Que foi que ele disse?

- Que estava desgraçado. Tinha nascido naquela casa, ali casara e fizera os filhos... Sabia lá para onde havia de ir!... O patrão podia perdoar-lhe...

- És tu que me estás a pedir? - gritou, agredindo o feitor com os olhos.

- Ele é que disse tudo.

Abalou o lavrador em direcção à porta donde saíra, como se o perseguissem a machado. Só me vêm com problemas. E logo numa altura destas! Depois emendou caminho e dirigiu-se para o escritório da quinta. Sobre o rebate da porta, voltou-se para o feitor.

- Ela que venha aqui... Que hei-de fazer a isto? Mas não traga as crianças... Não preciso de vê-las. Alguém aí que tome conta delas. Aproveitam esta altura para me lixarem a vida. Depressa, vai depressa!

Sentou-se à secretária, fingindo que mexia em papéis. Percebeu que o vulto da mulher aparecera lá ao fundo, mas esperava que ela desse sinal da sua presença. Via-a de xaile pela cabeça e não havia maneira de se lembrar daquele rosto. Tossiu. Como a mulher não falasse, perguntou sem levantar a cabeça:

- Está aí alguém? Responda quem está aí!

- Sou eu, patrão...

- E quem és tu?
- A mulher do Tóino...
- Qual Tóino?
- Do Tóino Valador...
- Vens falar comigo?
- Se o patrão Diogo me der licença...
- Podes entrar. Vem lá, depressa!

A mulher quis correr, mas estranhou o piso do tapete e pareceu assustar-se. Olhava o chão e os pés, como se não percebesse de qual deles vinha aquela sensação esquisita de caminhar sobre manta de poeira.

- O Manel não lhe disse as ordens?
- Disse, sim, patrão. Tem dito todos os dias...
- E vocês já as não sabiam?

Ela acenara a cabeça com receio de confirmar pela voz.

- Responde.
- A gente sabia as ordens, sim senhor. São já ordens antigas, a gente sabia.

Mas a gente não teve a culpa...

- E eu ainda menos.
- Sim, patrão. O patrão Diogo não tem culpa de nada e é bem feito.
- É bem feito o quê?
- A gente ter de deixar a casa de Aldebarã.
- Então, por que vieste?

- Pra pedir ao patrão que nos deixe ficar... A gente não arranja mais nenhum, sou eu que lho digo... sou eu que digo a Vossa Senhoria...

Levantou o olhar para a mulher, tocado pela aspereza daquela voz que nem a mágoa tornava mais branda. Só lhe via os olhos febris e as mãos ansiosas agatanhando o xaile.

- Tu és capaz de não perceber... Também neste momento não percebo. Aquela aldeia é para a gente da casa, como toda a gente sabe. Não gosto de falar nestas coisas com mulheres. O teu homem está doente?

- É como s'estivesse pra morrer, patrão Diogo. Só chora...
- Por isso vieste tu...
- Já não tenho mais pra chorar.
- Bom!

Foi até à janela, mexeu na cortina e espreitou para o terreiro.

- Como já disse, Aldebarã é prò pessoal que trabalha para a nossa casa. Não quero lá gente que não trabalhe pra mim, mas também não posso dar trabalho a toda a gente que lá nasça, se cada um de vocês fizer dez filhos. Percebes agora?!

- Eu bem qu'ria desfazer-me deste último menino... Mas ia já tão adiantado que a gente teve medo...

- Pois é... Como vou resolver uma coisa destas?... Logo que chegaste aos quatro devias ter parado. A culpa é tua.

- Pois é, senhor... Saiba Vossa Senhoria que está a falar verdade... Mas as coisas acontecem... Coisas destas nem a gente sabe como acontecem. Mas eu venho dizer... e é por isso que o meu Tóino chora... Eu venho dizer que posso ir pôr o mais novinho... é uma menina... que posso ir pô-la esta noite... à porta da Misericórdia...

- Se sabem, vêm prender-te.

- Mas isso é melhor do que o Tóino fazer alguma das dele... Eu acho que ele já não está bom da cabeça...

Diogo Relvas só então se voltou francamente para a mulher. Viu-a toda vestida de preto.

- Quem te morreu?

- Ninguém... Não, não foi ninguém. Mas isto já é um luto em que a gente está...

Comovera-se. As lágrimas rebentavam-lhe nos olhos e a mulher sorria, como se os olhos fossem doutrem. Diogo Relvas aproximou-se e fê-la sentar.

- Não digas a ninguém, o que aqui se passou. Não digas mesmo que falaste comigo. Como hei-de resolver isto? Quantos anos tem o teu mais velho?

- Saiba Vossa Senhoria que dez... É um rapaz...

- Já está no Campo?

- Já, sim senhor. Anda lá desde os sete...

- Então, diz ao teu homem que nunca mais o traga a casa. Esse passa a viver no Campo. Vocês dizem que o puseram fora. Eu digo ao feitor pra lhe dar um trabalho certo de ajuda. E se tiveres algum rapaz com sete ou oito...

- É o meu Rui... O afilhado da menina Emília Adelaide...

- Manda-o aqui para a quinta. Ficas com quatro em casa. Eu digo ao Taranta prò meter a ajudá-lo na cavaliariça.

A mulher agora chorava sem receio. E levantara-se para lhe beijar as mãos, o que Diogo Relvas evitava, talvez por repugnância.

- Deixa-te dessas coisas; deixa-te disso. Vai lá à tua vida...

Dirigiu-se a passo largo para a porta de saída, sem se importar com ela. Depois voltou-se:

- Reza muito pelo patrão António Lúcio. É só a ele que deves, ouviste bem?, faltar eu pela primeira vez na vida àquilo que digo. Adeus!

Já no terreiro, chamou o Taranta e mandou-o trazer o breque para fora. Ia regressar à quinta onde o filho morava. Tinha pressa de estar perto dele, tomando o lugar de Miguel João, com quem se revezava na vigilância do doente.

Capítulo XIX

Emília Adelaide volta às páginas do seu Diário

Nunca mais me debrucei sobre este livro depois que nele escrevi: percebi duma maneira concreta, assim como qualquer coisa que se vê mesmo com os olhos que já não me é possível suportar este inferno manso.

Não escolhi a palavra, pus debruçar como podia ter escrito ver ou voltar, mas realmente o regresso a um Diário é bem o debruçar numa varanda onde podemos assistir à passagem de nós próprios e dos outros, e todos já diferentes, nós e os demais, como se aquilo tivesse sucedido com gente que mal conhecemos já. E o estranho é que somos nós os menos parecidos. Tenho os meus filhos quase criados e estou com vinte e oito anos, o Rui morreu quase há oito e no dia da sua morte pensei que nunca mais voltaria a estar perto do meu pai, isto é, a ficar junto dele com o coração. Não sei de alguma coisa que mude tanto como eu. Há animais que mudam de cor, mas mudam-na sempre com a mesma intenção, para passarem mais facilmente despercebidos. Eu mudo, talvez por razão diferente, para me distinguir mais aos olhos dele, sem reparar que não faço uma mudança transitória, de cor, mas de sentimentos. Serão, por acaso, os meus sentimentos simples cores de que me sirvo?

Bom, mas não foi para isto que voltei ao meu Diário. Ia a chamar-lhe cemitério das minhas ilusões e podia dizer que é também um espelho onde me volto a mirar desde criança, mas onde não gosto de me ver reproduzida.

Para que quero, afinal, confessar-me neste papel, sabendo que talvez amanhã ele reflecta outra pessoa que não sou eu, ou pelo menos uma pessoa que já não gostarei de recordar? Perco-me sempre nestes pormenores, nunca vou direita àquilo que quero, e isto só quando escrevo, porque na vida continuo a saber perfeitamente o que me interessa, nunca me desvio, prevejo tudo com minúcia, nada me embaraça e nunca sinto pejo no que faço. Mas ontem quando o vi no funeral do António

POBRE ANTÓNIO!

muito digno, sem uma lágrima, a ordenar tudo, sem esquecer a coisa mais insignificante, quando nessa mesma noite o seguiu até à torre dos mistérios da minha infância e o ouvira gritar de dor, amaldiçoar a vida e a morte, perguntar o que queriam dele num desafio a Deus, talvez a Deus, se não estou a cometer um pecado, tive vontade de me ajoelhar a seus pés e dizer-lhe tudo o que tenho passado e feito nestes oito anos de viuvez, não sei se para ele me condenar, se para me dar o perdão da pena que ele próprio me impôs.

Até ontem ria-me dele quando planeava a maneira de me encontrar com alguém; era assim uma afronta que eu lhe fazia, como se pegasse num pedaço de lama e lhe atirasse à cara, segurando-lhe os braços para ele se não limpar. Fiz muita coisa, sim, tive amantes, tenho amantes, talvez mais contra ele do que para satisfazer ânsias de amor que só uma vez senti nestes oito anos, por muito estranho que hoje me pareça. E dizendo oito anos digo toda a vida destes vinte e oito anos em que me sei viva.

Seria capaz de me apaixonar se encontrasse um homem como ele. Foi só para dizer isto que peguei outra vez no espelho-cemitério do meu passado. Só um homem como ele seria capaz de me dominar e preencher toda a vida que me falta, mesmo que ele morresse, entretanto. Nem uma ponta de emoção na voz quando nos falou, depois do regresso à quinta. Só o rosto mais pálido, um leve tremor no olho esquerdo e aquela maneira de agarrar as mãos uma na outra... Lembrou-nos mais uma vez que a fortuna continuava indivisa, porque ele e minha mãe tinham feito o testamento um ao outro, mas que qualquer de nós poderia pedir-lhe até certo limite, que ele faria descontar na herança que nos coubesse por sua morte. Disse-nos que tudo corria pelo melhor, embora não tanto quanto desejava. Ordenou ao Miguel João que casasse dentro de poucos meses, quatro, quando muito, e perguntou à Maria do Pilar se se propunha recolher a algum convento. Não queria ali mulheres para convento. Ela respondeu-lhe... (Deixa-me ver se sou capaz de reproduzir exactamente o que ela lhe disse.) Ainda não encontrei um rapaz por quem me interesse. Doutra maneira não caso.

Não foi bem assim.

Ainda não encontrei um homem para ser meu marido. Espero descobri-lo em breve. Doutra maneira não me caso.

E ele só lhe disse: - Não prolongues as tuas dúvidas por muito tempo. Quero fechar os olhos com todos os filhos casados.

Eu estive para dizer, mortos ou viúvos, talvez, mas ele já desaparecera no fundo da sala de música. E nessa noite já não o vimos mais. Foi dormir à cama da

torre e só apareceu no outro dia, muito tarde, à hora do almoço. Parecia mais velho.

Trago a sua voz dentro de mim. Pedi-lhe para me visitar logo que saísse do palácio e ele prometeu-me ir a Sintra com os dois filhos do António Lúcio. Já reparaste, disse-me, que tenho cinco netos e que devo ser agora o pai de todos eles? Se a Maria Luisa ficar viúva, respondi-lhe. As Andrades não são obedientes como as Relvas; pelo menos como a Emilia Adelaide Relvas.

Ficou preocupado com as minhas palavras.

Capítulo XX

Para onde levará a aranha a ponta da teia?

Lentamente, num gingar de coisa bêbada, o breque subia a estrada que amarinha das terras marginais do Tejo, para esse labirinto de cerros e montes por onde se alcança dali a região saloia. Era manhã. Diogo Relvas viera com o neto mais velho, o menino Rui Diogo, onze anos sólidos e vivos. Chegados a Alhandra no primeiro comboio, haviam madrugado na quinta, vinham ambos na companhia de Zé Botto e de Pereira Saldanha, cada vez mais franzino e queixoso da asma. Ainda bem que a Primavera não devia tardar. Março começara com pouco jeito de ser marçagão. Um nadinha frio, mas todo aberto de sol.

Alhandra já se revelava lá em baixo, muito agarrada ao rio, num amontoado de casotas vis e tristes, como se ali houvesse nascido para exemplificar o contraste vivo entre o burgo mesquinho e a pujança fresca do vale de subserra, adornado de casas solarengas em quintas de recreio. Todo balanceios ásperos, o breque gemia na irregularidade do macadame, arrastado pelo passo sorna da parelha que fazia oscilar, em sacudidelas bruscas, os quatro viajeros ainda pouco dados à conversa. O rapazola já tentara despertar os adultos daquele silêncio comprometido em que iam, cada qual, certamente, a meditar no jogo que os trazia por tão desbaratados caminhos.

Na qualidade de proprietário da carripa, o Saldanha conduzia o gado com o Relvas na boleia, enquanto Zé Botto, mordiscando o charuto apagado, fazia companhia, nos bancos de trás, ao filho de Emília Adelaide. Habitado ao peso das matas sombrias de Sintra, Rui Diogo não conteve um grito de espanto quando galgaram o primeiro cerro.

- Avô! Olhe, avô!... Deve ser o Tejo.

E apontava, deslumbrado, a carreira azul do rio a envolver os mouchões, a marginar a Lezíria Grande e as terras ribeirinhas do norte (o que é aquilo ali?, que terra é aquela lá ao longe?), enquanto Zé Botto lhe satisfazia a curiosidade, talvez para que o Relvas velho se não lembrasse agora da história do Mouchão de Alhandra, que tantos amargos de boca lhes dera. Por causa dessa compra, que o

lavrador de Aldebarã fizera à Companhia, estavam ambos na direcção, travara-se entre eles uma disputa acesa, cujos ressaibos ainda não haviam esquecido a Diogo Relvas. Zé Botto sabia-o e também não lhe levava nada por isso, embora preferisse o outro como amigo designado a inimigo aberto.

A serra de Palmela mostrava-se no horizonte, envolta em neblina, e dessas bandas e de Lisboa, sim, lá muito ao longe é Lisboa, subiam velas brancas e alaranjadas de fragatas e botes em pleno Mar da Palha. O rapazola não se aguentava sentado e o avô tivera de se voltar para o segurar pela jaqueta, não fosse algum balouço mais brusco atirá-lo para fora do breque. Sorria-lhe o Botto com a vivacidade do neto; e o Relvas agradecia-lhe num acenar de cabeça, enquanto o Pereira Saldanha mastigava agora os seus azedumes contra o ministério progressista do Zé Luciano, um covil de traidores, nem mais nem menos.

- Não digas, homem, que a peste bubónica do Porto é obra deles! - chasqueou o Botto, no intervalo duma explicação ao Relvas pequeno.

- Estás a fazer anedota... Mas olha, meu velho! Essa ideia de fazer um cordão sanitário à volta da cidade, quando a praça do Porto rangia com dificuldade por todas as juntas, é coisa de cegos malandros. Cegos malandros e traidores, porque sem isso nunca os republicanos arranjarão três deputados nas eleições...

- Andamos todos a brincar com o fogo - observou o lavrador de Aldebarã. - E o fogo está atizado por toda a banda, enquanto os monárquicos se disputam em fúria de dementes. Estamos todos dementes!

- Tire-me lá do grupo, ó Relvas! - chalaceou o Botto, amparando o corpo rotundo às costas do assento, que rangeu com o seu peso. - É a velha história da casa onde não há pão...

- E em que os amigos, os que se dizem amigos, se preparam para nos arrancar o que puderem - replicou o Saldanha na ira dos nervos exaltados.

Zé Botto percebeu a alusão e empalideceu:

- Já cá faltavam os amigos. Essa história dos ingleses se fazerem com os alemães para se baterem com as nossas colónias, é coisa da nossa má cabeça. Quando a cabeça é má, o corpo é que paga...

Calado, Rui Diogo assistia com espanto às invectivas destemperadas dos três homens. Achava-os capazes de se baterem e olhava o avô com receio, embora o visse um tanto mais calmo do que os outros.

- Casa onde não há pão... - insistiu o Botto, manhoso, à espera de meter uma farpada nos que iam na boleia. Lembrara-se dumas coisas...

- Mas quem tira o pão?

- Todos, homem, todos! Depois as desgraças desabam ao mesmo tempo e a culpa é dos progressistas e do Zé Luciano. Ora bolas!

Afagando a cabeça do neto, como se quisesse sossegá-lo, o lavrador de Aldebarã pediu ao acusador para se explicar. E logo este lhe atirou com a questão das dívidas de D. Miguel, que o conde de Reilhac viera exigir com escândalo, ante a indignação fervente do Pereira miguelista, e mais ainda o descalabro financeiro avantajado pelos do Hintze e João Franco com a manobra de empenharem as setenta e duas mil acções dos caminhos-de-ferro e os títulos da dívida externa, o que levaria à conclusão, no estrangeiro, da nossa próxima falência. Em Berna, todos sabiam, acabavam de nos condenar ao pagamento duma pancada de centenas de milhares de libras por causa do caminho-de-ferro de Lourenço Marques.

- São os benefícios do caminho-de-ferro - atirou o Relvas à cara do outro. - Onde entra o caminho-de-ferro há logo história. Luvas para um lado, directores para o outro, e a lavoura que se aguenta a pagar as diferenças todas. Eu sei, Zé Botto, eu sei. Não me faça essa cara feia, homem de Deus! Tivemos de pagar as salamancadas, temos de pagar aos Estados Unidos e à Inglaterra essa brincadeira de África...

- África é nossa, Diogo Relvas, tenha paciência! - interveio Pereira Saldanha, já agastado.

- Ainda não disse menos do que isso!... Mas a verdade é que temos de arranjar dinheiro para tudo. A fazenda é grande de mais para as posses do lavrador, é o que digo.

- Trabalhamos para o futuro...

- E arriscamo-nos a perder até o presente. Vai repetir-se a história do Brasil, tal qual, e em ponto grande. Não tardará muito.

- Isso quer dizer que deveremos deixar os ingleses e os alemães tomarem conta do que é nosso?!...

- Não, de forma alguma, Pereira Saldanha! Não é isso!... Muito longe disso, homem de Deus! O que eu quero é que se abram os olhos... Que a gente não confunda as coisas que imagina na cabeça, e quase sempre sem trambelho, com aquelas que podemos fazer realmente com as mãos. Com isto de mãos quero dizer com trabalho, percebe?!... Os países fazem-se com dinheiro, com gente que trabalhe... e nunca com palavras. As palavras não bastam!

- É por isso que estou disposto a meter dinheiro meu em África - concluiu o Saldanha.

- Faz muito bem e que lhe aproveite - retorquiu o Relvas, sem cuidar agora dos receios do neto, que mal percebia aquele jogo de ódios atirados à cara uns dos outros.

Começava a divertir-se. Principalmente com o contraste físico do Botto e do Saldanha, ora engalfinhados um no outro, ora atirados ambos para o lado do avô, que se media com eles, sem medo, pensava Rui Diogo.

Aproveitando uma pequena descida, a parelha metera a trote largo, talvez pelo alarido das vozes, mas depois refreara-se logo adiante, por causa do lamaçal e das pedras soltas da estrada. Cruzavam-se com camponeses montados em burros ou a pé, e que os saudavam, de carapuço na mão, ficando-se a seguir-lhes a viagem até o breque desaparecer nalguma curva.

Meteram-se, o gordo e o magro, como Rui Diogo os conhecia agora, em troca de argumentos acesos por causa de África e do que o Relvas dissera a propósito; mas este ignorava-os agora, fingindo dormir. Pensava. Sim, no neto que trouxera consigo para o ir habituando àquelas andanças e convívios, arrependido, talvez, do que fizera com os filhos. Acusava-se de que nunca se esforçara por os conhecer a tempo; fora necessário acontecer uma desgraça para que o seu António Lúcio se lhe revelasse, mas ganharia a lição, bem dura lição, por sinal. Dissera tudo isto à filha mais velha, convencendo-a a deixar vir o Rui Diogo para junto dele, embora fizesse partilhar o Miguel da administração das propriedades alentejanas. Não se achava ainda velho, mas ia a caminho dos cinquenta e três, e dava de mão algumas coisas que sempre quisera tratar. Nada se fazia sem ele, era um defeito seu o considerar-se imprescindível em qualquer resolução dos negócios da lavoura.

Estava lúcido, felizmente, para compreender que errara. Os erros emendavam-se. E quanto mais depressa, melhor!

Aproveitava a oportunidade, já agora, para dar uma lição nos Andrades, esses paspalhos que se julgavam com o rei na barriga. Por causa dele achar que a viúva do falecido e os filhos poderiam vir para a Mãe-do-Sol, deixando a outra quinta para o Miguel e para a mulher, deram-se em arranjar melindres e discussões. E numa manhã, sem mais conversas, tinham-lhe levado os netos e a nora para a Chamusca. Felizmente que havia tribunais para julgar casos daqueles. E embora a mãe fosse precisa às duas crianças, não era ele quem contestaria uma tal evidência, teriam de reconhecer, por seu lado, que o exemplo do avô, e também a fortuna do avô, fazia falta aos dois meninos. O tempo e a lei se encarregariam de lhes pôr a rédea curta.

Parou o breque entre cerros escavados, numa paisagem estranha, quase infernal, de amarelo-queimado, castanho e ocre. Andavam-se uns passos e abriam-se abismos profundos de crateras, das quais se levantavam rochas quase brancas, como labaredas solidificadas de calcário, pelo capricho das formas trabalhadas pelas chuvas e pelo vento. Uma vegetação rala e quase queimada cobria os cumes das rochas, donde fugiam pássaros à chegada dos viajantes. À solta, Rui Diogo entusiasmara-se com a liberdade do ar livre e apedrejava tudo o que lhe parecesse alvo capaz da sua mão certa. O avô continuava silencioso, a olhar à volta, cofiando a barba muito semeada de branco. “Para onde levará a aranha a ponta da sua teia?”, interrogava-se sem resposta. Os outros dois também não pareciam mais à vontade.

A neblina, que mal deixava ver a serra de Palmela, já fora rasgada pelo sol. Viam-se agora, distintamente, mais imagens nos longes e a profusão de velas por todo o Tejo. E outros burgos ribeirinhos, muito humildes na planura que parecia prolongamento do rio.

- É isto que você quer vender, Pereira Saldanha? - perguntou o de Aldebarã sem convicção aparente. Interessava-lhe a cara do outro e, mais ainda, a do Botto, de quem não conseguia descobrir os olhos miúdos e matreiros.

- Isto mesmo, Relvas. Tudo isto. - E abriu os braços frágeis e curtos.

- Mas isto não dá nada! Que tira você daqui?...

- Você disse: nada!

- Foi, então, para lhe comprar nada que me procurou? Não é mau amigo, não senhor.

O Botto parecia ausente do diálogo.

- Preciso de juntar uns dinheiros... Aí tem a explicação. Já lhe disse que vou meter dinheiro em África. Cheira-me...

- Venda-me as suas acções das Lezírias. E agora?!...

- Compro-lhe as suas... Não faça essa cara tão feia.

- Já não o percebo, homem de Deus. Está comprador ou vendedor, afinal?

- As duas coisas... Vendo o que me convém e compro o que me pode dar jeito.

Faço a oferta a quem dispõe de dinheiro.

- Já ofereceu ao Zé Botto?

- Já.

- Estás interessado, Zé Botto? Estou desconfiado com esta manobra. Quanto achas que valem estas pedras feias?

- Depende... Saberás alguma coisa? Tudo depende, como sabes. O Saldanha julga que há nestes barrancos uma mina de ouro.

- Então já te pediu dinheiro por isto!

- Mas atirou muito alto. O Saldanha é homem de grandes voos...

- E que tiravas daqui?

- Tempo. As vezes o tempo dá valor às coisas.

Cansado de jogar pedras, Rui Diogo correu para junto do avô com um calhau nas mãos. Queria pô-lo a rolar pelo declive do abismo mais fundo, esperando ouvir-lhe a queda.

- Qual é o seu preço, Pereira Saldanha?

- Aceito ofertas...

- É você que quer vender. Sabe, com certeza, o que isto vale. Diga lá, francamente: para que servem estas pedras? E quanto pretende por elas?!... Um conto de réis?!...

- São macias de mais para fazerem paredes, dizem os pedreiros. Mas por um conto de réis fico eu com elas...

- Em África você faz por cada conto de réis que lá puser, outro conto de três em três anos. Aqui está parado... Venda-me as acções das Lezírias; pago-lhe cada uma a dois contos e meio. Nunca ninguém pagou tanto.

O neto pegara-lhe na mão e pedia-lhe para se irem embora; já nada havia ali que lhe valesse a atenção. Diogo Relvas fingia-se distraído com ele, mas pusera-se em posição de não perder os outros de vista; e viu Zé Botto passar sinal ao Saldanha, sem descobrir, porém, o significado do gesto.

- Tu compravas isto para ti, Rui Diogo?

O rapazola encolheu os ombros.

- Parece barro seco...

"Pois é. Barro seco, não há dúvida", pensou o de Aldebarã.

- Vou levar uma amostra, se me dá licença. Jogo no pleno; vamos a ver o resultado. Daqui por um mês lhe direi alguma coisa...

Percebeu imediatamente que ambos tinham ficado confundidos.

- Não quero esperar tanto tempo. Sinto-me desobrigado...

Só então Diogo Relvas atinou no objectivo do convite do Saldanha e do Botto. Queriam desobrigar-se. Não era difícil perceber agora que havia indústria por trás da manobra.

- Dez contos, serve-lhe?

- Não, não. Por dez contos fico eu com isto.

Voltou-se depois para o Botto:

- Achas que ofereci pouco, Zé Botto?

Perturbado, o outro eludiu a resposta e começou a aproximar-se do breque, acompanhado pelo neto do Relvas. A hora do almoço chegava-se, e todos pareciam, de repente, tomados de uma pressa súbita de se separarem. O de Aldebarã disse ainda algumas palavras com a sua voz mais dura:

- Quero avisá-lo, Pereira Saldanha, de que não me deve importunar por cada terra sua que queira vender prà indústria... São negócios consigo. E liberto-os da palavra que os dois tomaram há já uns anos em minha casa. A palavra de honra gasta-se agora muito depressa e eu não tenho maneira de conservar a dos outros. Não me proponho para director de um museu de raridades...

O outro embarçava-se, queria argumentar, mas sentia-se agarrado pela gola da casaca cinzenta, apesar de o Relvas lhe ficar distante.

- Você sabe, Relvas. Tive uma oferta, quis ouvir a sua...

- Só lhe quero dizer mais uma coisa: um dia você saberá o preço por que pagaremos todos o que vai vender agora. Além do sossego que nos irá faltar... E o sossego não há dinheiro que o pague.

Tinha chegado junto do breque.

- Agora vou aqui atrás com o meu neto. Fiquem vocês dois na boleia. Mas tenham cuidado, não deixem os animais tomar o freio nos dentes. É perigoso...

E apertando o braço do Zé Botto:

- Ouviu bem, Zé Botto?

Uns meses depois, Diogo Relvas sabia que aqueles cerros escavados iriam ser vendidos a uma companhia de cimentos. Foi o que lhe garantiram no Banco de Portugal. A hidra, como lhe chamava, vinha avançando sempre do lado de Lisboa. A vigilância deveria apertar-se. Juntaria à sua volta os lavradores autênticos, os que percebessem o perigo de morte que ameaçava a Nação.

Quando lhe deram a palavra, numa reunião magna da lavoura do Sul, ele só queria lançar esse grito de alerta, nada mais. Recusara-se sempre a discursar em comícios; sabia que a sua presença bastava para o afirmar. Os histerismos das multidões, ou mesmo das assembleias, irritavam-no. Pareciam-lhe demência. Ou teatro, talvez; sim, esse teatro de melodrama que lhe provocava o riso, quando não o desprezo. Mas todos os dias os cegos, e os cegos condutores de cegos, caminhavam sem consciência para o abismo, para o barranco da morte, onde tudo o que merecia ser vivido iria acabar na subversão.

Se a política era ainda uma maneira absurda de certos homens públicos se baterem pelo prestígio pessoal, exactamente como as mulheres públicas, havia necessidade das forças tradicionais descarregarem o seu peso, todo o peso da sua experiência, no prato da ordem, obrigando o fiel da balança a cair decisivamente para esse lado.

Queria dizer poucas palavras. Vivia-se uma hora extrema, afirmara.

Na presidência da mesa, José Barahona seguiu-lhe cada gesto com um aceno de cabeça. Tinha aquele lugar na assembleia por força do prestígio que Sua Majestade lhe dera, ao visitar-lhe as propriedades do Alentejo, aproveitando caçada em Vila Viçosa. Relvas ficara despeitado, mas a hora não se compadecia com rivalidades desse jaez, embora as não considerasse mesquinhas. A oportunidade havia de surgir para si.

Sim, vivia-se uma hora extrema.

As cabeças confundiam-se aos seus olhos. E toda aquela massa movediça que parecia ganhar alento para saltar sobre ele, só tinha olhos, centenas, milhares de olhos, que o perseguiram e esperavam qualquer coisa da sua parte, não sabia bem o quê. Foi só depois que reparou no Zé Botto e no Pereira Saldanha, sentados na segunda fila.

- E se havia que estar alerta com os inimigos que rodeavam a lavoura... havia que descobrir... e denunciar... e castigar... aqueles que estavam dentro da cidadela e pactuavam com o inimigo, alguns dos quais lhe abriam as portas.

Arrastada pela voz poderosa e grave do lavrador de Aldebarã, a assembleia desvairou em apoiados e aplausos.

- Esses devem ser expulsos da nossa amizade...

Apontava-os a dedo, avançando dois passos no estrado, e fulminava-os com o olhar agreste, já fora de si, como se a multidão lhe tivesse atirado com todos os nervos tensos, para que ele fosse o centro da sua vontade. O corpo tornara-se-lhe mais leve; era qualquer coisa que ele próprio não dominava. Só tinha cabeça e mãos; e na cabeça só a vista turva e a boca rasgada, para se fazer voz daquela massa de olhos que se contraía por instantes, como se fosse sumir-se no chão da sala, e logo depois parecia explodir e erguer-se em ondas. E em gritos.

- Façam todas as loucuras já que estão loucos. Caminhem para o abismo já que estão cegos. Mas não nos arrastem para o barranco dos cegos e dos loucos...

E a voz quebrou-se-lhe, procurando pausas.

- Deixem que a vida rural se faça no bucolismo e na paz que o próprio campo ensina aos homens. Que patrão e servo sejam da mesma família, gente do mesmo

sangue. Deixem que o sangue rural continue a ser sangue de homens, e carne e sangue de Deus, porque é deles que vem o pão e o vinho... Nunca o aço frio duma máquina pôde substituir Deus... Nunca o aço frio duma máquina, de todas as máquinas, pôde substituir o homem da terra e o que ele representa na vida da Nação...

Sentara-se esgotado, puxando do lenço para limpar o rosto, e a multidão caminhara para ele, de mãos estendidas, como o fizera Barahona, antes de todos, vindo abraçá-lo no lugar e oferecendo-lhe, num momento de emoção, o lugar de honra na mesa presidencial.

Não, não sabia o que dissera, nem quantos o haviam cumprimentado. Só via os dois, sentados, ainda, mais perto um do outro, transtornados e lívidos. Encarou-os bem de frente. O Botto fez-lhe um aceno e Diogo Relvas ergueu a cabeça com desdém. Não conhecia traidores.

Capítulo XXI

Uma bebedeira de Vaidade

O discurso obrigava-o a ficar em Lisboa, sem mágoa, diga-se a verdade. Gostava de conviver e de se fazer ouvir, tinha a certeza plena das suas razões, e o sucesso da intervenção na Associação da Agricultura trouxera-o para a primeira página de todos os jornais. Comentavam-no e discutiam-no com paixão, em artigos de fundo e em sueltos, a que acabara por responder com uma carta aberta, viril e ao mesmo tempo sensata, onde completara melhor certas ideias que expusera na reunião, embora adoçasse umas tantas outras, ásperas de mais, conviera, ao discutir com o Rodrigues, jornalista de um diário regenerador que lhe redigira a prosa, retocando-lhe o esboço escrito em casa da Rosália.

A falar, isso sim, dizia bem o que tinha na cabeça; plenamente, quase sem hesitações. Os pensamentos ocorriam-lhe encadeados, espontâneos. Construíram-se por si, retocavam-se e completavam-se na presença dos outros, como se fossem os ouvintes a darem-lhes a forma exacta e definitiva. E as palavras aderiam umas às outras, iluminadas, vindo quase sempre a melhor ao de cima, a flutuar entre todas, viva e pronta, agarrada à anterior e capaz de gerar a seguinte, e logo a outra, acasalando-se entre si, como quem se serve de cores e pinta um quadro, pensava, ou tem dentro de si uma árvore, quase seca quando se principia, e depois, miraculosamente, se veste de folhas, e ganha flores, perdendo as que não pode criar, mas empolgando-as com os frutos que lhe chegam, pequenos e verdes, sazoados ainda com o calor da própria voz, e o calor também dos próprios olhos que nos seguem e parecem jogar-nos no último instante o que ainda falta, para que só se colham os frutos acabados de perfume e sabor. Sim, uma laranjeira, isso mesmo, uma laranjeira que reverdece em poucos minutos, dando primeiro algumas laranjas ácidas, que depois se amelaçam e ficam prontas, sem nada de menos, exactas, lúcidas, podia afirmar-se. Há frutos lúcidos, claro. Ou n-não?!...

Mais ou menos, dissera isto ao Rodrigues, explicando-lhe que, quieto e calado, posto à frente dum papel e preso a uma secretária, não achava as palavras precisas para escrever, tinha disso a certeza plena, não lhe custava confessar essa

falta sua. As ideias goravam-se-lhe dentro da cabeça, ficavam inertes, mortas até, para melhor dizer. Só pensava de pé, não havia dúvida. De pé e a falar em voz alta; com pessoas a ouvi-lo ainda melhor. Era assim mesmo. A escrita tirava-lhe a liberdade, dava-lhe a impressão dolorosa de grilhetas a prenderem-no. A amordaçá-lo, era isso. Uma coisa verdadeiramente infernal. Seria um absurdo, pois seria. Por isso mesmo admirava os jornalistas capazes de alinhar num papel branco, e alguns com que talento, santo Deus!, o que jazia calado dentro dos outros. Dons que nascem com as pessoas, concluía.

A falar, exagerava-se; claro que sim. Lembrara-lhe o Pereira, do Banco de Portugal, uns dias depois, quando viera pedir-lhe, de fala mansa, que não insistisse em nova denúncia, na imprensa, dos escândalos dos caminhos-de-ferro. Dera ordem ao Rodrigues para reavivar a questão, como a melhor maneira de pôr o público de sobreaviso contra as sociedades anónimas, verdadeiro fojo das indústrias em projecto. Que dissera ele, afinal, para que o Pereira, o sogro do Miguel João, se abespinhasse tanto?!

- Quem falou bem foi o padre Vieira, meu velho: 'Nem os reis podem ir ao Paraíso sem levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao Inferno sem levar consigo os reis.' Os reis de agora são os industriais... É com eles que a coisa se entende. Ou n-não?!...

"- Exageras. Somos todos necessários, Diogo Relvas.

"- Não me digas que os ginetos fazem falta nas capoeiras... A não ser os próprios ginetos, claro. É um regabofe!

"- Todos somos ginetos e galinhas. Um pouco de cada coisa...

"- Prefiro as coisas estremadas. Odeio, digo bem, odeio o sindicato financeiro que nasce na tramóia, vive dela e morre de verdade, arrastando na morte toda a gente de boa-fé que acreditou nesses balões cheios de ar. Os políticos gostam disso, é bem de ver. Precisam de lugares nos conselhos de administração.

"- Precisamos dos políticos, Diogo Relvas.

"- É uma opinião que já tive e da qual começo a descrer. Se o Parlamento só serve para atizar as fogueiras já acesas, acabe-se com ele. Quando uma semente não dá bem numa terra minha, faço uma coisa imediatamente: mudo de semente. Se o liberalismo já não nos serve, acabemos com ele.

"- Não será fácil. O liberalismo deu-nos vantagens...

"- Mas agora leva-nos o que nos deu e o que já tínhamos antes, arrastando tudo para o caos. Por mim começo a pensar que nos faz falta uma monarquia absolutista. Para grandes males só os remédios rijos; doutra maneira não vamos lá.

Que se vão os anéis, mas que fiquem os dedos. Precisamos de qualquer coisa que ponha ordem nas pessoas e nas almas...

“- O mundo evoluiu, Diogo Relvas. Com sacrifício de muita coisa, é evidente. O nascer de qualquer coisa é sempre difícil.

“- O mundo evolui segundo a vontade dos homens, meu velho. É nisso que eu creio. Se a gente pactua e hesita, aí vamos todos na enxurrada.

“- Vivemos na Europa.

“- Podemos sair dela, meu caro Pereira. Faça-se um cordão sanitário nos Pirenéus.

“- Não é fácil... Precisamos de fazer o inverso. Criar riqueza exportável.”

Ali é que estava o segredo de toda a conversa. O Pereira jogava no desenvolvimento industrial e na exploração das colónias, esquecendo que o desequilíbrio atingiria a Nação por inteiro. A última crise também viera por esses dois atalhos e voltaria ainda, antes de estar sanada, cada vez com maior frequência, até corromper tudo. Diziam que a agricultura vivia à sombra das árvores da preguiça, do sobreiro e da oliveira, mas esqueciam-se de sublinhar que o dividendo da sociedade anónima era outra árvore de mândria, maior e mais falsa, porque as outras mudavam de dono, mas não secavam facilmente, e essa morria sem se saber do quê. Morria quando convinha aos que a haviam plantado, sem quais quês. Bastava vir uma companhia estrangeira que oferecesse boa posição aos accionistas principais. E adeus patriotismo. Só depois, na falência, se ficava a saber que somente dois ou três por cento do capital emitido fora subscrito. O resto estava nos bancos, de penhora. Mais árvores de preguiça. Acabar com a mândria nacional é que se tornava necessário. E para já. Senão fazia-se tarde.

Enganara-se com o Pereira. Teria de estudar o seu voto na próxima eleição do Banco.

Pensara ceder algumas vezes; recolher-se à quinta da Mãe-do-Sol, tratar das terras que herdara e das que adquirira, e adeus sindicatos e banqueiros de Lisboa, parentes dos do Porto nas histórias do Salamanca e dessa quadrilha toda que com ele emparceirara. Talvez estivesse a ver mal. Mas não; tinha a certeza que não. Um dia viriam confessar-lhe que se haviam enganado. Só esperava que não fosse tarde de mais.

Passara a semana em almoços e jantares. Toda a gente queria sentá-lo à mesa, ouvir-lhe as opiniões, pedir-lhe conselho. Um regabofe de discursos. “Andei numa bebedeira de vaidade”, disse para a amante, na última noite em que dormiu na Lapa. Estava velho. Também ela já não era a mesma rapariga, o açafate de ternura,

como lhe chamava. Tinha uma virtude, uma grande virtude, para os tempos que corriam: era agradecida. E sua amiga; supunha não ter posto os óculos cor-de-rosa para a ver assim. Governava-se com a loja no Chiado e ainda bem. Era a reforma. Mais dez anos e também ele teria de se reformar. Os netos cresciam. Qualquer dia casavam-se. O carinho deles havia de lhe bastar.

Voltou a pensar na Maria do Pilar, tão fugidia ao namoro de quantos rapazes a pretendiam. E não eram poucos os candidatos e os alvissareiros. A Emília Adelaide propunha um conde vinte anos mais velho; recompensava-a a viúva do António Lúcio com um primo dois anos mais jovem, uma boa fortuna nas conservas e nos seguros; a Brígida, a governanta, também lhe escolhera marido, não se lembrava quem - talvez o parvo do Silva Mello, que lhe fizera a corte em Sintra e se metera no palácio com o pretexto de lhe comprar duas parelhas de éguas para o breque; o Miguel João abstinha-se, hostilmente, embora insistisse em que seria bom casá-la, e depressa. Por si não queria meter-se nessas coisas; bastava-lhe insinuar uma opinião quando ela se decidisse. Ameaçara-a, uma vez, que lhe poria um marido à porta, se ela não resolvesse depressa. Mas não queria entrar nesses arranjos - dera-se mal com a experiência do António Lúcio.

Foi nisso, porém, que falou ao filho quando voltaram a encontrar-se. Miguel João perguntara-lhe:

- Que há de novo por Lisboa?

- Nada.

E talvez não houvesse, realmente. Ou preferia pensar que era assim?! Teria dificuldade em exprimir também com clareza o que o perturbava. Era ainda algo de indefinido, como se receasse concretizar o que temia. Quando discutia o assunto com estranhos, fazia-o para se sentir objectivo. Vivia essa preocupação a todo o momento; preferia estar preparado para o que viesse, lutar sempre enquanto dispunha de força, embora agisse muito mais para cumprir um dever aceito livremente do que por imposição interior. Um dever para com o passado. E não era bastante?...

Fizera a viagem de regresso com a sensação de vazio interior, como se caminhasse com o espírito através duma bruma cerrada, enquanto o corpo recebia no vivo a dor da incompreensão alheia. Um tanto molesto, mandou o cocheiro seguir para os Paços do Concelho e foi áspero com o presidente da Câmara. "Um homem faz-se todos os dias", pensava como justificação à conduta adoptada. "Quanto menos convicto me sentir mais forte me devo mostrar."

Não estivera com rodeios, aproveitando do aumento de prestígio que lhe viera do discurso, dos artigos dos jornais e da carta aberta que o Rodrigues redigira. Sim, a obrigação do Sousa era servi-lo. Devia por isso dificultar à companhia do cimento tudo o que pudesse; inventasse demoras, inventasse burocracia. E desse-lhe conta de tudo o que se ia passando.

O outro acompanhara-o até ao cimo da escadaria de mármore e ele nem as boas-tardes lhe repetira. “Chicote e açúcar era o remédio para certa gente... Ou para toda a gente.”

O filho perguntara-lhe o que havia de novo; respondera: nada.

E pusera-se a falar da Maria do Pilar quando lhe ouvira a voz no corredor de cima.

Era isso realmente que queria?!...

Talvez não. Mas falou da filha durante muito tempo. E só quando a sineta tocou para a mesa é que disse ao Miguel:

- Demora-te mais um momento. Não queres jantar por cá?...
- Não, obrigado. Tenho a Isabel à minha espera.
- Manda-lhe o meu carro.
- Não é possível, temos visitas esta noite.

Ficou contrariado, deu-o a entender claramente ao filho, mas agora não queria estar com melindres. Parecia recear que o projecto se perdesse até ao dia seguinte. Acendeu um charuto com todos os requintes, vagarosamente, como se nada o preocupasse. E sem levantar a cabeça, disse:

- Temos de pregar um susto ao Zé Botto. Esse gajo roeu-me a corda...

Miguel João não sabia onde o pai queria chegar.

- Todas as noites vem de casa da amiga do Sobralinho. Aí plas onze horas. Temos de lhe dar um tiro.

E só fixou os olhos nos do filho ao proferir a última frase. Sorria-lhe com o olhar.

- O Bem-Fadado é homem de confiança para isso - lembrou Miguel.
- Não. Faremos os dois o serviço. Não é preciso atirá-lo abaixo; basta matar-lhe a égua.

Teve uma pequena gargalhada reprimida quando pensou a má hora que o biltre iria passar até atingir a quinta, a pé. Cada sombra havia de lhe parecer um homem para o fuzilar.

- Gostava de lhe ver as calças quando chegar a casa...

E despediu o filho, passando-lhe o braço sobre o ombro e indo acompanhá-lo à aranha que o esperava. Depois subiu as escadas a assobiar, embora as rugas da testa se lhe vincassem como três golpes de navalha. “Nada de cartas anónimas; um tiro é que é.”

Capítulo XXII

O anão pensa que não é boa a estrela de Zé Pedro

Cavalgando o Emir num galope rasgado, Maria do Pilar soltara ao vento os cabelos loiros, como se um facho de luz doirada a acompanhasse na fuga pelos caminhos sombrios da mata. Mais fogosa do que ela e a montada, a sua imaginação precedia-as, num desafio constante para essa carreira de vertigens e abismos que Miss Curry ajudara a sonhar, e nem elas sabiam já onde teriam fim.

Espantavam-se os pássaros com o tropel do cavalo e os gritos com que ela o incitava, tomada pela estranha danação de abalar sem destino, ou de ir ao encontro dele, como se o buscasse por entre árvores e regatos, voos de asas surpreendidas e noites súbitas, nas cavernas vegetais da floresta assustada.

Zé Pedro ficara no picadeiro a ensinar a preceptora, e agora com o assentimento do lavrador. Depois da corrida em que o domador se apresentara a farpear dois toiros, a inglesa saltara para fora do seu entusiasmo e desvairava com o filho do Borda-d'Água. Procurava-o de noite, sem cuidar de se ver descoberta indiferente a tudo. Maria do Pilar mostrara-lhe os perigos e acabara por lhe revelar os ciúmes que sentia por ela.

“- Deixa-me fazer todas as loucuras que me apetecem... Qualquer dia terei de abalar. Não, não estou disposta a ensinar inglês ao teu sobrinho. Nem outra coisa... E tu ficarás aqui até ao fim...”

Excitavam-se em conversas cheias de subentendidos, fazendo gala licenciosa dessa liberdade.

O casamento de Miguel João com a Isabelinha, e a saída dele do palácio, facilitava-lhes ainda mais os encontros. Diogo Relvas aceitara que Miss Curry fosse preceptora e dama de companhia, já que a filha se mostrava adversa a quantos pretendentes aparecessem a rodeá-la. Incumbira a inglesa de lhe explicar que deveria casar-se, ela que escolhesse, mas não era ele, não, que ia meter-se agora em tais melindres com a filha. Fingia não perceber a insubmissão de Maria do Pilar; já tinha demasiadas culpas em cima de si, pensava o lavrador, e não chamaria outras tantas para a consciência. Miss Curry que a aconselhasse. O puritanismo britânico

podia conseguir da rebeldia da filha, o que o padre Alvim, cada vez mais taralhoco, já não almejava nas confissões quinzenais, por muito que tentasse comovê-la.

Joaquim Taranta é que andava preocupado com o desaforo da inglesa e da menina. Quisera falar no caso ao Zé Pedro; ainda se pusera a maralhar na conversa, “isto, meu rapaz, tenho visto muita coisa e o pequeno é que fica mal, a gente não deve olhar prà sombra desta malta de pancada alta”, mas o domador de cavalos fizera-se surdo, já concedia muito na vaidade que vestia, se lhe falava no serviço do picadeiro. “Um dia vai tudo raso aqui dentro, ó lá se vai; tão certo como eu me chamar Joaquim Taranta!” E agora, que o patrão Diogo lhe dera outro cavalo em lugar do Estreleiro, morto de velhice, só para o ver cavaleiro tauromáquico, o filho do Borda-d’Água parecia cego de bazófia. A mãe, coitada, é que se punha cada vez mais triste com a sina do Zé. O anão contava-lhe o que via, acrescentando o que imaginava, e não era muito, vamos lá, porque o Taranta nunca saberia acompanhar as fantasias da inglesa, tão comezinha era a sua experiência do mulherio. Quase todas elas se lhe chegavam por galhofa e ele sujeitava-se, está claro, resignado com o defeito que Deus lhe dera. Tinha outras compensações... Versos para cantar eram com ele. E fazia-os bonitos, toda a gente dizia. Cada um é para o que nasce.

Mas a estrela do Zé Pedro não lhe parecia boa. Evitava cruzar-se com ele, não fosse o equitador pensar que lhe dava má sorte, ao contrário das mulheres que gostavam de ver o anão, tirando um beijo da boca, na ponta dos dedos, e batendo com eles em qualquer pessoa; e diziam: já tive um gosto; o dia vai correr-me bem.

Deambulando pelas veredas da mata, um pouco ao acaso, Maria do Pilar acabara por encontrar-se nesse recanto sombrio inventado pela preceptora e a que ela aderira inteiramente, tornando-o seu também. Sentiu um desejo súbito de se confrontar com esse irreal mundo físico a que se ligara de maneira tão profunda.

Prendeu o cavalo a uma árvore e deitou-se sobre a erva.

Aquietados, os pássaros voltavam a cantar depois do susto sofrido com o tropel da montada, que apagara também o desafio do regato, saltitando desde o alto do cerro, e que mais se assemelhava ao eco agudo do mover das frondes. O canto dos gaios e dos cucos cruzava-se agora com o assobio dos melros rambóias. Mas era da terra, das profundezas da terra, que chegava ao corpo de Maria do Pilar a ilusão de se sentir acompanhada, embora gostasse de repelir de si todas as lembranças desse contacto secreto experimentado ali mesmo. Sempre quisera recusá-lo; julgara-se capaz de o conseguir, tamanho era o receio que sentia ao

pensar na maternidade. Nunca pudera olhar sem repulsa para uma mulher grávida. Vinha do fundo de si uma irrupção súbita dessa culpa de que os irmãos a tinham acusado uma noite.

O pai ausentara-se da quinta, deixara-a com eles, e logo no primeiro dia, depois de jantar, o António Lúcio dissera-lhe que havia de levá-la até o casinhoto de pedra, o seu mistério quase perdido entre acácias e carvalhos; era capaz de lá chegar de olhos fechados, à esquerda, logo à esquerda, metia-se ao segundo carreiro e sempre em ziguezagues pela mata adiante até aparecer a casa redonda de pedra com o telhado em cone. Ele levava-a pela mão, muito agarrada. Só depois percebera que o irmão receava a sua fuga. Ainda havia claridade cá fora, lembrava-se bem, e ele mandara-a entrar à frente dera-lhe mesmo um empurrão ficando a fechar a saída. Quando olhara para ele tivera medo. “Senta-te”, dissera-lhe. “Não vejo”, respondera já trémula. “No chão, senta-te no chão”, ordenou-lhe outra voz que vinha da parede do fundo.

Sentira frio - tanto frio! E depois percebera dois vultos encostados à parede, com os braços caídos mas um pouco abertos, de mãos espalmadas, como se quisessem aquecer a frialdade do casinhoto. Obedeceu, sentando-se na lájea, cheia de curiosidade, embora a apavorasse a ideia de mover a cabeça sem que os outros lho ordenassem. Já conhecera, então, a Emília Adelaide e o Miguel, ambos de escuro, para que ela os não descobrisse antes de entrar.

“- Que me querem?

“- Não faça perguntas.

“- Mas porquê?!...

“- Cale-se.”

Seguira-se um silêncio prolongado, em que só ouvira o arfar da própria respiração e o bater espaçado dum pingo de água que caía perto de si, molhando a lájea onde se sentara de pernas cruzadas. António Lúcio fechara depois a porta. Uma porta que gemia nos gonzos, como se se queixasse duma dor - talvez daquela escuridão negra, cerrada e negra, que se fizera lá dentro.

“- Maria do Pilar! - disse alguém cuja voz não conseguiu distinguir, mas que devia percorrer as paredes redondas e a abóbada do antro, ganhando ressonâncias estranhas, como se as pedras lhe comunicassem a aspereza.

Ela cerrara os olhos, tapara-os depois com as mãos, porque começara a ver a forma dum veado vermelho, a correr à sua volta, buscando tocar-lhe com as patas erguidas, como se fossem feitas de lume. Quisera gritar, mas percebera que eles não a deixariam; e só pensava: mas que fiz eu?, que fiz eu?

“- Já viste alguém morto, Maria do Pilar?

“- Não! - respondera num gemido.

“- Mas sabes o que é morrer...

“- Responde! - gritou outra voz, talvez a do Miguel.

“- Sei...

“- Os teus irmãos não gostam de ti. E sabes porquê?...

“- Responde.

“- Não...

“- Foste tu que mataste a nossa mãe. Mataste-a pra tu nasceres...

“- É por isso que não gostamos de ti...

“- E nunca gostaremos...

“- Nunca poderemos gostar.

“- O primeiro filho que tiveres há-de matar-te também.

“- Como tu fizeste à nossa mãe... Percebes?!...

Sentira no meio do alarido confuso das palavras gritadas, a que se enlaçavam os ecos das anteriores, ressoando todas na abóbada baixa, como se cada uma fosse o peso das patas do veado vermelho a cair-lhe sobre a cabeça e os ombros, sentira os passos deles, dos três irmãos, e logo depois o contacto dos seus dedos nos cabelos. As lágrimas encharcavam-lhe as mãos, mas evitava soluçar. Pensava que os soluços poderiam torná-los ainda mais violentos. E só dizia num fio de voz: - eu não fiz mal... não, eu não fiz mal...

“- Tens de dizer...

“- Fui eu que matei a nossa mãe...

“- Anda, diz... Diz, bicho maldito!...

“- Fui eu que matei a nossa mãe” - repetiu a mesma voz que devia ser a de Emília Adelaide.

Então, de repente, ainda agora não sabia como fora capaz, pusera-se de pé, rompendo num pranto angustiado. E gritara, gritara:

“- Não... não, não fui eu... Não!

“- Foste, sim, foste tu.

“- Diz que foste!”

Atirara-se contra eles com as mãos e com o corpo, sentindo que lhe batiam, mas as pancadas doíam-lhe menos do que as palavras que deixara de ouvir. Um deles agarrara-lhe pela trança, enquanto outro abria a porta por onde entrou um negalho de luar. E de novo gritara, gritara, chamando pelo pai.

Sentaram-se os três à sua volta, explicando-lhe que não tivesse medo. Era uma brincadeira, um jogo que queriam fazer e que ela não deveria contar a ninguém.

“- Prometes?

“- Prometo. Mas não fui eu, pois não?”

Haviam regressado juntos. A Emília Adelaide e o António seguravam-na pelas mãos, enquanto o Miguel seguia atrás, a assobiar. Depois um deles iniciou uma cantiga e quiseram que ela cantasse também, explicando-lhe que era para afugentar as bruxas da floresta. E o António Lúcio falou das bruxas e dos lobisomens, capazes de a levarem, se ela dissesse o que se tinha passado.

Ardera em febre nessa noite cheia de pesadelos e de alucinações. Os galhos vermelhos do veado tinham-se comunicado a todo o corpo do bicho, pondo-o em lume, e a brancura da pele tornara-se vermelha, cor de fogo, e o veado ateava incêndios por onde passava, aos saltos, até que num pulo maior atingira o céu e o enchera de labaredas também.

A Brígida mandara chamar o Dr. Gonçalves, que atribuiu a temperatura a qualquer coisa indigesta, talvez fruta verde.

Nada contara; nunca, de resto, falara nisso a alguém, nem sequer ao padre Alvim na confissão, porque os irmãos a avisaram de que nem a esse o deveria fazer. Ficou ciente aos sete anos de que nem tudo se diz no confessional.

Guardara sempre nos segredos do sangue a angústia dessa acusação, atenuada depois com o decorrer dos anos, embora a frieza dos irmãos lhe recordasse algumas vezes. Um dia, porém, repararam que estava uma linda rapariga. Quem teria a sorte de a levar como mulher? Não, ninguém, respondera aflita. Nunca me casarei, afirmara ainda com emoção na voz.

E começara desde então a querer confundir-se com os homens, cavalgando escarranchada como eles ou vestindo calças de montar quando estava na quinta, apesar de nada haver nela que fosse sinal de virilidade. Só queria não se tornar reparada aos olhos dos homens. Assim nunca se casaria, pensava. Sentia, tinha a certeza, de que morreria no dia em que desse um filho ao mundo. A maternidade fazia-lhe medo. Junto duma grávida experimentava uma sensação dolorosa de culpa viva, afastando-se, como se descobrisse no olhar dessas mulheres uma acusação. Transferia porém todo o seu carinho para as crianças, exagerando; parecia-lhe que as mães não as tratavam como mereciam. A Emília Adelaide e a cunhada, a Maria Luísa Andrade, zangavam-se com os seus desvelos pelos filhos. Estragava-os com mimos.

Vivia entre o pavor de ser mãe e a exaltação do seu instinto maternal.

E um dia, ali mesmo, onde agora estava deitada, pusera-se a acariciar o Zé Pedro, talvez perturbada pela ligação dele com Miss Curry, mas confundindo-se também na ternura pelo filho imaginário que vira no domador de cavalos. Ah!, sim, era bonito. Gostaria de ter um filho daqueles, sem os riscos do parto. Sem o receio da morte.

Havia nela uma cerrada justaposição de sentimentos e de lembranças, que mudavam de intensidade e de lugar dentro de si, ao sabor de sensações e acontecimentos novos a que esses sedimentos correspondiam quase em alvoroço. Era, ao mesmo tempo, uma longa cadeia de certos dramas vivos, que voltavam a sangrar. Como se alguém os erguesse e começasse a mover, de maneira a que distinguisse neles cada faceta de si própria.

Capítulo XXIII

Um título por duas horas

Sua Majestade mostrara empenho em conhecê-lo. Os jornais e o relatório do chefe da polícia secreta haviam despertado a curiosidade do Rei para o homem da lavoura que se lhe afigurava mais clarividente do que muitos ministros. O ímpeto dessa intervenção lúcida e tempestuosa ao mesmo tempo, mostrava-lhe o Relvas noutra feição bem diferente da que lhe relatara o príncipe, a propósito da toirada de Madrid.

O lavrador de Aldebarã que ainda não engolira a pílula de o ceptro rural ser entregue ao Zé Barahona, pôs condições para ir à real presença. Fê-lo em ar de gracejo, mas carregou-o de intenções. Ele próprio soube vencer um resto das dúvidas de Sua Majestade, ao lembrar-lhe que o Ribatejo era a pátria do homem criador da própria terra, onde semeava e colhia, como o holandês, majestade, e que a homenagem real seria o estímulo para uma região sempre resistente às ideias desnacionalizadoras vindas da França. Sua Majestade deveria chegar-se mais ao Portugal das tradições autênticas, ao do paternalismo agrário. Ou n-não?...

Concertada a data da visita, Diogo Relvas promovera reuniões de lavradores, discutia os números do programa, bem como os pormenores do protocolo com o Paço, comprara mais algumas máquinas para a parada agrícola, estudara o conjunto das representações, de acordo com o peso, em trabalho, de cada casa de lavoura, e foi de um requinte, talvez exagerado, para a indumentária dos próprios rurais peões que representavam o ferro Relvas, uma vez que a farpela de campino já ganhara direitos de consagração para a cavalaria, embora o uso do colete vermelho e do calção com meia não pudesse considerar-se muito tradicional. Mas era bonito, sim senhor, metia um vistaço. E, quando a vista goza, nem tudo se perde. De resto, era bom que em certas coisas se abrisse a porta à inovação, ao menos como exemplo do que devia entender-se por tradicionalismo dinâmico.

Tivera arrelias, pois claro. Ah!, quantas!... Nem lhe falassem nisso. Um pavor!... Até empenhos de ministros e pares do Reino por mor da ordem no desfile. O costume. A farândola do costume. Algumas noites, nem lhes sabia o conto,

acabara por se meter na Torre dos Quatro Ventos para meditar na forma mais equilibrada de resolver melindres e vaidades. Caganças ao resto, como dizia entre amigos mais íntimos. O que lhe valia é que se não deixava abater por malquerenças nem por intrigas.

Mas, finalmente, o dia chegara. E que dia bonito!

Aí estavam foguetes e morteiros a anunciar festa a todos os ecos disponíveis, três bandas de música, três, a puxarem o povo para a borda do Tejo, onde o iate de Sua Majestade largaria ferro, depois de ser acompanhado desde Alhandra por uma esquadra de botes e fragatas, tudo com muitas bandeiras e flâmulas, mais foguetes e vivório. E gente dos Montes e da Lezíria, em multidão, a que se juntavam lisboetas apinhados em comboios e traquitanas; as ruas estavam muito bonitas, sim senhor, principalmente as janelas engalanadas com colchas de seda, cabeças de toiros e de cavalos, mais bandarilhas e barretes, toda a simbologia ribatejana em despique e por atacado, e até a retalho, pois claro, uma vez que não faltavam vadielas a apregoar ventarolas alusivas, por causa do calor e da tineta das recordações de festa tão castiça. Misturavam-se marialvas e fadistas, alguns acompanhados da imprescindível banza aconchegada no braço ou dedilhada a preceito, na penumbra das tabernas, onde os copos andavam de mão em mão como as pombinhas da Catarina.

E esses tiveram de partir às carreiras, atropelando quem não guardasse pernas para funções daquelas ou se desse a ripanços, mal se ouviu uma girândola de morteiros com três estalos, anúncio garantido de que a família real desembarcara no cais - como viria vestida a Rainha? -, o que as três bandas, três, confirmaram com o hino tocado a todo o fôlego.

Diogo Relvas mandara aprontar um trem aberto, puxado a duas parelhas de éguas brancas, talvez para marcar contraste com o ciganão do Zé Pedro, que ia na boleia, ufano e radiante, na farpela negra de jaqueta e calça apertada, mazantíni da mesma cor, e pingalim vibrante, pois Suas Majestades seriam conduzidas por ele até ao palanque, donde assistiriam à parada agrícola. Acotovelavam-se os da lavoura para serem apresentados aos régios visitantes, avançavam os fáetons e os breques, os tílburis e os trens, por onde se distribuiriam os príncipes e a comitiva, e o cortejo partiu a trote, num trote ligeiro, com a carruagem de Suas Majestades acompanhada, a cavalo, pelo campino mais velho do Relvas e por este, em pessoa, como emblema da terra em que servo e senhor se davam companhia perante a Coroa, sem hierarquias na submissão que lhe era devida. E logo depois Maria do Pilar entre o irmão e o sobrinho mais velho, todos à ribatejana, e montados em

cavalos negros, estátuas de força e nervos, a que se seguiam mais de uma centena de campinos, de pampilhos ao alto, como lanças de paz, em grupos de dez, com pequenos intervalos, de maneira a dar realce à unidade da cor das montadas de cada grupo. Abria a guarda de honra uma dezena de animais baios, palhados, a que se sucediam os lazões, os isabel-claros, os branco-pombo, os castanho-pezenhos, logo seguidos de dez cavalos cinzentos, pêlo de rato, com crinas e cabos pretos, e mais os rosilhos açúcar e canela, e os lobeiros, cinco claros e cinco mais escuros, adiante doutro grupo rucilho-avinhado, a atirar para vermelho, enquanto os do fáeton dos príncipes ostentavam esse maravilhoso rucilho flor de alecrim, de que o lavrador de Aldebarã tanto se orgulhava. E a fechar o curso da cavalaria humilde da campinagem, dez poderosos cavalos negros azeviche com estrela na testa, após os quais surgiam as equipagens bem arreadas e os ginetes, com senhoria, doutros lavradores e familiares.

O povolêu aplaudia, contaminado pelo deslumbramento do desfile; e perdeu a cabeça quando os campinos, a um sinal do Relvas, partiram numa galopada, para a frente do cortejo, gritos de perseguição imaginária, sem baralharem as cores das montadas e de vara em riste, barretes e jalecas ao vento, até ao palanque real, onde aguardaram o trem guiado pelo Zé Pedro, para ali repetirem a guarda de honra aos soberanos e comitiva.

E à vista do Tejo, onde as embarcações engalanadas pairavam de velas recolhidas, numa terra aleziriada e plana, a parada começou pelo desfilar da casa Rolin, com o Fortunato à cabeça e os três filhos, e terminou com a representação do Relvas, esmerado em tudo, como a síntese de todos os ranchos e gados manadios que a lavoura mandara à bênção de um bispo e ao sorriso amável de Sua Majestade, imponente e satisfeito de si, correspondendo com a Rainha às saudações das gentes em cortejo e às que se apinhavam nas tronqueiras destinadas à arraia-miúda.

Máquinas de debulhar e enfardar causavam espanto, seguindo mesmo à cola de Diogo Relvas e dos dois filhos, embora a atenção se voltasse toda para os cinco netos, os três de Emília Adelaide e os dois de António Lúcio, que surgiram noutro fáeton próprio para o seu tamanho, puxado por cinco poldros alazões queimados, que Rui Diogo conduzia com mão de mestre. E seguiam-se ranchos de ceifeiros, a cantar; mulheres com foices, homens com gadanhas, e logo o carro do pão, carregado de medas de trigo, com duas juntas de bois da terra, de cornos pintados com tinta doirada, chocalhos grandes a badalar gravidade, a que parecia atrelar-se o carro da cortiça, rodeado do pessoal do trato, e o do azeite e o do vinho, com

mulheres da apanha da azeitona e das vindimas, capatazes e abegões, rachadores de lenha e serradores das matas, de machados ao ombro e serras agarradas por dois homens, em ceroulas e de pé descalço, caminhando à beira doutro carro lezirão carregado de toros de madeira. E mais carros, alguns de mulas, e mais gente dos pomares e dos arrozais, enquanto ao longe esperavam os gados em manada.

Zé Salsa apareceu à frente, como maior-al-real da casa Relvas, ufano da insígnia de prata que trazia com o ferro do lavrador. Arranjara as suíças, vestia fato novo, fumava no cachimbo feito pela sua mão, e veio, à desfilada, postar-se em frente do palanque, de barrete na mão, para se dirigir a Diogo Relvas que se tinha colocado, a cavalo, junto da tribuna real. Pedia licença para mostrar o gado; o lavrador descobrira-se também, no que fora seguido pelos filhos e netos e transmitia depois a Sua Majestade o pedido do servo. E lá voltou o Salsa a galopar para o fundo do campo, dando ordens aos maiores e ajudas para que as manadas avançassem. Primeiro as ovelhas já feitas e mais as malatas, as porcas alfeiras os toiros da terra e os beirões, uma manada de bovinos charoleses, que levaram o Rei a aplaudi-los, e depois as manadas de vacas alfeiras e afillhadas, tristes, ansiosas com as crias, de pelagens várias e cornaduras escolhidas para o cortejo. Seguiam-se cavalos de meio-sangue inglês, apresentados à mão éguas de meio-sangue árabe, ágeis e nervosas, algumas apoldradas, cavalos e éguas de raça peninsular, uns montados outros à mão, sempre distinguidos em grupos de cores ou baralhados, de propósito, para que se lhes visse a variedade da paleta, cada grupo com o seu maioral e ajudantes, contramaiores, roupeiros, eguariços e anoeiros, montados todos, a conduzirem o gado manadio para a passagem marcada pelo lavrador.

O Salsa, com o seu estado-maior de campinos, regressou montado num soberbo cavalo de Alter, enquanto os subalternos cavalgavam éguas da mesma raça e passavam a galopar, como para darem entrada ao Miguel João que surgiu, sozinho, a alardear artes de ginete num maravilhoso cavalo, marcado pelo ferro Relvas, como todos os animais desfilados. Surgiu também a galope, fê-lo mudar de passo, ladeou com ele, pô-lo a rodopiar e a levantar-se, e depois trouxe-o a trote até defronte do palanque real, onde se desmontou, acabando por conduzi-lo à mão para junto das escadas.

Diogo Relvas descobriu-se mais uma vez e pediu licença a Sua Majestade, a Rainha, para lhe oferecer aquele exemplar das suas manadas. O Rei debruçou-se no varandim da tribuna e apertou a mão do Relvas, que fez vénia à Rainha, feliz pelo inesperado da prenda. Mas as atenções voltavam-se já para outro cavalo

rucilho mil-flores, montado por Maria do Pilar e que, depois de obedecer ao mesmo ritual de equitação do outro, do branco, foi trazido ao palanque para o cerimonial de oferta a Sua Majestade, El-Rei.

E mal haviam findado as vênias e cumprimentos, que levaram Diogo Relvas e os familiares para junto dos soberanos, apareceu do fundo da planície, acossado por ginetes e pampilhos, gritos do povo e óis dos maioraís, um curro de dez toiros bravos que passou numa nuvem de poeira e sol pela frente do palanquim, o que deu ao ganadeiro nova oportunidade de glória, pois o Príncipe aproximou-se para lhe lembrar esse curro que assombrara Madrid pelo poder e pela nobreza.

- Mandeí este ano a Sevilha outro melhor, Alteza Real! A divisa da casa é sempre melhor.

- Melhor do que hoje vimos, não será possível - afirmou o Rei, que não escondia a impressão causada pelo cortejo.

- O homem pode sempre melhor com a ajuda de Deus - retorquiu o lavrador de Aldebarã.

Já era tarde. O almoço ainda ficava longe e fizeram-no no palácio da Mãe-do-Sol, onde os servos comeram ao ar livre, obrigados a fandango, verdes-gaios e bailaricos. Joaquim Taranta, o anão, compôs uns versos à visita real, e a Capitolina, a neta do Salsa, cantou-os com acompanhamento de gaita de beijos. Miss Curry e o preceptor apareceram na festa do povo, um pouco amuados com o trato deselegante do Relvas, que os atirara para a condição de servos agaloados, não lhes dando lugar à mesa nem nos carros do desfile. Zé Pedro pusera-se à parte, talvez triste por causa do último encontro com Maria do Pilar. Sentia medo dela.

Pelo pátio da quinta passava a padiola com um novilho acabado de assar por campinos e todo enfeitado de flores campestres. Levavam-na, ao ombro, sobre os barretes, quatro maioraís que deveriam entrar na casa de jantar com o pitéu, ladeados por seis camponeses para o servirem. O mordomo esperava-os ao alto da escadaria de mármore, um tanto irritado com aquela bizzarria do lavrador. Aquilo não era coisa para banquete. Cá em baixo, o Salsa rondava os servos, não fosse algum deles beber mais do que a conta e meter-se em sarilhos. O Relvas nunca perdoaria uma falta dessas. E as rodas faziam-se à volta dos harmónios para um grupo bailar e desfaziam-se para se meter mais uma palmeta e beber um copo. Sua Majestade iria dar ainda um passeio pela quinta; o lavrador mandara-os colocar ali, em sítio conveniente, para que os visitantes vissem os servos em alegria plena. A gente miúda de Aldebarã não tivera entrada.

À hora dos brindes, Diogo Relvas mandou cerrar as janelas por onde subiam os ecos da festarola campina, e falou do significado daquela visita, depois de o presidente da Câmara dar a nota da política concelhia com discurso escrito por um vereador muito letrado e que ele decorara durante quinze dias, com pausas e suspensões marcadas por um actor, a quem recorrera para lhe acentuar o sabor teatral. A memória fugira-lhe em certa altura, mas conseguira agarrá-la depois de um balbuciar irritante, apesar de a parte mais bonita da peça, a que dedilhava na corda histórica do concelho, se afundar no pego do esquecimento. O semanário da vila havia de transcrevê-lo, inteirinho, embora tivesse de o passar com a sua letra.

Sua Majestade, por fim, agradeceu a todos aquela lição de trabalho e portuguesismo, realçou que passaria a percorrer o País, sempre que pudesse, de maneira a conhecê-lo melhor, o que significava amá-lo mais do que antes; e dirigindo-se ao Relvas:

- Vossa Excelência é agora, na verdade, o rei dos lavradores portugueses. Deixe que outro rei lhe fale...

Perdeu o lavrador de Aldebarã todo o resto do discurso, talvez emocionado, ou, quem sabe, tomado da perturbação natural de quem arrancava ao Barahona o ceptro entregue, há alguns meses, pela mesma voz que lho dava agora. Emília Adelaide fitava-o com enternecimento, revendo-se no filho de quem o Relvas era mestre; e Miguel João dirigia-lhe um aceno do cálice, em que doirava um Portoribatejano das vinhas de Almeirim. Só Maria do Pilar parecia entristecida, depois de ouvir a conversa pipilada do ministro que ficara a seu lado, um taquinho de gente, todo gentileza e olhares de pinça.

O final da arenga real foi ainda mais surpreendente. Sua Majestade concedia a Diogo Relvas o título de visconde de Aldebarã.

Rompeu-se o protocolo.

Os amigos felicitaram-no em termos despeitos; exaltou-se a família, sonhadora de brasão, imaginando as alegorias heráldicas que lhes caberiam. O Rei abraçou-o. Só o Relvas se mostrava apático com a mercê e as honrarias.

- O pai ficou comovido - ciciou Emília Adelaide ao irmão. - Foi uma bonita prenda de Sua Majestade.

- Mais para ti do que para ele - gracejou Miguel João, frisando as guias do bigode à francesa.

Pediu a Rainha que a escusassem no passeio pela mata. Preferia descansar um pouco, antes de partirem ao fim da tarde. Sairiam às cinco para a estação de Azambuja, onde os aguardava a carruagem especial. Maria do Pilar e Emília

Adelaide fizeram-lhe companhia até aos aposentos, enquanto os dois príncipes partiam a cavalo com os varões da casa, e El-Rei se comprazia a conversar com o anfitrião em coisas de lavoura, lembrando ao Relvas o célebre discurso do comício presidido pelo Barahona.

Estavam sós na mesma sala em que o lavrador de Aldebarã falara aos amigos depois do funeral do genro. A comitiva real e os outros convidados haviam partido como séquito do passeio pela floresta ou entretinham-se a ver o povo divertir-se, em cantigas e bailaricos. A neta do Salsa, a Capitolina, parecia caça fora da época - todos lhe farejavam a barra da saia, de tal modo a cachopa se movia entre fidalgos e senhores.

- Foi um discurso modelar, meu amigo. Lúcido.

- Agradam-me as palavras de Vossa Majestade, porque lúcido é tudo quanto desejo ser. E julgo-me lúcido quando entendo que a indústria...

- Cuidado, Relvas. O País precisa de se industrializar.

- Talvez, Majestade. Eu próprio estou ligado à indústria. Mas, nesse caso, deverão criar-se zonas para instalar as fábricas... Vossa Majestade parece admirado com a sugestão. Mas será essa a única forma de não se perturbar a lavoura, levando a abandoná-la muitos destes que hoje desfilaram perante Vossa Majestade. A lavoura será sempre o lastro conveniente para se evitarem certos voos atrevidos daquilo a que se chama progresso...

- Perfilha uma espécie de guetos onde vivam os homens da indústria?

- Não tanto, Majestade.

Depois sorriu:

- Mas se tal fosse possível, aí teríamos uma forma de impedir a anarquia.

- Um gueto rodeado de tropas.

- Infelizmente não será possível, Majestade. Mas um dia, quem sabe, talvez tenhamos todos de nos acusarmos, por não fazermos a tempo o que deveríamos.

- Alguém o fará, certamente. Não deveremos agir com premeditação. É impopular.

- Um verdadeiro governo nunca poderá ser popular, Majestade. Governar ao gosto do povo é nivelar por baixo. Amo demasiado os homens que me servem, para lhes permitir a absurda loucura de intervirem nos negócios públicos.

- Na Europa temos de nos resignar...

- Coloque-se Portugal fora da Europa se, porventura, entendermos que a razão está do nosso lado. A verdadeira Europa podemos ser nós...

A propósito das ambições anglo-germânicas sobre a África Portuguesa, Diogo Relvas aludiu a essa Europa de egoísmo e rapina, onde já se misturavam ideias de repúblicas socialistas. Falou das greves por toda a parte. Entre nós deveria fazer-se a mão pesada para os agitadores. El-Rei considerou a lei de 13 de Fevereiro como um grande mal para a monarquia; mas o lavrador de Aldebarã permitiu-se discordar de Sua Majestade.

E quando o monarca lhe perguntou há quantos anos os Relvas tinham começado na lavoura, respondeu-lhe que há um século, convidando-o depois a subir à Torre dos Quatro Ventos, a pretexto de lhe mostrar o panorama sobre as campinas e o Tejo. E ali chegados, ante a estranheza do Rei pela humildade dos móveis, acentuou:

- Começámos por aqui. Este quarto era do meu avô, o Chicote. Chamavam-lhe Chicote. Foi nesta cama que ele descansou das fadigas da primeira terra que fez de renda no Alentejo. É uma espécie de santuário da família, embora só eu aqui entre. É aqui que me confronto com o meu avô e o meu pai em certas horas... Nas horas extremas, como lhes chamo. É nesta torre que meço bem o caminho percorrido e experimento a rijeza da minha coragem. Gosto de pensar que se alguma vez tivesse de regressar a este quarto, sem mais nada, seria capaz de fazer novamente todo o caminho que se percorreu até hoje. Gosto de pensar nisso... Tenho um objectivo: fazer sempre bem, fazer só o melhor. Dar dignidade a cada coisa que sai das minhas terras.

- Seria um bom programa para um governo...

- Talvez, Majestade.

- Mas agora reparo, meu amigo. Ainda não o tratei pelo seu título. Meu caro visconde de Aldebarã...

Diogo Relvas parecia aguardar a oportunidade, porque o rosto se lhe adoçou.

- Vossa Majestade consente-me um pedido?

- O que quiser.

- É pouco o que quero pedir.

- Diga.

- Há duas horas, duas horas apenas, que Vossa Majestade me concedeu o título de visconde. Gostaria... se não melindro... de o devolver a Vossa Majestade.

- Mas devolver-me o título porquê?!... Não o entendo, Relvas.

- Sim, sou o Relvas... E isso me chega. O Diogo Relvas, neto do Chicote. Por aqui ando como entendo, a cavalo ou de breque, misturado com a minha gente,

sem me preocupar com títulos de nobreza que trazem obrigações. Gosto de ser um homem à minha maneira; os Relvas têm os seus pergaminhos, valem por si...

- A nobreza será honrada.

O lavrador sentia-se agora sem inibições. Sentara-se o monarca numa das cadeiras de pau, acendendo um charuto depois de lhe oferecer outro.

- Vossa Majestade o diz, mas, queira perdoar-me, já o resto não pensará assim. Vamos lá dizer isto com jeito. Hoje dou lições de lavoura a condes e marqueses... e até a duques. E de honradez também; gabo-me disso. Parece que não gostou. Desculpe, Vossa Majestade, a imodéstia destas palavras.

- Você é um homem lúcido...

- Assim o desejo. Hoje todos me tratam por igual; não sinto qualquer diferença. Amanhã sou o visconde. O visconde de Aldebarã...

- É um princípio...

- Embora. Vossa Majestade desculpará a lealdade com que lhe estou a falar. Tratou-me por amigo. Só conheço uma maneira de prezar a amizade; sendo sincero.

Tamborilava o peito com a mão esquerda.

- Mas acha que um homem, que é o rei dos lavradores de Portugal, pode aceitar um título de visconde?! Vossa Majestade é que me fez rei...

O monarca sorriu num meneio de cabeça.

- Fui visconde por duas horas - acrescentou Diogo Relvas, encaminhando-se para uma das janelas da torre. Depois apontou o rio. - Vossa Majestade sabe como chamamos ao Tejo?

- Não.

- Mar... Chamamos-lhe Mar. E é realmente um Mar.

- As palavras aqui alargam-se de sentido - insinuou o Rei, pegando no binóculo que o lavrador lhe estendia.

- Ou diminuem-se. Acho que se diminuem. São defeitos da nossa modéstia.

Sem desviar os olhos, o monarca voltou a sorrir.

- Sim, talvez modestos...

- E terrivelmente orgulhosos. Dum orgulho que não molesta... Ou n-não?!

Caiu uma baga de silêncio entre ambos.

- E mais leais à Coroa do que os duques - concluiu o de Aldebarã.

- Não o ignoro. Por isso lhe peço para meditar...

Diogo Relvas sabia que o avô e o pai os escutavam. E sabia ainda que ambos estavam de acordo consigo. Jogou, então, a sua última bravata:

- Fico com o título de rei dos lavradores, Majestade. Chega-me. E digo, chega-me, porque Vossa Majestade mo poderá tirar de um dia para o outro... logo que o não mereça.

Chegava da mata, entre o ladrar e o gemido dos cães trazidos do Monte de Cuba, o tropel das montadas. O monarca ergueu-se e estendeu a mão a Diogo Relvas. Mas estranhou que nos olhos doirados do lavrador houvesse o brilho de lágrimas contidas.

LIVRO SEGUNDO

O LIVRO DAS HORAS AMARGAS

Capítulo I

Ao espelho das realidades e das aparências

Aquela quinzena parecia ter-lhe roubado alguns anos à idade. Certa sombra que ele conhecia melhor do que ninguém deixara de lhe turvejar os olhos. Os criados ouviram-no rir, coisa de que poucos se gabavam. Mesmo nas ferras dos bezerros bravos, quando os tombos dos aficionados punham a praça em gargalhadas, Diogo Relvas tapava o próprio gáudio com a cortina das barbas e do bigode, só deixando alvejar os dentes quando o riso era de rebentar presilhas.

Como por exemplo de certa vez, já lá iam mais de dez anos, em que um grupo de fidalgotes lhe aparecera na ferra a exhibir artes e valentias, e um deles, o primo da mulher, o Villaverde Garcês, fora quase todo despido, em plena praça, por um bezerro afogueteado que parecia cria do Mafarrico. Quis o pimpão fazer-lhe a pega sozinho, batendo palmas de longe, em exibição, e o bezerrote alegrou-se logo com ele; tomou vento nas pernas, correndo à procura do vulto que lhe levantara os braços, mas quando o encontro se deu, não bastou a rapidez do forçado para se enganchar na cabeça do bicho. E aí foi o Garcês volteado em apuros, marrada dum lado, marrada do outro, com as pequenas forquilhas do bezerro, e logo a assistência rompeu numa gargalhada monumental, pois só se viam pedaços de roupa do aficionado a marcar o caminho por onde passavam homem e bicho. Mas o cume da festa chegou logo depois, quando três campinos tiraram o animal da crença nas carnes brancas do forçado e o viram nu da cintura para baixo, valendo-lhe às vergonhas o facto de a maior parte da colhida ter sido feita em cima dos montes de bosta dos bezerros já ferrados. O Fortunato Rolin estava vivo e podia dizê-lo, pois quase desmaiara com o ataque de riso que tivera. O resto da festa foi só pretexto para cada qual comentar à sua maneira, acrescentando-lhe uns pós, a pega histórica do Villaverde Garcês, forçado a deixar a praça num embrulho de serapilheira, até à borda do Tejo, onde dois criados tiveram de lhe dar banho, pois não sabia nadar.

Nesse dia Diogo Relvas deixou ver bem os dentes, embora nem uma gargalhada lhe ouvissem. Talvez o pudor do riso em público lhe tivesse nascido,

sim, talvez, na mesma noite em que o Manel Fandango entrou ao portão da quinta com o corpo esfrangalhado do pai Relvas. Primeiro o desgosto, depois a precisão de aparentar autoridade à criadagem que, doutra maneira, não tomaria muito a sério um patrão de quinze anos. Ainda alguns começaram a tratá-lo por Patrão Novo, mas nem isso consentiu. “Conheces mais algum amo?!... Hás-de dizer-me como se chama para eu falar com ele.” Era o que dizia a quantos servos lhe davam esse trato.

Mas naquela quinzena, sim. Naquela quinzena foi possível aos criados, principalmente ao Joaquim Taranta, verem-no rir com frequência.

Os linguarazes diriam que era de prosápia por causa da visita real, razão de sobejo para muitos sofrerem de inchaço para o resto da vida, legando-o ainda a quantas gerações futuras se lembrassem do facto. Rei em casa, sentado à mesma mesa, seria repasto de bazófia para alguns séculos da mesma família.

Claro que a convivência com a realeza, mais o sucesso da parada agrícola, o haviam alegrado. Mas o que o alterara, de verdade, o que fizera até com que ele delegasse no filho a maior parte das preocupações da lavoura, era a presença dos cinco netos, todos os cinco ao mesmo tempo, ali à mão do seu carinho. Três rapazes e duas meninas, são e bonitos, graças a Deus, sem contar com o que já avantajava no ventre da Isabelinha Salgueiro Pereira. Revia-se nos cinco. Em cada um deles encontrava alguma coisa de si próprio, do pai ou do avô, e das respectivas mulheres, é bem de ver. A Leonor Maria, por exemplo, era miniatura fiel de Dona Maria Joana Villaverde. A mesma tristeza, igual doçura no olhar, um nadinha desconfiada... E arisca. Ah! sim, a esposa de Diogo Relvas tinha que se lhe dissesse quando as coisas não lhe corriam ao jeito!... Zanga para ela chegava sempre para uma semana. Nada a demovia da birra. Também o João Diogo, o menino mais novo de António Lúcio, lhe herdara o feitio levemente arrebitado do nariz e o tom da pele, muito rosado, de pêssego rosado. Já o irmão, o António Diogo, ia agora em cinco anos, se parecia com o trisavô, o Chicote, embora no temperamento fosse mais Andrade do que Relvas, o que se tornaria em defeito, com certeza, uma vez que convivia quase sempre com os avós maternos. Os Andrades sofriam do mal da inveja. Também Maria Teresa, a outra filha de Emília Adelaide, se afeiçoava toda à banda dos Araújo, não só nos olhos azuis e gelados, como na soberba, quase arrogante, com que tratava toda a gente. A gula é que lhe vinha da bisavó materna, de quem se contavam histórias pitorescas e incríveis. A mãe de Diogo Relvas, muito magra, só conhecia duas maneiras de passar o tempo com verdadeiro entusiasmo: falar de comezainas, aprendendo-lhes todos os segredos da arte, e

depois comê-las. Só à mesa se tornava alegre, embora conversasse muito e fosse rigorosa, quase catedrática, nos preceitos de usar os talheres, pegar nos copos e trincar a comida. Torturara toda a família enquanto solteira e transferira para a quinta da Mãe-do-Sol essa gama infinita de requintes, a que só o marido aderira, uma vez que falecera muito nova, tinha Diogo Relvas cinco anos, e o sogro, o Chicote, se comprazia até em contrariá-la, comendo a sopa numa malga igual à dos servos e emborcando-a quando o caldo era muito. Dizia-se que a úlcera, de que morrera, lhe fora provocada pelos desgostos sofridos com o comportamento plebeu do sogro quando estava à mesa, o que felizmente só sucedia aos domingos, pois o velho preferia fazer a semana fora do palácio.

Talvez por se lembrar tanto das histórias da mãe, é que Maria Teresa era o descendente mais capaz de fazer rir Diogo Relvas. Qualquer coisa que via pela primeira vez, perguntava sempre se servia para comer. O mundo parecia ter aparecido para ela o devorar, sozinha, se fosse possível, de tal modo se mostrava sôfrega. Entre a gente do seu meio contava-se uma pequena história típica daquela obsessão gastronómica, que a mãe, a Emília Adelaide, sabia narrar com o pitoresco habitual. Numa noite de Verão, na quinta de Sintra, ela e a irmã mais nova, a Leonor Maria, estavam ainda a pé às dez da noite, o que saía fora de todos os costumes impostos pela mãe. Mas havia visitas, o jogo de cartas e a conversa entretinham os adultos, e as duas meninas resistiam à criada de quarto, deslumbradas, e talvez temerosas também, com o mistério da noite cheia de estrelas no céu e ruídos novos que ambas nunca haviam descoberto até ali. E de repente, espanto dos espantos, coisa maravilhosa e única, surgiu por cima do perfil do Castelo dos Mouros a mancha vermelha duma lua cheia, plena, como embalada levemente pelo cortejo de todas as luzes celestes. “Olha ali!”, gritara Leonor Maria, a menina triste e sonhadora, apontando o disco estranho. “O que será?”, perguntara mais para si do que para a irmã, a Maria Teresa. Ficaram ambas em silêncio muito tempo, contava a mãe que ia obrigá-las a obedecer à criada e se dispôs a ouvi-las, lembrando-se de que era a primeira vez que as duas viam a lua cheia. Matutavam as crianças, por certo, na explicação de mais aquele mistério do Céu, onde ambas sabiam que moravam Deus e Nossa Senhora, os santos, os anjos e as pessoas boas que morriam, como o pai, segundo a mãe lhes afirmava. Então, com o seu fio de voz muito débil, a Leonor decifrou o mistério: “Aquilo é um balão... Um balão bonito...” Não pôde, porém, concluir a interpretação mágica do fenómeno com a sua imaginação romântica, porque a Maria Teresa lha cortou, com uma cotovelada, acrescentando ainda a versão achada por ela: “A menina é parva,

a menina é tola... Um balão! Sabe o que é aquilo?!” A irmã, amuada, dera à cabecita cheia de caracóis..”Pois eu sei... Aquilo é um bocado de carne... carne de vaca... “ E voltaram as duas ao silêncio, enquanto a mãe se apressava a contar na sala, às visitas, o diálogo que acabara de ouvir e depois recontara várias vezes a quem calhava.

Isso explicava um certo ressentimento da Maria Teresa para com a mãe. O avô percebia-o e nunca lhe falava no bocado de carne que aparecera no céu, em Sintra. Mas ria-se agora, sem as preocupações doutro tempo, sempre que a neta lhe perguntava as horas e o interrogava acerca do tempo que faltava para as refeições.

Todas as manhãs saía no fáeton ou num dos breques, a passear os netos, embora o Rui Diogo já conhecesse tudo aquilo de olhos fechados. Levava-o também, insistindo para que fosse ele o cicerone das irmãs e dos primos, um dos quais, o João Diogo, ainda ia ao seu colo, na boleia. O rapazola percebera já a preferência do avô, mas não se denunciava. A mãe ensinara-lhe a cartilha do bom malandro, como dizia o tio Miguel para a mulher, certamente despeitado pelo convívio permanente do sobrinho com o pai, apesar de o Rui se mostrar afável para com ele. Exagerava nisso, todo medidas e submissões, e o tio pagava-lhe em moeda também falsa, dando espectáculo público de fabricada ternura pelo rapaz.

Miguel João conhecia, de sobejo, o duplo jogo de conveniências da irmã, ao forçar a permanência do filho na quinta de Aldebarã. Não era só ele quem insinuava as vantagens obtidas por Emília Adelaide com o afastamento de Rui Diogo da casa materna. Já com treze anos, e bastante precoce em pugnas de amor, o filho saberia bem deslindar as razões secretas das suas ausências por Lisboa, onde se tornara companheira devotada de certa condessa a quem chamavam a irmã de Napoleão, por muitas e desvairadas aventuras na Corte, que se tornara para ela numa espécie de agência de libertinagem, trespassando o marido e os amantes às amigas mais íntimas, a quem até facilitava os aposentos.

Na quinta do avô, Rui Diogo tornara-se duma pontualidade britânica nas lições com Miss Curry, ainda ao serviço dos Relvas, apesar de Maria do Pilar ter entendido acabar com as lições de apuro da conversação inglesa, a pretexto da morte da rainha Vitória, de quem dissera cobras e lagartos num ponto escrito, por melindre patriótico, pois não entendia como um aliado de Portugal se juntava à Alemanha para nos furtar as colónias africanas. Isto mesmo foi o que Pilar explicou ao pai como justificação da hostilidade visível que surgira entre ambas. Interviera Miguel João a favor da inglesa, propondo-se levá-la para a sua quinta, o que Diogo Relvas contrariou por não lhe escapar a guloseima que o filho voltara a mostrar

nos olhos, sempre que estava junto de Miss Curry. Com a mulher grávida, aguçara-se-lhe o apetite por fêmea, pensava o lavrador. A quem haviam eles de sair? Não lhe dava a ele, agora, a caminho dos sessenta, em se perturbar com a Capitolina, uma rapariga de dezassete anos?

Talvez por isso também recolhia-se à convivência dos netos, uma vez que os adultos continuavam a mostrar-lhe, em silêncios, que não lhe perdoariam tão cedo a sua recusa ao título ofertado pelo rei. Tivera de ser duro para os calar. Só a filha mais nova assistira impassível a todo o debate.

O que lhes disse?...

Verdades, só verdades como punhos. Mais ou menos o que deduzira junto de Sua Majestade, acrescentando-lhe, porém, certos toques essenciais para a vaidade dos Relvas, além da voz agressiva e do olhar irado quando viu filhos e noras atiçados contra ele. Noutro tempo nem teria consentido que o interrogassem. Ah! como eram tolos em não quererem perceber que a recusa era o maior título de que se poderiam orgulhar! E para sempre!...

- Que nos interessa um viscondado, se se nos abrem as portas de duques e marqueses? Por condescendência, não, isso nunca!, pelo menos comigo. Vocês julgam que o título se perdeu... E eu penso, ao contrário, que ganhámos um pergaminho definitivo. Um dia virá em que vocês me agradecerão o que tanto contestam agora.

- Talvez seja tarde - observara Emília Adelaide.

E aí o viram arrenegado, quase feroz.

- Tarde ou cedo foi a mim que mo deram. Lembrem-se bem: a mim. E só a mim. Nenhum de vocês fez ainda, até hoje, fosse o que fosse para o merecer. Sua Alteza chamou-me o rei dos lavradores. Num país agrário isso significa que ele dividiu comigo a sua coroa. Percebem agora?!... Eu sou o rei dos lavradores. Isso me basta. Vocês preferem as aparências; pois fiquem com elas.

Abandonara a sala sem mais uma palavra, indo recolher-se à torre, donde só regressara no dia seguinte para se entregar à ternura pelos netos. Os outros diziam que ele continuava a ser um monstro de orgulho. Diogo Relvas explicaria, se quisesse, que ele se deleitava na amizade das crianças para reconquistar a dos pais. Sentia que se quebrara qualquer coisa dentro de si, não sabia bem porquê, mas não lhe pedissem para o confessar. Nesse dia vê-lo-iam morto. Coragem não lhe faltaria para o fazer.

Capítulo II

Onde o amor se encontra com a morte

Foi o mito da coragem, tantas vezes gratuita, um dos deuses da panóplia dos Relvas, que levou Maria do Pilar a vencer a repugnância, talvez o pânico, sentidos por ela quando via os homens interessarem-se pela sua beleza. Pelo dinheiro e pelas terras do meu pai, dizia ela para encobrir a rejeição de quantos pretendentes haviam chegado a concretizar o desejo de a terem por esposa. Refugiava-se neste aparente desgosto de lucidez, acrescentando que só casaria, claro, havia de casar, quando descobrisse um homem que realmente se apaixonasse por ela.

Por causa disto dizia barbaridades, sublinhava a cunhada:

- Se fosse uma camponesa de Aldebarã ou de Bem-de-Deus teria, porventura, os mesmos pretendentes? Todos sabem que não. Eu também sei que não. O verdadeiro apaixonado há-de aparecer...

Acabara por tirar prazer deste jogo de equívocos.

Aos quinze anos lera, às escondidas, o primeiro romance de amor. Uma paixão infeliz que reforçara nela a ideia de estar no homem a maior ameaça de perigo na sua vida. A essência do viver deveria ser, pois, a recusa do amor, como se o tivesse experimentado já, parecendo algumas vezes, contudo, nostálgica dos seus prazeres.

Um dia entretivera-se a procurar palavras que se identificassem na terminação com amor. E só anotara umas tantas, as que estavam carregadas do significado que lhe atribuía:

dissabor;

estertor;

pavor;

horror;

terror;

dor...

Resumo: amor.

Durante umas semanas firmara-se nela a fatalidade do vocábulo e evitara fazer palavras terminadas em or. Quando conseguira expulsá-las da conversação, achou-se ridícula, tanto mais que dona de subtil intuição feminina, ao mesmo tempo maternal, fazia com que os homens mais se aproximassem dela, felizes com o seu convívio. O próprio pai confessava-lhe certo dia:

- Não sei o que tens, Maria do Pilar... A verdade é que só me sinto bem junto de ti. - Dessa vez tratara-a por tu.

- É por isso que nunca me casarei...

- E quando eu morrer?

- Quando o pai morrer já muito tarde, instalarei um orfanato em Aldebarã. Terei muitos filhos; todos serão meus filhos...

- Nenhum nascerá de ti.

- Tenho medo - respondera numa confidência de que o pai não apreendera o significado, tomando-a à conta de gracejo.

- És demasiado bonita para que fiques para tia.

Sim, tinha uma necessidade narcísica de se saber amada; mas parecia bastarem-lhe as aventuras imaginárias que relatava à preceptora com muitos pormenores, repetindo e deformando o que ouvia às primas, em Lisboa e nas férias de Sintra, ou lia nos romances que decorava clandestinamente, mais por causa de Miss Curry do que do pai, não descobrisse a inglesa a origem da sua experiência. Comprazia-se em empregar uma linguagem livre, mais de cortesã do que de menina recatada, como se fosse mulher sábia em artes de alcova.

Esse convívio tornara-se-lhe benéfico, tanto como o afastamento dos irmãos da quinta. Podia esquecer melhor, com a sua ausência, o martírio das acusações que lhe haviam feito no casinhoto da floresta. Nunca mais lá voltara, mas já não se perturbava quando via o carreiro da esquerda, sim, sempre pela esquerda, o que ia dar ao bosque de acácias e carvalhos.

A exaltação do amor tão constante por arte da preceptora, acabara por destruir nela o receio do perigo do homem como instrumento da morte. Pouco a pouco, quase sem se aperceber, Zé Pedro deixara de ser o filho imaginário que ela afagava e protegia. E também sem consciência da mudança que ia sofrendo, passou a preferir os vestidos de mulher, - concedendo à competição com Miss Curry junto do bom domador de cavalos. Queria agora ultrapassar as inibições do passado, rompendo a trama densa que a dominava.

E uma tarde, ali mesmo, naquela espécie de local sagrado para o amor, perguntou a Zé Pedro:

- Com que então és amante da inglesa..

Ele quisera negar.

- Sei tudo... Ela contou-me. Fui sua cúmplice. Soube de tudo antes de ti...

Tomou-a um desejo de ser cruel.

- É pena já ser velha... Sim, é velha ao pé de mim. Não faças essa cara de zangado. Ela é irremediavelmente velha ao pé de nós dois. Não achas que os velhos têm um cheiro parecido com os trapos? Pior do que os trapos...

Percebera que era ele quem a receava, viu-lhe medo nos olhos, um misto de medo e de desejo; desvaneceu-se nela tudo o que antes a inibia. E quis magoar-lhe o orgulho.

- Parece que tens medo de mim Zé Pedro... Nunca julguei que fosses tímido...

- Se a menina fosse pobre...

- Pensa que também sou. Ou que tu és rico... Também podes vir a ser rico. Podes casar com uma mulher rica.

Incendiou-se a vaidade de Zé Pedro Borda-d'Água, contaminando muito sonho que já concebera no contacto com Maria do Pilar. Era a ela quem tinha nos braços quando a inglesa o procurava. Morena e alta, de cabelos loiros e olhos verdes que ali, na sombra da floresta, tornavam à cor de oiro velho de Diogo Relvas.

De novo, na presença daquela mancha, lhe voltaram os receios da morte próxima e irremediável. Afastou o homem de si, num grito, ferida pelo traumatismo da posse, e saltou para um dos cavalos que tinham deixado à solta. Só depois reparou que montara o branco, recordando-se do pesadelo que os irmãos lhe fizeram viver, pois algumas vezes nos seus sonhos surgia um cavalo branco na companhia do veado vermelho.

Meteu o animal a passo, de rédeas soltas, com a impressão viva de que também ela se queimava no selim. E quando chegou à vereda que levava ao casinhoto da angústia, fez voltar a montada para lá. Os ramos das árvores barravam-lhe o caminho, pareciam dispor de braços para a afastarem do regresso ao passado; mesmo assim prosseguiu, sem cuidar dos vergões que lhe magoavam as mãos e o rosto.

Sabia que levava o corpo em sangue e queria senti-lo mais uma vez.

Apeou-se, abriu a porta e foi sentar-se na mesma lájea onde estivera há muitos anos. A humidade fê-la arrepiar-se de frio. Voltou a pensar na morte;

lembrou-se da mãe e viu-a a seus pés, deitada. E, no mesmo instante, os gritos de culpa dos irmãos atroaram na abóbada de pedra da casa abandonada.

Capítulo III

O medo da luz do dia

A doente impusera interdição de entrada no quarto a toda a gente, menos à Brígida e ao Dr. Gonçalves, que se limitava a convencê-la de que não lhe achava no corpo doença para se ater à cama daquela maneira. Estavam uns dias maravilhosos e era um pecado enfiar-se entre lençóis, de janelas cerradas, como se quisesse chamar algum mal para dentro dela, dizia o médico enervado com o mutismo de Maria do Pilar.

Ela replicara, azeda, talvez por não dar palavra ia já para três dias, que “a medicina sabia de doenças menos do que os adivinhos do tempo”. O Dr. Gonçalves recebeu o coice na boca do estômago, como depois classificou a resposta dela ao padre Alvim, mas ripostou no mesmo jeito, insinuando ao capelão que a rapariga andava com falta de homem e que lá de histerismos só os podia tratar agora com xarope de marmeleiro. Para o resto andava muito acanaveado das pernas e com basto peso de idade; já não se sentia capaz de lhe cortar o gás.

A língua do médico ganhara fama de víbora sete léguas ao redor; daquela vez soltara-se ainda com mais frenesi, por saber que o velho cura também guardava queixas secretas dos Relvas, depois que na parada agrícola haviam chamado para benzer os gados um padre de Lisboa.

- Arranjem um grupo de moços-forcados e larguem-no àquela gaja. Não-de ver como lhe passa. Quando precisar de mim que me mande chamar. Eu já não ponho lá mais os pés. Vá lá ser malcriada para a pata que a pôs...

No fundo era bom homem. Mas como tratava patrões, servos e bestas doentes, media todos pelo mesmo escalão, embora quanto aos primeiros, que lhe pagavam, deixasse os comentários para as conversas íntimas com a mulher e o filho estudante. Alargara-os agora ao capelão, também ressentido com a ingratidão do lavrador, esquecido, o tratante, do jeito que lhe fizera em moço com certo negócio dumas terras de Valada obtidas à hora da morte duma senhora viscondessa. Desquitara-se da fortuna ganha à sua custa com um macho ajaezado à espanhola, três pancadinhas nas costas e uma graça, sem graça nenhuma, que lhe

largara a sorrir, quando reparou na má cara dele. Malandresco!, que nesse tempo até ofendia a Deus para não repartir com quem lhe fazia casa!

- Sabe o que me deu de troco, Dr. Gonçalves? Calcule!... Uma heresia: “Olhe, padre Alvim, na qualidade de seu amigo, cabe-me ficar com a morte pior. Você tem de morrer pobre e irá para o Céu, como rezam as escrituras. É o sítio que lhe convém. Eu lá irei para o Inferno por causa do dinheiro. Já não arranjo forma de meter por outro caminho. O Inferno é o lugar dos ricos... Resigno-me.” E lá me deixou sem mais uma moeda de prata, ao menos, que só em solas gastei para cima de dois pares de botas cardadas. Agora faz-se santanário, mas eu que lhe conheço a crónica... Do Inferno ninguém o livra, isso lhe garanto eu! Que me caíam as pernas e os braços com lepra.

Mas assim que viu o doutor pelas costas, foi ele tentar o seu remédio, convencido de que o mal da menina era da alma. E para alma doente não se inventara, nem inventaria, mixórdia de botica, nem ciência de livro humano.

Era amigo dos meninos, claro. Vira-os nascer a todos. E embora não gostasse muito daquela, da macha-fêmea, como lhe chamavam as velhas de Aldebarã, a verdade é que rezara muito para a ver emendada daqueles galopes malucos por toda a parte, de pernas escanchadas na sela como um campino, coisa bem obscena para uma menina com aquele vai e vem do corpo. E agora, que passara a vestir-se de mulher e a montar como tal, entrava-lhe doença ruim e misteriosa no sangue. “Que diabo seria?... Paixão de homem? Talvez... Mas por quem?... Se já lhe dissera em confissão que nunca casaria.”

Derrancado e cada vez mais painço de estatura, lá se meteu o capelão pelos corredores do palácio, em busca do quarto da doente. Levava a sua fé. Diogo Relvas abalara com o filho e o neto mais velho para o Alentejo, e gostaria, já agora, de lhe prestar mais aquele favor.

Saiu-lhe a Brígida ao caminho, que tivesse paciência, não senhor, a menina Maria do Pilar não recebia quem quer que fosse. Dava ais, só dava ais. O padre, que era má espingarda na caça, mas nunca deixara de dar o seu tiro, de tal maneira que o seu nome servia para alcinhar todo o caçarreta de pontaria falsa, deu-se em teimar com a governanta, chegando a empurrá-la para longe da porta, tão ciosa se mostrava a velha em cumprir ordens da menina.

Com o praguejar do padre Alvim temeu-se a Brígida, receosa de levar má recomendação para a hora do Juízo Final. E cedeu. Que esperasse um negalho. Ela ia ver se a menina descansava ou se estava disposta a falar-lhe. Padre Alvim só deu à cabeça já branca. Começava a faltar-lhe a paciência, gasto de nervos. E assim que

viu aberta uma nesga da porta, aí enfiou ele pelo quarto dentro, sem que a governanta percebesse bem por que artes passara em tão estreita folga.

- Abra-me aquela janela! - ordenou, zangado.

Maria do Pilar, que parecia dormir, recostada num almofadão, interveio de pronto:

- No meu quarto mando eu, padre Alvim. Quero a janela fechada.

Achou-se o capelão aturdido com o acento imperioso da voz da doente e pensou sumir-se por onde entrara.

- Quem o chamou?

- Foi Deus que me trouxe, minha filha - respondeu com humildade.

- Ignorava que Deus abrisse as portas dos quartos...

- Quando se trata de salvar uma alma...

- Não há lei?

- Não, não há lei dos homens que impeça Deus de a salvar.

Sabia que se metera num jogo de palavras com poucos trunfos do seu lado, mas competia-lhe não se deixar vencer perante duas mulheres, uma das quais o hostilizava.

- Já não acredita em Deus, Maria do Pilar?

- Acredito. O padre sabe que acredito. Mas estou doente; preciso repouso.

- É para isso que venho... Venho mandado por Deus para a ajudar nesta hora má. O Dr. Gonçalves considera-se incapaz de sará-la. É a minha vez...

Aproximara-se dela e tomara-lhe as mãos abandonadas sobre a renda do lençol. Achou-as talvez um pouco frias, embora mais quentes do que as suas.

- Deixe-me abrir a janela.

Dirigiu-se para o fundo do quarto com a intenção de levar a cabo o que pedira. Ao mesmo tempo fez sinal à Brigida para o deixar a sós com Maria do Pilar. A velha hesitou, mas dirigiu-se para a porta.

- Já lhe disse para não abrir a janela. Quer que lhe peça por favor?

O capelão pareceu assustar-se; doeu-lhe o corpo cartaxinho e já brando, mirrando-se mais na gota que o crucificava. E regressou de olhos baixos. Maria do Pilar comoveu-se com a humilhação do velho.

- Eu preciso de sofrer, padre Alvim. Deixe-me sofrer.. E não se meta nisto, peço-lhe. Sou muito sua amiga...

Tropeçando no tapete, tão falha lhe andava a vista, o padre achou-se ridículo, embora a voz da doente deixasse de agredi-lo.

- Gosta das trevas?

- Agora só estou bem na escuridão.
- E porquê?! - interrogou, num sussurro, como se pudesse evitar a intenção da pergunta.
- É uma longa história que não lhe posso contar...
- Eu posso ouvir tudo, Maria do Pilar.
- Não, engana-se. Não pode.
- Comece e confie em mim.
- O senhor sabe que não é possível. Desculpe...
- Diga, diga tudo. Mesmo que seja contra mim, pode dizer.
Fez-se um silêncio.
- Nem isso quer dizer? - insistiu o velho.
- Não, nem isso.
- Dependo demasiado do seu pai para acreditar em mim... - A voz do capelão tornara-se dorida. - Não é isso? Eu sei que é...

Atormentava-se o velho com a confissão que acabara por fazer, afagando as mãos lenhosas, como se nelas buscasse o fio de qualquer coisa que lhe faltava. Maria do Pilar sorriu-lhe.

- Abra um pouco a janela, padre Alvim. Quero vê-lo.
- Não. Agora sou eu que não abro, minha filha. Não posso aceitar a sua piedade. E sabe porquê?!

Deixou cair uma pausa longa entre ambos. As asas dum insecto, talvez de borboleta, batiam de encontro aos vidros da janela, como se os quisessem partir.

- Teria de morrer depressa. Nada mais me restava. E eu tenho de aceitar a vida, enquanto Deus ma quiser dar. Percebe?!
- Talvez...

O ruído duma carruagem pela estrada começou a aproximar-se; cresceu na modorra da tarde quente, vibrante e cálida, e veio ao encontro de ambos quando entrou ao portão da quinta. Maria do Pilar soergueu-se no almofadão.

- É o meu pai, padre Alvim. Vá ao seu encontro depressa! Evite que ele venha aqui. Preciso de coragem para o ver...
- Grande pecado!

A rapariga só acenou a cabeça. Percebeu ainda que ela desfazia as tranças do cabelo e o soltava, deixando-se depois escorregar para dentro da roupa. Saltitando nas pernas um pouco bambas, o capelão enfiou pela porta e saiu para o corredor, evitando com a mão o som áspero da catarreira dos brônquios doentes.

Na areia do jardim ouviam-se os passos pesados de Diogo Relvas. Maria do Pilar bem os conhecia. Agora seguiam-se os do do sobrinho, os de Rui Diogo, mais prestos, mal rangendo, e depois os do irmão, secos e nervosos.

- Onde está Miss Curry? - perguntou a voz áspera do pai.

- No quarto... Acho que no quarto - explicou uma criada a Iria.

- Que venha ao meu escritório. Imediatamente!

Dizia aquele imediatamente dum modo agressivo.

"Que saberá ele?", interrogou-se Maria do Pilar. E essa preocupação tomou no seu espírito o lugar do medo que a atormentava. Acusada de matar a mãe, sentia-se também encaminhar para a morte. Desejava-a como libertação em certos momentos, mas noutros tomava-a como um crime que alguém perpetrara nela, gozando ainda com a lenta agonia do seu corpo violentado. Era uma ferida que se abria, hora a hora, devagar, quase parada e sempre em marcha. Começara no fundo do ventre e subia. Abrindo-se como uma veia envenenada que se orientasse e florisse no sentido do coração. Pressentia que mal lá chegasse, a veia envenenada passaria a enovelar-se, e a apertar-se, lenta mas seguramente, até fazê-lo parar.

"E se fugisse?"

"Que diria o pai quando soubesse que a tinham ido encontrar, já noite, e desmaiada, dentro do casinhoto da floresta? Não, não falaria na mãe. Nem na acusação que os irmãos lhe tinham feito. Talvez ele depois passasse também a acusá-la..."

"O Zé Pedro é que a encontrara. Saíra com ele e toda a gente o vira regressar só. Porquê?!... Que responderia a isto?..."

"Estava de cama há três dias... Ou mais?!... Há quantos dias estava de cama? O médico não lhe encontrara doença que justificasse o seu comportamento. E, contudo, estava doente como nunca."

"Porque perguntava o pai pela preceptora mal chegava de fora? Talvez o irmão as tivesse vigiado, sabendo do que se passava entre Miss Curry e Zé Pedro. Consigo nada havia que o Miguel pudesse saber. Parecia-lhe que toda a realidade (para os outros) acabara na manhã em que o pai, o irmão e o sobrinho tinham saído ao portão da quinta. Para si, pelo contrário, toda a realidade começara (realmente) a partir do momento em que alguém lhe abrira uma ferida no corpo."

"Poderia alguém perceber o que se passava com ela? Mas quem?!... Talvez a Brígida e o padre Alvim."

Ouviu a voz exaltada do pai. Depois batiam portas, soavam passos no corredor, apressados, muito sumidos pela passadeira que viera de Inglaterra. E, de novo, vibrante e áspera, a voz do pai. Percebia-a agora distintamente:

- O Rui Diogo regressa hoje mesmo a Sintra. Devia mandá-lo para Cuba. Esta casa não é nenhum prostíbulo... As inglesas são ainda piores do que as francesas.

Deviam ser intrigas do Miguel João por causa de Miss Curry. Bem percebera que ele a perseguia. “Mas era bom que Miss Curry saísse dali... Ah, sim, isso era o melhor que lhe podia acontecer.”

Sentiu mexerem na porta e nela desenhar-se depois a figura imponente do pai. Qualquer pessoa devia estar a dar-lhe explicações - talvez o padre Alvim. Ou a Brígida.

- Deixem-na sossegada - foi o que lhe ouviu dizer em voz surda.

Capítulo IV

Onde se vê o lavrador de Aldebarã praticar justiça de rei

Para desassossego bastava-lhe o seu. Ainda na última assembleia da Associação da Agricultura, o biltre do Zé Botto tivera a desfaçatez de largar uma girândola a favor da industrialização do País, citando exemplos de pequenas nações, cujo peso, dizia ele, se fazia sentir na economia da Europa. Levava o recado estudado por certo grupo financeiro que propagandeava os milagres da sociedade anónima, à sombra da qual enchia as burras, pois muitas delas só tinham realmente realizado uns dois por cento do capital consentido pelo Governo e impresso na papelada timbrada com que manejavam créditos bancários. Cortara-lhe o fôlego num aparte: “Sabe, porventura, o que é a Europa, Sr. José Botto?” E o malandrim, embatucado mas a guizalhar cinismo, respondera-lhe que “mais ou menos atrás do sol-posto”.

A saída, é bem de ver, quando o átrio estava cheio de lavradores e jornalistas, deitara-lhe a luva à banda da rabona e sacudira-o bem, atirando-o depois para cima do guarda-portão, não fosse aquela caca partir-se e ainda ter de pagá-la por boa. O Barahona intervier a pedir recato, quando muito simplesmente deveria obrigá-lo a abandonar a sala, mal o Botto se abrisse a elogiar a indústria. Apesar de muitos apoiados por parte da assistência, quando ele, Diogo Relvas, lembrara que os assuntos industriais tinham associação própria onde poderiam ser tratados, o paspalho do Barahona pedira silêncio acrescentando que “naquela hora grave todas as inteligências deveriam ser mobilizadas ao serviço da Nação”. E os mesmos que lhe haviam apoiado a intervenção levantavam-se para aplaudir o outro, sem vergonha e sem entenderem o que ouviam e faziam. Um patife qualquer falava de Pátria com lágrimas na voz e aí estavam todos embasbacados, julgando que alguém lhes pediria contas do patriotismo balofo, se não se apressassem a gritá-lo, embora traindo-o em todas as acções.

Vivia-se no reino da demagogia, essa é que era a verdade nua e crua. Até o rei, ainda bem que lhe recusara o título, a propósito, ou a despropósito, do falhado

rapto da filha do cônsul brasileiro, o Miguel Calmon, para um convento qualquer, só achara uma maneira de fazer frente às arruaças do Porto, logo aproveitadas pela canalha republicana para se manifestar em Lisboa e noutras cidades. “Liberal por tradição, por educação e por convicção própria recomendarei ao Governo as providências necessárias para a manutenção das liberdades públicas, etc., etc.”. Depois que se queixassem. Começava a ficar cansado com tanta manobra da política. E o agrário, Que era a única força sólida e honrada do País, não percebia os perigos que a ordem corria e deixava-se embarçar na teia de comerciantes e industriais, burgueses de borra e de pouca-vergonha. Que lhes interessava a implantação da anarquia no País?!... Nada!

- Cegos e moços de cegos, Miguel. Vêm aí horas bem amargas... E eu começo a ficar cansado.

Tinha mandado engatar uma parelha de éguas a um dos breques. Queria ir até Bem-de-Deus mostrar-se como dono daquilo, embora nem cinco réis lhe viessem de lá. Mas recebera queixas e ia ver com os seus olhos o que se passava. Competia-lhe fazer justiça em terras suas.

Prescindira do cocheiro. Entregara as rédeas ao filho e conversavam ambos nos acontecimentos dos últimos dias. A parelha metera a passo.

- E tudo isto perturba a paz das famílias. O jornal foi uma invenção desgraçada, podes crer. Sabe-se de mais o que vai pelo mundo... E só os maus exemplos têm eco.

- É uma fatalidade do tempo.

- Lá vêm vocês com as fatalidades. As fatalidades somos nós que as preparamos e consentimos. Com a nossa inércia...

Amargava-lhe a boca. Cuspiu o charuto com ruído, pondo-se depois a afagar a barba e o bigode. Uma família de camponeses sentada à sombra duma oliveira, levantou-se para o saudar. Levou o dedo à aba do chapéu, sem uma palavra, como se quisesse poupar a voz.

- Tudo isto perturba a paz das famílias...

Repetira aquela frase quatro ou cinco vezes durante a viagem. Mas percebeu que o fazia com amargura. E quis emendar-se:

- Vocês julgam que eu ganho verdete como o cobre... Ou ferrugem que é pior. Enganam-se. As gelhas e os cabelos brancos ainda não contam...

Aquilo era pesporrência. Já não era o mesmo por muito que blasonasse. E lhe doesse. Doíam-lhe, mais do que os anos certas coisas que via na lavoura e na banca. E em casa. Na própria casa.

- A Milai escreveu-me por causa do Rui Diogo. Veio com insinuações.
- Ela insinua sempre qualquer coisa...
- É da viuvez.

Miguel João sorriu. O lavrador preferiu não inquirir das razões do sorriso do filho.

- O rapaz queixa-se que tu também andavas atrás da inglesa...
- Eu?!

Pôs-se a encolher os ombros e a sacudir as rédeas sobre o dorso das éguas.

- Vê-se logo que é Araújo, o badameco. Quero lá saber da inglesa...

Diogo Relvas deitou o braço esquerdo por cima das costas do assento do breque e enfiou um dos dedos da mão direita no grilhão de ouro. Era sinal seu de conversa prolongada. Empreendera a viagem mais para falar com o filho, sem o protocolo duma entrevista preparada no palácio, cada qual em seu assento, um ao ataque e o outro em guarda, como num combate de varapau.

- Disso sei eu, meu rapaz. Com a mulher prenhe qualquer homem procura outra. É a primeira vez que lhe falo de mulheres... Mas toda a gente percebia que andava tonto por ela. Mal aqui entrou...

- Era a novidade...

- Bom, está bem, era a novidade. Mas agora a novidade deu-lhe com mais força. Também percebo. Então falasse com ela e encontrassem-se em Lisboa. Tudo correcto. Se ela não o queria... paciência. Ou tentava com dinheiro, o que é ainda um grande argumento, ou largava... O que não devia era andar à frente do pessoal a fazer papel de parvo.

Miguel João indignou-se com a interpretação do pai. Não podia compreender que havia nas palavras dele o ressaibo inconsciente doutra aventura em que Rui Diogo andava envolvido, e que lhe cabia a ele doer-se.

O anão é que não ganhara para o susto, com certeza, pensava Diogo Relvas. Ah! por muitos anos que vivesse, haveria sempre de se lembrar do responso que lhe rezara na véspera. E cego fosse, se não cumprisse a ameaça. “- Já sabes, Taranta, que para a outra vez te mando amarrar ao rabo dum cavalo garanhão e o mando picar para que te esbandalhe todo... Acaba-se-te a vida e a poesia.” O anão chorara, parecia um cachorro a ganir. “- Não tinha culpa, não tinha culpa. Um criado não tem olhos nem ouvidos...”

Havia de arranjá-los a partir daquele dia. Jurara-lho e fazia-lho.

- Mas seja lá como for, pode a sua irmã escrever as cartas que quiser... O menino Rui, esse badameco de olho azul e falsário, nunca mais porá os pés dentro

da quinta. Os Relvas não podem ser como os porcos; não comem mais do que um da mesma gamela... E nisso é que eu tenho as minhas dúvidas a seu respeito.

- Nunca tive qualquer coisa com essa mulher. Dou-lhe a minha palavra de honra! A nossa palavra!...

Diogo Relvas acenou a cabeça com satisfação. Estavam perto das terras de Bem-de-Deus, assinaladas por um sobreiral, e mandou encostar o breque a uma sombra. Era ele quem iria a guiar a partir dali. Tomava o lugar que lhe cabia.

- A doença da sua irmã mais nova é que me preocupa...

- Também a mim, pai. Não sai dali coisa boa, não.

- Porque diz isso? - perguntou o lavrador alvoroçado.

- Sabe alguma coisa?!

- Não, nada. Não sei nada... Mas é esquisito a mudança que fez.

- Temos de casá-la.

- Se ela quiser... Desculpe a franqueza, mas estamos a falar de homem para homem. Deu-lhe muito mimo e agora há-de ser difícil torcê-la.

Fechara-se o rosto do lavrador. Depois de verter águas atrás duma moita, voltou para a boleia do breque. Taciturno, fez estalar o chicote no ar, golpeando-o por duas vezes; as éguas arrancaram num trote curto, como se lhe conhecessem a mão nas rédeas.

- Vou eu mesmo arranjar-lhe noivo e depois veremos se é capaz de mo negar. O Miguel sabe bem que tenho a mão pesada... E mais pesada ainda para os que abusam... para os que não compreendem a minha amizade. Dei amens à Maria do Pilar, isso é verdade. Por culpa de vocês, que nunca gostaram dela. É a primeira vez que o digo. Estou a falar mal?

- Coisas dos tempos de criança... Mas tudo passou.

- Não tanto como diz.

- Por minha parte, não vejo razão pra falar assim... É verdade também que nunca a julguei tão amiga da Isabel. Assim que se aproximou o nascimento do sobrinho, a verdade diga-se, ali ficou dia e noite à cabeceira da cunhada.

- Foi a única coisa que a fez levantar da cama...

- Já a convidei para madrinha...

A voz do lavrador ganhou calor.

- O rapaz é fortalhão. Berra bem, tem bons pulmões. Que nome lhe vai pôr?

- Diogo Luís... acha bem?

- É um nome...

Fingia-se indiferente, mas orgulhava-se de que todos os netos varões lhe herdassem o nome e o apelido. Seria bom que lhe herdassem também a fisga do sangue.

A parelha voltara ao passo, por causa das covas do caminho. Já se viam os primeiros casebres dos colonos de Bem-de-Deus. Bem dizia ele que na baga do suor dum homem pode nascer uma flor. Quem conhecera aquela charneca de cardos e tojo malnascido, havia de julgar que se enganara na vereda. A fome de terra daquela gente fizera o milagre. Era um verdadeiro milagre. Tinham-lhe pedido consentimento para lhe porem o nome.

“- Que nome pensam vocês?”, perguntara ao Mira Velho, que já morrera. “- A gente andou praqui na teima uns com os outros. E depois de muito barulho ficámos em dois. Mão-do-Homem... eu gostava que falasse assim do Tejo; foi por causa do Tejo que a gente veio para aqui. Mas todos acharam que o Tejo ficava longe e não tinha jeito. Outros acham que o nome melhor de todos é Bem-de-Deus... O patrão é que há-de fazer a mercê de dizer; senão a gente ainda se pega à porrada por causa disso.” Estava a vê-los junto do portão, todos descobertos, à espera que ele decidisse. E um deles, assim baixote e entroncado, também quis dizer a sua: “- Flor da Charneca era um nome galhardo. - Isso é nome de taberna, homem - respondera de bom humor. - Bem-de-Deus parece-me bem. Talvez seja o melhor.”

E ficara-lhe o nome, embora outros lhe chamassem também Mão-do-Homem. Tinham-se completado ambos. O homem sem Deus nada era; mas também pouco seria Deus sem o homem. Deviam ser, com certeza, árvores da mesma raiz.

Estranhando o ruído de carro com parelha, dentro do que fora a Charneca dos Cavalos Mortos, o rapazio aparecera lépido e corredor, envolvendo o breque com grita e acenos. Vieram depois as mulheres, assustadiças, até que uma delas reconheceu o lavrador e veio clamar ao caminho, de braços erguidos para o céu:

- Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Louvado seja e que traga em bem o Sr. Diogo Relvas.

Depois que haviam conseguido água, o que custara ao povolêu cinco mortos e sete homens aleijados, a charneca florira em árvores de fruta e mimos de horta, leivas de trigo e milho, de regadio, pois então; não era em falso que os homens haviam jurado uns aos outros, debaixo do sobreiro grande, capaz de dar sombra a um batalhão, que só dali sairiam se a terra desse raios e coriscos. E pouco mais gerara ao princípio. Agora as casas já eram de taipa; caiadas e algumas com chaminé.

Miguel João deitava contas ao que via. Era a primeira vez que entrava na antiga Charneca dos Cavalos Mortos, bem de convento que o bisavô agarrara por tuta-e-meia, mais por causa da cortiça do que da terra.

- Isto dava aqui um grande pomar - disse em voz baixa.

- Dá o que esta gente quiser... Isto é deles. Tudo o que aqui está é deles. A própria terra...

Percebera no rosto do pai que seria bom não dizer no que estava a pensar.

Daí a pouco o breque ficava bloqueado por quase duas centenas de pessoas, todas generosas em oferecerem mimos ao lavrador, desde o mel dos cortiços aos melões e às passas de figo moscatel, que eram delicadezas nobres duma gleba feroz. Agora domada e já esquecida do que fora.

Aceitaram água.

- Fresquinha que é um regalo, Sr. Diogo Relvas! Aí o menino parece que gostou.

Tanto insistiram com eles que saltaram da boleia e deram uma volta a pé. Todos queriam que lhes vissem as casas, lhes comessem do pão e do queijo de ovelha, enquanto outros cuidavam das éguas, pondo-as a comer ração à sombra, mas aproveitando para encherem a caixa do carro do que lá pôde caber. Depois, com os lavradores à frente, aceitando a parceria dos dois homens mais sagazes de Bem-de-Deus, dirigiram-se em romaria para debaixo do sobreiro que a tradição escolhera para os momentos solenes do povoado. Ofereceram-lhes bancos de cortiça para se sentarem. Um dos cicerones explicou com modéstia:

- Foram os primeiros que a gente conheceu nesta terra. Foi o primeiro luxo da gente. É por isso que... O lavrador vai desculpar esta pobreza... Pobrinhos mas honrados.

O caso em disputa era por mor da água. Um deles, o Safranário, lá por ficar um dos poços na terra que lhe coubera em partilha comum, teimava agora em tê-la todo o tempo que lhe aprouvesse. Já houvera uma cabeça partida e um braço desmanchado por disputas mais aguçadas e aquilo podia ir a mais. O lavrador desculpasse, mas era mais um favor que lhe ficavam a dever, porque não tinha jeito ver amigos velhos andarem assim com pegadilhos uns com os outros.

Diogo Relvas quis ver o homem. A má cara, um nadinha gingão e ronceiro, avançou o outro lá dos fundos da matula. Não lhe gostou da cara por causa dos olhos. Não se lhe dava com o feitio gente a quem era preciso chamar duas vezes para encararem os outros.

- Está bem o que eles me contaram? - indagou o lavrador.

- Mais ou menos...

- Então diz lá tu o que não me contaram a direito.

Ficou-se o outro calado, apesar de a mulher o acotovelar. Do povolêu vinha um ruído confuso de conversas segredadas.

- Eu pedi ao Safranário para falar. Queres falar?!

O camponês jogou-se à frente em dois passos curtos, como se tomasse balanço na coragem. Amarrotava mais a camisa com uma das mãos, enquanto a outra se via a bulir dentro da algibeira das calças de cotim. Parecia derramado.

- Eles não contaram...que a água... é ali da minha terra.

- Não ouviste bem, com certeza.

- Então se eles disseram isso... a água é minha.

- É da gente - emendou a mulher.

- Tu é que falaste bem - sublinhou Diogo Relvas, apontando a camponesa. - A água é de toda a gente.

- Isso não é direito! - replicou o homem num grito.

“Temos a burra nas couves”, pensou o lavrador de Aldebarã, erguendo-se do banco e indo ao encontro do Safranário.

- Não ouvi bem o que disseste...

O outro encarou-o pela primeira vez e repetiu: - Isso não é direito! - Diogo Relvas deitou-lhe a mão à manga da camisa, mas já um grupo de homens avançara para intervir a seu favor. Fê-los recuar com um gesto de mão.

- Diz à tua mulher para ir buscar a casa o título da terra que dizes ser tua... Sim, um papel, qualquer coisa que diga que isto é teu.

Derrotado pelo argumento, o Safranário baixou outra vez a cabeça, mas replicou de seguida:

- O lavrador deu a terra à gente todos...

- Emprestei...

- E aquele bocado coube à minha família. Tenho-me ali matado a trabalhar...

- Mas nos poços trabalharam todos. A água é de todos..

E voltando-se para os dois cicerones:

- Como fazem vocês nos outros poços?

- Cada vinte famílias tem uma hora de água todos os dias...

- Está quase bem. Os que ficam ao pé dos poços apanham menos cinco minutos que revertem para os outros que estão mais afastados. Ficam dez minutos para a distância e para a água que se perde no caminho. É assim que se passa a

fazer. A primeira reclamação que eu tiver, já sabem: o culpado do que se passar é posto daqui pra fora e só leva a poeira agarrada aos pés. Mais nada.

Sacudiu o Safranário pela camisa.

- Quanto a ti a conversa vai ser mais fina. Por aquilo que tiveste o arrojo de me dizeres, devias ser posto na estrada agora mesmo. Não te mexas muito. Nesta idade ainda não são os novilhos como tu que me fazem medo. Vais abrir, sozinho outro poço no sítio que o povo te mandar. Aqui o Mira é que te diz. Daqui por seis meses quero beber água dele. E esse também será para todos. Se não queres, vai-te embora hoje mesmo.

Começou a mulher numa caramunha de trinta carpideiras.

- Estamos conversados. Leva a mulher pra casa e dá-lhe com a correia das calças pra ela saber por que chora. E tenham juízo!

Mandou o filho buscar o breque, voltando a sentar-se num dos bancos de cortiça.

- Olho nele; não me parece boa rês. Mas não o irrite... Não me obriguem a olhar muito cá pra este lado. Será bom para todos!

Assim que se apanhou em cima do assento da boleia, obrigou a parelha a meter num galope largo, de maneira a que o rapazio não os acompanhasse por muito tempo.

- Alguma vez que um rancho da vila se faça fino na Lezíria, já sabemos onde se pode vir buscar gente.. Temos aqui a nossa reserva.

Capítulo V

Pequeno labirinto de amor e conveniências

Surpreendido nos primeiros tempos com os bambúrrios da sorte, um tanto temeroso até por vê-la tão voltada para si, Zé Pedro acabou por se convencer que já não lhe fugia o ensejo. Sabia que as mulheres o apreciavam, tinha disso provas verdadeiras, e agora a roda da fortuna tocara-o em cheio entregando-lhe, sem quase esperar, a filha do patrão. Fora ela quem empreendera tudo, embora já soubesse pela inglesa que se poderia adiantar sem receio; mas a tanto não chegara, porque o respeito ancestral pelos Relvas, vindo já do tempo do bisavô, não o deixara agir em pleno.

Desembaraço e farroncas não lhe faltavam. Ainda na última corrida de toiros que fizera em Santarém mostrara bem que o sangue do pai não se negara no dele. Logo nas cortesias reparara que certa senhorita lhe sorria da barreira, apesar de acompanhada por um homem mais velho, cuja cara não lhe era estranha. E logo que metera a primeira farpa, a um toiraço gravito e de pelagem salgada, respondera-lhe à gentileza com a oferta da bandeira azul e branca que se desfraldara da farpa. Fizera-o de maneira a não deixar dúvidas que a homenagem era só para ela. Poucas vezes também toureara com mais acerto; desde os ferros compridos, para castigar, até aos curtos todos consentindo bem, não tivera uma falha na cravagem. Embora o deslumbrasse o regresso ao hotel, onde se vestia em trem alugado para ele e o outro cavaleiro, entre acenos e palmas, por vezes, dos aficionados que acabavam de o ver exhibir-se, largou da praça, mal deu a volta à arena com o moço de forcado que pegara o seu último toiro, uma pega bem embarbelada, por sinal, e voltou presto, já vestido à ribatejana, de maneira a poder seguir a mulher até onde morava. Tudo estava preparado entre eles para o amor - era só uma questão de haver afoiteza da sua parte.

E a sorte, magana e bonita, aí se pusera inteirinha do seu lado, levando-o para o mesmo hotel. Era forasteira; melhor ainda. Rondou-a a distância, o velho que a acompanhava ofereceu-lhe um charuto ao jantar, e evitou conversa com ambos juntos, pois, a não ser de cavalos e toiros, pouco adiantava em lustros de palavra,

apesar de nesses apuros falar uma miscelânea de português e castelhano. À saída passou-lhe sinal, a mulher corou e depois já seria o que Deus quisesse. A faena, como ele dizia, estava pronta; agora era quadrar-se e o resto se veria.

E viu-se. Soube-lhe o número do quarto, e à meia-noite em ponto, os relógios da cidade a baterem-na, aí estava ele a tamborilar à porta do aposento, sem mais embarços. Ouviu ruído da cama, uns passos no sobrado e logo uma voz - era ela! - , um tanto assustada, a perguntar quem batia. Respondeu-lhe pelo buraco da fechadura, moveu-se a chave do outro lado, e aí estava o fêmeaço, palavras suas, a mostrar-se espantada de vê-lo aí à porta. "Mas o senhor é doido... Podem dar consigo." E a saída foi mesmo essa, porque se mostrou assustado com um ruído do corredor, e logo se enfiou no quarto 27 do hotel de Santarém. Voltou de madrugada ao corredor.

Aventuras destas tinha-as já em certa conta. E a maluca da inglesa ainda o tornara mais afoito, enchendo-lhe a cabeça de vaidades novas e mais surpreendentes. Só as coisas com a menina Maria do Pilar é que o receavam. Os Relvas eram rijos de boca.

Mas agora que ela própria se lhe entregara, Zé Pedro não conseguia impedir-se de sonhar alto. Andara uns dias desconfiado com a saída da Miss Curry, não fosse alguém dar conta ao patrão do que se passava entre eles, mas o bambúrrio continuava e tudo voltou à calma do picadeiro, embora lhe fizesse falta a visita das duas mulheres. Maria do Pilar nunca mais voltara a procurá-lo - devia estudar a maneira de pôr a questão ao pai. Lavrador, pois então!... E a mãe, coitada, que viesse falar-lhe ainda em receios por vê-lo subir tão depressa. A resposta que sempre lhe dera, assentava às maravilhas: "- Só voa quem tem asas. E nunca se adivinha quem as tem."

Já pensara em mandar-lhe um recado pelo filho do Atouguia, a propósito da égua que ela queria montar na feira de Sevilha, onde o Relvas se propunha plantar sombra grada ao pé dos latifundiários andaluzes. E, assim que a pilhasse, havia de lhe perguntar se tão depressa esquecia amizade de tantos anos, já para não lembrar o resto, pois a honra era dela. No picadeiro, sozinho; ensaiara toda a fala que lhe queria dar, escolhendo palavras, nem muito ásperas nem mansas de mais; voz ressentida a deitar para a tristeza, nada de atrevimentos de mãos. Tinha de se pôr no seu lugar. A verdade é que, para além do fortunão dos Relvas, com todas as honras que isso lhe traria, estava preso também à beleza da mulher. Desde menina que a pusera no coruto dos seus sonhos de rapazola. Parecia uma fada, disse um

dia à avó Borda-d'Água. Fada e feiticeira, pois até os olhos lhe mudavam de cor como as folhas das árvores. Verdes e castanhos...

Via-a agora sair de trem com o cocheiro para os lados de Aldebarã. Ele esperava-a à porta do picadeiro para a cumprimentar; ela acenava-lhe a mão, como antes, mas não o olhava e já não dizia aquele "olá, Zé Pedro!" com a voz galharda dos outros tempos. Soubera pela mãe, sempre assustada com ele, que Maria do Pilar passava a maior parte do tempo em casa da nora do Salsa, já grávida de quase nove meses e a caminho de dar criança ao mundo. Fazia-lhe companhia, costurando ela própria o enxoval do bebê, muito serviçal com a rapariga, que a estranhava, incapaz de agradecer tamanhos desvelos a uma senhora da casa Relvas, feita sua criada. Já não parecia a macha-fêmea, confidenciavam as mulheres da aldeia. Até uma noite lá dormira, acomodando-se numa cadeira de palhinha que os padrinhos de casamento lhe tinham oferecido. E sem uma queixa... Quando a aparadeira da Vila exigia carro, cama de lençóis lavados e três decilitros de aguardente para prestar serviço de parto. "Aquilo é paixão que a pobrezinha traz com ela", dizia o povo. E como a transformação se dera depois da visita real, havia quem mostrasse saber do fino garantindo que a menina Maria do Pilar se apaixonara pelo príncipe. E que bonito par fariam!

Zé Pedro pulava ainda mais alto na sua vaidade.

Por seu lado, Diogo Relvas pensava que a filha se fazia para a vida conventual. E embora rendesse todos os respeitos a quem tomava hábitos, fechava-se-lhe o coração ao ter de admitir que filha sua metesse por tal caminho. Além dum segundo primo, cónego em Évora, nunca da cama dos Relvas saíra varão ou fêmea para o serviço permanente de Deus.

Vigiava a Pilarica, como a tratava na intimidade e só em certos momentos. Que outra coisa poderia fazer, se ela não se abria em confidências?! Procurava distraí-la, propondo-lhe uma ida a qualquer praia ou termas, onde ela quisesse. Podia ser a Espanha. Ou a França. Mas a resposta era sempre negativa: "- Enquanto a criança não nascer.. Vou ser sua madrinha e o pai há-de acompanhar-me. Valeu?!"

O lavrador evitava tais intimidades com a criadagem, porque já conhecia a história toda. Embora nunca o tratassem como tal, sabia que na sua ausência os criados, a quem apadrinhara os filhos, o chamavam de compadre. Não gostava daquilo! Certas coisas não batiam lá muito bem com seu feitio reservado. (Talvez não se tratasse disso, mas antes uma maneira de conservar cada um no sítio que lhe cabia.)

Metera o padre Alvim em andanças para lhe descobrir a metamorfose da filha. E o capelão, já relho, encolhia os ombros, certamente por não chegar ao Céu uma voz tão frouxa como a sua. Apertara com ela na confissão e nada. Insistira na meia confidência que lhe fizera no quarto. Lembrava-se?! Porque falava ela em morrer?! Havia nela algum pecado carnal?! Em vez de lhe aceitar a ajuda, Maria do Pilar tratava-o com piedade, o que irritava o velho cura, sim, velho, mas ainda não precisava que os pecadores se condoessem dele.

Para não se abandalhar aos olhos do lavrador, sempre dizia das suas:

“- Mudança de idade, é bem de ver. O melhor é casá-la depressa. O casamento tem pós de perlimpimpim para certas doenças de raparigas... E mais ainda para as que eram vivazes e palreiras e de repente, sem se perceber como, aparecem enjoadas.”

A cara de Diogo Relvas não ficara de boa pinta com as liberdades do capelão. Qualquer dia atirava com ele dali para fora. Mas o conselho do padre Alvim batia à justa com a opinião própria. E dera-se já em preparar lista dos possíveis maridos, averbando, à frente de cada um, os pecadilhos e as virtudes, quase todas em réditos de terras e doutras origens. Pusera sete na berlinda e agora já se ficara com dois, tanto fartum lhe haviam deixado os outros cinco, senhores de fortunas dali e do Alentejo, mas noivos estragados para qualquer menina, quanto mais para filha dele, que safara o pé da crise e ainda o pusera mais alto, graças a Deus, arrebalhando terras do Sorraia a alguns pequenos lavradores enganados com hipotecas. Uns passavam a vida em corrimaças atrás de saias, sabendo tanto do agro como alguns sapateiros de rabecão; outros perdiam-se na batota, onde calhava, inspirando-se alguns deles na moda introduzida pelo Farrobo nas artes da tavolagem - deixarem cair de propósito uma moeda de cruzado e procurarem-na à luz duma nota de papel que valia vinte vezes mais. E quase todos andavam nisto. Dinheiro seu para arder, era o que faltava! Que ardessem por conta dos seguros as searas com pouco cereal na colheita.

Ouvido acerca dos dois hipotéticos cunhados que o pai conservara na lista, Miguel João dera de ombros, presumindo não se querer embrulhar em coisas de amor. Era bem de ver que preferia a irmã solteira, dividindo com os sobrinhos a parte que lhe coubesse na casa. Mas se a visse interessada, entendia que era altura de fazerem agulha para o lado das fortunas da banca, ligando-se ao futuro. O velho embicava para a lavoura e a teimar ninguém o virava. Para que vinha, então, metê-lo em perguntas, se só faria toda a vida o que lhe desse na veneta?!

Parecia assim desinteressar-se da sorte da irmã, o que estava longe da verdade.

Capítulo VI

Pervertem-se ideias e pessoas

O chefe republicano da vila costumava dizer em segredo, entre correligionários de confiança - abrenúncio!, pois até aí a bufaria era capaz de se acoitar! -, que o Relvas andava prenhe há mais de vinte anos com um senhor rei na barriga, mas nunca mais o dava à luz para o trazer bem guardado. Se calhar, acrescentava, o feto já lhe tinha apodrecido lá dentro e, por isso, o de Aldebarã sofria de sangue envenenado.

Percebe-se logo, é bem de ver, que se tratava de um aleive da política, onde muitos chafurdam a língua.

Dessem-lhe licença, porém, para armar monarquia ao jeito do seu temperamento, que o Relvas a poria, inteirinha, a lavrar certas leis originais, embora na maré das mais apetecidas tradições portuguesas. Desde o avô, não iriam negá-lo, que lá em casa todos se tinham aproveitado das reformas liberais, agarrando de morgadios e bens conventuais o que se lhes grudara mais às conveniências, ou aproveitando das dificuldades do Tesouro para entrarem no esbulho dos bens nacionais vendidos ao desbarato.

Nunca alguém lhes ouvira desdizer a evidência do regabofe.

Lá estava na sala grande do rés-do-chão, em lugar de relevo, a cabeça embalsamada do cavalo montado por Sua Majestade, o rei D. Pedro, embora não faltasse também a outra que recordava o filho predilecto de Carlota Joaquina. A ingratidão não achava albergue fácil na alma dos Relvas, como Diogo garantia; o que não garantia, contudo, era obediência cega a princípios que se corrompiam. Deve dançar-se, dizia ele, de acordo com a música que se tocar.

“- E se a música não for boa? - perguntara-lhe uma vez Domingos Rolin.

“-Devemos arranjar outros músicos para tocarem o que queremos. Sem grande barulho, é claro, para aqueles não perceberem que desejamos pô-los com dono.

“- E se forem republicanos?

“- Ah! isso, meu velho!... Se alguma vez suceder uma desgraça dessas, então que se partam os instrumentos todos... Se tanto chegar a ser preciso!”

As instituições pervertiam-se com o tempo, não havia dúvida. A liberdade que aparecera sãzinha e escorreita, pusera-se um estafermo acabado, de tal maneira lhe caíra em cima todo o bicho-careta. O sol da Península corrompia as coisas de fora e as pessoas fracas. Podiam proclamar-se nos comícios quantas baboseiras se quisessem, no intuito malévolos de agradar ao povo, a quem acabavam por desgraçar com apaparcos, que a verdade verdadinha era toda outra: - O povo não estava preparado para usar de liberdades, principalmente das liberdades francesas que eram as mais apregoadas. Cada roca com seu fuso, cada terra com seu uso. Que cheiro se obtinha borrifando um labrego nojento com perfumes de Paris? Um pivete pior do que toda a porcária acumulada. O melhor seria fechar os Pirenéus ao contrabando das ideias; e se tanto fosse necessário nem pessoas nem coisas passariam a barreira, mesmo que houvesse de defrontá-las à má cara. E a gente havia de se governar - sozinhos até, pois então! - sem más vizinhanças. O mundo ainda acabaria por nos agradecer a lição. Já não era a primeira vez que tal sucedia.

Com o andar dos anos, Diogo Relvas enjeitava o seu liberalismo comedido e resvalava para o absolutismo. Não via agora outra forma de pôr as coisas direitas. Lugar de degredo não faltava em África para os réprobos; esses que experimentassem fazer uma república com os pretos, uma vez que uns e outros pertenciam à mesma família de canibais.

Quem o visse tão azedo, julgaria que a ingratidão da Rosália tinha quota nesta violência verbal do lavrador. Quase sempre as mulheres têm rasca nestas andanças. O que se passara, afinal?

A galega achara-se com as duas lojas do Chiado e entrara a fazer exigências, chegando a falar em casamento com o Relvas. Onde julgava a tipa que ele viera?!... Se calhar, do Brasil... A manhosa apanhara-lhe a assinatura na venda fictícia da parte dele na sociedade, comprometendo-se a entregar-lhe a percentagem nos lucros, enquanto fosse vivo; sim, não estava certo que ela abrangesse as lojas, e os filhos dele viessem depois a apanhar a parte de leão. Acedera - ah, a sua ingenuidade!... Passados meia dúzia de meses, aí começara a Rosália a falar linguagem nova, temendo perder a clientela quando soubessem que era amantizada, mais isto e mais aquilo, ele bem devia compreender o melindre da situação, não se tratava dela, mas sim de dar satisfação às pessoas de quem dependia. Um tanto confuso, Diogo Relvas insinuara a sorrir: "Não me digas que tenho de me casar contigo por causa da freguesia, ó Rosália!"

E aí viu ele a galega do avesso, arrenegada e solta de língua, coisa que o lavrador apreciava bastante em certos momentos de intimidade, mas que não podia consentir em conversas a sério. Foi isso mesmo que lhe fez sentir. Ela é que se dispusera a jogar tudo naquele dia, como se pedisse ajuda ao Diabo, lembrando-lhe até que se algum ridículo houvesse no casamento, esse cairia sobre ela por aceitar o nome dum velho.

“- Rosália, tu bebeste de mais ao almoço e já esqueceste o que eu te jurei um dia... Não me obrigues a lembrar-to.”

Rogou-lhe a galega que lhe avivasse a memória; o Relvas não esperou por segunda recomendação e partiu-lhe um braço, salvo seja pelo cotovelo. Levou-a em seguida ao hospital, soube pela boca do médico que o braço estava fracturado e lá a deixou aos gritos, a hesitar entre uma queixa à polícia e o silêncio conveniente. Optou pela segunda hipótese, atendendo à clientela, disse-o depois a um amigo que o Relvas lhe mandou para avaliar dos humores da amante. “A Rosália, com o sentido da honra comercial que herdou não sei de quem, ainda acaba presidente da Associação”, comunicou-lhe o tal amigo de carinha na água. Semanas depois, era o mesmo que o procurava para lhe contar que a galega fora vista a subir o Chiado pelo braço dum rapazola. Pouco mais de vinte anos... Tem pinta de empandeirar as lojas em poucos meses.

Diogo Relvas andou mais de oito dias com o fígado atormentado. Sonhou provocar-lhe falência, incendiar-lhe os estabelecimentos ou partir-lhe o outro braço. No meio destes delírios de vingança, lembrou-se da Capitolina, a cachopa azougada de Aldebarã. Faria dela uma princesa. A dificuldade estava em arrancá-la da aldeia, sem comprometer a honra dos Relvas. Pensara falar-lhe e convencê-la a deixar-se raptar, pondo-lhe casa em Lisboa. Levara alguns dias a afeiçoar o plano, evitando arrebatamentos que já não iam bem com as suas barbas quase brancas.

E de repente caíra-lhe em cima a notícia de que o neto, o menino Rui Diogo, fora encontrado com a rapariga na garupa do cavalo, pareciam dois namorados; deviam vir da borda do Tejo pelo caminho que traziam. Não, o Diabo não se ria dele. Mandara-o para a mãe, servindo-se do pretexto da inglesa, e considerava terminado o plano de fazer daquele neto o verdadeiro sucessor da casa. Não acreditava no Miguel João e sempre pensara em fundar uma sociedade com todos os herdeiros, de maneira que a fortuna se não pulverizasse com a sua morte: a gerência ficaria nas mãos de Rui Diogo, a quem havia de garantir maioria no capital.

Desabavam-lhe os projectos.

Agora reconhecia que esquecera um pormenor importante - o neto tinha os olhos azuis e frios dos Araújo, e recebera do pai a balda valdevina e soberba desse sangue corrupto.

Dissera isso mesmo à Emília Adelaide, quando a filha o procurara para conhecer de viva voz o que se passara com o Rui. Sabia que ela não se baixaria a pedir-lhe compreensão para o rapaz. Ainda bem. Teria de se orgulhar dela como a única que saíra inteirinha à sua banda, ao mesmo tempo que lhe facilitava o repúdio do neto. Comprazeu-se em esmiuçar o que pensara fazer dele. Exactamente - dentro de cinco anos queria entregar-lhe a direcção de tudo o que tinham no Ribatejo. O Miguel João ficaria com a quinta de D. Torcato, que lhe comprara como prenda de casamento, e mais umas terras do Alentejo. A ganadaria ficaria à conta do Rui. Teria agora de retardar mais uns anos até que o António Diogo, o neto mais velho pela banda do filho morto, estivesse em idade de receber o encargo. Esse não o enganava, tinha a certeza. Era um Relvas dos pés à cabeça.

Emília Adelaide reagira à sua maneira:

- Ainda bem que tudo sucedeu assim. Não gostaria de ver um filho meu a dar de comer aos que, por direito, têm nesta casa tanto como ele.

- Esquece que esta casa é só minha? Faço aqui o que quero...

- Não o sabia capaz de instituir morgadio por escolha...

- É uma maneira de render justiça aos melhores. Não acredito em todos. Os lugares supremos devem ser entregues aos que são superiores.

- Terei então de lhe agradecer a esperança que pôs no meu filho...

- Sim, acreditei nele.

- Admira-me muito. Sempre é um Araújo... Gente fraca.

- Tu o dizes e tu o percebeste primeiro do que ninguém.

Não a tratava por Milai; não a fitava com os olhos límpidos.

- Esperei sempre que fosse um verdadeiro Relvas - prosseguiu o lavrador.

- Será difícil saber-se o que significa ser Relvas. Somos todos tão diferentes?!...

Já lhe ouvi dizer que os Villaverdes tinham grandes defeitos. Os seus filhos são Relvas e Villaverdes...

- Pois são...

- Enganou-se comigo e com o António... O Miguel João parece não ser muito do seu agrado. Será só Relvas a Maria do Pilar?!...

Irritou-se.

- Não venha provocar-me para lhe não lembrar...

- Que estou na sua casa.
- Que me deve respeito - respondeu num grito.
- Não me esqueci. Tentei perceber se o meu filho deixava de ser seu neto pelo facto duma inglesa perversa...
- Eu avisei-o.
- Fez o mesmo aviso à Maria do Pilar?. .
- Que quer dizer com isso?!... Que tenta agora insinuar?! Já sei que não gosta dela...

Estavam ambos de pé, a um passo de distância um do outro, e evitavam olhar-se.

- Quis só lembrar-lhe que eram amigas muito íntimas... O Zé Pedro pode dizer alguma coisa sobre essa amizade.
- Todos a conheciam, a começar por mim...
- Não sei se tudo...
- Diga, então, o que sabe!
- Não vivo nesta casa. Só afirmo o que vejo. E nem tudo...
- Com certeza.

Baixara a cabeça, de mãos agarradas atrás das costas, passeando junto da janela que dava para as bandas da mata. No seu silêncio queria dizer-lhe que sáísse, que não desejava ouvir mais insinuações. Percebeu que Emília Adelaide devia estar arrependida, maginando uma maneira de acabar com aquela hostilidade, embora esmagasse também dentro de si cada impulso de paz. Esperava, contudo, ouvir-lhe uma palavra que permitisse a passagem de ambos.

Percebeu um movimento no puxador da porta, e voltou-se. A filha ia a sair.

- Vai-se embora?!...
- Creio que já dissemos tudo.
- Eu ainda não.

Aproximou-se dela sem o embaraço anterior. Precisava de lhe dizer o que sabia a seu respeito.

- Evite... já não digo por si... ou por nós... Ao menos pelos seus filhos.
- O quê?!...
- Evite andar tanto na boca de toda a gente... Recebi uma carta a contar-me...

Emília Adelaide teve uma expressão desdenhosa.

- Ignorava que fizesse fé em cartas anónimas...
- Quando me afirmam ser do domínio público o que já adivinhava. Evite a companhia dessa condessa...

- Sei escolher as amizades.

- Ainda bem... Mas decida entre ela e a sua família, uma vez que são incompatíveis.

Via-se bem que Emília Adelaide não esperava que a conversa tomasse aquele rumo. Ficou pálida e nervosa. Quis falar, mas os olhos do pai contiveram-na. Só quando se voltou para deixar a sala, foi capaz de dizer:

- Abra bem os olhos à sua volta.

Sentiu que o pai corria para ela, pensou ainda em fugir-lhe, mas resolveu deixar-se agarrar. Ele sacudiu-a.

- Proíbe-me que lhe dê uma sugestão?...

A pergunta foi malévola. Diogo Relvas só lhe tocou com a ponta dos dedos no rosto moreno.

- Proíbo-te que sejas vil...

Foi pô-la fora da porta que fechou depois, lentamente ficando-se a imaginar o vulto da filha, pelo ruído dos passos no corredor. Sabia que só voltariam a encontrar-se quando algum deles estivesse para morrer.

Não era o rei na barriga que lhe envenenava o sangue, como insinuavam os inimigos. Mas o que se pervertia nas instituições e nas pessoas. E nos filhos... Até nos filhos! Para que mais o guardaria Deus?!...

Capítulo VII

Um novelo de angústias

Que se passava à sua volta?... Que se passava, na verdade, sem ele se aperceber?!... Queriam todos juntar-se, para que ele concluísse, derrotado, pela inanidade do esforço que empreendera para os pôr ao abrigo dos azares da fortuna?!...

Dramatizava, bem o sabia. Vinha-lhe agora com a idade, sim, era da idade, um prazer estranho, um prazer dorido de se sentir desgraçado. Aceitara sacrifícios, quebrara, algumas vezes, rebates de consciência, empolgara-se com a própria força de dominar acontecimentos e pessoas. Para quê?, gostava de perguntar. Para realizar o grande sonho de ter filhos e netos à sua volta, orgulhosos dele, reconhecendo todos que deveriam seguir o seu exemplo, numa pequena corte de carinhos, enquanto ele envelheceria sem drama, vendo em cada um o prolongamento de si próprio, do que lutara e reunira para os ter felizes.

Com a certeza plena de que se tornara maior em cada filho e em cada neto. Projectado para além da morte. Talvez para sempre... Em Aldebarã e em Bem-de-Deus, nos gados e nas terras, na lembrança de servos, em toda a parte onde o nome Relvas se arreigara como marca de coragem e de dignidade... Mesmo que alguns lhe chamassem ladrão e tirano.

Começara aos quinze anos, sozinho. E, ao mesmo tempo, com que alegria por se saber sozinho!...

Tudo crescera, pouco a pouco, nas suas mãos. Já por eles?... Talvez inconscientemente por eles. Sabia que viriam, pois achava-se capaz de repudiar qualquer mulher estéril que lhe coubesse por casamento. Nunca admitira que ele o pudesse ser!...

E a força acrescentara-se quando lhe nascera aquela filha, embora desejasse logo um varão, para se garantir que os Relvas não acabariam dissolvidos noutro nome qualquer. Nascera numa noite de Novembro. Uma noite medonha de temporal. E quando a ouvira chorar lá dentro, no quarto, entrara sem licença e fora beijar as mãos da mulher. Nunca lhas beijara. Tinha ele vinte e quatro anos.

Metera-se-lhe tal delírio no corpo que correria à cabeceira, aparelhara ele mesmo uma égua ruça -nunca mais se esquecera nem da cor nem do nome; era a Tirana- e abalara pela noite dentro, sem capa de oleado, a galope, sabia lá para onde ia àquela hora, alagado de água, se Deus a dava; só, então, pensara em tocar o sino da igreja de Aldebarã como sinal de festa para todo o seu povo. A porta é que se lembrou que não levava a chave. Metera a égua debaixo do alpendre e atirara-se de ombros contra a porta, uma, duas vezes, não sabia dizer quantas, até vê-la ceder. Às apalpadelas, acendera todas as velas dos altares e depois galgara as escadas do campanário, enquanto a trovoadas se descarregava sobre a terra, iluminando-a lá em cima. E pusera-se a tanger o sino de qualquer maneira. Mas para si como o tocava bem!...

Ainda se rira, sozinho, com o alarido de medo da gente de Aldebarã, convencida de que o sino a chamava para algum fogo ou desgraça. Gritara do alto da torre, mas a tempestade não consentia que o ouvissem. Voltou para baixo, na mesma ânsia com que subira, já a nave estava cheia de povo, enquanto o sacristão, o Tónio Rechina, se arrastava pelos altares, convencido de que a igreja fora assaltada por alguma quadrilha de ladrões.

Quando lhes apareceu, só disse: - A senhora teve uma filha!

Tocara nos ombros de alguns que estavam mais perto e regressou ao palácio, no mesmo galope, pondo em sangue a barriga da Tirana. Depois deu dois dias de festa. Quatro novinhos mortos e assados no espeto, duas pipas de vinho, mais de mil pães...

E agora só sabia que não voltaria a falar-lhe, enquanto um deles não estivesse prestes a acabar, já perdido, talvez nem mesmo reconhecendo o outro que chegaria tarde.

Pensava em Emília Adelaide, na sua Milai, e imaginava-a a sofrer tanto como ele, talvez sem gosto para arranjar aqueles maravilhosos cabelos negros, mãos longas e brancas caídas no regaço... Uma cheia levava-lhe o António Lúcio; só outra desgraça, a aproximação da morte, seria capaz de juntá-lo com a filha.

Julgara, a princípio, que daquela conversa só ficaria a dor de sabê-la afastada de si. E bastava-lhe. Até que a morte - como agora o preocupava! - chegasse à beira de um deles, pensara então. E pensava-o ainda agora, numa obsessão que o fatigava, sem poder desabafar com alguém, não fossem julgá-lo derrotado. Ah!, sim, porque nenhum dos dois cederia; nem ele nem a Milai, tinha a certeza. Admitia-o com orgulho e dolorosamente. Gostava que assim sucedesse - para a ver igual a si próprio; temia-o ao mesmo tempo, sabendo que não poderia contar com

ela, sempre que quisesse procurá-la e aos netos, mesmo ao Rui Diogo... Que bem se sentia na sua sala de Lisboa! Naquela penumbra doce, muito aconchegado na poltrona que os netos haviam decidido pertencer-lhe, esperando que a Leonor Maria aparecesse primeiro para lhe lembrar a mulher, no mesmo olhar triste, entre meiga e arisca, toda susceptibilidades se ele lhe perguntava logo pela irmã, antes de se interessar pelos seus estudos de piano; Maria Teresa só viria depois, muito senhoril e distante, apesar dos seus doze anos, um nadinha desmanchada na composição da figura bonita quando reparava que ele não lhe trouxera o embrulho com doce de ovos. Repetiam nos últimos tempos o mesmo jogo - Diogo Relvas escondia o pacote das guloseimas dentro do piano, Maria Teresa olhava-lhe as mãos vazias e amuava, ele puxava-a para si, afagando-lhe os cabelos e o rosto, e depois pedia para ambas tocarem a quatro mãos, sim, a Valsa da Primavera, aquela que começa assim, e punha-se a trautear, com a voz grave, a tal música já conhecida dos três. As netas sorriam; e enquanto a Leonor levantava a tampa do teclado, competia à Teresa soltar um gritinho de mimo e garridice, ao descobrir as duas dúzias de doces de ovos que o avô mandara guardar pelo telefone. Diogo Relvas lembrava-se da história da Lua e erguia-se da poltrona para lhes beijar os cabelos, puxando a cabeça de ambas para o encosto do seu corpo volumoso.

Perdia todos os afectos em Lisboa; depois da Rosália fora a vez da filha e dos netos. Ficavam-lhe as viúvas dos amigos falecidos.

Que lhe ficava mais?!...

Reuniões da Companhia e da Associação de Agricultura, assembleias de empresas e bancos, boatos da política, cada vez mais emporcalhada com a intromissão dos republicanos na vida pública, armados agora em patriotas supremos por causa das colónias, mais umas anedotas de bastidores de teatro ou de má-língua do Paço, salpicado de escândalo depois do suicídio de Mouzinho de Albuquerque. Toda a gente falava dum amor adúltero... Ora! com quem havia de ser?!...

Lá estava o amor a perturbar toda a gente, até os heróis... Até os velhos, pensava agora de si, a propósito da alucinação pela Capitolina, um diabo de saias que lhe virara a cabeça demente, sim, bem dementada, porque doutra maneira não seria caso para expulsar o neto de Aldebarã, embora a coberto dos amores da inglesa, por quem o Miguel João se pusera tonto. Recordava a história com a gaibéua do Zé Segeiro e comparava a solução que dera a cada um dos acontecimentos. Se acontecimentos poderia chamar a simples factos de cama, quando deveria encarar o neto com vaidade autêntica, se não fora a maldita

tentação pela rapariga. Esquecera o respeito sempre acatado pelos verdadeiros chefes da casa, aos quais se impunha o dever de procurarem mulher longe de terras suas, a coberto de falatórios e intrigas. Para os jovens todo o perdão nos desmandos de amor. O amor aprendia-se hora a hora, quantas mais fêmeas melhor, onde não fizessem perca ao sossego das famílias do seu meio, já bastante aviltado, infelizmente.

Para além das reprimendas e castigos, que eram uma espécie de ritual do orgulho macho dos senhores de Aldebarã, sempre houvera compreensão para os rapazes. O que fizera com o neto, era sinal de decadência da sua parte. Achava-se velho, reles e velho, ao cair no pecado de desejar uma serva. E de que maneira!... Querendo levá-la dali para a ter, à vontade, em Lisboa, quando na cidade poderia arranjar, do pé para a mão, quantas raparigas quisesse... Tão novas ou mais novas ainda... Não faltava quem as conseguisse até com indicações de tamanho, gordura e cor de pele e de cabelos. Era tudo uma questão de propina!

Talvez - admitia-o agora - talvez existisse uma razão oculta para reagir daquela maneira.

Soubera certos passos de Emília Adelaide, por alusões vagas, pela tal carta e por muitos silêncios dos amigos quando se lhe referia em conversa, quase sempre embrulhada com certa condessa, adúltera e enredadeira, que não se queria achar só nos escândalos de libertinagem doirada em que pontificava. Talvez se inventasse muita coisa; a imaginação precisava de pasto e havia que arranjá-lo. A verdade é que a filha levava vida estranha nos últimos tempos. Evitara falar-lhe nisso, fingindo ignorar o que pressentia. Só para não ser forçado a pô-la perante a alternativa que acabara, afinal, por denunciar com violência.

Como pudera admitir que Emília Adelaide cederia perante a sua ameaça?!...

Não, vendo bem, ele pusera-lhe a escolha por um fatalismo do encadeado das próprias palavras; lembrava-se que logo sentira, mal as pensara, o frio duma certeza irremediável. Antes dizia com vaidade: nada há de irremediável a não ser a morte.

E agora percebia que vivera desse mito e de outros mais, só para se forçar a um compromisso, só para manter vivo o ímpeto da força de acção que era o segredo dele. O que se afirmava perante os outros, teria de ser cumprido de maneira implacável. Também da filha, e de maneira implacável, só havia que esperar a hora do arrependimento pleno e absoluto. Sabendo, porém, e demasiado, que Emília Adelaide não se arrependeria...

Gostavam desvairadamente um do outro, queria acreditá-lo, para que qualquer deles cedesse. Admiravam-se. E a admiração não comportava que um deles se mostrasse fraco. Esse seria o sinal da pior morte, da tal morte irremediável... Ah! ele não, com certeza!...

Ficara dias e noites, sem fim, isolando-se na torre ou no quarto de dormir, a esburgar a dor do rompimento com Milai. Como uma ave de rapina, pensara. Embora com a certeza de que reagira sempre, dando ao mundo uma face que não possuía dentro dele. O que contava era a face. E de repente, certa noite, estendido sobre a cama humilde da Torre dos Quatro Ventos, fatigara-se daquele novelo de angústias que se comprazia em dobar, acrescentando-o sempre, talvez com a esperança de chegar ao fim e abandoná-lo. E de repente, como um clarão, surgira-lhe também a dúvida, jogada por ela em certo momento. Com que intenção?!... Só para o perturbar?!... Dissera-lhe assim, mais ou menos: -Abra bem os olhos para o que se passa à sua volta.

Que se passaria realmente à sua volta?!...

Para que precisasse de abrir os olhos... Abrir bem os olhos... Como quem diz: estás cego. Velho e cego.

Pois mesmo velho e cego passaria a agir, deixando-se de tanto pensar. Tinha a certeza de que na acção todos se dobrariam à sua passagem.

O vento soprou lá fora, zunindo nas quatro janelas da torre.

“Sim, exactamente como o vento... Como o vento quando mete as mãos numa seara... e a tomba”, pensou com raiva.

Capítulo VIII

Ou o vento numa seara?...

Que nunca mais se levanta, como se nela entrasse a fúria de um toiro das suas manadas. Um dos que havia de escolher para mandar à feira de Sevilha certo de atemorizar a Giralda, deixando lenda na Andaluzia. Para essa altura já as ordens estavam dadas.

Os sete cavalos seguiriam com o fáeton em dois vagões, no mesmo comboio que levaria o curro, uma semana antes da feira abrir, de maneira a poderem refazer-se da clausura da viagem, pondo-os a boa ração. Zé Pedro iria acompanhá-los com o filho do Atouguia, um vivaço para a arte do picadeiro. Mandara fazer-lhes farpela nova de campino, embora percebesse no Borda-d'Água um estremecimento de contrariedade. Queria fazer-se senhor, lá porque toureava a cavalo, mas puxara-lhe logo as rédeas.

- Parece que não gostaste do fato... Acha-lo curto?

O domador de cavalos baixara o olhar.

- Ou já tens vergonha de ser campino?... Não sabes falar? Levanta a cabeça. .

Vira-lhe os olhos perturbados.

- Não, senhor...

- Por isso mesmo vais passar, a partir de hoje, a fardares-te todos os dias. Como o teu pai e o teu avô...

Afagava a barba, mas os dedos tremiam-lhe levemente.

- Nunca te envergonhes dos teus. No dia em que sentires isso... tens uma maneira de os enjeitares: sai do meu serviço.

Reagiu o rapaz num arremesso:

- O patrão não está satisfeito com o meu trabalho?

- Estou. Com o trabalho estou. Mas julgo ter percebido qualquer coisa em ti... uma mudança, qualquer coisa... Quero lembrar-te, só para te não esqueceres, que as corridas que tens feito como cavaleiro, só a mim as debes. Sabes disso!.

- Sei...

- Sei, sim senhor - emendou.

- Sei, sim senhor, patrão Diogo - repetiu o domador de cavalos.

Deixou um tempo de longo silêncio, como para que no outro assentasse bem a ideia de submissão. Acendeu a ponta do charuto, mastigou-lhe bem a ponta, olhando-a depois como se procurasse nela o sinal da marca dos dentes ainda rijos, e voltou-se para o Zé Pedro.

- Estão bem preparados os cavalos para a feira? Não me deixes ficar mal... - Mudara o tom da voz, tornando-a quase amigável e íntima. Um tanto sorrateira.

- A égua que a menina queria levar é que está mais atrasada. Arregaça um nadinha...

- Porquê?

Zé Pedro hesitava.

- Deixou de montá-la já há um tempo... Sempre faz diferença.

- Eu trato disso.

Quedou-se o lavrador pensativo, disfarçando mais uma vez com o charuto, cujo fumo parecia entretê-lo. Fingia ignorar o equitador, mas vigiava-o pelo canto dos olhos. Sentia-o inquieto. A novidade de se fardar todos os dias não lhe quadrava bem; fazia-o descer do pedestal onde o pusera, ainda por amizade. Humilhava-lhe as vaidades tolas, embora gostasse de ver os servos vaidosos por pertencerem à casa Relvas. Era sinal de que serviam bem e se achavam contentes com o trabalho.

Pusera-se a caminhar dentro da sala, indo colocar-se por trás do criado. Zé Pedro fez um movimento para não ficar de costas para o amo, mas este conteve-o: - deixa-te estar.

Podia assim olhá-lo à vontade, pondo o outro mais contrafeito.

- Já mandaste para a cavalaria a égua que a inglesa montava? - disparou-lhe rápido. O equitador estremeceu. Diogo Relvas percebeu bem que ele estremecera.

- Já, sim senhor - respondeu o Borda-d'Água depois duma pausa.

- Guardaste-a tanto tempo no picadeiro...

- O animal desmanchava-se sempre que ela saía. Não sei que diabo tinha a mulher...

Voltara-se, deixando filtrar-se um sorriso no rosto de cigano.

- Achas graça?

- Não, senhor...

E abriu os braços como se o espantasse a pergunta. O lavrador irritou-se com a atitude dele.

- Posso saber... Não estou a dizer bem. Que observaste tu entre ela e o meu neto?

- Nada...

Insistia nas perguntas, tinha o pressentimento de que precisava de prolongar-se a conversa. E olhava o criado bem nos olhos, procurando descobrir se ele lhe fugia levemente com os seus:

- Nada!... É que me disseram que tinhas muita coisa bonita para me contares acerca dela. Não é verdade?...

Estranha secura apossara-se da boca de Zé Pedro, obrigando-o a mover os lábios e o maxilar.

- Sei que ela ia ao picadeiro todos os dias...

- Sim. Porque não dizes com Maria do Pilar? E que muitas vezes saías com ela para a mata...

- Tinha recebido ordens para cuidar dela...

- De quem?!

- Da menina.

- Está bem. Vai-te embora.

A passo largo, o domador de cavalos dirigiu-se para a porta; era evidente que queria ver-se longe do amo.

Resolveu retê-lo mais tempo.

- Olha, Zé Pedro! Trata-me com cuidado da égua que a minha filha escolheu. Quero vê-la fazer boa figura em Sevilha. Talvez de lá traga noivo. Ganharás uma libra se o trouxer.

Aproximara-se do outro.

- Quanto à inglesa, puxa-me lá por essa memória. Afiançaram-me que sabias muita coisa...

- Gente que me quer mal - tartamudeou o rapaz.

- Talvez...

E pôs-lhe a mão sobre o ombro.

- Sabes...

Pensara recordar-lhe o castigo com que ameaçara o anão. Mas logo se dominou, receoso, sem perceber das razões, não fosse espantar a caça. Os olhos dele não lhe tinham agradado.

Mandou-o sair.

Foi até junto da secretária, leu o papel que lhe deixara em cima e traçou um risco na primeira frase que escrevera. De manhã é que se começava o dia. Leu depois, e em voz alta, a palavra seguinte: - Capitolina.

Repetiu-lhe o nome mais duas vezes, em voz baixa, e hesitava:

Chamo a rapariga ou o pai? Ou ambos? Não, a rapariga não, não pode ser ela. Que tenho agora para lhe dizer?

Cerrou a janela e sentou-se no sofá. Ainda não se sentia bem. Levantou-se, fechou a porta à chave e depois estendeu-se ao comprido, de mãos enganchadas sobre a fronte; ferrara-se-lhe uma dor dos olhos para os temporais que tentava esmagar, apertando-os com a pressão dos pulsos. A entrada da Primavera deixava-lhe sempre uma sensação de esgotamento, talvez mais de lassidão; o sangue batia-lhe nos ouvidos como dois minúsculos martelos.

Queria lembrar-se do dia em que reparara na cachopa, no desejo de averiguar o que facilitara nele aquela perturbação dos sentidos. Talvez durante a festa da visita real. O próprio rei perguntara-lhe quem era, sim, aquela pequenota e mexida que nem uma bicha-de-rabiar; é um encanto. “Saberá explicar-me, Diogo Relvas, por que razão só existe alegria autêntica nas mulheres do povo?”

Era possível que viesse desse momento o seu interesse pela Capitolina.

Que havia nela, pois, e na realidade, para se ter perturbado assim? Talvez não importasse desvendá-lo... Certos tipos resolveriam o caso sem complicações. Mandariam chamá-la para criada do palácio, viria a intimidade e o resto chegaria simplesmente, duma maneira fácil e natural; amanhã não servia, por fastio ou outra coisa, adeus rapariga, toma lá para o teu enxoval; e, se tanto conviesse, também se lhe procuraria marido para a terem à mão, fazendo-se padrinhos do primeiro filho, a quem visitavam todos os dias. Dissera muitas vezes que eram esses uns dos culpados de certo desrespeito que se via entre a criadagem e os amos. Agora estava à beira de compreendê-los. Ou de desculpá-los. Sem poder dar-lhes assentimento; isso mais devagar. Tinha filhos e netos a quem prestar contas, embora alguns deles não o merecessem. Mas a verdade é que pior seria ainda, se o exemplo dele os empurrasse para maiores desvarios. Que faria o Miguel João à solta? Pensar em Emília Adelaide era acrescentar a dor permanente que experimentava quando a sabia na intimidade de certa roda.

Chamaria o pai. Era evidente: seria o pai. “Devem ser do teu conhecimento certos passeios da tua rapariga com o meu neto. Não faças essa cara, toda a gente sabe disso. Deixei passar estes meses, à espera que me viesses falar. Era a ti que competia fazê-lo. Ele é ainda uma criança e ela já mulher acabada. Não percebo

bem o que pretendia dele. Não era para marido, com certeza!... Acabei por me resolver a entrar nisto, sabe Deus com que desgosto. Sem barulhos nem choradeiras, não quero aqui uma coisa nem outra, vais arranjar patrão e saís de Aldebarã. Não me faças essa cara! Quero respeito... “

Diria isto mais ou menos, conforme o homem se portasse. Mas falseava tudo. Falseava o que sentia e falseava, também, o que era pior, o que admitira arranjar com eles. Mandá-los embora seria renunciar. Nunca a renúncia fora moeda aceite na sua vida. Rui Diogo, porém, forçava-o a aceitar a derrota. Os Relvas não eram porcos para comerem na mesma corte.

Encarregaria o abegão da quinta de resolver o caso. Pois, claro. Como admitira tanto tempo que iria ele tratar dum assunto daqueles?... Não havia dúvida! Começava a ficar velho.

De corpo, não, não estava velho: Mas raciocinava doutra maneira. Menos lúcido. E lentamente. Olhava mais tempo para a sombra dos problemas que defrontava. Com o malandro do Zé Botto ter-se-ia satisfeito em pregar-lhe um susto?!... Sabia que não. O resultado é que começavam a construir a fábrica. Os melhores homens daquela zona iriam no mesmo dia para a indústria, mal iniciasse a laboração. E viriam outras... Há coisas que não se resolvem com meias medidas.

Estaria à altura de avaliar tudo o que se passava à sua volta?!...

A filha pusera o dedo na ferida.

Ouviu o ruído do trem a entrar ao portão e foi descerrar as portas da janela. Espreitou por entre a cortina. A Maria do Pilar fora à missa, sozinha. Também no caso dela adiava a concretização de lhe dar um marido. Houvera aquela doença estranha, evitando toda a convivência, metida no quarto.

Porquê?!...

O médico não explicara as razões do mal, chegando, afinal, às mesmas conclusões do padre Alvim. Péssimo sinal quando a ciência e a religião se punham de acordo em questões de saúde. Era preciso casá-la, casá-la depressa, como se a filha não tivesse vinte e dois anos. Ainda admitira que se desencadeara nela uma crise de misticismo, o que não lhe agradava. Tudo se queria na sua conta. Mas a hipótese acabara por se esvair, tão arredia a vira da igreja. Mesmo aos domingos, quando nem ele faltava à missa da manhã, Maria do Pilar inventava sempre um pretexto para ficar no quarto.

Entretanto, voltara a pensar em descobrir um marido, depois de anular toda a lista que chegara a fazer. Aproveitando a última feira da Vila, convidara para o palácio dois dos possíveis genros. Ele próprio se desiludira no contacto de ambos

com a filha. Valia mais do que eles; e mal vai um casamento quando a mulher percebe que é superior ao homem. Finda depressa e em separação. Ou em coisa pior...

Felizmente que a Maria do Pilar encontrara distração por si própria. Depois do parto da mulher do Miguel, parecera descobrir a intuição materna para os filhos alheios. Ainda bem. Ela era agora a única senhora do palácio da Mãe-do-Sol, e incumbia-lhe resolver com ele a caridade na aldeia. Não a praticava com aquele condão raro que possuía D. Maria Joana Rolin Villaverde, sua mãe. Esquecia os velhos; parecia não gostar deles. Todo o dinheiro que lhe dava, empregava-o com os recém-nascidos. E nisso era dum exagero absurdo. A alguns chegava a vesti-los de seda. Ele calava-se, sem perceber a tineta de Maria do Pilar, embora não deixasse de lhe acentuar a segregação da gente idosa, coisa feia, em seu entender. E lembrava-lhe o exemplo da mãe, ajudando os velhos em primeiro lugar. Nesses momentos, pedia para que lhe falasse dela. Apesar de possuir no quarto um retrato da mãe, gostava que o pai lha descrevesse, sublinhando no fim: - é ainda mais bonita na sua boca; nem eu nem a Emília nos podemos comparar; ainda bem.

Não a entendia. Mistérios de mulher... Quando lhes dava para complicarem, não conhecia bicho mais esquisito. E nisso a mãe levava a palma às duas filhas.

Esquisito e disparatado era também o desinteresse de Maria do Pilar pela égua que escolhera para levar a Sevilha.

E uma noite, ao jantar, largou-lhe a pergunta:

- Já não quer montar a Fogueira? - Tinham-lhe dado o nome por causa da cor avermelhada e de certos reflexos de labareda que lhe marcavam a garupa.

Não tem calhado... "Fogueira" parece um nome do destino. Qualquer dia...

- Deve passeá-la todos os dias, pelo menos uma hora. As mulheres de Sevilha montam primorosamente. Quero que faça lá boa figura...

Percebeu-lhe na boca uma expressão de indiferença.

- Doutra maneira é melhor não a levarmos.

- O pai é quem manda...

Exaltou-se. Maria do Pilar estranhou-lhe a atitude, habituada como estava a ouvir-lhe mimalhos e condescendências. Ficou nervosa e pediu para se levantar da mesa, mal comeu a fruta.

- Esquece-se que não tenho outra companhia... Isso é egoísmo, minha filha. Já sabe que nunca gostei de me irritar consigo. Faça-me a vontade. A partir de amanhã vá todos os dias ao picadeiro...

Pareceu ver-lhe contrariedade no olhar.

- Há no picadeiro alguma coisa que lhe desagrade?
- Não, mas não, de maneira nenhuma - respondeu acalorada e pronta.
- Posso perguntar-lhe quem o informou?
- De quê?...
- Da minha ausência...
- Quem havia de ser? O Zé Pedro, com certeza. Ou há outro criado a tomar conta dos animais?

Maria do Pilar gostou de ouvir o que o pai lhe dissera, embora não voltasse a entrar no picadeiro há alguns meses. Mudou de expressão. tornou-se comunicativa. E foi beijar Diogo Relvas, pedindo-lhe para sair com ela até à borda do Tejo.

A noite convidava. Do fundo da mata, com o rumorejar suave da ramaria chegava um perfume forte de essências.

E de lembranças, pensou Maria do Pilar.

Capítulo IX

Onde os dois amantes voltam a encontrar-se

A serenidade da noite prolongou-se nas horas que esteve acordada, de janela aberta, com o retrato da mãe a seu lado sobre o almofadão onde se recostava. Já pensara voltar ao picadeiro, mas preferira esperar que a mandassem. Fora o pai ainda melhor. Sarara-se-lhe a ferida da alma e do ventre quando perdera o medo de um dia ter um filho. Agora, que assistira a três partos, desfizera-se o mistério que a horrorizava. A própria lembrança da noite em que os irmãos a tinham levado para o casinhoto da floresta, querendo forçá-la a confessar que matara a mãe, perdera igualmente importância, embora não gostasse de reviver essas horas. Ainda bem que nunca contara o que eles haviam exigido.

Acabara por admitir com indiferença a ideia da morte. Sem a desejar. Mas não a apavorava pensar nisso. Nem a sua vida tinha interesse bastante para a querer aumentada até à velhice, nem outro, de resto, era o fim de tudo o que merecia viver. Orgulhava-se de si, sabendo que conseguira vencer o temor inspirado pelo nascimento de alguém. Rompera ela própria o círculo de angústia onde terminaria esmagada, adivinhava-o. Era um bom sintoma de saúde.

Voltaria agora a encontrar-se com Zé Pedro, não para se amarem, porque aquela forma de amor não lhe tinha preenchido o vazio do corpo. Preferia as carícias das crianças quando vinham procurá-la nas ruas de Aldebarã, mal a viam surgir no trem fechado. Não seriam piores as dos homens, se eles se deixassem afagar passivamente.

No rectângulo da janela surgiu uma réstia de luar, como se alguém, de repente, a tivesse descoberto e atirado para junto da cama. Foi debruçar-se para a ver melhor, satisfeita por reparar, de novo, no desenho da tapeçaria que cobria o chão, comprada no dia em que ela completara oito anos, bem se recordava, e ali estivera a seguir com os dedos o desenho dos florões, ao mesmo tempo que lhe enunciava as cores. A Brígida viera vê-la depois de a criada do quarto a deitar; dessa vez não lhe pedira para contar qualquer história, das muitas que sabia, todas bonitas; e mais do que nenhuma, aquela do príncipe que levava a princesa na

garupa, ambos perseguidos não se lembrava por quem - talvez uma bruxa - e, mal o perigo se aproximava, o príncipe atirava um punhado de sal e logo aparecia um grande mar, depois uma pedra, e logo se levantava uma serra das mais altas, e ainda um punhado de farinha, e daí se cerrava um nevoeiro como nunca ninguém encontrara igual. Era o bocado que ela gostava mais, esse do punhado de farinha, não sabia porquê.

Dessa vez fingira dormir quando a Brígida entrara; até se pusera a rressonar, como ouvira um dia fazer a qualquer homem que adormecera no Campo debaixo dum barracão. Só para se deitar sobre o tapete grande, sentindo-lhe o macio do pêlo, como o de um animal coberto de florões e cores. Apeteceu-lhe repetir a cena e saltou da cama, estendendo-se no chão, mas de maneira que o luar lhe caísse em cima. Perdera na memória, por certo, o rasto do que fizera ali durante tanto tempo, pois não conseguiu reconstituir o deslumbramento. E foi até à janela.

O pai devia estar na torre àquela hora, porque via a luz frouxa e amarela do candeeiro que levava consigo. Que iria lá fazer?... Já lho perguntara e a resposta soara-lhe a absurdo. Nunca lá entrara também, apesar de lho ter pedido por diversas vezes. Que coisa haveria na torre para ali se demorar tanto?!...

Bateram duas horas no relógio de Aldebarã, logo pouco depois de um comboio passar ao longe. Não devia levar gente, não se viam luzes, mas o fogacho do cano da locomotiva parecia queimar o céu. Ou melhor, a noite. Também ela se pôs a queimar a noite quando olhou para os lados da mata, rememorando o que nela a impressionava. Talvez tudo. Nunca se sentira bem lá dentro. Não era isso: nunca se sentira livre, parecia que a floresta lhe dominava os movimentos, pronta a agarrá-la e a conduzi-la para onde lhe aprouvesse, uma espécie de túnel, embora vivo, o que era mais estranho. Tão estranho como ela recluir a floresta e nunca procurar outro caminho quando montava a cavalo. Era uma tentação. A tentação - quem sabia? - de descobrir alguma vez as razões daquele mistério.

Sorriu. Tudo naquela noite era para ela um mistério. Há momentos assim!...

Acabou por não pensar, deixando o tempo levá-la; sabia-lhe bem, era o único caminho que se fazia sempre, mesmo quando parados, aquele que se não podia recusar e se não sentia, aos poucos, mas pesava de um dia para o outro, sem consentir refazê-lo ou emendá-lo. Pois o tempo que a levasse!

A lanterna da cocheira deixava no terreiro da entrada da quinta uma pequena arena de luz, quase imperceptível, como a do luar cada vez mais claro. De vez em quando um animal relinchava ou nitria, e voltava a trazer-lhe a imagem de Zé Pedro, esguio e seco, todo pamparreta na maneira de dominar as montadas. Não o

sentia como seu amante, embora gostasse de vê-lo a cavalo ou no picadeiro. Ser amante dele deveria ser outra coisa diferente.

Por fim, a fadiga tomou conta dela e obrigou-a a voltar ao leito, onde o retrato da mãe parecia esperá-la. Pô-lo em cima da mesa-de-cabeceira, benzeu-se e adormeceu de seguida.

Acordou leve, quase feliz, um pouco tarde, talvez; que horas seriam? Mas não tinha a sensação de cansaço das outras noites, como se a cama lhe exigisse mais energias do que quando andava de pé. Chamou pela Iria, pediu um banho antes do pequeno-almoço e foi ela própria tirar o fato de amazona de dentro do guarda-roupa. Precisava de combinar uma ida a Lisboa com o pai, para escolher o modelo do que levaria à feira de Sevilha. Poderiam aproveitar para uma ida ao teatro, depois de jantarem no restaurante onde iam sempre comer a paella - nem em Espanha se fazia melhor, garantia Diogo Relvas, o que levava alguns amigos a garantirem, por brincadeira, que ele recebia dali lucros no fim do ano. Maria do Pilar gostava de acompanhá-lo por causa dos convivas, gente bem-disposta. O pai era o centro da conversa, assim que se punha a desfiar romancelhos de toiros e cavalos. Tinha-os sempre frescos. Alguns diziam-lhe:

“- Porque não escreve isso, Diogo Relvas? - O pai rejubilava, mas condescendia em confessar que os estragara, com certeza. - Bastava que os pusesse assim mesmo. - Aí é que está o busílis... Ninguém escreve como fala; são coisas diferentes. Quando escrevo perco a naturalidade.”

Mas narrava aquelas histórias com maestria de rapsodo. Mesmo as já muito recontadas, ganhavam sempre novo sabor. Como essa de um cavalo com o ferro Relvas, nos tempos do avô, e que matara um campino à dentada e a coice. Andavam de rixa um com o outro, e o Passarinh?, assim se chamava o lazão, tirou vingança das muitas judiarias que o homem lhe fizera. Diogo Relvas repetia-a, em resposta a certa gente que considerava o cavalo um animal sendeiro.

Quase certo também naqueles jantares, era um primo do rei. Dizia-se liberal e republicano, por presunção, mas não poupava os palacianos, a quem desmanchava em anedotas chistosas e um pouco apimentadas. Solteirão, gostava de se mostrar na rua com mulheres do povo, desforrando-se, ao que se dizia, de certa dama que o preterira pela cama fria dum velho diplomata. Se estava bem-disposto, mandava um criado trazer-lhe a guitarra do palácio, que ficava ao Aterro, e aí se punha ele a cantar até altas horas, quase sempre versos da sua autoria, entre os quais tinha fama uma cantiga às flores.

Até dava gosto perder o teatro, confessava Maria do Pilar.

O pai nunca a deixava ficar para o resto da festança, sabendo escolher a altura própria de sair com ela. Era já tradicional - a apoteose da reunião metia loiça partida e alguns murros, além da intervenção policial que levava, em charola, o primo do rei, possesso de ira, a gritar vivas à república no seu vozeirão de barítono. Diogo Relvas safava-se a estes destemperos do fidalgo. Engraçado, sim senhor, não havia dúvida, mas tudo devia ter a sua conta. O que é de mais, estraga-se. Azeda, dizia o lavrador.

Maria do Pilar rememorava esses momentos, como se pudesse servir-se deles para cobrir outras lembranças que queriam impor-se-lhe, agora que iria voltar ao picadeiro. E não a dominavam - como isso lhe parecia estranho! - as do último encontro com Zé Pedro, quase dissolvidas e distantes, mais confidenciadas por outrem do que vividas por elas, que já não baralhava os contactos do amor com as vinganças da morte materna, cuja perpetração quase chegara a aceitar. Eram antes os encontros no quarto de Miss Curry, o que ela lhe revelara à imaginação ansiosa, os festins clandestinos com uísque, repugnante como o que diziam e consumavam, entre os mistérios de um segredo talvez partilhado também pelo equitador, depois de a inglesa o tornar seu amante, atirando-a a ela, ansiosa por imitá-la em tudo, para o mesmo caminho da floresta.

Afinal o que receava?...

À despedida, a preceptora dissera-lhe quase feroz:

“- Vais ficar sozinha... Pensei em escrever a teu pai contando-lhe o que fizemos. Tive pena de ti. Mas não sei ainda o que irá passar-se. Reza para que eu encontre depressa outro homem que substitua bem o nosso cigano. Doutra maneira.. sim, doutra maneira, talvez precise de me vingar.”

Só agora se sentia capaz de recordar essas palavras, tão inibitórias como o traumatismo vivido pelo corpo. Todos os dias, à mesma hora, ouvira a corneta tocada pelo distribuidor do correio e logo um tremor lhe tomava conta do corpo alarmado, levando-a a ocultar-se no quarto. Viria ali a carta de Miss Curry?...

Alguns meses haviam decorrido. Não gostava de contá-los. O pai devia ainda ignorar o segredo de ambas, nunca o saberia pensava agora, a não ser que a preceptora o tivesse confidenciado a Zé Pedro. Era só a hipótese que a forçava a temê-lo. Para além disso, o domador de cavalos não passava de um criado da casa, a quem dava ordens desde criança, apesar de ser ele o companheiro preferido das suas brincadeiras pela quinta. Das poucas vezes que ele tentara aproximar-se, ficara perturbada, como se esperasse a ameaça que temia. Escapara-se-lhe sem

responder, acobardada, mas agora iria ela própria ao seu encontro. Precisava de se experimentar.

Daí a instantes atravessava o terreiro que levava às cavalariças, um pouco lívida, sim, e trémula também; só ela seria capaz de confessar o receio que ainda levava consigo. O filho do Atouguia, quando a viu, teve um movimento para correr ao picadeiro. Com um grito fê-lo deter-se; depois aproximou-se do rapaz e interrogou-o.

- Recebeste ordem para avisares alguém da minha chegada?

Da porta da cavalariça, o anão saudou-a; ela, porém, respondeu-lhe com um erguer sacudido da cabeça, cortando-lhe o impulso de se chegar e trazer conversa, decerto cheia de humildades, que já não conseguia ouvir sem enfado. Queria à viva força um empenho seu para substituir no picadeiro o filho do Atouguia. Percebia-lhe a intenção de hostilizar dessa forma o pai do rapaz. E escapou-se-lhe, metendo pelo corredor do picadeiro, sem escutar a resposta do moço, atrapalhado com o tom agreste que usava na pergunta. Todavia, a sombra do túnel tornou-se-lhe opressiva, como se a falta do solo a impedisse de respirar à vontade. Ficou indecisa.

Lá do fundo, bem entoada mas triste, chegava-lhe a voz de Zé Pedro. Parou por instantes. O domador já devia saber que ela voltaria naquela manhã. Tinha a certeza que queria recordar-lhe o encontro na mata. E foi isso que a decidiu a irromper na arena, chamando por ele, como se receasse voltar para trás.

- Tudo pronto?!

Sentiu que a interrogação lhe estremecera o corpo.

- Que tal vai a Fogueira? - perguntou ainda no mesmo alvoroço de tom.

Zé Pedro voltou-se humilhado com a farda de campino que tornara a vestir. Perdera o ar comunicativo e um tanto pimpão, embora no olhar tentasse ser o homem que ela conhecera. Só então Maria do Pilar se aquietou.

Foi agarrar a égua pelas rédeas, saltando lesta para o selim, onde depois compôs a saia. Zé Pedro fitava-a cá de baixo, sem ainda compreender a que distância ela o punha. Arriscou-se a dizer-lhe:

- Julguei que não voltasse...

- Posso saber porquê?!

Tornou-se desdenhosa, talvez para impedir que ele lhe respondesse:

- Fica-te bem a farda. Não deves voltar a tirá-la...

- Quer que vá consigo?

- Não...

E meteu a égua a passo para a saída.

- Espero que tenhas feito bem o teu trabalho, Zé Pedro.

- Não posso dar a certeza - lamentou-se o equitador, acompanhando a marcha do animal com a mão sobre a garupa.

- Arriskas-te a perder o lugar...

Dum salto, Zé Pedro tomou a dianteira à égua, segurando-a bem pelo freio. Ia a dizer qualquer coisa, mas nesse momento sentiu erguer-se no camarote a figura de Diogo Relvas.

O lavrador só fez uma careta, ficando em silêncio a olhar os dois.

Maria do Pilar saudou o pai com um aceno do chapéu preto e dirigiu-se ao corredor da saída, pondo a Fogueira a ladear.

- Que lhe parece? - gritou sem desmanchar a figura.

- Mal...

Também a voz do pai lhe pareceu mal, estranha. Pelo menos estranha.

Um tempo depois, em Sevilha, Maria do Pilar confidenciava a Zé Pedro:

- Naquela manhã, no picadeiro, lembras-te?, tive medo dele... Conheço-lhe bem a voz. Mas dessa vez enganei-me, graças a Deus.

Capítulo X

A corrida às lebres...

“Todos nos enganamos”, pensava Miguel João, um tanto desiludido consigo, enquanto os parceiros o julgariam interessado em descobrir se lhe seria mais fácil, da outra tabela, dando um pequeno efeito na sua bola, reuni-la com as outras duas no canto do bilhar, para que dali iniciasse uma nova série, capaz de lhe permitir as doze carambolas da vitória. Se falhasse a tacada, ofereceria aos adversários a possibilidade de acabarem o jogo, de tal maneira as bolas ficariam à babugem do Salgueiro, primo da mulher, o melhor taco dos seis que disputavam a partida. Poderia também jogar à defesa, sem se trair - bastava-lhe apontar à vermelha, que fugiria para cima, levando a sua a tocar em duas tabelas e a correr depois ao encontro da outra. Simplesmente, havia o risco da sua chocar na viagem com a vermelha, o que daria ao Salgueiro nova hipótese duma série de dezasseis, o suficiente para o jogo lhe findar na mão.

- Estás nervoso - chasqueou o Filipe Mendanha a compor as lunetas no nariz pequeno.

- Não se permitem apartes. O troféu é bom de mais - recomendou Tó Rolin, filho de Fortunato, de quem herdara o machismo e a propensão batoteira.

Miguel João olhou-os de revés, voltou a dar giz à ponta do taco e quis esquecer Maria do Pilar, que continuava sob o arco de comunicação das duas salas. Perguntara-lhe: levamos o Zé Pedro? E ela respondera-lhe que não, para quê o Zé Pedro? A resposta baralhara-lhe as suspeitas.

“Todos nos enganamos”, admitira mais uma vez, procurando firmar bem a mão esquerda sobre o pano. Tornou o taco leve, apontando-o à bola em ensaios rápidos, e atirou um golpe seco que levava endereço exacto. A vermelha embateu na tabela esquerda e veio passar por baixo do tronco do jogador, que ficara suspenso a gozar o movimento dominado das bolas. Aí estavam elas perto do canto, agora nada de precipitações, se fizesse mais onze carambolas seguidas tinha o jogo ganho, não só contra os adversários mas também contra os dois parceiros. Seis pontos a mais do que o Saldanha e dezasseis à maior em relação ao Tó Rolin

que procurava enervá-lo, apesar de a vitória do Miguel Relvas lhe dar possibilidade de se colocar em segundo na escolha de companheira para a caçada do dia seguinte.

Na outra sala, as senhoras esperavam o resultado da contenda. Tinham resolvido ao jantar que as corridas se fizessem por casais, cada qual só com dois cães, de forma que as lebres durassem mais tempo. As outras parejas só poderiam partir vinte e cinco metros depois, assegurando a distância aproximada durante a perseguição, enquanto os criados que prendiam os galgos se deslocariam a passo para não aumentar o chinfrim.

O Salgueiro propusera que a disputa dos lugares se fizesse numa bilharada. Os seis homens dividir-se-iam em dois grupos, cabendo a escolha das senhoras ao que ganhasse a partida; dentro dele, a primazia seria dada ao parceiro que juntasse mais carambolas para a vitória colectiva. Miguel João jogava agora para tudo ou para nada.

O tudo era a Julinha Quintela, cujo marido andava por Lourenço Marques a demarcar terras para a companhia que formara em Lisboa com capitais alemães e franceses a que se haviam ligado alguns portugueses e certo banco lisboeta, resolvido a tomar dianteira nas colónias. Saudosa do esposo, procurava esquecê-lo com a corte de pretendentes que não desamarrava da sua órbita, como a classificava o Sebastião Teles, um galicho presunçoso do seu bigode à Keiser, símbolo de virilidade, em seu entender.

Tremiam os dedos do Relvas à medida que avançava a marca, embora quisesse mostrar-se com perfeito domínio dos nervos, chegando a descrever a jogada a realizar, não julgassem alguns que haveria bambúrrio numa delas, que previra a contar com o repique da outra bola branca. Saía-se bem e insistia no processo, pois já percebera quando as suas palavras moíam o Salgueiro, um dos prováveis maridos de Maria do Pilar, segundo projecto combinado com o pai, junto de quem se comprometera a resolver depressa o casamento da irmã. Reunia agora com frequência, para o efeito, alguns rapazes susceptíveis de convir ao pai Diogo, uma vez que Maria do Pilar se mostrava renitente em decidir sozinha.

Ele guardava o seu plano.

Mas agora faltavam-lhe duas carambolas e não podia distrair-se. Precisava de ficar isolado com a Julinha Quintela; a melhor oportunidade tê-la-ia no dia seguinte, pois já percebera que ela não se mostraria esquiva. Deu a tacada muito devagar, a outra bola mal estremeceu e a sua foi tocar na vermelha, batendo-lhe do lado melhor, o que a fez deslocar para junto da tabela e vir, de mansinho,

aconchegar-se à branca. Os parceiros deram com os tacos no soalho, em sinal de aplauso e vitória.

- Vale a pena dar a última? - perguntou com ostentação.

- Joga-se até ao fim - disse o Filipe Mendanha, entre brincalhão e irritado.

- Se o meu filho não estivesse a dormir, chamava-o para acabar...

A irmã sorria-lhe. Correspondeu-lhe com um aceno de cabeça, voltando a lembrar-se do que lhe contara o filho do Atouguia a propósito dela e do Zé Pedro. A resposta de Maria do Pilar fora sincera?!...

Preparou-se para terminar pelo lado mais fácil. O Salgueiro ainda comentou:

- Isso é de pexote...

Miguel retorceu a guia do bigode, que usava agora como o irmão falecido, gesto muito seu de sobranceira, e replicou-lhe:

- No marcador todas as carambolas são iguais, meu velho. Os meus parceiros, porém, é que decidem: acabo de caras ou faço um bonito?

Houve discrepância entre Tó Rolin e o Bonfim, marido duma prima deles por parte dos Villaverdes, a Constança Isabel uma bela mulher de quase quarenta anos, senhora dum peito que Miguel João designava por?? altar da Pátria “. Teve ele de decidir. Voltou-se para a tabela oposta àquela onde as três bolas se reuniam e preparou-se para fazer girar a sua no bilhar, obrigando-a a tocar no outro canto, em duas tabelas. Viu a jogada inteirinha a desenhar-se no pano verde, mas, quando se preparava para concretizar a carambola, arrependeu-se. Qualquer coisa buliu dentro dele. Foi pela certa; apressou-se depois a repetir a jogada pela outra alternativa, enquanto os parceiros repetiam a batucada com os tacos e os adversários comentavam o jogo.

Maria do Pilar anunciou o resultado para a mesa das senhoras.

- Diga-lhes que é proibido acasalar marido e mulher - recomendou a Quintela, soberba no vestido rosa-velho, muito decotado nos seios de porcelana. “Parecem de Sèvres” opinava, guloso, o Rolin filho.

À volta do bilhar, os homens ouviram-lhe a voz promissora e tomaram em conta o aviso agradável. Miguel João só disse “já sabem”, e todos perceberam quem designava para o acompanhar na perseguição à primeira lebre que saltasse na Lezíria. Tó Rolin, agastado, teve de optar pela dona da casa, como lhe cabia na etiqueta, apesar de Isabel Salgueiro Pereira Relvas ser boa amazona e companhia agradável, pouco de preconceitos em histórias picantes, o que enfurecia o marido. Quem estragou o jogo premeditado foi o Bonfim, escolhendo Maria do Pilar, quando sabia que os Relvas preferiam deixá-la para o Quim Salgueiro.

Distribuídos os seis casais, coube na reunião um pequeno recital de piano. A anfitriã tocou Schubert e a mulher do Bonfim, um pedaço de carne limpa, ripostou com Chopin para equilibrar em romantismo e paixão a sua conhecida rispidez matrimonial. O marido foi obrigado a cantar uma romanza, embora se queixasse de dores de garganta. Depois Tó Rolin propôs um fado, mesmo ao piano, verberando Miguel João por não ter no palácio guitarra ou viola.

- É uma traição ao Ribatejo, tem paciência que to diga.

Maria do Pilar resolveu-se a acompanhá-lo.

Era quase meia-noite quando o irmão foi levá-la à Mãe-do-Sol. Iam sozinhos, apesar de o Mendanha e o Teles se aprontarem a fazer-lhes companhia. A noite estava fresca. Chovera ao fim da tarde.

- E então? - perguntou Miguel.

- Então o quê?!...

- Divertiu-se, ao menos?

- Diverti-me.

- Que lhe parece o Teles?

- Bom rapaz... Todos bons rapazes... Mas não era isso que me queria perguntar. Ora diga lá, com franqueza, mano Miguel.

- Sim. Talvez preferisse saber o que pensa do Quim Salgueiro.

- Bem...

- Já é um progresso.

- Disse que todos me pareciam bons rapazes.

A marcha da parelha repercutia na noite. Miguel João tomara compromisso com o pai, mas não esquecia o pacto que fizera consigo mesmo. Tinha o seu plano, pois claro. Agora que o filho de Emília Adelaide não voltaria à quinta de Diogo Relvas, e os dois de Maria Luísa Sampaio Andrade estavam longe também, guardava ambições próprias quanto ao futuro da casa. Apesar de o filho ir ainda completar os dois anos.

- Não pensa realmente em casar?...

- Nunca admiti a hipótese de ficar para tia - respondeu Maria do Pilar depois duma hesitação. Percebera que não devia alardear a sua oposição ao casamento.

- Faz bem em não ter pressa - acrescentou o irmão.

- Espero que não diga isso ao pai Diogo...

- Ele julga que sou infeliz. A sua preocupação comove-me algumas vezes. Um dia lhe farei a vontade. Mas espero gostar dum homem..

Miguel João fustigou a parelha.

- Nunca gostou de qualquer?

- Quando tinha onze anos. Não me pergunte quem era, porque já não interessa... Estive apaixonada. Foi bom e terrível, ao mesmo tempo.

- O pai deu-me ordem para lhe arranjar um marido.

- Já sabia. Não o vou deixar ficar mal. Se lhe convém, posso mostrar-me interessada pelo primo da Isabel. Parece não ser mau partido - acrescentou com ironia. - Propriedades no Alentejo, seguros, conselho fiscal da Companhia dos Fósforos...

- Nós temos os Tabacos - gracejou Miguel João. - Mas será bom que o pai o esqueça, pois os Fósforos propõem-se agora concorrer ao monopólio dos Tabacos. A batalha vai ser de arromba. O pai anda irritado com isso.

- Para mim é um tanto seresma. Gostaria de casar por amor...

- Pode contar comigo. Acho que tem razão. De resto já defendi esse princípio junto do pai.

- Obrigada, Miguel. - Escondeu um sorriso na gola do casaco. - O Salgueiro é seresma, o Tó Rolin é bruto e capaz de pretender um harém com todas as mulheres de Aldebarã... O Teles é um cabide de bigode...

Riu-se o irmão do gracejo.

- Faz muito bem. Tem tempo - acrescentou ainda quando a caleche penetrava ao portão da quinta paterna e o Joaquim Taranta corria a recebê-los.

- Passaremos a falar no Quim Salgueiro... Acha bem? .

Já percebera a conveniência do irmão. Ia passar a contar com ele para prolongar o celibato até à morte do pai, embora a não desejasse. Depois se veria...

- Às seis da manhã, à borda do Tejo - lembrou Miguel João. - Sabe se o pai Diogo a acompanha?

- Julgo que não...

- Leve, então, o Zé Pedro. Monta bem a cavalo...

- Porquê o Zé Pedro, Miguel? Acho que já tem proa demasiada. O pai é que fez bem em obrigá-lo a vestir-se novamente de campino. Anda doido!.. . Deve sentir-se ultrajado.

Miguel João aquietou-se com os comentários da irmã.

Às seis em ponto, Maria do Pilar chegava ao cais de embarque. Só ainda lá estavam os barqueiros com os dois botes. Um nadinha fria, a madrugada prometia melhoria de tempo, na opinião dos arrais que sentiam-se o vento com bom cariz.

Vestira a jaqueta preta com bandas de veludo, comprada em Sevilha, na feira, e cobrira os cabelos com o chapéu cordovês de aba revirada e curta que lhe tinham

oferecido na mesma altura. Sabia-se bela. Zé Pedro dissera-lho quando ela passara ao picadeiro e lá se perdera mais dum quarto de hora quando julgara que o pai dormia ainda. Tinha na boca o sabor dos beijos do domador de cavalos; a barba crescida é que lhe deixara no queixo um ardor quase doloroso. Era capaz de voltar a cair-lhe a pele naquele sítio, como já lhe sucedera por outras vezes.

Acabou por mandar recolher a égua ao bote que transportaria os animais, subindo pela margem do rio, a pé. Pegava na saia de montar, tomando-lhe um pedaço da roda, de maneira a evitar prendê-la nos arbustos que se seguiam ao canavial onde a passarada se pusera a cantar, adivinhando a manhã. O gesto recordou-lhe que também ela teria de refrear o desejo de se encontrar com o equitador; talvez os outros desconfiassem de qualquer coisa, pelo menos as palavras do irmão não a aquietavam, apesar de lhe responder com artimanha, brincando com a vaidade do amante. Amar, não, não o amava, talvez por serem tão diferentes em tudo. Havia razões de origem, com certeza, era absurdo admitir um casamento entre os dois, mas gostava de afagá-lo por ser bonito, um lobo bonito como ela escrevera com Miss Curry, esguio e seco, a que o trajo de campino, com a faixa a apertar-lhe as ancas, sublinhava ainda. Já lho dissera para reparar o agravo do pai, mas nem por isso o tornara menos triste. Era agora um árabe triste como já lhe chamara.

Amar devia ser outra coisa, porque em certos momentos nada parecia ter com ele, enfeitava-o, talvez como sucede a muitas plantas que deixam cair os ramos cansados? já não temia o contacto dele, isso não, embora não se empolgasse. Zé Pedro dissera-lho uma tarde, na mata, quando o pai e o irmão foram ao Alentejo passar três dias.

A alvura da manhã começara a surgir no horizonte quando ouviu o tropel dos cavalos. Só dera por ele muito próximo, já divisava o grupo, lá vinham todos; Tó Rolin à frente na companhia da cunhada, ambos em animais negros, acenava-lhe o braço, gritando o seu nome. E adiantou-se depois para lhe explicar que a demora fora provocada pelo Teles, atormentado com a falta da jaqueta cor de pérola que mandara fazer de propósito e se haviam esquecido de lhe meter na mala.

Uma trabalhadeira, quase um congresso para o convencerem a vir de casaca.

Brincou com o irmão, mal o viu aproximar-se muito ancho pela parceria da Julinha Quintela, radiante e espantosa no fato de amazona à inglesa. Pareciam satisfeitos um do outro, o que não causaria espanto, pois o Miguel João era uma bela figura, bem preso ao selim e de busto erguido.

- Às seis em ponto!... O arrais que o diga. Já passa meia hora.

- O Teles...

- O Teles agora é que desculpa a mândria de vocês todos.

Vinha o outro combalido por não se poder mostrar a Maria do Pilar como sonhara durante uma quinzena; saltou do cavalo, a fazer-se ligeiro, mas queixou-se depois duma pequena entorse, a que em seguida não quis dar importância, não fosse ficar mais desastrado aos olhos maravilhosos da Relvas, como já lho confidenciara antes do jantar da véspera. “Olhos de oiro puro!”, rematara em êxtase, com o que Maria do Pilar chalaceara, tomando ar lamentoso de quem possui olhos no valor duma libra, calcule, uma libra!

- Troque comigo, Bonfim - pedia o Teles Cabral à parte.

- Nem que me desse a sua quinta de Queluz.

- Você abusa, João Bonfim!

- Jogo é jogo. O jogo vale tanto ou mais do que certas leis. Para mim...

Metidos os animais no bote alugado para o efeito, partiram da margem, à vela, assim seria um instante, asseverava o arrais, um varino grandalhão que viera de Vila Franca na véspera. Todos iam de pé para não amarrotarem os fatos novos, como se quisessem ainda acrescentar a inveja danosa do Teles Cabral, feito um trapo em cima do beliche da proa.

- Maravilha! Maravilha! - declamava o Filipe Mendanha junto de Constança Bonfim, chamando a atenção para o efeito do Outono na vegetação das margens. - Uma muralha doirada! Viajamos entre esmeraldas e oiro. O nascer do Sol no meio do rio deve ser uma embriaguez.

- Veja lá se cai à água com a bebedeira - comentou Tó Rolin em tom depreciativo.

- Só se você me empurrar...

- Não, isso não, seria incapaz de lhe dar banho.

- Sabe nadar? - perguntou Julinha Quintela.

Só dois homens estariam aptos a flutuar, ao que depois se averiguou. Julinha Quintela explicou a Miguel e à mulher muito enciumada com o devaneio marital, que já estivera em Cascais três horas dentro de água. Era uma delícia!

Esperavam-nos na margem sul um grupo de campinos do Relvas. Ouvia-se o ladrar da matilha de galgos, talvez encoberta com o valado. Procurando local apropriado para a saída das montadas, o arrais do bote deles subiu um pouco o rio, mas acabou por regressar ao ancoradouro improvisado pelos três campinos, todos de carapuço verde sobre o ombro, em sinal de respeito. Com as suíças quase

brancas em feitio de presunto, o Salsa também os aguardava. Já perguntara aos seus homens se viam o patrão Diogo dentro do barco; ainda na véspera lhe dissera que viria, aparecendo à última hora em cima do cais pois queria fazer uma surpresa aos convidados e aos filhos. Estaria doente?!...

Assim que Miguel João saltou em terra, indagou da saúde do amo, para quem trouxera um cavalo dos aposentos, ele mesmo lhe dera ordens.

- Não, graças a Deus, não adoeceu. A menina Maria do Pilar veio do palácio e não trouxe más notícias.

Entretanto, Miguel Relvas pensava que o pai provocara a conversa com o maioral-real para o obrigar a ser cuidadoso nos preparos da caçada e do almoço. Sempre a mesma mania de julgar que só a ele guardavam respeito, que sem ele nada correria bem dentro da casa. A ser tudo como julgava, o mundo acabaria no dia em que morresse.

Excitou-se a matilha de galgos, mal os cavaleiros e amazonas apareceram sobre o valado, de tal maneira sabiam que àquele aparato correspondiam correrias à solta. Apetecia-lhes verem-se livres das trelas, e farejavam o chão e as ervas, ganindo ou ladrando. Os criados que os seguravam viam-se arrastados pela ansiedade dos animais e esperavam ordens.

A Lezíria naquele mês era uma planície de poisios e restolhos queimados que a vegetação das abertas e dos esteiros sublinhava de cores macias: os aposentos de caniço e os palheiros cortavam-na de formas cónicas, denunciando a presença humana que os olhos não encontravam. Aqui e mais além, manchas de gado a pastar, donde chegava o som tristonho de chocalhos.

Os caçadores tinham resolvido partir para o sul, em direcção à Ponta de Erva, já acasalados, de acordo com a escolha da véspera, embora fosse difícil manter a fileira, por falta de perícia dalguns ginetes ou por certas montadas mais ardegas não gostarem de se verem atrasadas das que tomavam a cabeça do grupo. Julinha Quintela parecia pouco à vontade em riba da égua que lhe coubera; o animal percebera a pouca confiança da mão que o conduzia e tornara-se arisco, nitrindo e recusando obedecer-lhe. Ajudava-a Miguel Relvas, falando à égua e tocando-lhe a garupa com a chibata. Depois resolveu trocar de montada com a sua companheira, disposto a dar à rebelde uma lição de espora e freio, para o que se distanciou da comitiva. Fê-la mudar de andamento, do passo para o trote e vice-versa, obrigou-a a ladear, mantendo-lhe sempre a cabeça bem erguida, e acabou num galope até junto duma vala larga, onde a fez rodar nas patas traseiras e regressar a passo, atirando bem as mãos calçadas de branco, mancha que se repetia entre os olhos.

- Experimente agora - disse para Julinha Quintela depois de saltar do selim.

A amazona seguiu-lhe as recomendações quanto à forma de segurar as rédeas e a égua tornou-se dócil, embora de princípio voltasse a estranhar o contacto do freio nos lábios.

À ordem do lavrador, um dos criados largou dois cães que abalaram a farejar, mais por hábito do que por sentido, pois agora só pareciam desejosos de gozar as delícias da liberdade no campo, enquanto os outros latiam o despeito de continuarem presos. Miguel João e a companheira destacaram-se da fila, ganhando a distância que se combinara, e logo o lavrador insistiu na conversa iniciada na vinda do seu palacete até ao cais de embarque. Onde e em que dia poderia encontrá-la em Lisboa?... Não lhe dissesse que só seria possível vê-la em noite de eclipse da Lua...

Julinha Quintela fingia-se atenta aos movimentos dos galgos, mas sorria ao recordar-se dos ciúmes que a Isabel haveria de sentir lá atrás, na companhia do Tó Rolin, um bruto, que ela preferiria, afinal, ter ali junto de si. Achara-lhe graça às liberdades de linguagem e de gestos, à sua falta de maneiras como lhe sublinhara o Mendanha, despeitado com o outro por causa dos comentários feitos ao seu deslumbramento pela magia da madrugada.

- Recusa a minha amizade, Julinha? - teimou o Relvas.

- Estou a dar-lha.

- Convide-me para um chá em sua casa... Sem a Isabel é bom acrescentar. Preciso de vê-la todas as semanas.

- Eu preferia todos os dias - replicou-lhe com malícia.

Nesse instante, ao mesmo tempo que o Sol se mostrava no horizonte, um dos galgos fez levantar uma lebre que partiu numa carreira, aos saltos, acossada por cães e cavaleiros, gritando incitamentos às montadas, todas num tropel de espavorir a perseguida, em busca dum refúgio onde pudesse albergar-se. Os galgos ganhavam-lhe terreno, um deles quase lhe tocara com o focinho nos quartos traseiros, quando, numa furteta súbita, a lebre estacou e conseguiu mudar de direcção, atirando os cães para longe, incapazes de lhe imitarem a rapidez dos reflexos. Logo os outros voltaram à carga, mais decididos e arrebatados, em saltos à flor da terra, esticando-se em movimentos elásticos que o engano enfurecera. De pêlo eriçado pelo medo, a lebre guinava para as bandas duma aberta onde via ervas altas e arbustos capazes de a protegerem, mas já um dos galgos conseguira atingi-la com um empurrão que a fez rolar, do qual saiu para caminho diferente, forçando os cães a caírem também, tal a pressa de travarem a carreira, enquanto os

dois caçadores da frente emendavam o rumo do zzz galo e Julinha Quintela estava excitada, todo o corpo lhe fremia de entusiasmo; gritava mais do que ninguém.

Miguel João avisara-a de que deveria preparar-se para galgar uma aberta; a lebre avançava para lá e iria tentar escapar-se ali mesmo. Era mais um momento. Os galgos pareceram compreender também o risco de perderem a presa e aumentaram a velocidade, pega não pega; de repente todos se confundiram no emaranhado dos arbustos, e depois os cães apareceram sozinhos, desnorteados, voltando a farejar e a latir, como se a burla os arrenegasse. Mas já a montada da amazona rolava dentro da aberta, ante os gritos dos companheiros que seguiam o par da dianteira e a surpresa de Miguel João, enganado também pela manha da lebre, acoitada numa moita de sapal a descansar. Todos se apearam, seguindo o exemplo de Tó Rolin que se metera à água para agarrar Julinha Quintela, quase desmaiada com o susto da queda, enquanto os campinos faziam sair a égua da aberta, não fosse o animal atolar-se no lodo e partir algum membro.

Toda a canzoada se pusera a ladrar com fúria.

A pingar do banho forçado, a amazona queixava-se dum braço. Ficara lívida, queria beber, sim, tinha sede. E levaram-na para a poisada de caniço dum guardador, onde lhe deram um gole de aguardente. Os outros queriam continuar a caçada, mas os pares desacertaram-se, pois Miguel João entendia que deveria ser ele a acompanhar a sua dama e o Tó Rolin, por instigação da mulher do Relvas, achava que essa missão lhe cumpria, por ter sido o primeiro a agarrá-la e a trazê-la nos braços até ali. A vítima perdera a garridice, achando-se ridícula e malcheirosa, apesar do acontecimento lhe servir para Lisboa, onde poderia pintá-lo à sua maneira. Agora nem sequer pensava nisso. Tremia de frio com o banho numa água lodosa que atraía mosquitos e melgas.

Não, voltar ao palacete do Miguel seria um disparate; demoraria mais duma hora e, entretanto, a Julinha arrefeceria de todo, arriscando-se a agarrar uma pneumonia, concluíra Constança Bonfim. Alguém teria de se despir para lhe emprestar a roupa, era o que se impunha.

Maria do Pilar resolveu o embaraço. Deu ordem a um dos campinos para ir tirar a farda, sim, que se metesse atrás dos arbustos da aberta, e levou a outra para dentro da palhota, onde lhe exugou o corpo na manta lobeira do guardador.

Lá fora, cavaleiros e amazonas continuavam a discutir se a corrida deveria continuar. Atrás da moita onde se acoitara, a lebre tremelicava ainda, apesar de os galgos ladrarem agora ao longe.

Capítulo XI

... e a corrida às mulheres

De vítimas e algozes da corrida às lebres, só os cães poderiam queixar-se do rumo tomado pela comitiva do Relvas, que viera disposta a gozar um dia de emoções e de ar livre e agora para ali ficava à mercê das bizarras da Julinha Quintela, mimalha e queixosa.

Fora os dois galgos soltos para acompanhá-la e a Miguel João, mais nenhum dos outros provara a liberdade plena duma carreira bem galgada em terra chã, entre grita de incitamentos, assobios de guardas e lambarices dadas por caçadores. Só ao coito das lebres regressava a paz ainda assustada.

Por isso, talvez, os cães ladrassem muito, ladravam e ganiam, levando o dono a mandá-los recolher ao canil distante depois de uma galga amarela se pôr a uivar, o que perturbou ainda mais a amazona combalida, que pressentiu nesse sinal uma ameaça de morte breve e desastrosa. Atirara-se ao primeiro uivo para cima da esteira da tarimba, cobrindo a cabeça com a manta, e nem o pulguedo, em dia de festim, por corpo tão branco e mimoso, a arrancou daquela posição burlesca, a que se acrescentara certa mão ladra que buscava no seio da dama qualquer coisa. Certamente importante, tal a ânsia dos dedos.

- Os cães já se foram embora - sussurrou-lhe uma voz quebrada.

- E a mão? - perguntou no mesmo tom, embora já sorrisse debaixo da lobeira.

- A mão queixa-se de não poder ficar...

Desapareceram a voz e a mão, quando alguém disse à porta da palhota:

- Estamos no Ribatejo, Julinha. Não se esqueça.

Era Isabel Salgueiro que falava, fitando o marido, um pouco contrafeito por ela aparecer em momento tão bem ensejado.

- Todos os cobardes daqui devem parecer valentes - prosseguiu ainda. - Levante-se, faça um esforço... O Miguel João está muito preocupado consigo. Compadeça-se dele.

Dividiram-se as pulgas com ela, sentindo-as ferrarem-se-lhe nas ancas, no sítio em que a saia de montar se apertava no corpo. E alarmou a outra, a quem ofereceu o amparo do braço para saírem dali.

O ar fresco da manhã compensou-a. Activava-lhe o sangue nas veias.

- São vorazes... Estou toda mordida...

Tó Rolin fez brincadeira pesada da conversa subentendida das duas damas, que resolveram fazer partilhar Constança Bonfim daquela sangria. A palhota de caniço era muito, muito típica; fosse espreitar para compreender melhor o fandango.

- Agora, sim, tenho a certeza de que sou capaz de bater o fandango - concluiu a molestada, já risonha.

E mal a outra regressou, espantada, a procurar com os dedos das duas mãos qualquer formigueiro daninho que se lhe metera na blusa, a Quintela expandiu o resto dos nervos contidos em gargalhadas teatrais, saltando no banco de pinho que lhe tinham oferecido para descansar. Suira-se-lhe o susto.

Depois gostou de se ver no trajar campino, lembrando-se de D. Miguel, o nosso Rei, o autêntico, o verdadeiro monarca dos agrários, que tantas vezes andara vestido como ela entre o povo dali, delirante por vê-lo à cabeça duma manada de toiros bravos, a caminho de currais e praças, onde Sua Majestade os farpeava e pegava com a ajuda da campinagem. O trono português deveria ser ao ar livre e sobre um cavalo, se não houvesse a mania de os povos se imitarem uns aos outros, dissesse ela, sem resposta do Bonfim, liberal por família e convicções profundas.

Mas pensava: “Uma mulher bonita não deve ser contrariada, muito menos a caminho do leito, que é o destino permanente desta Julinha tão temperamental!...”

Caprichosa, opusera-se a que Miguel João mandasse vir o almoço para aquele aposento - ali tinha muito mais graça, era como se de repente ficassem pobres, sem mais nada, isolados do mundo; preferia comer o que houvesse na palhota, improvisando-se uma verdadeira refeição lezirã.

Os homens deram-lhe acordo por inteiro.

Na qualidade de anfitrião, competiu ao Relvas cuidar de satisfazer a todos, para o que mandou dois criados à cata do verdadeiro almoço destinado às outras senhoras, pouco resignadas a deixarem-se comandar pelos gostos absurdos da Quintela, sempre à procura de oportunidade para se mostrar extravagante. Tó Rolin só precisava que viessem os vinhos, branco e tinto, pois claro, e bagaceira; nada de água, pois não há pior do que a água para fazer rãs na barriga duma pessoa.

Margarida Mendanha pôs-se amarela com o comentário do Rolin.

- Mas que rãs?

- Verdes, minha senhora. Rãs verdes...

- Com esta água, claro.

- Não, não. Toda a água faz rãs.

Só então percebeu que o lavrador brincava, convertendo em riso aberto a repugnância sentida antes; até o estômago lhe dera uma volta, observou, o que levou o irmão a chamar-lhe ingênua, logo traduzido em parva por quantos assistiam à conversa. Maria do Pilar subira ao capelo dum valado, irritada por ter de passar ali não sabia quantas horas, a ouvir, com certeza, as galegadas do Rolin e os galanteios do Salgueiro, levando demasiado a sério o seu papel de apaixonado oficial.

O Salsa pusera-se a preparar uma pivea de bacalhau, desfiando-o o melhor que podia, a frio, após o que se dispunha a temperá-lo com bom azeite da casa, vinagre e pimenta de mão larga, boa para puxar à pinga, sim senhor, enquanto outro campino cozia em duas caldeiras de folha, com lume de bosta de boi, o feijão branco e o toucinho que dariam o caldo. Julinha Quintela continuava a exhibir-se no fato apertado do maioral, já vestido também, por sua vez, com outra roupa que mandara buscar ao aposento da pastagem das éguas apoldradas. Exibia-se a dama, sabendo que o corpo magano se lhe sublinhava por baixo do calção justo e da camisa muito agarrada à pele branca, não largando os cozinheiros, a quem pedia para lhe darem a provar dos acepipes.

- Extraordinário! Uma maravilha! - exclamava com exagero, um tanto para hostilizar o silêncio das outras senhoras, contrafeitas na sombra da palhoça. Maria do Pilar regressara do valado e resolvera-se a dar um passeio na égua baia. Ia até qualquer sítio, disse para o irmão, o que arrancou Quim Salgueiro à pasmaceira de cortesão sem esperanças, uma vez que a disputa da Julinha se fazia entre o Miguel João e o Tó Rolin, cada qual a jogar os seus trunfos mais fortes para esmagar o outro.

Começara o Salsa a tratar do torricado, cortando fatias finas de pão de milho que torrava em lume brando, e sobre as quais largava um fio de azeite para lhe dar mais sabor.

- Falta muito, maioral? - perguntava a Quintela, a quem o susto parecia ter arrancado um apetite voraz.

- Da minha mão está pronto...

E assim que os vinhos chegaram com o almoço preparado pela cozinheira dos Relvas, abancou perto do lume, comendo o bacalhau desfiado à mão (não havia garfo melhor do que o de cinco pontas) e já a inventar novo capricho. Gostava de saber até que ponto fechava os homens na sua mão pequena.

- Quem comer dum lado não pode petiscar no outro. Nada de lambarices...

O Teles preferiu os bons manjares à hipótese quase absurda de vir a conquistá-la, o que acabou por torná-lo notado aos olhos da malcasada, como lhe chamavam nos salões de Lisboa, pois o marido trocava-a pela primeira coupletista que lhe aparecesse debaixo da vista lambareira. Sabia-se que partira para Lourenço Marques na companhia duma espanhola, filha natural dum grande de Espanha - ela mesma o dizia, jurando-o pela alma de Diós.

Largou-se um dos campinos a tocar no harmónio bailaricos e verdes-gaios, o que animou os convivas. Quebrou-se um pouco a frieza das senhoras e espevitou-se logo o saltarino do Bonfim, convidando a mulher de Miguel Relvas, por uma questão de princípio, a acompanhá-lo na dança. Podia dançar-se como se fosse uma mazurca, só era preciso imaginação, no que repetia o seu professor de dança diplomado em Paris.

Como se trouxesse sangue de macaco, o vinho deu de amarinhar e ajudou à festa para desfazer melindres. A Quintela preparou-se para bater o fandango com um dos campinos, mas este já adivinhara as intenções do amo e apagou-se nos brilharetes, dando oportunidade a Miguel João de se exhibir em alardes de bailador. Enciumada, Isabel Salgueiro arderia num instante, se lhe botassem ao corpo um rabo de fogo. O descaro do marido estava à vista de toda a gente, até dos criados, e, isso não, fazerem dela panal de palha é que não consentia. Aquele homem perturbava-se com uma burra de saias, era mesmo um maluco.

E assim que Miguel deu por findo o fandango, aplaudido por todos, ordenou ao do harmónio que tocasse qualquer coisa para se dançar agarrado; deitou-se ao Tó Rolin, disposta a tirar desforra, ao que o outro acedeu, pronto e atrevido também, convencido como andava de que as mulheres vinham ao mundo para o admirarem. Julinha Quintela já mostrara pendor para a sua banda, vira-o toda a gente e ele sabia-o melhor do que ninguém. Sentia-se eufórico, já cantarolava a música puladinha do harmónio, e traçava a Isabel Relvas pelo busto, puxando-a bem ao peito, coisa que nunca se vira em bailes.

Maria do Pilar voltou tarde com o Quim Salgueiro e espantou-se com a exaltação do ambiente. Tivera de escutar mais uma longa conversa de amor, a que deixara um fio de esperança, e isso lhe bastara para recusar adesão ao baile,

desculpando-se na fadiga provocada pelo longo passeio a cavalo. “Sentia-se disposta a ficar solteira por causa do Zé Pedro? Não nem isso... Tinha a sua liberdade; qualquer dia havia de gozá-la como melhor lhe aprouvesse.” Estranhava agora a cunhada, quase atrevida para o Rolin, um homem que lhe fazia medo, como já confessara, de tal modo eram conhecidos os abusos de que se gabava. Cego com a outra, Miguel João não reparava nos galanteios da mulher para o primo dele. Bebia com a Julinha pela mesma caneca, agarrara-a em peso e pusera-se a rodopiar com ela nos braços, como se os convidados tivessem desaparecido dali e só os dois ficassem em plena lezíria, livres e sem compromissos de olhares estranhos.

- É um desvairado! - cochichava a Constança Bonfim para a Mendanha.

- A culpa é dela...

- O quê, da Isabel?

- Não, que disparate! Da Julinha...

Da Julinha, pois de quem havia de ser, já resolvida a montar a cavalo e a repetir o galope até à aberta onde caíra, tanta enzonice o Miguel João lhe metera na cabeça ligeira. E lá iam os dois numa carreira até à borda do Tejo, ante o espanto dos convivas e o embaraço dos campinos, entreolhando-se à socapa, como se fossem culpados do despudor do patrão novo. Naquela noite à volta da fogueira, muita coisa haveria para contar...

Reagiu Isabel Relvas, agastada e impulsiva, anunciando que iria retirar-se por causa do filho; ofereceu regresso imediato a quem quisesse acompanhá-la, pois tomaria um dos barcos para atravessar o rio. As senhoras puseram-se logo do seu lado.

As senhoras e Tó Rolin que tomou o convite em suas vaidades de macho, considerando-o especial para si e sussurrando qualquer frase melosa, certamente equívoca, pois toda a gente ouviu a resposta da mulher de Miguel:

- Não confunda, senhor António Rolin; peço-lhe. Um homem inteligente sabe distinguir entre uma dama e uma cortesã.

- Fala comigo?! - observou sem receios o lavrador.

Isabel Salgueiro espantou-se do descaro, medindo-o com um olhar frio de desprezo, talvez por na sua ira ciumenta se esquecer da fama e do proveito do Rolin em matéria de respostas. Ele próprio se gabava de nunca regatear uma boa parelha de coices na boca do estômago de quem quisesse puxar-lhe o freio.

- Olhe, minha senhora. Devia mandar este gaja àquela parte. Mas adiante... Apesar de pouco inteligente...

Queria sorrir, mas tremiam-lhe as mãos.

- Sei ainda perceber quando se querem deitar comigo ou servirem-se de mim para pequenas compensações. Mas faço de conta que não percebo. Para mim vem tudo a dar no mesmo.

E por isso não distingo... Recuso-me a distinguir, apesar de ser ainda vagamente primo do seu marido.

Cuspia-lhe as palavras, embora a visse capaz de chorar.

- Foi a senhora que se me atirou ao pescoço. Toda a gente o viu... Passe muito bem! Passem todos muito bem!

Galgou para cima do selim e meteu pelo carril abaixo a assobiar, depois de saudar os convivas com um cumprimento rasgado do chapéu de aba rija. Virou-se, contrafeito, já para além da aberta e percebeu, pelo ajuntamento, que Isabel Relvas devia ter caído com um chilique. Em cima dele, a cavalo vinham três campinos e Quim Salgueiro.

Não lhes voltou a cara.

Nem se conseguiu voltar durante quatro dias na cama onde o trataram a banhos de vinho, tamanho enxugo de murro e porrete lhe deram os criados do Relvas. Quim Salgueiro limitou-se a assistir e a mandar fazer alto, quando lhe pareceu o Rolin com a conta acertada.

Capítulo XII

O fio dum corpo decapitado

Ainda lhe parecia um pesadelo o que vira com os seus próprios olhos. Antes tê-los cegos, vazios, já que ficara amarrado à surpresa e à angústia, sem ser capaz de matá-los ali mesmo, para que todos percebessem o preço da afronta. Sentira-se tolhido, exactamente como nos pesadelos da infância, quando queria fugir de alguém que o perseguia e o deixava quedo de espanto e de medo.

Doía-lhe o corpo, doía-lhe a alma. Adivinhava que uma dor daquelas ficaria até ao fim, mesmo ainda para além do fim, antes e depois de tudo o mais que pudesse acontecer agora. Nunca supusera que alguém fosse capaz de lhe abrir uma ferida tamanha. Rasgada dentro de si para sempre, como a origem e a essência de todas as coisas, agora amortalhadas, doridas e amortalhadas no esquite do seu sangue queimado pela dor suprema de se saber desdenhado. Quantas vezes se teriam rido dele?!...

Porque não morrera fulminado, ante a revelação do que nunca pudera admitir, restava-lhe viver para a vingança... Só lhe ficava o ódio para se alimentar...

Nada, contudo, conseguiria sará-lo, sequer a morte, um acontecimento bem fútil perante o tamanho daquela dor terrível e imensa que o tornava mesquinho e impotente. Nada invalidaria o ultraje presenciado pelos seus próprios olhos, que já não teriam que duvidar, que nunca mais poderiam duvidar...

Nem sequer a dúvida tinha para si. Ao menos a dúvida.

Obrigavam-no a ficar emparedado com a sua dor, sozinho com ela, a envenenar-lhe o sangue. Era isto o que a vida tinha agora para lhe dar?!... Talvez! Mas ainda havia uma palavra sua a dizer... E quanto mais tarde pior. Antes ficar pobre, antes regressar ao quarto onde o avô começara a sua vida de lavrador, do que enjeitar a vingança que teria de ficar como exemplo.

Metera-se na torre à espera que o filho regressasse. Nem sabia nalguns momentos para quê. Ou sabia-o demasiado. Nunca previra que alguma vez estivesse ali dentro na absurda situação dum homem derrotado. Irremediavelmente derrotado. Nada já o compensaria, embora não deixasse de dar

aos outros a ideia de que a sua palavra seria a última. Ficassem, ao menos, as aparências...

Como parecia inútil tudo quanto lhe pertencia!... Com a consciência de que a riqueza não era moeda de troca para o que desejava não ter perdido. E sentindo ao mesmo tempo - como era terrível! - que não acederia à permuta se viessem propor-lha, apesar de ser capaz de a pedir para que avaliassem a tragédia daquelas horas, de todas as horas que iria viver até ao fim. Sabendo-se também incapaz de confessá-las, porque a piedade dos outros não lhe servia, nem podia aceitá-la.

Andava como um sonâmbulo dentro da torre, evitando olhar pelas janelas que davam para o lado do picadeiro. Entrara como um ladrão. Mais uma vez, não dissera as palavras habituais: - Cá estamos! - Envergonhava-se de recordá-las.

Não, não viera para se confrontar com o avô e o pai, como antes fazia, mas só para procurar um refúgio, escondendo-se dos outros e de si. E mais de si do que de outrem. Com vergonha de ter hesitado.

Como não o matara?... Como não os matara?...

Poderia confessar ao pai e ao avô que uma Relvas, sim, uma mulher do sangue deles, fora capaz de ser amante dum criado?... Tinha a certeza que o era. Vira-os. Já não poderia duvidar. Nem a dúvida tinha para si. A filha a quem mais amava, o criado a quem mais queria. Ainda não entendia como fora capaz de suportar o choque dessa revelação. Cabia-lhe a ele, por desgraça sua, assistir à desagregação de coisas sagradas que pareciam eternas. Que deviam ser eternas. Deus castigava-o. De quê?!... Porquê?!... Ou teria também que duvidar de Deus?!... Talvez ele fosse mais um cego, condutor de cegos, caminhando pelos seus pés para o barranco.

- E já resignado?...

- Não, isso não, resignado não. Nem agora nem nunca.

Falava para se convencer; gritava. Mas o eco das próprias palavras caía-lhe aos pés, sem força.

Com que alegria se levantara naquela manhã para acompanhá-los na caçada!

Quisera fazer-lhes uma surpresa, aparecendo com a filha no cais onde deviam embarcar. Encontrara o picadeiro vazio, pensara em chamá-los, e, ao mesmo tempo, aproximara-se da cocheira sem se denunciar convencido de que a filha ia exultar com a sua resolução. Ouvira-lhes as gargalhadas e qualquer coisa de estranho, um pressentimento, lhe viera com o tom dessa alegria. Espreitara-os da porta e nenhum deles o vira. Ainda correria as mãos pelos bolsos, mas estava desarmado.

E regressara sem que ninguém o encontrasse. Ainda não sabia como conseguira chegar até ali. Doía-lhe o corpo, doía-lhe a alma... Com uma dolorosa sensação de cobardia dentro de si. Sim, era um cobarde, outra coisa não fora nesse momento, embora pudesse explicar esse fio de egoísmo que se não cortara, como um sinal de sobrevivência para a vingança adiada, para que ela fosse verdadeiramente digna da sua dor e do seu ódio.

Estava vazio de todos os outros sentimentos, cujo lugar a angústia enchia apressada e convulsiva, cobrindo a teia de lembranças do passado, não para as esquecer, antes para avantajá-las a carcaça doutros dramas já vividos. Como se o essencial da sua vida tivesse sido a amargura.

Sim, ficara também o fio do seu egoísmo a impedir o irremediável. E isso parecia-lhe agora como o fio dum corpo decapitado que se agita ainda de vida aparente, ansiando prolongar-se para além de tudo.

Não seria um sinal de Deus?...

E a face trágica da realidade seria também outro sinal de Deus?!...

Tomou-o, então, um acesso de desespero; e atirou-se sobre a cama, cobrindo a cabeça com a roupa, talvez na esperança de que pudesse esquecer já que não tinha forças para esmagar o mundo.

Capítulo XIII

Curto diálogo de vingança

Durante dois dias adiara a conversa que queria ter com Miguel João, para que nem ele se apercesse da profundidade do golpe. Tinha de reagir. Aguentar. Deus poderia salvá-lo ainda, ensinando-o a viver para além da dor. Ou também Deus iria obrigá-lo a duvidar? Não, não era de resignação que precisava. Repugnava-lhe aceitá-la como alívio de fracos. Precisava disso sim, de inventar a vingança que os destruiria, já que um homem nos dias de agora não podia desafrontar a própria honra ofendida. Não queria indagar a qual deles cabia a culpa maior. Eram solidários. E havia de destruí-los. Talvez para destruir também uma parte de si mesmo, embora devesse mostrar aos outros que a vingança o compensaria inteiramente.

Ao fim da tarde descera da torre para se meter no quarto, pretextando uma doença. Permanecer na torre seria um sinal de perturbação. E não podia levantar suspeitas. A justiça agora, triste sinal dos tempos, teria de ser clandestina. Clandestina na aparência. Porque o exemplo havia de ficar; todos saberiam que fora ele, ainda que ninguém pudesse apontá-lo.

Chamara o Dr. Gonçalves para justificar o seu recolhimento, e o médico encontrara-o sentado numa poltrona, à espera. Apesar de sentir calor, ainda não arranjara forças para despir o casaco; estava esgotado de sofrimento. Os olhos queixavam-se-lhe de lágrimas que chorara sozinho, sem pejo, para que os olhos secassem para sempre.

“- De que se queixa, Diogo Relvas? - perguntara-lhe.

“- De tudo. (Depois emendara.) Do que quiser, doutor. Qualquer coisa serve...

“- Deixe-me auscultá-lo.

“- Pois, sim, veja... Veja o coração, se ainda lá estiver... ”

Quisera saber se o coração podia rebentar, sim, como uma pedra quando a furam de pólvora. Era a sensação que tinha do seu.

“- Tem ainda o coração dum rapaz - concluía Bernardino Gonçalves.

“- Fala verdade, doutor?

“- Já sabe que nunca o enganei.”

Sentira-se compensado, de repente, sem ainda perceber que vantagens tirava disso. Pusera-se a falar de política com o outro, talvez para se aturdir, descarregando violências sobre o Governo no caso do monopólio dos Tabacos. Era uma manobra miserável, o que consentia por parte dos homens dos Fósforos, só admissível por haver ministros interessados, com certeza, em lugares na administração do monopólio. Uma vergonha! Um verdadeiro chafurdo!... Só não percebia a atitude do rei em tudo aquilo. Confiara em João Franco e até esse vinha agora com um novo partido, traíndo o seu miseravelmente, e defendendo o liberalismo, como se fosse coisa que se comesse ou desse garantias a alguém.

O médico lembrara-lhe o exemplo do Costa Cabral. Talvez a manobra do Franco não passasse também duma maneira de aquietar o povo; era preciso aquietá-lo, navegando nas mesmas águas dos republicanos.

“- E as espingardas, para que servem? - perguntara irritado.

“- Ainda para fazer fogo...

“- Então por que esperam? Esperam que eles as tomem?...”

Bernardino Gonçalves viu-o perturbado, a empalidecer, voltando a sentar-se com a mão sobre o peito.

“- Essa gente assassina-nos aos poucos - disse com amargura, recordando-se do gesto do genro no dia em que morrera.

“- Não se irrite, Diogo Relvas.”

Despedira-o, agastado; queria ver-se livre da presença do médico, ficar sozinho como na realidade se encontrava. Irritavam-no aquelas tibiezas do médico. Apeteceu-lhe vexá-lo, perguntando-lhe se ele julgava que a política se fazia com xaropes e cataplasmas. Depois arrastou-o para o canto da janela e pôs-se a falar mansamente, sem transição.

“- Diga-lhes qualquer coisa... que preciso de sossego, que não posso ver ninguém. Não, por enquanto, não quero ver ninguém.

“- A menina está preocupada...

“- É caso para isso.”

Quis sorrir ao dizer aquela frase intencional, mas o corpo doeu-lhe. Sentiu suores.

“- Explique-lhe que isto não tem importância; é uma questão de sossego. Evitem todo o barulho.

“- Fique descansado.”

Seria bom, ah, como seria bom!, poder ficar descansado.

E passara dois dias entre a cama e a poltrona, sempre vestido. Alimentara-se com água e sofrimento, entre o ódio e as lágrimas, sabendo que teria de ser implacável na vingança, embora fosse atingir a filha que mais amava. Viu-a desde pequena até ser uma mulher. E lembrou-se, só então lhe deu significado, que a mãe morrera para que ela nascesse. Só agora percebia a hostilidade dos irmãos para com ela. As crianças haviam tido uma intuição que lhe faltara. Chegara-lhe um pressentimento, sim, mas na manhã em que aparecera no picadeiro e vira o Zé Pedro a segurar as rédeas da égua, olhando a filha como um namorado. Desta vez sentira vontade de mandá-los chicotear. Agora ligava esse facto com aquela doença estranha que ninguém conseguira entender; e, ainda mais, a recusa dela em montar o animal escolhido para Sevilha. Fora ele próprio quem a obrigara a voltar ao picadeiro. Procurava adivinhar a quem pertenceria a culpa maior, ela, pelo menos, arrependera-se, mas a cabeça cansava-se-lhe num instante e não era capaz de prosseguir na ligação dos factos que conhecia.

Mandou chamar o filho.

Miguel João entrou receoso, convencido de que o pai se metera no quarto depois de saber o que se passara na corrida às lebres. Chegou humilde para lhe pedir desculpa, mas percebeu num relance que ele ignorava o seu desvario com a Julinha Quintela e a surra que os criados tinham pregado no Tó Rolin. As contas com este ficariam para outra ocasião. Não deitara em cesto roto.

- Sente-se - dissera-lhe secamente depois de abraçá-lo.

- Está melhor?

- Estou bom; já estou bom...

Foi abrir as portas de dentro duma das janelas e fê-lo com lentidão, como se as mãos se queixassem. Julgou que o filho estaria a aperceber-se da perturbação que o varava, e resolveu-se, presto, a escancarar também as janelas, puxando-as com violência para si. Depois debruçou-se e olhou a porta do picadeiro. Turvou-se, mas conteve-se.

- O seu filho e a sua mulher?... - tentou perguntar com naturalidade.

- O Diogo Luís está ótimo. Ainda hoje me perguntou por si. A Isabel lá vai. Parece que engravidou... disse-me há dois dias.

- Ainda bem.

Custava-lhe principiar. Hesitava no que deveria dizer, embora soubesse que depois das primeiras palavras seria capaz de joeirar o que conviria esconder de Miguel João. Talvez precisasse agora de ser franco, uma vez que tinha de contar com a sua cumplicidade. Já não era o mesmo, pensou com amargura. Noutro

tempo faria tudo sozinho; agora necessitava de ajuda. Mas a resolução devia caber aos dois, emendou.

Aproximava-se sem pressa e interrogava-se: “Será calma ou receio? Sim, preciso de calma para reflectir em tudo.” Depois decidiu-se. E disse a primeira frase numa rajada.

- Temos coisas muito graves para resolver.

Miguel encarou-o num movimento brusco, como se o caso lhe respeitasse. Voltara a lembrar-se da caçada.

- Sim, muito graves...

Passava a mão inquieta pelos olhos, deixava-a descer até o bigode, onde a demorou, como se o preocupasse domá-lo.

- Que pensa do Zé Pedro?... Sim, que pensa desse gajo? - insistiu, exaltado.

- Demos-lhe muita confiança. (Esperava perceber a razão da pergunta no rosto do pai.) Que fez ele?...

Diogo Relvas fingiu não ouvir a interrogação.

- Percebeu alguma vez... qualquer coisa... E sou obrigado a falar nisto! Sim, qualquer coisa entre ele e a sua irmã?

Com um tique na pálpebra do olho esquerdo, Miguel João acenou a cabeça e ergueu-se.

- Já os mandara vigiar pelo Manel Atouguia... Desconfiei. Tive a certeza que ele foi amante dessa gaja que aqui esteve...

- Toda a gente desconfiava disso, menos eu.

- Depois tive um pressentimento...

- Por que não me contou? Escondem-me tudo...

- Não tinha a certeza, não quis incomodá-lo. (Virou-se para a janela.) Pensei que me julgasse mal por ter essa dúvida. Ela era...

- Eu sei, eu sei, escusa de mo lembrar - interveio com rispidez. - E a que conclusões chegou?

Foi procurar uma cigarrilha à mesa-de-cabeceira e estendeu outra ao filho.

- Fume. Pode fumar...

Riscou um fósforo e acendeu a sua, mastigando a ponta do tabaco.

- A que conclusões chegou?

- A nenhuma... Sabia só que falavam muito, que iam os dois para a mata. Mas não estranhei...

- Sim, percebo - rematou com esforço. - Desde pequenos que eu os deixava andar juntos. Não é isso?! Não é isso em que está a pensar? - perguntou num grito, de que se arrependeu depois, não pudessem ouvi-los lá de fora.

Correu à janela e fechou-a, certificando-se de que o terreiro continuava vazio. Só à porta da cocheira o Taranta estava sentado no banco do costume. Viu-o ainda voltar a cabeça.

- Sim, eu sei que tive a culpa... Mas agora nada posso remediar. (Já não sentia pejo.) Ele é amante da sua irmã. Sim, tenho a certeza. O que vi não me deixou dúvidas; não precisava de ver tanto... Nunca esperei ver tanto...

Caminharam em sentidos opostos, como se ambos quisessem ignorar-se. Diogo Relvas encostou-se ao alizar da porta, ah, como seria bom deixar-se cair!, e coçava a barba com os dedos trémulos. Ouvia os passos do filho dirigirem-se para si. E a sua voz:

- Só temos uma maneira...

- Qual? - perguntou Diogo Relvas.

- Matá-lo.

Acenou a cabeça com os olhos fechados, talvez para estancar as lágrimas que lhe queimavam as pálpebras. Reagiu.

- Claro!...

Ficaram um defronte do outro, a fitarem-se com firmeza.

- Eu posso tratar de tudo - acrescentou Miguel João.

- É uma questão de pensar... Para que ninguém se comprometa...

- Não, não é assim que se tem de fazer... Desculpe! Sou mais velho, talvez infelizmente.

Deixou ficar uma pausa larga entre ambos.

- Que a justiça não possa apontar ninguém... mas que todos percebam que fomos nós. Não pode ser doutra maneira...

- Tem razão.

Diogo Relvas tomou o braço do filho e puxou-o para o fundo do quarto, o mais longe possível da porta, para a qual olhava, desconfiado, sem perceber porquê. Era um gesto instintivo que não conseguira dominar, apesar de o achar absurdo. O que é o absurdo? Não é tudo isto ainda absurdo?...

- Como pensa fazer?..

- Ainda não sei. O Chico Bem-Fadado é capaz - lembrou o filho em seguida.

- Mas antes terá de falar com o Zé Pedro... Para que ele não desconfie. É preciso que os dois não desconfiem...

- Fique descansado. Para si será pior ter de falar à Maria do Pilar...

- Tem de ser. (Ergueu o busto.) Pode dizer ao mordomo que vou hoje almoçar à mesa.

Sentia-se resoluto, nunca pensara que tudo lhe pareceria tão fácil quando tivesse de falar no assunto. Afinal, as palavras haviam-no ajudado a encontrar uma certa calma. Podia afirmar que estava calmo.

- Encontramo-nos logo, pode ser em minha casa - lembrou Miguel João. - Ficaremos mais à vontade...

- Pois sim.

Depois acompanhou o filho até à porta e apertou-lhe a mão.

- Têm de perceber que com os Relvas não se brinca... É arriscado!

O mais terrível é que Maria do Pilar deverá também receber o seu castigo.

Quando pensou nisso, voltou a sentir que a dor o corrompia. Da mata chegou o grito estridente dum pavão. E estremeceu.

Capítulo XIV

O lavrador não divide a vingança

Não podia aceitar que o filho tomasse o encargo de tudo. A vingança era mais sua do que de ninguém; pertencia-lhe, não devia passá-la para as mãos de outrem. Cabia-lhe resolver e agir também, embora soubesse que iria cavar maior sofrimento para si. Ou talvez não... A vingança havia de apagar-lhe parte da dor, certamente que sim, a desforra compensa alguma coisa, é bom meditá-la e cumpri-la, caminhar ao seu encontro e senti-la pronta a desfechar-se, calculando-a bem, sem esquecer um pormenor, tudo exacto. E sem esquecer que o outro deveria percebê-la na hora própria, para medir a morte, dando-lhe tempo para saber que a morte avançava a passo, nada de emboscadas, porque um homem assim pode morrer a pensar em alguma coisa que o exceda. Meter-lhe primeiro o medo nas tripas, fartá-lo de medo, acanalhá-lo bem, e só depois fazê-lo cair. Tudo devagar, tudo com pausa, para que cada um possa vestir o burel do seu luto. Tirar do tempo o sabor inteiro que ele guarda.

Fora capaz de almoçar com a filha, olhá-la nos olhos e falar-lhe sem a atemorizar. Depois disso poderia fazer o resto. Cabia-lhe fazer o resto. A dor alastrara-se-lhe ainda mais, queimara-o, mas dera-lhe força para chegar ao fim. Não, não lhe parecia bem a ideia do Miguel João. Tinham discutido à noite, durante algumas horas. A pretexto de irem ver os toiros poderia preparar-se um desastre para que um deles o matasse não era difícil, e ambos assistiriam à consumação da vingança, dando-lhe todo o tempo para sentir a morte lenta que merecia ter.

Quase se empolgara, ao imaginar que as agulhas dum toiro marcado com o seu ferro o desventrariam, pondo-o em farrapos, até lhe apagar no corpo o último bafo de vida. Chegara a indicar o nome do toiro, um bicho de seis anos, que nunca mandara às praças por ser demasiado cornalão e corpulento. Mas seria morte digna de mais para um ladrão de honras, reconsiderou depois.

“- Não, isso não, um desastre não. Ninguém percebe que fomos nós. E depois o enterro... O pior seria enterrá-lo ao pé da gente do nosso sangue.”

A hipótese desvairara-o. Seriam os Relvas que acabavam ofendidos e ele não podia impor-lhes uma companhia daquelas, era um ultraje, um verdadeiro ultraje para todos, amos e criados, gente da mesma família ao resto. Nem o próprio pai desse gajo, tinha a certeza, ficaria sossegado na sepultura; os mortos deviam merecer respeito, porque era neles que os vivos se respeitavam. O verdadeiro Borda-d'Água, o que morrera na amansia dum toiro, também não gostaria de ver à sua beira o homem que manchara o nome dos Relvas. Mesmo que se tratasse dum filho seu... Ou ainda mais por isso.

Acendera-se-lhe a imaginação ao discutir com Miguel, talvez por ter pressentido que ele o julgava derrotado com a afronta. Ah, não, estavam todos enganados consigo, ainda não era desta vez que o viam cair. Voltava-lhe o orgulho.

“- Lembras-te daquele carvalho gigante que está no cimo da mata? Pois bem! Uma noite, eras tu uma criança, houve uma trovoada de arrasar a terra com medo. Caíam faíscas como água. E uma delas atirou-se sobre o carvalho com a gana duma espada de fogo, como se o tamanho da árvore ofendesse o céu. Tremeu tudo à volta. Parecia que o mundo ia acabar. Pois ainda lá está, apesar de o raio o ter aberto de meio a meio. Assim estou eu... Ainda não é desta que me levam abaixo.”

Sabia que exagerava, ele é que poderia contar como sentia aquela dor a arriá-lo, mas precisava de ganhar ânimo, mostrar-se resoluto, talvez assim lhe custasse menos a suportar o peso do sofrimento.

Voltara ao palácio, já tarde. E sozinho, durante a noite, meditara na desforra, embora algumas vezes pensasse que a cabeça já não podia mais, parecia capaz de estalar, e fosse preferível pegar na espingarda e abater a tiro aquele cão tihoso. Acabava-se tudo duma vez, rebentaria o escândalo e ficaria o exemplo. Mas quantos se ririam dele? Quantos lhe chamariam fraco?!...

Reagia com acessos de ódio para se atordoar, esperançado, decerto, em vencer a amargura. Lentamente, porém, ela regressava embora mais lúcida. Sim, ele fora sempre um homem lúcido. Gostava de sabê-lo e de prová-lo. No dia em que percebesse que deixara de o ser, já escolhera a maneira de acabar.

Embrenhou-se pela mata, a pé, talvez para se fatigar, sentindo que o sono não chegava; nem chegaria tão cedo, sem pesadelos. Mas a frescura da manhã fustigou-lhe o corpo, quase sentiu frio. Lembrou-se da árvore alanceada pelo raio e quis vê-la mais uma vez, procurando o caminho mais curto para lá chegar depressa. O pior é que tinha de meter pela parte mais densa da floresta e a sombra deprimia-o; ou talvez fosse a calma que voltava para dentro de si.

Como isso seria bom! Mas seria possível reencontrar a calma?... Onde?...

Um filho morrerá-lhe e só nesse momento pudera compreendê-lo; a Milai desaparecera, nunca mais se tinham visto, e o que sabia dela não lhe dava alegria, embora lhe tivessem dito que pensava casar outra vez, sim, era uma afronta para ele, mas preferível à vida desregrada que levava. Se ela casasse, iria buscar Rui Diogo para a sua companhia; já lhe perdoara. Começava a ser capaz de perdoar... E agora a outra, a sua menina... Ah! , a essa é que não seria capaz de dar o perdão! Não, nunca mais, até ao fim da vida... Que teria de ser curta. Ele lha tornaria curta. Antes vê-la morta...

Chegara-lhe o cansaço e ainda estava longe do carvalho. Resolveu sentar-se no chão. Há quantos anos se não sentava no chão?!... Um rumor de vento tangia a copa das árvores. Quis entreter-se a distinguir a teia da floresta, mas os olhos pareciam estranhos daquele mundo de sombras que lhe pesavam nos ombros. Um pombo torcaz desceu perto dele e pôs-se a mirá-lo. Foi nesse instante que um raio de Sol penetrou na mata e o despertou. O outro já devia ter chegado. Eram horas de começar a agir. Ao mesmo tempo, sem saber porquê, as lágrimas correram-lhe pela cara, espontâneas e talvez doces. Ergueu-se e o pombo fugiu, voando para um tronco onde se juntou a outro que o devia esperar.

“Estás velho, meu rapaz, estás velho”, disse em voz baixa. Mas logo se reconfortou, pensando que ainda seria homem para mostrar que não perdera a força essencial.

Só perto do palácio enxugou os olhos. Molhou o lenço numa bica de água e passou-o por todo o rosto, devagar, enquanto respirava com ruído; depois sacudiu a cabeça e alargou o passo a caminho do terreiro.

Joaquim Taranta, o anão, saudou-o do seu banco, de barrete na mão e tronco humilhado. A voz de Zé Pedro, no picadeiro, fê-lo caminhar mais depressa. Ao centro da arena, uma égua lobeira e seca de formas obedecia aos óis do domador, que a trabalhava com o brigão. Diogo Relvas não ficou a observá-los, como era seu hábito. Tinha pressa de saber o que faria perto do outro, que veio ao seu encontro de cabeça descoberta.

- O patrão está melhor?

- Estou. Estou bom; já sou capaz doutra - respondeu depois de o encarar numa furtadela e mostrando-se interessado em apreciar as linhas do animal.

Correu-lhe a mão direita pelo corpo todo e a mão esquerda doía-lhe, um tanto pesada.

- O curro de toiros para Mérida vai já na segunda-feira. És tu que vais acompanhá-lo. Quero que esteja uns dias a ração; a corrida interessa-me.

Depois baixou a voz e fitou o domador de cavalos.

- Podes voltar a vestir o outro fato... Tenho um trabalho pra te dar; é segredo. És capaz de guardar um segredo?

- O patrão sabe que sim.

Hesitou por instantes. Sentia o corpo coberto de suor. De suor frio.

- Preciso de passar para Espanha cinco cavalos... Depois de meteres os toiros na praça, atravessas a fronteira clandestinamente. Vais ao Monte Pragal, de Cuba... Falas com o Chico Bem-Fadado e ele ajuda-te. Ele vai contigo levar os cavalos... Não falas nisto a ninguém; entendes? Nem em casa...

- E a quem entrego os cavalos?

- Eu dou-te uma carta... Não pensei nisso. Mas é mesmo em Mérida que o comprador te aparece.

- E onde atravesso a fronteira?

- Tens medo?... Se tens medo, mando outro.

- Não, medo não; mas julguei...

- Tu é que deves escolher o sítio. Não é difícil arranjares um tipo que te passe. Um contrabandista...

- Combinado, patrão Diogo. Eu trato disso.

Sentiu uma tontura. Cerrou os olhos e começou a dirigir-se para a porta da saída, a medir os passos, querendo firmar os pés na areia doirada da pista.

- Vou dar ordem no escritório para te entregarem uma gratificação. Faz boa viagem! - disse ainda, já perto da parede de vedação. Depois estugou o passo, como se o ar da rua lhe fizesse falta; descansou à entrada do terreiro, encostando-se à parede do túnel e só apareceu ao Taranta quando as vertigens lhe passaram.

Gritou para o cocheiro:

- Arranja o trem. Dentro de meia hora vou sair para Lisboa.... Quero apanhar o primeiro comboio.

Chegou ao Monte de Cuba só ao fim da tarde do dia seguinte. Miguel João quis acompanhá-lo. Sim, seria bom que ele fosse, mas recusou-lhe a pretexto de que conviria ficar com a mulher; a Isabel fizera-se uma piegas, parecia recear o segundo parto, e ele, Diogo Relvas, não queria arranjar sarilhos com a outra nora, já lhe bastava a frieza das relações com a Maria Luísa Andrade, a viúva do António Lúcio. No fundo, porém, preferia resolver tudo sozinho, a vingança pertencia-lhe, essa ideia tornara-se obsessiva, e receava perder a autoridade junto do filho se consentisse a intervenção dele no assunto. De resto, não sabia ainda o risco que iria

tomar; o Chico Bem-Fadado poderia recusar-se e assim escusava de apontar dois culpados. Homem prevenido vale por dois...

Tinha-o agora ali à sua frente. Já dissera o que queria dele, e o criado coçava a guedelha, a olhá-lo de soslaio, assim com modo de quem se mostrava pouco resoluto em aceitar a incumbência. Piscava uma das vistas, meneava a cabeça e, quando Diogo Relvas julgava que o outro iria falar, voltou a deixar cair as mãos enormes entre as pernas.

- Tens medo? - perguntou-lhe com ar desdenhoso.

- Não, senhor, dele não tenho; acho que não tenho medo de homem nenhum. Mas se disser ao patrão que tenho medo da justiça, não lhe minto.

Fazia render o serviço, pensou o lavrador. Falava em voz baixa e pousada, mas os olhos sorriam-lhe matreiros.

- Já sabes que a justiça não pode entrar nisto.... Todos pensam que ele está em Espanha.

- Mas o patrão quer que o ponha debaixo do estrume.... e isso é que pode ser mau. Os cães.... dá cheiro aos cães, põem-se para aí à volta do estrume e descobrem-no. E nunca se sabe quando isso lhes apetece. Pode calhar numa altura em que estiverem ranchos por aí...

As objecções do criado pareciam-lhe sensatas, embora destruíssem a ideia de meter o estrume com estrume; assim é que concebera o fim desse gajo, pior do que bosta de animal.

- Então que achas?....

Chico Bem-Fadado encolheu os ombros.

- Podia - acrescentou - dar-lhe uma arrochada e metê-lo no canil, à noite. Deixava os bichos sem comer durante uns dias e eles encarregavam-se de estraçalhá-lo. O patrão não quer que ele sofra?! - concluiu, quando notou que Diogo Relvas lhe enjeitava a proposta.

- A tua mulher dá por isso.... Não pode ser. Não quero saias metidas nisto.... Tinha de se contar que fora um desastre e eu quero que ele não deixe rasto.

Reflectia, mastigando a ponta do charuto, que ia cuspiendo aos pedaços. Fazia caretas, arranhava a barba no pescoço.

E repetiu, como se falasse consigo:

- Quero que ele não deixe rasto. Já basta o que deixa por cá....

Chegou-se mais perto do criado e perguntou-lhe se não poderia ir pô-lo depois em Espanha, ao pé de Mérida, seria mais seguro.

- Dou-te cinquenta libras em oiro! - atirou para o decidir. - Contadas na palma da minha mão.

- E o bocado de terra, três alqueires de sementeira? - lembrou o servo.

- Também. Tenho só uma palavra.

O criado só então levantou a cabeça.

- Está certo !

E estendia a mão ao amo, que hesitou em agarrá-la; depois o lavrador decidiu-se quando viu que o rosto do outro se fechava. Apertou-lha, então, com vigor e sacudiu-a, apesar de o contacto lhe desagradar.

- Fá-lo sentir bem a morte. Não tenhas pressa. E corta-lhe as partes à navalha. Corta-lhas e mete-as no estrume.

Sibilava as palavras com ódio.

- Ou mete-lhas na boca.... Sim, na boca, se lha conseguires abrir.

Ficou ainda a vaguear na sala durante um tempo. Já não via o Chico Bem-Fadado, mas o outro que não conseguia imaginar deitado a seus pés, morto, amputado e morto. Só o via de pé, à sua frente, lá no fundo da sala lajeada. E no silêncio era a sua voz que falava, ainda brincalhona, a rir.

Capítulo XV

Assim dá gosto tratar...

Ah, sim, seria bom poder rir também quando o Bem-Fadado lhe entrou ao portão da quinta, grandalhão e decidido, alvorando no rosto a notícia de que tudo corraera ao jeito da encomenda. Acabara-se a peçonha, estava vingado, mas compreendia que nem a morte lhe compensava a dor, que nem a desafronta lhe arrancava do coração a espada da amargura. Fria e viva ali a tinha dentro de si pra sempre, tão certa como o ar que respirava.

Arrependimento, isso não, não estava repeso de ordenar que lhe tirassem a vida, porque ele lhe fizera outro tanto pisando a sombra da sua honra. O sofrimento dele já acabara e o seu continuaria, talvez por entregar ao Chico Bem-Fadado o acto que lhe cabia a ele empreender.

Lembrava-se doutros mortos para o ver também assim, tentava depois mudar-lhe o rosto pelo do Zé Pedro, mas o deste continuava vivo, a sorrir-lhe, a apoucá-lo ainda, como a dizer-lhe que quase tudo ficara na mesma. Sim, tudo ficara realmente na mesma.

Ouviu o criado insistir em que desejava falar-lhe, percebeu-lhe na voz que devia estar com uma pinga a mais; agora precisava de suportar-lhe a cumplicidade, os olhares enigmáticos e as intimidades do pormenor. Pensou esquecê-lo, deixá-lo para ali à espera, até se cansar, mandando-lhe o dinheiro por alguém - pronto!, levasse as cinquenta libras e desaparecesse da sua vista para sempre.

Sabia, porém, sabia-o demasiado, que essa tarefa lhe competia. Nem ao filho poderia entregar a incumbência, não fosse o Chico enleá-lo também nalguma suspeita.

O pior é que se sentia esgotado pelas longas noites de insónia, a que só fadiga extrema trazia curtas pausas de sono, semeado sempre do mesmo pesadelo, quase sem variantes. Via a luta dos dois, braço a braço, só os distinguia na noite porque a cara do Zé Pedro estava sempre banhada de luz e a do outro era negra, de repente desapareciam ambos, ouvia-lhes o arfar e os gritos de ódio, e sempre, mas sempre,

voltado para ele, que assistia ao combate, surgia-lhe primeiro o sorriso iluminado do malandro vindo das trevas, seguro de si, sem medo, não havia nele qualquer coisa que mostrasse cobardia; os braços do Bem-Fadado apareciam a persegui-lo, enormes e poderosos, mas o Zé Pedro escapava-se-lhes dum salto, e a voz de Maria do Pilar incitava-o, era só a voz dela que intervinha, e então a sua queria também animar o Chico, gritava, gritava, e os gritos não lhe saíam das veias, havia uma força estranha que lhe inibia a voz, que logo depois o deixava preso ao chão, impossibilitado de ajudar o Bem-Fadado, já caído por terra, devia ser ele, embora não lhe descobrisse o rosto na noite; e o outro, o malandro, atirava-lhe pontapés como se batesse num tambor, era mesmo o som da pele dum tambor, aberta depois, rasgada. Ficava só a cara do Zé Pedro coberta de luz, onde avultavam os olhos vitoriosos e gozões, procurando por ele, que tentava esconder-se, avançando para ele, que recuava até tocar num muro vivo, feito de mãos, deviam ser mãos para o empurrarem assim, como se fossem entregá-lo ao inimigo, a caminhar seguro e a exigir-lhe o pagamento do serviço - querias um morto, aí o tens, faço-te o trabalho mais barato; dá cá vinte libras, chegam-me vinte libras.

Só quando a mão dele lhe tocava é que conseguia dar um grito; e acordava, oprimido, vendo naquele sonho repetido um sinal de que o seu plano se frustraria. Interrogara-se todas as manhãs : - que vou fazer se ele regressar?....

Agora o outro aparecera, tinha a certeza de que levava a incumbência até ao fim, e preferia não lhe falar, ignorá-lo.

O que estava feito, feito estava, e ainda bem; mas repugnava-lhe à dignidade falar com ele, consentir-lhe intimidades que o Bem-Fadado não deixaria de presumir. Demorá-lo, porém, comportava um risco. Se bebesse mais alguma coisa, ninguém lhe poderia garantir que a língua se lhe não soltasse em presunções. Já lhe mandara dizer que não tinha tempo para o atender, que esperasse, e escutara-lhe a resposta “está bem, não trago pressa, quem paga é o mesmo”. Mas que razões inventava para adiar um encontro que não conseguiria evitar?! Talvez por saber que depois disso viria o resto, o mais difícil, e que era realmente a sua dor, a que lhe ficaria para além de tudo o que pudesse suceder ainda. Ceder é que não, porque a cedência é uma escada, exactamente uma escada, onde só no fim se consegue parar, quando alguma vez se pára.

Nunca fugira, não era agora também que iria fugir. Cumprira o seu dever de pai e de amo, nada mais do que isso.

- Mandem-me entrar esse homem! - gritou à janela do escritório, numa resolução súbita. De repente, sem quase se aperceber, irrompera nele a necessidade

de acabar depressa. Parecia-lhe agora ter perdido um tempo importante que necessitava de compensar.

Tirou duma das gavetas o papel que escrevera pelo seu punho e em que concedia, até ao fim da vida do criado, sem qualquer renda ou encargo, uma terra de semeadura no Monte Pragal, de Cuba. Acrescentara mais um alqueire ao combinado; já agora queria mostrar-se pródigo, sempre o fora, de resto, para quem lhe prestava serviços especiais.

Adivinhou a presença do outro na porta.

- Entra. Podes entrar.

Sentara-se e fingia que voltava a ler a declaração feita sob palavra de honra. Sabia-a de cor, mas nem se lembrava das palavras que escrevera, nem conseguia concentrar-se para as entender; convinha ver bem o que lá pusera, não lhe tivesse passado algum pormenor importante. O Chico Bem-Fadado falava, só lhe via uma das mãos apoiada no bordo da secretária. Grande e nodosa, inquieta, tanto afagava a madeira como se comprimia em contracções bruscas. Diogo Relvas pensou num lacrau gigante.

- Pára-me lá com isso! - sussurrou. Precisava de lhe cortar as intimidades, tinha de ser agora mesmo. O criado retirou os dedos.

Abriu outra gaveta, procurou nela qualquer coisa que lhe faltava e fez uma expressão de enfado. Em seguida, com gestos bruscos, rebuscou as outras gavetas, deixando-as abertas. Pôs-se de pé e remexeu-as sem tino. Depois tirou um saco branco duma das de cima, atirando-o para o tampo com desprezo. O feitor de Cuba seguia-lhe os movimentos num sorriso idiota de bêbedo. O lavrador encarou-o:

- Achas graça a alguma coisa?

- Estava a lembrar-me dele - respondeu numa voz pastosa.

- E depois?...

- Depois... nada. Lá ficou. Fui pô-lo em Espanha. Custou-me um bocado. Custou mais do que julgava.

Turvos, os olhos doirados de Diogo Relvas fixavam o rosto do criado, para descobrir nele a dúvida que lhe ocorrera. "Quem lhe garantia que fizera o trabalho?"

- Quando lhe dei a primeira, ele percebeu tudo. Falou logo do patrão...

- Escusas de me contar... Não m'interessa. Fala só quando eu te disser.

Chico Bem-Fadado fez um gesto de contrariedade e depois largou sobre a secretária o embrulho de linhagem que trazia na mão esquerda.

- Está aí dentro a prova... O patrão se calhar julga que não fiz o serviço...
Graças a Deus sou homem duma só palavra.

O lavrador abriu o saquitel das libras e contava-as, passando-as dos dedos para a concha da mão. O outro prosseguia:

- Achei que era melhor trazê-las...

Pusera-se a remexer no embrulho, mas depois passou a agarrar nas moedas de ouro, empilhando-as à sua frente em montes de dez libras. Estava certo. Sim senhor, estava certo. Cinquenta; nem mais uma nem menos uma. Assim dava gosto tratar.

- Tens aqui a minha declaração da terra. Pus mais um alqueire.

O rosto de Chico-Fadado resplandecia.

- Assim dá gosto tratar... Obrigado, patrão.

Empurrou o invólucro de linhagem para a frente do lavrador e esclareceu:

- Pode abrir, se faz favor. Vêm aí as partes do homem... Inteirinhas. Achei que era melhor trazer-lhas.

Diogo Relvas cerrou os olhos e deixou-se cair na cadeira.

- Vai-te embora. Vai-te embora e leva isso daqui para fora - disse ainda num arremedo de voz cansada.

Perplexo, o criado pegou no papel e no saco do dinheiro. E pensava: "Vá lá um homem entender um gajo destes!"

Saía às arrecuas, de tronco curvado, como se quisesse ficar mais pequeno, e afagava a recompensa que metera na algibeira das calças de cotim. Já à porta, fez um aceno com a mão em que segurava a garantia da cedência da terra.

- Mandeí gradear as janelas da casa do monte - acrescentou num grito abafado. - Fiz como o patrão disse. O ferreiro leva um dinheiraço pelo trabalho... Mas deve ficar bom.

Erguendo os olhos para lhe ordenar que desaparecesse, o lavrador de Aldebarã deparou com aquele pedaço de carne ensanguentada aberta sobre o tampo da escrivaninha. Fulminou o criado com o seu ódio, mas não conseguiu falar. Depois pensou na filha.

Capítulo XVI

A minha avó contou-me...

“- Ah se viesses a nossa menina!...”

Não sou hoje capaz de reproduzir as palavras com que a minha avó me contou a saída de Maria do Pilar da quinta da Mãe-do-Sol. E, mais ainda do que as palavras, o dramatismo da voz assustada a que aderiu a expressão do rosto trilhado de rugas e de angústia. Quando se soube em Aldebarã que o Zé Pedro aparecera morto em Espanha, toda a gente pressentiu, passados uns dias, quem ordenara o crime, embora ninguém fosse capaz de levantar a suspeita para além do pensamento. O luto da mãe dele fez-se quase em segredo. As pessoas esperavam a noite para lhe levarem consolo, chorando com ela, na clandestinidade, a solidão duma mulher.

Mas quando constou que a filha do lavrador ia ser mandada para o Alentejo, o mulhierio da aldeia juntou-se num olival acaçapado e a rezar com lágrimas, à espera de vê-la abalar. Todas sabiam que era a última vez que poderiam olhá-la, e queriam levar-lhe o adeus agradecido de quem não enjeitara o filho dum campino.

Fizeram disso uma história de amor que nunca existira, vaidosas, no fundo, de terem entre elas um amor desgraçado, como só havia nos rimances; ainda mais bonito e triste do que os cantados pelos cegos nas romarias.

“O breque estava engatado ao pé do portão, tinham-lhe posto as cortinas para a viagem, nem o comboio o maldito lhe quis dar... Que veneno se meteu no coração dum homem tão bom, Deus do Céu!...”

“Os criados trouxeram as malas, todos eles choravam, a gente via-os limpar os olhos com as mangas da camisa, e o anão, o Taranta, quis ainda ficar agarrado às rédeas para a ver chegar, mas tiveram de levá-lo para dentro da cocheira, porque não foi capaz de aguentar os soluços.

“Apareceram os dois daí a bocado, o patrão Diogo trazia a menina pelo braço, vinha com as barbas todas brancas, da mesma cor da pele, branca como um jaspe, um homem tão moreno e assim em poucos dias ficar tão branco só por milagre de Deus, só por castigo de Deus que lhe punha a alma negra de remorsos.

“Parecia arrastá-la pelo braço, a gente depois soube que ele lhe falava baixinho, podia ter feito aquilo de noite, mas não, ele queria que todos vissem como a castigava, e foi então que a gente viu que ele lhe tinha cortado os cabelos, aqueles cabelos loiros e lindos que quase a cobriam quando ela os não enrolava, como se tivesse um manto de rainha, todo em oiro, mais bonito do que o oiro...

“Cortara-lhe o cabelo como às mulheres más que dormiam com os inimigos no tempo das guerras, toda vestida de preto, Deus do Céu, tinham-lhe matado o seu amor, e agora iam enclausurá-la no Monte Pragal, em Cuba, para onde os Relvas sempre mandaram de castigo a gente do seu sangue.

“As mulheres de Aldebarã estavam escondidas no olival, tinham todas medo dele, mas queriam ver a menina, não só por ela mas por mor do Zé Pedro Bordad’água, que mataram em Espanha, e queria ficar escondidas, mas houve uma que se levantou e deu um grito - adeus, menina!, adeus, menina, que a gente não a vê mais! - e ela respondeu com o lenço, acenou com o lenço, parecia assim uma pomba ferida, já pronta a cair...

“O lavrador ainda levantou a cabeça para fazer alguma das dele, mas o coração envenenado deu-lhe o puxe dum remorso e a gente viu-o abalar às carreiras para dentro do palácio, e daí a pouco o carro desaparecer na poeira da estrada...

“E o povo correu prà estrada e gritou - adeus, menina!, adeus, menina, que a gente não a vê mais! - fomos ainda atrás do carro não sei por quanto tempo...

“ Durou menos dum ano... A gente soube... Nem o corpo lhe trouxeram para o cemitério de Aldebarã...

“O lavrador meteu-se na torre durante quatro anos. Envenenado, o maldito!, devia estar envenenado com o sangue do crime que mandou fazer. Se ele nem à filha perdoou! Ah, neto, neto!. . Quando o veneno das iras entra no coração das pessoas, é melhor a gente matar-se do que pô-lo à solta...”

Capítulo XVII

Que mais teremos agora?

Exagerava-se em Aldebarã quando se dizia ter passado Diogo Relvas quatro anos dentro da Torre dos Quatro Ventos. Amantes de mistérios e gozadoras de dramas, as mulheres deram esse destino ao tirano dos amores românticos da menina e do Zé Pedro, que se tornariam lenda se pudessem contá-los livremente.

Deixou de passear a cavalo, isso talvez, tanto pela aldeia como pela vila, onde também não voltou na caleche, a pretexto de que a política era um atoleiro de cretinos, impróprio de pessoas inteligentes e de bem. Todos os dias se encerrava umas horas largas dentro da torre, sim, mais taciturno, com aquela névoa de pranto agarrada aos olhos doirados. Mas parecia mais sereno, embora caísse bruscamente em violências de palavras, se alguém o contrariava, como sucedeu uma vez com Miguel João, a quem pôs fora da quinta, à frente do abegão e dos campinos, quando o filho teimou em oferecerem um curro de toiros para a corrida a favor da Sopa dos Pobres.

Já Maria do Pilar se finara lá para o Alentejo, onde nem sequer foi acompanhá-la ao cemitério; vinha desse tempo a hostilidade com o Miguel, que lhe rogara para sepultar a irmã no cemitério da família. Deixasse-a ficar em Cuba, já que escolhera o castigo do sequestro, benigno, para o que merecia fazer-lhe. Comprazeu-se em pormenores absurdos, talvez para flagelar o carinho que lhe dera durante tantos anos, como se quisesse levar os outros a olvidá-los. Sangrava, era o que dizia consigo quando se encontrava só.

Mas não perdoou ao filho, certamente influenciado pela mulher, a viagem que fizeram a Cuba para assistirem ao funeral da renegada. Dessa feita recusou-se a recebê-lo mais de um mês, acabando por lhe escrever uma carta em que lhe significava toda a repugnância que sentia pelas pessoas incapazes de terem a coragem dos próprios sentimentos. Sabia que odiara a irmã, era evidente; sabia que colaborara no afastamento dalguns pretendentes à sua mão, na ânsia egoísta de ficar com a maior parte da fortuna. Para que fingia agora preocupar-se com a sua morte?... Preferia que tivesse coragem para manter o seu ódio.

Dir-se-ia que Diogo Relvas pretendia secar toda a amizade à sua volta.

Só quem pudesse observá-lo na torre onde se refugiava saberia realmente o drama que vivia. Os delírios da imaginação quase dementada e os castigos a que se impunha agora, vergastando-se com um pequeno chicote que trouxera da cocheira. Quem lhe falasse, porém, julgaria que nunca estivera tão sereno em toda a sua vida.

“- Sinal de velhice meu rapaz - lembrou-lhe um dia Fortunato Rolin. - Andas calmo de mais.

“- Tu é que andaste sempre enganado comigo. Tem paciência, mas vês pouco para a banda de dentro das pessoas.

“- Quando elas são como tu...

“- Estás enganado, Fortunato. O que tenho cá dentro vem-me logo à cara. És demasiado assomadiço para distinguires essas coisas.”

Nessa tarde estavam satisfeitos um com o outro, por terem conseguido atirar com uma fábrica nova para as bandas de Sacavém, de tal maneira levantaram arrelias à companhia pretendente aos terrenos de Alverca. Ambos se mantinham firmes nessa tarefa de impedirem a entrada de mais indústrias no concelho, adiando despachos e assinaturas na Câmara Municipal e nas repartições de Lisboa até os outros abalarem dali. Foi durante o jantar dessa noite que o Rolin interveio a favor de Miguel João. E as pazes fizeram-se. Diogo Relvas esperou melhor oportunidade para cortar as asas a esse passarito, impedido como estava de justificar as razões que o tinham levado, pela primeira vez, a romper com o filho.

Por isso deitou logo o gadanho à oportunidade da toirada, quando Miguel João, já comprometido com a comissão organizadora, se quis medir com ele em argumentos. Apontara-lhe o portão, ameaçando cortá-lo a pingalim, se alguma vez mais passasse a fronteira da sua quinta. Não precisava que os outros lhe dissessem como devia ajudar os pobres. Ele escolhia os seus, não gostava de deitar figura à custa das esmolas que dava.

Nessa mesma noite escrevia a Emília Adelaide, que não chegara a segundas núpcias, e à nora viúva, a Maria Luísa Andrade, para virem à Mãe-do-Sol logo que lhes fosse possível. Trouxessem os netos todos; gostava de tê-los à mesa para festejar os sessenta anos, todos sem excepção, em particular o Rui Diogo, sublinhou para a filha, “que nunca deixou de ser o menino da minha preferência”. Precisava dum homem à sua beira e não o tinha. Havia de fazê-lo antes de fechar os olhos.

Abriu as mãos para o filho de Rui Araújo, legando-lhe uma parte das terras do Alentejo e constituindo sociedade agrícola com filhos e netos para o resto da fortuna. Miguel João recusou-se a comparecer à escritura, embora a Isabel Salgueiro, sua mulher, aparecesse com autorização dele para assinar em nome do filho varão e das meninas gémeas. Em recompensa, Emília Adelaide acedeu a morar parte do ano na quinta de Aldebarã, apesar de as duas filhas precisarem de convívio na sociedade. A Maria Teresa estava noiva do filho dum banqueiro com interesses em fábricas conserveiras do Algarve; faziam um bonito par, toda a gente o dizia. Mais arisca, Leonor Maria deixava-se galantear pelo primogénito dum marquês, par do Reino. A pequena ia longe, comentava a mãe ainda jovem, apesar dos fios brancos que começavam a aparecer-lhe nos maravilhosos cabelos negros de andaluza. Aquietara, confidenciava-se por Lisboa, depois que fora espancada por um amante inglês que pertencia ao corpo diplomático, ciumento por ela numa noite de bródio em casa da condessa. Constava, presumia-se (aqui para nós sabia-se realmente) que os sete casais reunidos tinham resolvido juntar as chaves de sete quartos, pondo-lhes etiquetas com os nomes das senhoras e tirando-as à sorte, de dentro duma taça ganha pelo marido da condessa num concurso hípico de Cascais.

O diplomata não percebera a espécie de jogo em que o metiam, e apesar de bêbedo, ou talvez por isso mesmo, entendeu opor-se às manobras do azar que lhe largava a amante nos braços dum fidalgo esgrimista.

A caminho dos quarenta, lamentando o destino da irmã, mas amparando-se nele para invalidar os melindres do pai quanto a si, Emília Adelaide regressou a Aldebarã sem saudades da estúrdia, a que se entregara para vencer a solidão, assim o explicou à prima Manuela Villaverde, na véspera de abandonar o Campo Grande. Queria voltar à pureza das origens, era importante, muito importante, concluía com a voz preciosa que Diogo Relvas desconhecia, e logo verberou, por mero alarde de mando, numa das conversas que tiveram para estabelecerem princípios de convívio entre eles.

“- Onde arranjaste essa voz postiça, Milai? Fica-te tão mal...

“- Já agora uso-a até se romper” - respondeu em tom de gracejo, embora pensasse no aviso que a intromissão do pai lhe lembrava. Pusera condições para ficar, não mostrando que as exigia. Insinuara-as, sem agravo para Diogo Relvas, nem tibiezas da sua parte. Conheciam-se demasiado um ao outro e ambos percebiam agora que lhes cabia evitar choques imprudentes. A força dos dois estaria em se completarem na educação do Relvas Araújo, avisado pela mãe do papel que o avô lhe destinava.

Decorrido um ano, sabiam que valera a pena recomeçar. Rui Diogo tinha a mão firme para fazer cumprir o que o velho lhe ordenava, não consentindo intimidades a ninguém, sequer aos feitores, que depressa se inteiraram da mudança. Convenceu o avô a reabrir o picadeiro da quinta, ambos escolheriam um bom equitador, pois não deveriam permitir que outros criadores de cavalos lhes tomassem a dianteira no prestígio do ferro. Glorioso de vaidade junto da mãe, apagava-se na presença de Diogo Relvas, a quem oferecia todos os sucessos da casa. Jogava a sua cartada, sabia-o; dava-lhe prazer jogá-la, garantido com a confiança que guardava em si. De memória surpreendente, preparava os encontros com Diogo Relvas, mostrando conhecimentos, embora imaturos, dos vários problemas da lavoura e da pecuária. Sabia ouvir os criados sem lhes perguntar muito, lembrando ao velho alguns pormenores que o atarantavam, por vezes confundido com a idade do neto.

- Mas tens pouco mais de vinte anos...

- Exactamente dezanove.

- Então como te lembras disso?

- Talvez por si, avô. Herdei alguma coisa do seu lado... Ou n-não?

- Se calhar, herdaste tudo. - Sorria, revendo-se no neto.

- Menos os olhos... Os olhos são os do teu pai.

Até a frieza do olhar de Rui Diogo se lhe tornara suportável. Quase esquecera o genro. Felizmente que o traumatismo sofrido com os amores de Maria do Pilar lhe perturbara a memória. Uma névoa densa fechava-lhe grande parte do passado, diluído e distante, como alguma coisa que lhe não pertencia por inteiro.

Depois da morte do padre Alvim, o lugar de capelão de Aldebarã coubera a um clérigo mais jovem, aficionado de toiros e cavalos; exigente na presença ao culto, resignara-se a benzer outra imagem da santa local que Diogo Relvas levava para a Torre dos Quatro Ventos num dos oratórios do palácio. Queria encontrar-se com Deus todas as manhãs, buscando na prece a paz ausente, embora recusasse confessar-se; não, pecados não tinha, explicara ao capelão, e por isso mesmo não via razões para entrar no confessionário. Padre Joaquim insistira na conveniência do exemplo; devia aparecer com toda a família nos tempos que corriam era preciso levar à igreja toda a gente, pois só a ausência de Deus nas almas explicava os desmandos dos pedreiros-livres e dos republicanos. O País só poderia salvar-se pela oração e pela bravura. Não lhe faltando esta, iria negar-se a salvação só por falta de alguns padre-nossos?...

Emília Adelaide também colaborava com o clérigo, passando a distribuir a sua esmola dominical no adro da igreja, o que levou Diogo Relvas a entregar-lhe a sua. Não lhe agradava ver agora ajuntamentos ao portão da quinta, desconfiava do que pensavam dele, e achava-se idiota em ajudar aquela gentilha sórdida, muito capaz de receber a caridade dos Relvas e de gozar secretamente com as vitórias do inimigo da Coroa e da Santa Religião. A filha que se encarregasse dessa tarefa.

Uma manhã, porém, apareceu de súbito no terreiro do palácio e tomou lugar na caleche que levava a filha para a missa. Rui Diogo mandou logo aparelhar outro carro e conduziu-o a Aldebarã, mandando as irmãs subir para a boleia e ultrapassando o do avô, de maneira a poder avisar o padre da chegada. Fez-se uma pequena festa na sacristia, tanto pelo regresso do lavrador à sua igreja, como pelo encanto proporcionado pelo padre Joaquim com um sermão próprio de São Domingos, garantiu a Maria Teresa. No regresso, Emília Adelaide lembrou a santa humildade do padre Alvim. Não o dizia a ninguém, mas, tivessem paciência, desgostara-se com o novo capelão na última vez que comungara. Diogo Relvas achou que ela prestava justiça a um bom servo de Deus e do palácio, embora percebesse o entusiasmo da juventude de agora com a palavra fácil, e um nadinha teatral, sublinhara, do padre novo. A filha viu-o sorrir de felicidade.

- Posso saber em que vai a pensar?

- Ora! Vaidades !... Recordei-me dum discurso que fiz uma vez na Associação da Agricultura... Presidia o Barahona. Saiu-me bem. Gostei de mim por causa disso durante muito tempo...

- Ainda tem hoje mais razões para gostar...

Recebeu o elogio contrariado. Sabia bem que o cumprimento não era justo.

- Não diga isso, Milai. Nesse tempo era ainda um rapaz... Agora estou todo branco e um nadinha cansado. Tenho levado muito coice do destino.

Apeteceu-lhe dar um passeio pela mata e ordenou ao cocheiro que seguisse pela estrada de tílias. Emília Adelaide viu-o cerrar os olhos, depois encostar a cabeça na almofada; mas percebia, pelo mover dos dedos dele na aba do chapéu, que o pai ia acordado, certamente a pensar. Em quê?!... Gostaria de adivinhá-lo. Talvez fossem ambos a rememorar o mesmo. Ela recordava-se de Maria do Pilar, daquela vez em que a levava com os irmãos para o casinhoto isolado da floresta e quisera obrigá-la a confessar-se culpada pela morte da mãe, sem se doer do pavor que provocara na irmã, antes gozando a vingança imaginada. Para os três, e mais ainda para o António Lúcio, fora a Pilar que lhes matara a mãe; não era pois vingança, mas sim castigo, e ela tomara a iniciativa de tudo, propondo-se julgá-la,

nas condições em que supusera funcionar um tribunal. No seu caso tratava-se de ciúmes em relação ao pai. Pobre Pilarica!...

A lembrança da irmã levou-a, porém, a acarinhar a mão de Diogo Relvas, em cujo rosto se alvorou um sorriso de prazer.

- Gosta de mim? - Apressou-se a emendar: - Ainda gosta de mim?...

- Já sabe que sim... Porque mo pergunta?

- Admiti que já não gostasse. Um homem como eu nem sempre é capaz de manter o amor dos filhos. Que ideia farás agora de mim? Já não digo dos outros...

- E nunca perguntou a si mesmo porquê?

- Sou demasiado austero. Talvez! Em certas coisas... Tenho a certeza que é preciso. O mundo vai por uma ladeira e os homens como eu devem segurar-lhe bem as rédeas.

- Penso que a ladeira vai durar muito... Talvez não acabe tão cedo.

- Não deve pensar assim, Milai. Nunca fale dessa maneira ao Rui Diogo...

- Ele sabe pensar... Deve estar convencido de que pensa melhor do que ninguém. É um bom sinal de juventude.

- Acha, então, que a experiência anterior não é necessária?

- Nem o disse nem o pensei... Como sofres, meu velho!

Julgo simplesmente que o passado se não pode repetir.

- Embora devamos todos batalhar para que o essencial da vida humana se não perca: o respeito... a ordem... Não vale a pena dizer-lhe o resto, Milai. Sabe-o tão bem como eu.

- Teremos de nos adaptar...

- É um princípio de renúncia... No dia em que o admitirmos, será a anarquia. Já pensou o que será do mundo no dia em que tal suceder?...

- Sim, não deve ser agradável. Mas o futuro é uma fatalidade.

- Se não o fizermos... Nós podemos também fazer o futuro.

- Talvez... Seria bom, pelo menos. Mas vai ser difícil...

A caleche ia devagar, ao passo repousado da parelha. Saturada de humidade, a floresta parecia cansada da invernia, lamentando-se nos ramos despidos onde uma brisa passava os dedos.

- Ontem, lembrou-se?, fez anos a revolução do Porto - disse Diogo Relvas a coçar a barba toda branca. - Que mais teremos agora?...

Nessa mesma noite, à hora do jantar, um campino veio trazer a notícia.

- Mataram o Rei e o Príncipe Real.

Capítulo XVIII

Onde as pessoas entram no reino da anarquia

- Mataram o Rei e o Príncipe Real...

O filho voltou a cabeça, contrariado, apontando a álea de buxo que queria despontada pelo jardineiro. Lá ao fundo, já sabia, mesmo defronte do repuxo da concha de faiança amarela com flores vermelhas e lilases, teria de fazer um pássaro grande, sim, mais ou menos com sessenta centímetros, de bico voltado para a água e de asas um pouco erguidas, como se fosse matar a sede. Devia ficar bonito, uma coisa galante, garantia-lhe o jardineiro, de barrete na mão, mal Diogo Relvas aparecera, e indicando a Miguel João, num movimento da cabeça quase calva, que o patrão velho estava ali, inquieto, a raspar com o bico do botim a areia enegrecida pela terra revolvida nas últimas chuvadas.

- Não me ouviu, Miguel João?... - insistiu o lavrador já arrenegado.

- Faça favor de esperar, já vou.

E voltava a explicar de que lado deveriam nascer os cravos vermelhos, deixando-se o centro do canteiro daquela banda para as rosas brancas, ao contrário do da esquerda, em que os cravos tomariam o centro e as rosas a periferia. Mais nada: só rosas e cravos.

Para Diogo Relvas, mais do que a insolência da atitude do filho, contava ainda o desprezo pela notícia que lhe dera; ah, uma terrível novidade, bem triste sinal dos tempos! Parecia-lhe agora que era necessário agir, agir depressa, alarmar os que não acreditavam no reino da anarquia e aí o tinham em pleno, agressivo e descarado, com assassinos à solta à luz do dia, como se andassem à caça de feras. Que mais seria preciso ver ainda, para todos se aperceberem de que os bens e as pessoas corriam perigo mortal? Aos que hesitassem seria preciso ultrapassá-los, liquidá-los mesmo, se a tanto fosse necessário chegar, mas impunha-se fazer alto à dissolução, quem não é por nós é contra nós, nada de contemporizações; já se fora longe de mais no caminho da cedência.

Andara ausente aqueles anos, entregue a desgostos pessoais, e agora desabavam sobre si acontecimentos inesperados e terríveis, matavam-lhe o Rei e o

seu Príncipe, estava a vê-los nessa manhã em que haviam chegado para o visitar, olhando-os com orgulho, e a voz de Sua Majestade a falar-lhe; nunca mais esqueceria o tom quente dessa voz amiga que recusara a evidência do que ele já previa; infelizmente tudo se passara como receava, e nunca o proclamara com a força suficiente para que o escutassem. Também lhe cabiam culpas por isso.

Metera-se na sala de entrada, à espera, enquanto lá de dentro lhe chegava a vozita chilreada das duas netas, quatro anos, pois, exactamente, a vida para elas perderia o sentido se não se tratasse a subversão, e o pai entretinha-se a dar ordens ao jardineiro, como se nada lhe dissesse respeito. Era esta irresponsabilidade do filho que sempre o atormentara!

Dirigiu-se para a porta envidraçada com a intenção de voltar a chamá-lo e quase se chocaram. Miguel João esmerava-se a limpar os pés, enquanto Diogo Relvas lhe seguia os movimentos com desprezo.

- Julguei que era necessário implorar-lhe que me desse alguns minutos de atenção. Não recebeu o recado?

- Recebi, mas não... não quis acreditar... Admiti que se tratasse dum engano do criado.

O lavrador pensava, acenando a cabeça: que diriam de mim se te escavacasse a cara? Agora mesmo... sem mais uma palavra.

- Pois enganou-se mais uma vez, Miguel João. Enganou-se!...

- É sina minha...

Agravou-se a hostilidade do silêncio.

- Achei que nesta hora... Sabe que mataram o Rei e o Príncipe?

- Sei. Quando voltavam de Vila Viçosa... A tiro.

- Que precauções tomou quanto à segurança desta casa?

- Nenhumas! - respondeu com a mesma frieza amarga.

Diogo Relvas encolerizou-se. Aquilo excedia a disposição com que se resolvera a procurar o filho.

- Não me diga que está demente, Miguel João. Não me abra os olhos dessa maneira. Está demente, com certeza. É a única explicação que encontro...

- Talvez... Quem te chamou cá?

Esbracejava, sem conter no corpo a ira que o assaltava.

- Não diga talvez; confesse que está doido varrido.

- Agora percebo a razão por que me interditou. Agradeço-lhe a explicação - assentiu com deferência premeditada.

- Não complique, Miguel, não complique. Peço-lhe, pelo amor de Deus, que não me obrigue a arrepender do propósito que me trouxe aqui.

Seria bom mostrar-se calmo, voltava-lhe o desejo de convencer outrem falando, era a sua suprema vaidade, mas sentia também que a violência poderia chegar inesperada e que não responderia pelas consequências. Olhava uma jarra de cristal e apetecia-lhe parti-la, vendo-a estilhaçar-se na parede; talvez o filho percebesse então que deveria mudar de tom. Nunca soubera agir fora das duas atitudes: ou a calma premeditada ou a violência aberta, e ele já o conhecia, todos o conheciam, para que estava a provocá-lo num momento daqueles? Que cara faria se lhe explicasse, sem rodeios, que confiara ao sobrinho parte da direcção da casa, pela simples e poderosa razão de não considerá-lo competente? Era isso que queria ouvir?!...

Não viera ali para alargar o conflito entre eles. Trouxera-o antes uma missão de mágoa e de previdência, talvez o começo de relações mais estáveis entre ambos.

Repetiu mais ou menos o que já lhe dissera, quando ele e o pai da nora viúva, o Andrade, o tinham vindo procurar a propósito da sociedade familiar. Fê-lo com sacrifício, tentando não o encarar com frequência.

- Mediu as minhas intenções pelas suas, Miguel João. Nunca quis amesquinhá-lo ou preteri-lo. Sou agora o Chefe da casa, da minha casa, note bem, e repare, lembre-se, que só eu disponho de poderes para decidir sozinho. O Rui Diogo nada pode sem mim. Precisar-se-á da minha assinatura até eu ser vivo. E este lugar pode caber-lhe amanhã a si, Miguel João, se os outros membros da família, por maioria, o considerarem o mais apto para tomar a minha posição. Tudo depende de si. Quis dar oportunidade ao Rui Diogo por ser o meu neto mais velho, e para que se perceba o meu gosto de ver os jovens tomarem o lugar que o futuro lhes reservará. Não me entenderam? Não me quis entender quem devia fazê-lo em primeiro lugar... Paciência! Digo-lhe com mágoa, mas afianço-lhe também a minha decidida disposição de não alterar o que considero o melhor para todos. Nisso sou e serei incorrigível.

Pactuava, sim, cedia perante os outros, inventando uma explicação que poderia parecer correcta, e que não o era. Começava a deixar-se guiar pelas aparências, também ele entrava no jogo das aparências. Reparando no facto, quis reagir.

- Tudo isso, porém, mesmo que tivesse razão, não deveria levá-lo a ignorar o meu recado. Fui eu que o chamei, Miguel João, eu que sou seu pai. E o que queria de si, afinal?... Muito e bem pouco! Dar-lhe conta duma notícia bem dolorosa e

concertar consigo as providências que precisamos de tomar para qualquer emergência. E fui eu que vim... Isto significa que ponho acima de melindres os sagrados interesses da nossa casa.

Deixou cair uma pausa. Pegou na jarra que há pouco lhe apetecera quebrar e mostrou-se interessado pela forma dos ornatos.

- Mandeí fechar o portão... É um cuidado elementar. Tem a sua pistola?

- A pistola e quatro carregadores completos - respondeu Miguel João de olhos baixos.

- Levante a cabeça... Já sabe que gosto de ver bem a cara das pessoas a quem falo. O que lá vai lá vai!

- Não é assim tão simples...

- Que quer dizer com isso?

- Que não é fácil esquecer que me desfeiteou à frente dos criados... O resto não teria importância. Mas sou casado e pai de três filhos. O senhor trata-me como se eu fosse o Diogo Luís...

- E mais?! Que mais tem para me dizer?!... Aproveite a oportunidade.

- Disse tudo.

- Disse pouco.

- Disse o bastante.

Diogo Relvas foi pousar a jarra sobre o contador quando ouviu a voz do neto dar ordens ao cocheiro para lhe aparelhar a aranha. Gostou daquela firmeza. E comprazeu-se em pensar que a herdara dele, dos Relvas, embora o avô materno reivindicasse para o sangue dos Pereiras o ímpeto das suas decisões. Sabia mandar. Não seria aquele o seu neto?, admitiu o lavrador. Miguel João interpretou-lhe o sorriso e dispôs-se a escutar o pai noutra atitude.

Puseram-se de acordo com facilidade. Os criados de maior confiança montariam guarda aos palácios, deveriam evitar-se as saídas das mulheres e das crianças quando estivessem sós, o capelão de Aldebarã diria dez missas a que assistiria toda a família e mandar-se-ia ao funeral o maior número de criados possível. A morte do Rei e do Príncipe deveria tornar-se numa jornada nacional de luto. E de repúdio pelos assassinos, concluíra Miguel João com a empáfia do seu temperamento. Ele daria as ordens aos feitores; poderiam mandar-se os homens em galeras para o transporte ficar mais barato, além de que se tornaria mais fácil tê-los sempre juntos, não fossem alguns deles aproveitar a boleia para verem Lisboa e escaparem-se ao compromisso. Dessa gente tudo se poderia esperar. Não

ouvira zunzuns de que os valadores pensavam em fundar uma associação de classe?

Diogo Relvas ignorava-o; não, ninguém lhe dissera a mais pequena palavra sobre o caso. Quem eram eles?... Essa agora! Que diriam uns aos outros esses idiotas? Alarmara-se, mas depois achara graça à notícia. Miguel João propunha acabar-se desde logo com o mal pela raiz. Era uma questão de indagar o nome dos cabecilhas e metê-los num sarilho que levasse o Governo a considerá-los sob a alçada do decreto assinado pelo Rei na véspera do assassinio.

- Não li o jornal - confessou o lavrador apoucado. "Em que pensava, afinal, o Rui Diogo que não lhe dava contas de coisas tão importantes?"

O filho esclareceu-o:

- Havia agora uma forma imediata de expulsar do País ou desterrar para o Ultramar todos os pronunciados por crimes que pusessem em perigo os interesses superiores do Estado. Estão presos os principais chefes republicanos... Não será difícil agora com a morte de Suas Altezas vermo-nos livres desses e doutros.

- O João Franco não soube usar da ditadura - lamentava o senhor de Aldebarã. - O decreto veio tarde...

Dois dias depois acentuava a mesma ideia junto do Zé Barahona, a quem propunha uma reunião conjunta dos políticos mais atidos à Lavoura, como ele dizia, e dos directores da Associação da Agricultura.

- Chegou a hora das opções decisivas e definitivas. Devemos forçar cada qual a tomar a plena responsabilidade duma atitude. O País caminhará para o abismo se não dermos o alarme. Os cegos condutores de cegos não poderão caber nas nossas fileiras, Zé Barahona.

- Porque recusou o lugar que se lhe ofereceu na Associação? As suas culpas não diminuem pelo facto de ver o perigo; antes aumentam...

- Não as enjeito... Mas pergunto: a Lavoura vai deixar-se afundar, se os homens como você, ou como eu, desaparecerem? Quero pensar que não, gostaria que assim fosse, mas algumas vezes sou levado a admitir que a corrupção das almas já vai demasiado funda...

- Na hora própria sempre aparecem homens à altura das circunstâncias, Relvas. Você está pessimista...

- Limito-me a verificar os acontecimentos e a tirar deles a lição. A ditadura do João Franco começou com rompantes de varrer a feira e depois amaciou. Dizia-se que assim era preciso por causa do nosso temperamento doce. Veja a resposta:

assassínios em plena rua, nas barbas da polícia e da guarda. O decreto veio tarde, Barahona. Isto já não vai com chicote e açúcar...

- Veremos o que faz o novo rei...

- Preferia que você dissesse doutra maneira: forcemos desde já o Rei a cumprir os seus deveres de filho e irmão fez menos isso...

- As pátrias também se fazem com lágrimas - replicou Zé Barahona, metendo a frase que lhe saíra numa discussão que tivera em Évora, dias antes, ao reunir com os lavradores do Alentejo.

- Se as lágrimas couberem aos que se propõem perdê-las... Doutra maneira iremos todos parar ao barranco. É o que lhe digo. Parece-me que o liberalismo é figurino que não nos serve. Se assim é, meta-se pela ditadura; mas façamo-la a sério. Nada de compromissos.

- Governar é difícil, Diogo Relvas.

- Sem dúvida. Mas quem quiser governar tem de prever. Não podemos continuar a reboque dos acontecimentos. Por isso, é só por isso que insisto na urgência duma reunião conjunta da Lavoura e dos políticos que estejam dispostos a tomar responsabilidades. Nada de demagogias... Ou n-não?

- Pois eu digo-lhe que o tempo não vai para bravatas. Escolhermos o caminho, sem dúvida. Sabermos com quem contamos, é mais do que necessário... Mas nada de perdermos a cabeça...

- Talvez só percebamos que a perdemos quando já não a tivermos sobre os ombros, Zé Barahona. E é isso que eu receio...

Capítulo XIX

Que vamos realmente fazer?

E aí estavam os seus receios justificados.

Por quanto tempo se andaria ainda pela mão dos cegos, condutores de cegos?

Convocara-se o Conselho do Estado, muito bem. E quando tudo indicava que se reforçassem as medidas da ditadura, eis que aparecia um governo de acalmação. Como se à violência houvesse que apresentar desculpas; como se fosse possível estabelecer qualquer compromisso com assassinos. Se não arranjavam coragem para fazer o que se impunha, ao menos que houvesse coragem para chamar ao novo Ministério um governo de medo. O que se propunha ao País era a cobardia colectiva. Exagerava?!... Então que deveria dizer-se do repúdio do passado, a que se atribuíam vícios? Sem dúvida que se podiam apontar alguns, mas não eram esses que se prometiam emendar agora, antes pelo contrário, pois o País carecia de autoridade e não de morigeração da mesma, sem a qual não há trabalho criador nem sossego nos espíritos. E o que fazia?... Em vez do desterro abriam-se as portas das prisões aos detidos políticos, aos cúmplices dos regicidas, como se a própria Coroa desculpasse o crime, justificando-o até. Convidava-se João Franco a exilar-se e oferecia-se ao País uma monarquia à inglesa, e isto dito sem pejo nem vergonha, quando eram os ingleses que manobravam com os alemães nas chancelarias para nos roubarem os territórios ultramarinos. Entrava-se pelo caminho da demissão. E embora tivesse entendido sempre que os governantes deveriam olhar primeiro para a metrópole, dando a prioridade à agricultura e às minas, à terra, pois claro, não queria dizer também que houvesse de entregar-se a outros os países descobertos pelos nossos navegadores. Uma nação tinha o direito de dispor de reservas para o seu futuro. Não percebia essa gente que pleitear as terras duma nação era desconhecer os direitos sagrados da propriedade?

Os resultados não tardavam.

- Aqui os temos, meus senhores. E sem pedirem licença a ninguém. Os valadores preparam-se para fundar a sua associação. Isto daria vontade de rir se não começasse a tornar-se trágico. Amanhã serão todos os outros a seguir-lhes o

exemplo. Pergunto: estaremos dispostos a permitir que nos exijam salários absurdos? Quando eu falava dos perigos da indústria, muitos encolhiam os ombros, julgando-me patarata. Aqui estão à vista os resultados. Em lugar do sol a sol, os rurais quererão trabalhar doze horas de Verão e por mais dinheiro, sem terem em conta que acabaremos por abandonar as terras, de tal maneira os encargos irão subir. Fazer lavoira era já a arte de empobrecer alegremente. Se consentirmos nisto, empobreceremos em tragédia. Ou n-não?!...

- Seremos assassinados antes de empobrecermos! - gritou uma voz ao fundo da sala.

- Apoiado! - rugiram outras.

Depois ouviu-se o estrépito de palmas, primeiro indeciso, logo frenético e acalorado.

Parecia remoçar na impetuosidade do vozeio grave, carregado de intenções e de ressonâncias. Mas nos olhos doirados perdera-se a vivacidade, enquanto as mãos buscavam o apoio da secretária para uma ou outra se erguer e cortar o espaço, num gesto de gadanha impulsiva.

- Eu por mim já decidi: não consentirei que entre os meus criados se abrigue alguém que apoie a associação. Por trás dessa gente está a canalha letrada, bem se percebe. Querem começar pelo lado em que somos mais fracos. Valadores não se improvisam, não se podem ir buscar a outro sítio. E as nossas terras daqui não podem passar sem a pá de valar... Gosto de dizer a verdade por inteiro. Pergunto: que vamos realmente fazer todos?!...

Conseguira juntar ali os lavradores mais importantes e os presidentes das câmaras dos concelhos interessados no problema. Ele sabia que da reunião nada poderia sair de decisivo mas queria apalpar com quem contaria para chegar ao fogo dos agitadores. A iniciativa devia partir deles, fora o que concluía da assembleia da Associação da Agricultura. Não havia solidariedade. Deixavam-se dividir e depois abater como cordeiros. Aludira ao caso dos valadores e a maioria da assistência ficara indiferente ao aviso, por mais que ele sublinhasse os perigos de se permitir a criação do primeiro sindicato agrícola. Um bonifrate qualquer chegara a dizer que não havia forma legal de impedir os trabalhadores de se organizarem.

Fortunato Rolin acenara-lhe do lugar com o braço válido. Faziam-lhe falta homens como ele, capazes de pegarem numa espingarda, se a tanto fosse preciso chegar. Tivera uma congestão há dois anos e ficara tomado do lado esquerdo. Parecia caricatura do homem violento e decidido que sempre fora.

As intervenções arrastavam-se, sem acrescentarem aspectos novos à questão. Muitos pediam a palavra para se ouvirem ou para beliscarem outros lavradores, a quem pretendiam desfeitear em público com alusões. Em certa altura, um lavrador rendeiro de Benavente abriu fogo contra as Lezírias, acusando-as de pedir rendas exageradas.

- Isso está fora da questão! - gritara-lhe o João Vitorino do extremo da fila dianteira.

- A mim convidaram-me para tratar do problema da Lavoura. Aqui estou. O que mata a Lavoura não é a associação de valadores, que ainda se não sabe o que é, nem se alguma vez chegará a aparecer. A terra alugada por preços proibitivos é que faz a crise.

Cresceu o aranzel, tomou-se partido e a reunião enveredou pelo clamor. Diogo Relvas sorria. Estava ali mesmo a aprender mais uma lição. Todos os dias se aprende alguma coisa de útil se estivermos alerta. Foi deixando a sessão dissolver-se e só depois pediu silêncio. A assembleia, como era natural, teria de obedecer à maioria. Doutra forma era impossível fazer trabalho construtivo e realmente ninguém viera ali para se distrair, para passar o tempo, que é preciso. Pedia pois à digna assembleia que se pronunciasse sobre o seguinte caso concreto: deveria passar-se do problema das rendas?

- Quem estiver de acordo, faça o favor de se levantar...

Só o homem de Benavente ficou de pé, aterrorizado, à espera que outros se levantassem com ele, sim, não seria a maioria porque os organizadores da reunião, tinham escolhido a assistência, mas estavam ali outros com quem já falara algumas vezes, e então?, então agora deixavam-no sozinho? Levou a mão à cabeça num gesto de desespero, e pensava, “estou desgraçado, estou desgraçado, nunca mais arranjo um palmo de terra”, e era nisso que pensava também Diogo Relvas com mais alguns que se sorriam agora; o homem dava vontade de rir no seu atarantamento de pássaro apanhado na ratoeira.

- A sua proposta foi derrotada por unanimidade - sublinhou. - Parece, portanto, que a Lavoura está interessada por outros aspectos mais importantes da actividade colectiva. A renda duma terra nunca é imposta. Obrigam-no a aceitar a que paga? Responda?...

O rendeiro abanava a cabeça e abria os braços como a pedir amparo.

- Dou-lhe um conselho: não lhe convém, largue a terra. Isso não é um problema da Lavoura, mas uma questão sua. Não estamos todos aqui para tratar do seu caso...

- Talvez seja melhor retirar-se, para não perturbar os trabalhos - observou Tó Rolin, sentado.

- Apoiado! Apoiado! - gritaram outras vozes.

Em segredo perguntava-se “quem trouxera aquele animal à reunião? “ Atarantado também, o presidente da Câmara respondia que o homem lhe pedira para assistir e que não vira inconveniente em trazê-lo. Foi nessa altura que Miguel João se levantou do lugar e apareceu na fila onde o rendeiro se agitava, convidando-o a sair.

- Faça favor. Sim, é consigo que estou a falar! Ainda não percebeu que está a mais aqui dentro? Vamos embora, depressa! Temos todos muito que fazer!...

Diogo Relvas entendeu pôr calma, mas a assembleia aplaudiu a iniciativa do filho, sabendo que o aplaudiam a ele também. E todos riram quando Miguel segurou o outro por baixo da axila e o levou quase em charola até à porta.

Serenaram os ânimos.

Foi resolvido por unanimidade enviar um telegrama ao Governo pedindo-lhe que combatesse a anarquia. Pereira Saldanha, franzino e taciturno, apresentou um texto:

Lavoiira Ribatejana reunida sessão magna saúde V. Exa. pedindo manutenção ordem castigo implacável todos traidores e colocando-se mais uma vez serviço Nação e Coroa.

Travou-se um pequeno conflito com o João Vitorino por mor da ordem das maiúsculas finais. Este entendia que a Coroa devia ir antes da Nação, no que a maioria concordou, aplaudindo os antagonistas quando o Vitorino estendeu a mão ao Saldanha em sinal de amizade.

Era já noite quando abandonaram o edifício dos Paços do Concelho. Pelas esquinas havia vultos que as trevas embuçavam. Diogo Relvas convidou alguns lavradores para a ceia; desejava tratar de assunto importante, as horas contavam e amanhã talvez fosse tarde. João Rolin, o filho mais velho de Fortunato, ofereceu a sua casa, sempre ficava mais a jeito de todos, além da honra que sentiria por ter gente tão ilustre debaixo das suas modestas telhas. Era um mestre naqueles boleios de etiqueta, certamente por oposição ao velho Rolin todo pão, pão, queijo, queijo.

Mesmo sem muito vinho, a discussão baralhou-se.

Os Rolin opinavam por um ataque frontal à associação depois de deixá-la instalar-se. Assim o exemplo seria mais significativo. Numa noite em que a direcção reunisse, preparava-se um assalto e atiravam-se com móveis e homens pela janela. Para chegarem à rua mais depressa, sublinhava o Carlos. Miguel

Relvas deu-lhes a concordância, embora preferisse deitar o fogo “àquela trampa toda”.

- O pior é a lei - recordava o Pereira Saldanha.

João Vitorino aclarava que “a lei somos nós e mais ninguém”, e se do Paço vinha a iniciativa da abdicação, competia aos que primeiro encaravam com a desordem pôr as coisas nos eixos. Agarrar, por exemplo, num gajo desse e pendurá-lo num dos ganchos do pelourinho. Vivo e nu, que é pior do que morto.

Limitava-se Diogo Relvas a lembrar que havia a imprensa e que até a deles seria capaz de arranjar uma plataforma para discordar de qualquer violência que empreendessem.

- Está na moda namorar o povo que é uma coisa abstracta, sem esqueleto nem alma. Mas contra as modas pouco podemos. Por enquanto...

- Então que propões? - perguntou Fortunato Rolin com o olho esquerdo remelgo e fixo.

- Acho que tudo o que vocês propuseram está certo. Devemos ir até às últimas... Mas podemos agir desde já. Sabermos o nome dos cabecilhas e fazermos pressão sobre eles e os seus. É já a primeira barreira. Tenho a certeza que alguns deles devem ter gente que trabalhe para nós.

- Parte-se o ovo antes que saia o pinto - comentou o Vitorino, risonho.

- Isso mesmo. E depois de estarem sós, poderemos dar-lhes a lição. A ideia de pendurar um gajo nu no pelourinho é genial! Dou-lhe o meu inteiro apoio.

- Mas façamos de conta que eles não se temem - objectou Tó Rolin. - Sim, que a família não os segura...

- Então, combinamo-nos todos e nunca mais daremos trabalho de valagem aos cabecilhas. Sem dizermos porquê. Ninguém nos pode impedir de irmos a uma praça de valadores e escolhermos quem quisermos. O Pereira Saldanha e eu que estamos na Companhia, podemos dar uma ajuda.

- Mas se mesmo assim...

- Acreditas, Fortunato, que eles passarão a barreira da fome?

- Se o avô dá licença... Os mineiros na Inglaterra quotizam-se e ajudam os que estão presos - esclareceu Rui Diogo.

- Não acredito que os valadores estejam sozinhos metidos nisto.

- Pois bem. Admitamos que aguentam. Devemos desde já arranjar gente da nossa confiança para se meter a fundo na associação. Paga-se-lhes para isso, se for preciso.

Os outros sorriram com a hipótese.

- Saberemos no mesmo dia o que lá se passa. E quando houver uma assembleia, arranjam-se três ou quatro homens como aquele rendeiro de Benavente. Foi a lição que hoje tirei do nosso encontro. Com gente estúpida é fácil armar uma zaragata. Das tesas...

E voltando-se numa deferência para o presidente do Município:

- Depois o resto será consigo. Atendendo a que a associação é foco de desordem, manda-a encerrar...

- Não tenho a certeza se a lei...

- Não há qualquer lei que permita a desordem. Meta-os na cadeia, faça o que quiser. Mas cumpra o seu papel...

Miguel João adiantou-se e entregou ao pai um papel, sobre o qual deu esclarecimentos em voz baixa. O lavrador de Aldebarã acenou-lhe a cabeça com orgulho e ternura.

- Aqui está um homem que trabalha bem... Tenho aqui seis nomes. Os dos cabecilhas da associação. À minha banda cabem-me dois... Outros dois ao Pereira Saldanha...

- Quem são eles, quem são? - perguntaram.

- Um filho do seu maioral das vacas, o Ramalheta... E um neto do seu cocheiro...

- Do Boa-Vida?

- Não, isso é gente capaz. O Descalço...

- Diga-me dessas!

- E eu? - interveio João Vitorino.

- Tu estás livre da primeira parte. Guarda-te para a segunda, se lá chegarmos.

Tinham todos a certeza que não iriam tão longe.

- Isto é uma pardalada! - comentou Miguel João. - Comem-se todos com arroz...

- Não deites foguetes antes de tempo.

- E a gente? - perguntou o velho Rolin depois de pedir ao filho para lhe meter uma cigarrilha na boca.

- Vocês só um... O Zé Fomecas.

- Quem é o Zé Fomecas?

- O filho do guardador dos Trinta-e-Oito-Moios... - esclareceu Tó Rolin.

- A esse trato-lhe eu da saúde... E é pra já...

- Nada de violências, Fortunato. O combinado é levarmos a família a recluir... Antes de tudo põe-se o medo em funcionamento. É a melhor máquina da ordem.

- A esse gajo gostava eu de dar um tratamento. É meu afilhado. Tenho direitos sobre o bicho. Fica tudo em família...

Diogo Relvas estava radiante.

Já quisera juntar o filho e o neto à sua beira, mas Miguel João afastara-se muito sorrateiro, a pretexto de acender a cigarrilha ao Rolin velho. Havia de agarrá-lo, pensava o lavrador de Aldebarã. "Se este ano correr bem, dou-lhe um lote de acções das Lezírias. Merece-as. Mas há-de recebê-las um dia da mão do sobrinho para não se fazer fino."

E sorriu abertamente, como se já assistisse à cena entre ambos.

Capítulo XX

Olhar o sol queima os olhos

Continuava a pensar como os outros lavradores, “são umas bestas, umas pobres bestas”, mas fazia-o menos convicto, percebendo que a ocasião era boa para os valadores se organizarem. Um valador não é um ceifeiro ou uma mondina que se vá buscar à Beira ou a casa do Diabo mais velho, a qualquer parte, enfim, onde o trabalho não abunde e as jornas sejam fracas. Pessoal capaz de pegar numa pá de madeira pouco maior do que a mão dum homem, e com ela levantar um valado rijo, desses que aguentam a golada de água bravia duma cheia, abrir uma aberta a preceito, limpar um esteiro ou uma vala, não se arranjam de um dia para o outro, nem se ensinam às pressas. Só agora atentava nisso, só agora se lhe tornava preciso reparar numa verdade tão grande, do tamanho dum monte.

E o trabalho estava em bom ensejo para se levar adiante, nem se podia adiar por muito tempo, porque a chuva não manda aviso, por mais que se reze ao Céu, e a Lezíria exige veias limpas para a água entrar e fugir, e precisa ainda de sebes reforçadas para não morrerem num dia as canseiras todas de muitos meses. Um domador de cavalos leva anos a fazer e os domadores dum rio que é um leão, levam outros tantos ou mais.

Andava naquilo a mão de gente letrada, escarrassem-lhe na cara se não acertava. Conhecia muitos deles, os pais e os avós, todos mansos e bons, capazes quase todos de se meterem debaixo do comboio se ele os mandasse, era assim uma maneira de dizer, mas nenhum deles iria levantar-se uma manhã da cama e lembrar-se logo de seguida, “a gente precisa duma associação”. Não era necessário procurar muito para perceber logo quem se metia naquilo. E o novo rei e o Governo pactuavam com os organizadores da desordem, abolindo a lei que os poderia refrear e dando-lhes assim a certeza de que a violência colhia, que bastaria insistirem nela para mudarem as instituições. Era sobre eles, os homens da lavoira, que tudo acabava por desabar, como se fosse pecado mortal lavar a terra e com ela dar trabalho a ganhar a dois terços dos Portugueses.

Portugal inteiro tinha obrigação de se esgotar para os mandriões de Lisboa e ainda de lhes aguentar as quezílias e os caprichos. Uns mais do que outros, republicanos e monárquicos liberais, todos enganavam o povo, levando-o a supor que num país pobre seria possível viver sem sacrifícios. Enchiam a boca com a Europa, que era preciso tomarmos lugar junto das outras nações. Mas que nações, afinal?... Havia alguma capaz de nos ensinar o que era civilização? Se Europa queria dizer progresso, isto é, coragem, missão evangelizadora no mundo e ordem, alguma nação tinha sido Europa antes de nós?!... Mas se Europa significava anarquia e repúdio dos valores tradicionais, só nos cumpria recusá-la, desligarmos dela, tornando-nos na única ponte que ligava o Velho Mundo à América Latina e às Africas. Tínhamos uma intuição mundial, era evidente. Deveríamos voltar ao espírito de missão que sempre nos coubera e de que déramos provas bastantes. O nosso destino como povo, e só neste sentido se deveria falar de povo, era projectarmo-nos noutros continentes, sem abandonarmos o ninho. E o ninho era a Lavoura, sim senhor, madre de virtudes ráticas.

Sabia que já tivera outra opinião, mas reconhecia que só agora, com mais de sessenta anos, estava em condições de penetrar no âmago da realidade mais autêntica. Âmago é uma bela palavra, pensou. Com o seu quê de mistério. E se a evolução dum homem acaba por conduzi-lo ao convívio dos valores eternos, só plenitude se lhe poderá chamar. Ou não?!...

Meditava em tudo isto e dizia uma boa parte ao filho e ao neto, sentados à sua frente, perto da secretária onde se instalara. Afagava a barba com os dedos, compondo os fios dos cabelos brancos, levemente ondulados. As notícias vindas dos outros lavradores mostravam que os homens da valagem não cederiam com facilidade e depressa, como convinha. Já tivera oportunidade de explicar ao Tó Rolin, disposto a romper a cacete, que não seria prova de inteligência fazer mártires. Mas heróis ainda menos. Resolvera deixar a sua intervenção para o fim, aproveitando da experiência dos outros. E o que lhe trazia, afinal? O Pereira Saldanha falara à gente do Ramalheta e do Descalço, lá argumentara, certamente com a sua manha de raposa velha, e só obtivera promessas: iam falar aos rapazes, pois então não haviam de falar, ora essa, bastava o patrão pedir, os pedidos dele eram ordens, mas isto de gente nova era o diabo! Tinham as suas doenças; que outra coisa se lhes haviam de chamar?... As crianças agarravam quase todas sarampo e bexigas, não é assim? Os rapazes de agora tinham a doença das políticas. Mas passava-lhes, com o tempo passava-lhes, era uma questão de ter paciência...

Fortunato Rolin é que não aguentara, acabando por esquentar as costas do afilhado, o Zé Fomecas, com uma surra valente de marmeleiro. E o rapaz aquietara, pois então!, revelando ao padrinho uma verdade venenosa que pusera os lavradores em brasa. - Sim, se os patrões não gostam da associação é porque ela é boa prà gente...

Para Diogo Relvas aquela frase revelava-lhe coisas terríveis, a que era preciso pôr cobro. Ficara derramado. Aonde se chegaria por tal caminho?!... Miguel João acabara de lhe contar que o verdadeiro cabecilha era um Borda-d'Água, pois, o António Joaquim, o primo do Zé Pedro, e com gente dessa não se entendia ele, era remexer em lodo.

- O senhor desculpará - dizia-lhe o filho. - Mas só vejo uma maneira: manda-se chamar a tia e fala-se-lhe à tesa, à ribatejana, que é a única conversa que esta malta entende: ou o sobrinho acaba com a história da associação ou ela trata de arranjar casa. Não queremos gente mal agradecida em Aldebarã. Republicanos em Aldebarã é que não!...

- E corta-se-lhe a fêria que recebe desde a morte do filho - acrescentou Rui Diogo, perfilhando as ideias do tio quanto à forma de agir em relação ao Borda-d'água.

O velho meneava a cabeça, a explicar no seu silêncio que nem falava à mulher, nem a poria fora de telha. Remorsos não eram, não havia razão para os sentir. Quem olha o Sol bem de frente acaba com os olhos queimados, se os não abaixa a tempo... Mas insistia na sua:

- Não, mártires não, não quero mártires. Estamos perdidos se os fizermos.

- Mas então o que se faz? - perguntava-lhe Miguel João.

- Deixamos a associação fundar-se? - corroborava o neto.

Cofiava a barba e vagueava agora pelo escritório, indeciso, a remoer, não querendo lembrar-se da filha, mas adivinhando-a lá fora, no terreiro do palácio, a vaguear como um fantasma sobre a água baia que mandara matar.

Rui Diogo propunha na sua voz azeda e falsamente calma:

- Eles estão no acampamento de valagem do Mouchão das Garças. Soube-o ontem. Arranja-se um grupo de homens...

- Daqui não arranjas! para isso não arranjas pessoal - lembrou Miguel João.

- Traz-se do Alentejo... E de noite, lá pràs tantas, deita-se-lhe fogo à poisada e derretem-se uns tantos a cacete, cá fora... Com o sono e com o medo nem sabem donde lhes chove.

Miguel João sorria só com os olhos. Não queria dar améns ao sobrinho, mas achava bem, eles precisavam duma lição rija para não andarem feitos galichos. E acrescentava-lhe um pormenor do seu gosto:

- Os cabecilhas precisam duma orelha fora... É a marca da casa. E aqui e no Alentejo nunca mais colherão trabalho.

Diogo Relvas só então reagiu:

- Qual orelha nem meia orelha!... Não quero cá isso.

Recordava-se do embrulho que o Bem-Fadado lhe deixara sobre aquela mesma secretária e que tivera ele próprio de ir deitar ao Tejo, de madrugada. Pôs-se a esfregar as mãos, como se as vergonhas do Zé Pedro lhas queimassem ainda.

Irritou-se. Mandou-os sair.

- Sim. Deixem-me ficar sozinho; quero ficar sozinho...

Uma madrugada fria e ele a cavalo, entre a raiva e o medo, com o embrulho metido num saco preso à frente do selim a sacudir-se com a marcha da montada que fizera ir a passo. Cheio de pressa e a passo, quase dois quilómetros. Uma viagem sem fim. Numa curva do carril surgira-lhe um vulto; um frio de morte varara-lhe o corpo, como se uma lâmina fina e gelada lhe entrasse pelo alto da cabeça e o penetrasse até muito abaixo do ventre. E uma voz atirou-lhe

"boa noite, patrão Diogo!"; respondeu-lhe também com a voz, ainda não sabia porquê, quando só saudava, a quem lhe falasse, com o levantar dos dedos à aba do chapéu. Cheio de pressa e a passo... Para não sentir o saco tocar-lhe nas pernas, como lhe sucedera à saída do portão. Mas ouvia-o roçar na pele do cavalo, num ruído estranho. Parecia-lhe que a batida dos cascos do animal não era mais do que a fricção do saco, ali junto do seu joelho, do direito. Quem olha o Sol bem de frente, fica com os olhos queimados, pensara durante a viagem, a propósito do criado que levava morto consigo. Acabara depois por se habituar e até gostara da ideia do Bem-Fadado. A borda do Tejo, pegara bem no saco, apertara-o nos dedos, como se esmagasse o que levava, e jogara-o para a corrente da água, bem para longe da margem, depois de lhe amarrar uma pedra. Quis fixar o sítio para o não esquecer e recordá-lo do alto da Torre dos Quatro Ventos. A vingança para aquele estava pronta. Acabara-se.

E no regresso, ainda mais devagar, é que pensara no destino da filha. Agora, porém, por causa dela, enfurecia-se ao lembrar o caminho percorrido. Sentia-se amaldiçoado por Maria do Pilar, a sua menina. Porque não soubera perdoar-lhe?...

- Não, não se cortam as orelhas a ninguém - repetiu sozinho.

Mas a memória respondia-lhe:

“Sim, se o Relvas não gosta da associação é porque ela é boa prà gente...”

Parecia agora a vingança da sua vingança...

... E o cabecilha era o primo.

Oito dias depois, à noite, os três Relvas saíram do escritório a sorrir. Emília Adelaide encontrou-os na saleta de música e quis prendê-los para um pequeno serão. As duas filhas estavam em Lisboa, de visita aos tios, aos Araújo, e apetecia-lhe deitar-se tarde; era talvez uma saudade das noitadas com o seu grupo. O diplomata inglês vivia agora na Grécia e continuava a escrever-lhe, apaixonado, prometendo casarem-se quando ela quisesse; bastava-lhe uma palavra, só uma palavra, e ele viria imediatamente no primeiro barco. Embora soubesse que nunca lhe diria essa palavra, gostava de se sentir amada.

- Está hoje com menos dez anos - observou o filho.

- Isso quer dizer que tenho mais dez do que pareço... O que não me conforta, acredita.

Diogo Relvas fez-lhe companhia até às onze horas e depois recolheu ao quarto; mas antes subiu à torre onde se demorou uns instantes. Rui Diogo já lhe perguntara quando deixaria acompanhá-lo até lá cima.

- Não tenha pressa, neto. Quando eu acabar...

E concluía com mágoa:

- Talvez mais cedo do que todos pensamos.

Só ele sabia o juramento que a si próprio fizera, perante o altar da padroeira de Aldebarã.

Naquele momento, porém, o lavrador não se recordava de tal jura.

- Esperemos que a noite corra bem! - desejou-lhe o neto quando se despediram, beijando a mão sapuda de Diogo Relvas. E trocaram um olhar intencional.

Às quatro horas da manhã, se tanto, um estampido abalou o palácio, acordando Aldebarã. Alarmados, os servos souberam daí a instantes que uma bomba rebentara junto do escritório do patrão e abrira um buraco na parede, por onde poderia passar um carro com a sua junta de bois. O menino Miguel João partira para a vila a comunicar o sucedido às autoridades, que não haviam de tardar.

Fez-se romaria das redondezas para o portão da Mãe-do-Sol, guardado depois por uma patrulha da Guarda Municipal. Diogo Relvas passeava no terreiro, sozinho, à espera que chegasse o presidente da Câmara, deduzia a canalha, colocada pelos guardas do outro lado da estrada.

Assim era, pois daí a algum tempo aparecia a caleche negra dos Relvas com o filho e o Teodoro Simões, anafado mas dinâmico, sobraçando a pasta de cabedal que nunca largava, depois que tomara o encargo de velar pelos destinos do Município. Descobriu-se a dois metros do Relvas velho, com quem desapareceu pela porta larga do palácio, mirando de longe, desconfiado, a bocarra aberta pela bomba. Estava um pouco trémulo, sem dúvida. A senhora era uma nervosa e tivera dois faniquitos antes de ele partir, o que na verdade o perturbara.

Não foi longa a entrevista com o lavrador de Aldebarã. Ambos chegaram em pouco tempo à mesma conclusão: - o atentado contra o Relvas só poderia vir da gente da associação dos valadores.

Poderia dar pormenores que ajudassem a justiça a orientar-se nas investigações?

Ouvidos os criados, garantiu um deles, o Seis-Dedos, que vira o António Joaquim Borda-d'Água passar ao portão aí pelas onze horas, mais coisa menos coisa. Falara-lhe? Sim, ele dera as boas-noites ao outro e o Tóino Jaquim nem água vai. Mas conhecera-o bem, no jeito de se gingar e no tamanho. Não havia por ali dois homens da mesma altura.

Capítulo XXI

O cavalo da afronta

O Carlos Atouguia, que tomava conta das cavalariações depois da morte do anão, ficou radiante quando o patrão velho mandou aparelhar o Ben-Hur, um cavalo inteiro, branco-porcelana, cujas veias azuis pareciam vogar no leitoso transparente da pele. A criadagem dizia que ele era um rei, de barbas brancas era mesmo um rei, e aquela montada o seu novo trono em cima do qual todas as pessoas e coisas lhe pareciam mesquinhas.

Há talvez quatro anos que não entrava na vila, a cavalo. Só o fazia, de resto, quando queria lembrar a sua presença, em ocasiões decisivas. Agora com a prisão do António Joaquim Borda-d'Água surgira um desses momentos em que precisava de se mostrar. Para que o vissem bem, para saberem que continuava vivo. Mantinha o mito da coragem cívica, mesmo que caminhasse com o temor nos ossos.

Dissera para a filha, que viera despedir-se à janela:

- Vou hoje ao covil dos carbonários...

- Tenha cuidado com essa canalha! - acrescentara Emília Adelaide com expressão vitoriosa. Sentia que o pai deixara de ter o coração negro e fechado, matando nele a serpente envenenada que o tornara taciturno durante tantos anos. Saía do casulo da sua dor, pensou ainda.

Mal galgara para riba do selim, o Relvas pedira a chibata com que gostava de afagar a crina das montadas. Ao mesmo tempo, isso significava para ele defrontar os inimigos só com aquela arma simbólica, sem mais nada. Preferia montar cavalos inteiros para que não perdessem as formas nervosas. Não gostava de mulheres gordas nem de cavalos gordos. Ainda hoje, graças a Deus. Não perdera o sentido da beleza.

Agora já voltara a dar as suas fugidas por dois ou três dias até Santana da Carnota. O velho guardava bem os seus mistérios...

A fazer o quê?!...

Ora essa! Acho que não será bonito contar tudo dum homem como Diogo Relvas. Mas se prometerem guardar segredo, poderei acrescentar que morava lá a Capitolina, sim, numa casinha recolhida com quinteiro florido, onde ainda hoje existe uma parreira de sombra acolhedora, perto dum poço com a mais fresca água de todo o concelho de Alenquer. Que é terra fresca já de si, valha a verdade.

Recuperava naquela tarde soalheira um dos maiores prazeres da vida. Vestira a jaqueta castanha, pusera chapéu da mesma cor, um nadinha mais claro, e metera na bota a espora de prata que usara no dia da visita real. Bastava-lhe uma espora. Olhou à volta, pareceu-lhe não ver ninguém, e deixou derrear o corpo. Montar a cavalo de busto bem erguido e agarrado à sela, já não era para a sua idade, tinha de se conformar. Podia agora ir mais à vontade, um pouco bambo em riba do Ben-Hur, um cavalo de nobrezas sem par.

Procurava as sombras dos muros e das árvores. Descobriu, porém, um vulto ao portão duma quinta, e logo se empertigou, assobiando ao animal, que ergueu a cabeça e se apurou na andadura do passo precioso e dançado.

E assim entrou na vila, como um monarca a quem acabam de entregar a posse duma cidade assediada. Firme na sela, estribos na altura ideal para manter os joelhos bem flectidos e a mão na rédea, sem esforço aparente, como se o lavrador e o cavalo fizessem peça única.

- Ainda parece um rapaz - comentavam os grupos que o viam avançar pela estrada de Lisboa.

A mais de cinco metros, erguiam-se todos os chapéus e carapuços na mão humilde, saudando nele o símbolo do senhor que dava o chicote e o açúcar. Bastava-lhe responder com um movimento dos três dedos à aba do chapéu, sem mover a cabeça nem desviar os olhos.

Arrependia-se de não ter empreendido aquela viagem mais cedo, de tal modo se via saudado com respeito. Trazia o roteiro já estudado. Pensara-o bem. Passaria à porta do cacique republicano, onde se demoraria em apuros de equitação, para que o vissem à vontade (o Ben-Hur ladeava maravilhosamente), iria deixar à cadeia, à mão do carcereiro, duas moedas de prata para os dois valadores presos (precisava que a sua tradicional bondade constasse mais uma vez, em caso de tal melindre), e completaria o percurso com uma passagem breve pela Câmara, onde recomendaria ao presidente, à frente dos funcionários e do público, que fosse condescendente com os dois homens, embora eles se negassem a confessar o que já era evidente para todos.

No regresso entraria no hospital para visitar os doentes cama por cama, e depois, finalmente, pararia à porta da taberna onde os valadores costumavam beber e conversar. Sabia que os trabalhos da associação prosseguiam; já preparara com os outros lavradores a resposta para a segunda fase. Uma resposta adequada. Mas queria encarar os inimigos. Vê-los bem. Dar-lhes a perceber que encontrariam homem pela frente. E agora decidido a tudo. (Gostava de pensá-lo, embora soubesse demasiado que já lhe faltava a fibra dos outros tempos.) O Zé Borda-d'água apunhalara-o com mão certa, o malandro! E no sítio exacto... Nesse dia tinham morrido ambos, pensava. O outro de morte física e ele de morte civil. "Não, não tenho nada que deixar dinheiro a esses gajos... Entrego cinco mil réis para os outros presos todos."

Certas lembranças ainda agora o sacudiam. E então mordia-lhe o ódio, incendiando-o no sangue. Não se conteve. Virou o cavalo para as bandas da borda do Tejo, esquecido de o meter em apuros de ladeio; fincou-lhe a espora no ventre e o animal empinou-se, pondo-se a galear, sem lhe obedecer à voz e à verdasca. Ficou irritado e nervoso - eh, Ben-Hur, quieto!, quieto, óó! -, mas o bicho nitria e resfolgava, talvez assustado com a mão dura do dono. Por momentos, distraiu-se em dominá-lo, assobiando-lhe e afagando-o nas crinas; e o cavalo aquietou-se daí a instantes, de orelhas firmes e cabeça bem erguida, atirando as mãos no seu jeito bonito de bailar. Mas sentia ainda no freio o tremelicar ligeiro dos dedos do dono e mostrava-se desconfiado. Dois toques da roseta da espora recordaram ao Ben-Hur de que lado estava a força.

No pequeno porto da curva do rio ancoravam fragatas e botes, de velas colhidas e mastros levantados para o céu. A malandragem dos moços de saco açulavam um cãozito refilão, de dentuça fincada com gana numa linhagem, pela qual um dos homens o arrastava, acabando por levantá-lo num rodopio, entre aplausos da matula que se pusera do lado do bicho. Um pouco cego pela brincadeira, o homem não reparou no cavalo de Diogo Relvas e tomava o centro do cais, impelindo mais força ao jogo dos braços que passava agora sobre a cabeça, fazendo voar o cão à sua volta, tonto, certamente, com o impulso da viagem mais própria de gaivota ou de guarda-rio.

Calou-se a risota quando o lavrador gritou ao moço do saco; e este espantou-se, largando a linhagem e o cão, que fugiu a ganir e aos tombos, indo acolher-se a uma das fragatas donde o chamaram.

A malandragem levantou-se e saudou o senhor de Aldebarã, embora alguns lhe fizessem gaifonas nas costas, fingindo que coçavam hipotéticas barbas no mesmo jeito pimpão de cabeça.

Diogo Relvas levou os dedos à aba do chapéu e prosseguiu a passo, em direcção à taberna, de porta escancarada sobre o Tejo. Sentado no chão e encostado à parede, estava o altarrão do Norberto, caiador de ofício, talvez por pouco precisar de escada quando lhe requisitavam trabalho. Puxara o boné de aba quebrada para os olhos e pensava na porca da vida, sem cheta para se embebedar, que ao menos um homem bêbedo pode embarcar para fora de tristezas. Ouviu o cavalo, viu-lhe as patas bem próximo, mas nem se moveu. Tinha no coração o peso todo duma vida de amarguras. Sentara-se para ali.

Chegou-se mais o Relvas para a porta, bisbilhotou quem estava - ninguém, parecia-lhe que não havia gente lá dentro, se calhar viera cedo de mais ou então tinham-lhe falseado a informação. Bateu as palmas, como era hábito seu, e nem o taberneiro veio atendê-lo.

- Eh, rapaz! Eh, tu!... Vai aí dentro pedir os jornais pra mim...

Como o caiador não lhe desse resposta, julgou-o a dormir e baixou-se do selim, tocando-lhe com a chibata no ombro. O Norberto ergueu a pala do boné, de olhos semicerrados. Nem mais um gesto. Diogo Relvas estremeceu. Olhavam bem um para o outro.

- Tu!...

- É comigo?...

- Vês aí mais alguém?

Brincão e travesso, o Norberto mirou à volta e largou numa voz sumida:

- Não, não está aí mais ninguém.

- Então vai aí dentro ao Corte-Nova e diz-lhe pra mandar os jornais que aí tem.

O caiador encolheu os ombros e tirou uma pirisca detrás da orelha.

- Não ouviste ainda? - gritou-lhe o lavrador.

- Ouvi, sim, ouvi. Mas estou cá a pensar... Sim, estou a pensar por que diabo não há-de tu apear-te da pileca e ires tratar duma coisa que é tua...

Diogo Relvas sentiu de novo aquele agulhão fino e gelado a entrar-lhe no alto da cabeça e a cravá-lo todo até ao ventre. E levantou o braço com a chibata, tentando golpear o outro, que, dum salto, se colocou a distância, ante o pasmo de toda a malandragem do cais.

- Como te chamas, bandido? Como te chamas? - perguntava o lavrador no cume das suas iras.

- C'a boca! - gritou-lhe o caiador, pisgando-se na curva da muralha.

Ainda pensou persegui-lo, tomar-lhe o caminho pelo outro lado da rua, mas o ânimo quebrara-se-lhe, sabendo que seria alvo da galhofa daquela matula fraldiqueira e pelintra, se o não agarrasse, o que lhe parecia mais certo. Ao menos ficava-lhe com o nome, como diabo se chamava ele? - e respondiam-lhe todos que o homem não era dali, algum vadio ou maltês, nunca ninguém o vira no cais.

Naquele momento, se pudesse, deitaria fogo à vila. Mas ainda conseguiu balbuciar:

- Canalha! Vocês um dia pagam tudo isto com língua de palmo...

Capítulo XXII

E o caruncho continuava a roer...

Carlos Atouguia conheceu a batida do cavalo nas pedras soltas da estrada, mas estranhou-lhe o ritmo frouxo. Correu ao portão e viu o corpo poderoso de Diogo Relvas derrancado sobre o selim, como se o tivessem morto e amarrado à montada. A um grito seu, veio o abegão acompanhá-lo na expectativa silenciosa.

O lavrador passou depois por eles, sem gesto ou olhar que os elucidasse, e parou o animal à porta da cocheira. Pegou o abegão nas rédeas do Ben-Hur, enquanto o criado se colocava junto dos estribos para ajudá-lo a descer. Vinha lívido e trémulo, com a aba do chapéu caída para os olhos. Um dos servos falou-lhe, talvez a perguntar-lhe se estava doente, mas o velho não pôde responder; sabia que a garganta não o deixaria articular palavra - as palavras de maldição com que gostaria de rasgar o mundo.

Atirou-se abaixo da montada, sem largar a chibata, apetecia-lhe queimar, partir tudo, e caminhou aos tombos pelo terreiro, bêbedo de vergonha e de ódio. Subiu à torre - ah! sim, iria cumprir a promessa feita a Nossa Senhora! - e entrou como um ladrão, julgando que o avô e o pai poderiam interrogá-lo. Despiu a jaqueta e a camisa, arrancando-as do corpo, e pegou na chibata com quanta raiva guardava.

E fustigou-se, golpeou-se, vergastou-se, enchendo-se de nomes vis.

Depois, já esgotado, atirou-se para cima da cadeira que ficava junto da mesa, onde deixou cair a cabeça, de maneira a esconder com os braços a claridade do Sol, que entrava jubiloso pelas janelas da Torre dos Quatro Ventos.

“Ah!, não, nunca mais, nunca mais saio daqui...”

Irritante e brincão, devorando lentamente os móveis legados pelo avô, o caruncho roía, roía, continuava a roer, como se fosse um relógio a devorar o tempo...

Epílogo

Se Diogo Relvas ali tivesse passado um dia antes, ou umas horas depois - quem sabe! -, talvez o Norberto Caiador se erguesse ainda de boné na mão para receber ordens do Lavrador de Aldebarã e aparentar vaidade pela honra de lhe prestar um serviço.

Porém, naquela tarde soalheira igual a tantas, esse homem vulgar obrigou a história da minha vida a dar um dos saltos mais prodigiosos da sua existência. Quem o visse já minado pela doença, trangalhadações no andar, debilitado de forças e quase incapaz de manejar a brocha do ofício, não poderia supor que viria dele a atitude sobranceira e viril, embora vestida de desencanto, que atiraria para a solidão o senhor poderoso de todos nós.

Herdando, talvez naquele momento exacto, a raiva de muitos homens emparedados na cobardia, incitado, também, por certo, pelos que tinham lutado por uma associação de valadores, a verdade é que foi ele quem apressou a libertação da nossa irreverência. De repente, sem o esperarmos, saltávamos todos do medo bisonho e venenoso para o gáudio da gargalhada destruidora de mitos. E nada há mais sadio do que oferecer o riso aos que foram ultrajados uma vida inteira.

Nesse riso implacável até à grosseria, não será fácil distinguir - nem importa fazê-lo - o que serão ainda lágrimas choradas e o que já é alegria autêntica. De umas e de outra bem precisam os homens que sofreram.

Ia dar um grito; e acordava, oprimido, vendo naquele sonho repetido um sinal de que o seu plano se frustraria.

LIVRO TERCEIRO

O LIVRO DAS HORAS ABSURDAS

Capítulo I

O patrão velho

Vêm-no à distância, nunca mais lhe ouviram a voz, e ali parado, junto duma das janelas da torre-mirante do palácio da Mãe-do-Sol, o patrão velho derrama respeito, quase terror. É como o deus minaz de uma tribo agrária.

Fica mais perto dos servos do que qualquer deus; ali mesmo, a pouco mais de dez metros, são obrigados a reparar na sua figura majestosa quando da aldeia partem ou regressam, e não há quem possa ajoelhar-se a seus pés para lhe suplicar justiça ou mercê, entoar ladainha capaz de adoçá-lo, ou inventar dito que propicie aos seus adoradores um pouco daquela terna complacência de qualquer deus, mesmo dos mais bisonhos e algozes.

Agora só o vislumbram sentado. Deve estar sentado, pensam os servos, porque mal lhe descobrem os ombros e a cabeça, quase sempre coberta com o chapéu negro, de aba rija e copa baixa, à cordovesa, como passou a usar depois que foi a Espanha adquirir o primeiro semental, com que satisfez de macho verdadeiro as vacas taurinas das suas manadas. Adivinha-se-lhe sob a aba do chapéu a barba cerrada a que adere o bigode; sim, agora devem estar mais brancos do que a baba de cavalo.

Meteu-se na torre há um ror de anos, já nem se sabe quantos, e parece que ficará ali até à consumação dos séculos, indiferente ao mundo, soberbo e vingativo, embora venha dele a vida patriarcal arrastada, de novo, pelo povo de Aldebarã.

Alguns, mais imaginativos, garantem que o vêem passear na torre, espreitando de noite os campos adormecidos, como vigia tutelar da paz daquele cemitério de almas mortas; chegam outros a contar que o encontram nas trevas, só nas trevas, passeando num cavalo negro e envolvido em capa espanhola da mesma cor; e que arrasta silêncios tão medonhos, mesmo em noites amenas, que perdem a fala quantos pensam em saudá-lo.

Já fizeram dele uma lenda de eternidade, espécie de encruzilhada pataroca onde os santos se acotovelam com os tiranos.

Mas os que ainda o recordam na pujança do poderio terreno, mantido agora através do neto, contam às crianças da aldeia, quando o indicam no erguer furtivo dos olhos com a ajuda de mal esboçado mover de cabeça, não vá ele aborrecer-se, que o patrão Diogo Relvas era alto e entroncado, um belo homem!, e tinha olhos penetrantes e vivos, castanho-claros, cor de oiro velho.

E a voz?!..

Falam dela como dum instrumento mágico. A voz era assim uma coisa que cobria as pessoas, como se as tapasse, pondo-lhes à volta uma cerca de arame farpado, donde ninguém escapava.

Não o ouviram, porém, na tarde em que recolheu à torre, mal babujando as palavras, num monólogo desgarrado, nem dois dias depois quando fez reunir toda a família na sala grande para lhe ditar as últimas vontades. Quis aparentar serenidade, mas não conseguiu esconder a emoção, apesar de a barba lhe disfarçar os tremeliques do lábio inferior. Mandou-os sentar, tomou a cabeceira da mesa e apoiou as mãos grossas no espaldar do cadeirão, vagueando o olhar por cima das cabeças que o interrogavam. Não, não vinha para lhes responder fosse ao que fosse, já os avisara. Ouvissem-no e nada mais.

Falou-lhes pouco mais ou menos assim:

“- Prometi a Nossa Senhora enclausurar-me, se alguma vez sentisse que o meu sangue apodrecia... Incumbe-me velar pelo prestígio do nosso nome. Tive sempre uma preocupação: ser lúcido. O que nem sempre é fácil, porque a lucidez é um óculo com muitas lentes... E qual será a boa?!...

“Mas estava atento... Há aqui alguns anos, escuso de lembrar quantos, julguei não suportar a dor que me fizeram. Não morri de morte física, porque neste caso, infelizmente, sou forte. Andei por aí, quase à deriva, como um animal ferido que só procura sítio para morrer. Reagi. Vocês ajudaram-me a reagir... Não, não pensem que me acuso de ter feito mal a alguém. Nunca fiz mal. Só procurei ser justo. Sempre quis ser justo...

“Há dois dias, porém, senti que o meu sangue apodrecera. Tinha de suceder um dia. Era fatal. Ultrajaram-me, e em vez de matar o pilha que me desfeiteou, estremeci em cima do cavalo. Deixei de ser nesse momento o chefe desta casa, à qual ainda posso dar o meu conselho, mas não o braço que age. Estou pobre... Não em bens de fortuna, mas em valentia e arrogo que sempre foram as maiores virtudes dos Relvas...

“O mundo adoeceu e nem nós, sequer, estamos isentos de culpas. O meu pai, por exemplo, julgou ver nas ideias liberais um bom caminho para os homens. A

cabeça embalsamada daquele cavalo é uma prova. Devemos-lhe, sim, sem dúvida, a melhor parte da nossa fortuna, mas gente com tal têmpera não precisaria da extinção desses bens para chegar até aqui. Agora suportamos as consequências nefandas, digo bem, nefandas, de também acreditarmos no progresso, desarrumando com ele o mundo que Deus entregou ao homem. O que se chama progresso, não é mais do que uma invenção do espírito do Mal...

“Consentimos no alargamento das indústrias, convenceram-se muitos que era riqueza o dinheiro que dela vinha, e forjámos assim a anarquia. E também nisto não fizemos quanto estava ao nosso alcance para lhe travar o caminho. A hesitação poderia ser fatal à agricultura, que ainda é, e será até à eternidade, a temperança, a única, para a humanidade transviada. O País escorrega por um declive... Penso agora que talvez não seja pior deixá-lo prosseguir na vertigem. Momentos podem surgir em que até nos convenha empurrá-lo um pouco mais...

“Quando tudo estiver desacreditado, e assim há-de suceder, é Deus que me garante, poderemos deitar a mão ao País levando-o a regressar à fonte das nossas tradições. Será a nossa vez de castigá-lo e morigerá-lo, para o ensinarmos a viver sob a sombra da árvore paternal dos homens bons...

“E esses virão da terra, só da terra, é bem de ver, porque só ela ensina a distinguir e a aceitar a hierarquia dos valores permanentes, tão olvidados agora, mas que faremos reimplantar em Aldebarã, quanto mais não seja, mesmo que para isso tenhamos de queimar com fogo, ou sem ele, os incorrigíveis e os réprobos. O fogo purifica os homens e as nações. O fogo e o sangue...

“Pouco mais lhes quero dizer: o Rui Diogo passará a ser a minha voz na família e nesta terra. Todos os dias irá encontrar-se comigo na torre. Não discutam o que decidirmos. Seria mau para os que o fizessem. Confiem em nós... Deus nos ajudará ao sacrifício.”

Já não conseguia esconder a emoção. Tentava dominar os gestos.

“- Que ninguém se levante... Que ninguém se volte para me ver sair...”

Dirigia-se para a porta, enquanto o neto predestinado se levantava da cadeira e corria, pressuroso, a pedir-lhe a bênção, fazendo a genuflexão da humildade. O velho obrigou-o a erguer-se e acenou-lhe a cabeça, quando Rui Diogo prometeu:

“- Deixe-os comigo, que os hei-de lixar!...”

Mas ninguém escutou essa promessa sagrada. O segredo ficava entre ambos.

Num arranco, como se tivesse de romper amarras, o lavrador voltou-se e desapareceu no corredor. A família ouviu durante algum tempo os seus passos,

cada vez mais pesados à medida que se afastava. Até que lá no alto ecoou o bater da porta da torre, donde nunca mais voltou a descer, nem depois de morto.

Capítulo II

O pesadelo das barbas a arder e dos cavalos em liberdade

Mas não estava ausente, antes pelo contrário. Afastado do convívio das pessoas, poderia ser mais implacável na desforra, sem que a mão lhe doesse ao brandir a espada da justiça. Vivía o fel das amarguras, exagerava-as até, como se precisasse de sofrer os limites extremos do opróbrio para achar razões de não oferecer o perdão a ninguém. Haviam de lembrar-se dele até ao fundo dos séculos. Não, não perderiam com a demora...

Essa canalha gelaria de medo se lhe visse o sorriso com que a olhava da torre. Dali eram todos bem mais pequenos, quase insectos. Esmagá-los-ia por isso sem piedade.

Mas pensamentos e barbas não lhe bastavam para tornar em actos prontos os desejos e as profecias. Dispunha de terras e gados, de servos e dinheiro... Seria o bastante?! Talvez não!

Poderia afirmar naquele momento que possuía coragem?...

Preferia não responder. A essa pergunta capciosa não responderia por enquanto. A coragem, muitas vezes, é conter-lhe os ímpetos, saber esperar... E no instante preciso em que o inimigo afrouxa, dispor do braço audacioso para levar a cabo o acto decisivo que muda o sinal às coisas. Que pretendia, afinal?... Algo de simples: o regresso à paz verdadeira, em que os homens aceitam hierarquias entre si, uns com a albarda, outros com a espada, cada qual alegre da sua tarefa, sem que aos cavaleiros pudesse alguma vez apetrechar a inversão das posições. Se tivesse de dizer isto a alguém, arranjaría uma forma adocçada: evitar o caos, impedir que os homens voltassem à animalidade.

Esta cruzada caberia ao neto e a todos quantos percebessem que só na vinculação à terra seria possível reencontrar a “estabilidade económica, a coesão moral e a permanência”, fora de ideais estranhos à Nação, sem imitar e apetrechar o que vai para além-fronteiras, porque cada pátria é um mundo em si mesmo, original e permanente. Para melhor ainda se exprimir: Aldebarã era um mundo em si mesmo. Exactamente. O seu, o que lhe importava manter fora de miragens

alheias. Tomasse cada qual boa conta do que lhe coubera no quinhão e a cordura voltaria aos rebanhos.

Os tempos, porém, iam duros. Onde andava agora a doçura tradicional da nossa gente, tão brandinha, tão inhazinha? Aí estavam os inconvenientes da instrução e da imprensa. O mau exemplo também viera do agro, onde era comum verem-se filhos de homens da Lavoura assoberbados com canudos universitários. Talvez devesse voltar-se aos tempos em que a sabedoria era só guardada pelo clero, gente incapaz de fazer mau uso da palavra dos livros, embora nestes houvesse que lhe dar uma monda, queimando e deitando ao mar as cinzas dos considerados funestos.

Agora sobrava-lhe tempo para pensar em tudo isto.

E embora o neto lhe escondesse muitos acontecimentos, no receio de vê-lo apagar-se com algum coice mais ensejado da besta liberal, Diogo Relvas adivinhava, percebia, mesmo só espreitando a vida do alto da sua torre, que a onda maldita andava no ar e poderia cobrir Aldebarã por alguns anos. Quantos?!... O drama residia em ignorar se lhe caberia a ele a sorte de assistir ao fim da ignomínia ou se iria ser enterrado em plena demência plebeia. Esperava que Deus lhe fizesse a mercê da primeira hipótese.

Um dia teve a impressão que o neto punha dúvidas no poder real, talvez já atingido também pela moda recente de adesão à República, que tantos perfilhavam, com a desculpa de que assim lhe poderiam aplicar melhor a choupa da morte. Arrenegou-se.

- Ninguém escolhe o Rei como ninguém escolhe o próprio pai para lhe obedecer - gritou apoplético, apontando a porta a Rui Diogo.

E quando ficou sozinho, dorido na alma, pôs-se a pensar e acabou por concluir algumas coisas bem dolorosas:

“Que se não podiam escolher as amarguras?... E que essas - horrível sinal dos tempos! - vinham em qualquer momento e em avalanchas, capazes de ensandecer um santo e acobardar um herói.”

Então, cerrou as janelas e entregou-se à ira, gritando os seus ódios, gritando, ao mesmo tempo que dava punhadas no peito, como se quisesse rebentá-lo para não sofrer mais afrontas. Bateu-se e vociferou até ao esgotamento. E daí a instantes adormecia, prostrado, de respiração opressa pela violência dos uivos e dos ódios.

Excitado, porém, logo começou a sonhar. Não eram bem sonhos; mais pesadelos do que outra coisa.

Ia ele a cavalo por uma grande montanha, alta como nunca julgara haver, e toda coberta de florestas. Vestira a armadura nova, levava o escudo e a lança, e só mantivera na cabeça o seu chapéu de lavrador para saberem quem era. Acompanhavam-no mais cavaleiros, todos homens da lavoura, a cavalo, mas as montadas não dispunham de defesa; tinham as crinas e os rabos engalanados com fitas de seda como as dos cavaleiros tauromáquicos. Recreavam-se ao som duma marcha toureira, tocada por algumas árvores em feitio de instrumentos metálicos, caminhavam entre triunfos, e, de repente, em plena alegria, furando aplausos de mulheres galhardas, surgira a ribombar o vozeirão de alguém que se não mostrava, mas que, pelo tom, queria ameaçá-los.

“- Quem vem aí?!... Digam quem?!...”

Diogo Relvas segredara a um dos companheiros, um tal que cavalgava de elmo a cobrir-lhe a cabeça:

“- Manda-o bugiar. Não se responde...”

“- Diz bem, capitão! Deve ser um herege.”

Passou a sugestão de boca em boca, até à cabeça do cortejo, onde à frente flutuava a bandeira de guerra dos agrários, e nem os homens tugiram nem os cavalos relincharam. Ouvia-se, sim, a batida compassada dos ginetes sob a qual tremia a terra espantada e queda.

A voz voltou a interrogar:

“- Quem sois?!...”

“- Quem somos?!... Não nos conheceis?...”

“- De ginjeira! - disse outra voz. - Esse que vem aí ao centro, por causa das moscas, é o Relvas...”

“- Onde me conheces? - gritou o de Aldebarã, erguendo-se nos estribos.

“- Sou o Zé Pedro Borda-d’Água. O que domou esse cavalo. Julgaste que me tinhas matado, mas cá estou, meu barbas! E agora não passas, sem dizeres o que pretendes.

“- Pois vou matar-te segunda vez.”

Responderam-lhe gargalhadas - da escumalha, logo se percebia, porque as pessoas de princípios não riem naquele jeito desabrido e canalha.

“- Ouviste? - perguntou o Relvas, já irritado.

“- Ouvi, mas não passas.”

Nesse mesmo instante, sem que na aparência houvesse qualquer obstáculo a transpor, toda a cavalaria se deteve, como se as patas dianteiras das montadas fossem cortadas rentes ao chão; ele olhou a sua, espantado, e viu-a ajoelhar; depois

reparou à sua volta e todos os cavaleiros se deitavam abaixo das selas, porque uma foice medonha ia serrando, milímetro a milímetro, os membros anteriores dos cavalos. Lá da frente do cortejo, porém, veio um grito de pavor, de gente ferida, ou coisa assim, e, antes que Diogo Relvas pudesse saltar da montada, começaram a passar por ele outros paladinos da cruzada agrária, deitando labaredas e fumo.

Que via ele, Deus do Céu?!

Os seus pares e companheiros levavam as barbas a arder, e corriam, fugiam, gritavam, atropelavam-se e batiam-se, enquanto os cavalos se tinham posto de pé, feitos homens, acenando os membros dianteiros mais curtos, sim, eram braços e tinham mãos, pegavam em archotes, e riam, os malandros, gozando com a fuga dos donos e cavaleiros de toda a vida.

“- Acabou-se a mama! - clamava um cavalo lazão.

“- Já não damos mais cavalaria! - acrescentava outro branco. (Bonita estampa, por sinal!) - Andem de burro, se os burros deixarem!... “

Diogo Relvas sentiu-se perdido. Sabia que, se o Zé Pedro chegasse junto dele, passaria a tocha em pouco tempo. Queimava-o, com certeza. E deitou a correr, tapando as barbas, perseguido por uma manada de cavalos-homens, furiosos todos, a repetirem-lhe o nome numa voz sincopada e sinistra.

“- Rel-vas! Rel-vas! Rel-vas!”

Teve uma inspiração. Continuava lúcido. Atirou-se para o chão, cobriu a cabeça, fingindo-se morto, e passou uma primeira vaga, cuja carreira fazia cair das árvores todas as folhas. Mais um crime dessa gente!... E logo folhas verdes?!... Esses malandros não poupavam as mulheres e as crianças!... Assassinos! Mas as folhas caídas taparam-no. Respirou fundo. Devia estar salvo. O vozear da multidão de cavalos-homens afastava-se ao longe, já mal lhe ouvia o eco, embora distinguísse, bem perto de si, o carpir lamentoso dos outros cavaleiros com as barbas a arder. Se lhes aparecesse, iriam matá-lo, julgando-o traidor. Sim, não arranjava explicação para lhes dar. Por que não tinha ele as barbas queimadas?!...

Então - que ruído delicioso! -, percebeu ali perto o cantar da água. Devia ser um riacho que galgava a montanha, de penedo em penedo; adivinhava-lhe a espuma e o cristalino da linfa azul. Ergueu a cabeça, escutou mais uma vez e, pouco a pouco, desconfiado ainda, conseguiu olhar à volta. Ninguém!... Estava sozinho. Ainda bem. Não havia por ali quem lhe pedisse contas. E num afogadilho, de gatas, meteu direito ao riacho, onde se debruçou, aflito, para pôr as barbas de molho.

Exactamente nesse instante, nem mais um segundo, ouviu-se na montanha uma gargalhada estrondosa, monstra, toda casquinadas e roncos, ao mesmo tempo que mão de dez arrobas lhe carregava na cabeça, pronta a afogá-lo.

Acordou do pesadelo, coberto de suores frios. E tanto, que se julgou ainda à borda do riacho, apesar de não se sentir de joelhos, nem ter a armadura de aço a tolher-lhe os movimentos.

Foi nesse fim de tarde, bonita, por sinal, que lhe apareceram os antepassados pela primeira vez.

O avô Chicote bateu-lhe no ombro, a sorrir, mostrando a mesma dentuça branca e grande com que se finara. “Continuo a sonhar?” interrogou-se Diogo Relvas. Mas já o pai, um rapaz ao pé dele, pois aparecia-lhe da mesma idade com que se finara, lhe perguntava com carinho:

“- Então, meu filho, que susto foi esse?!...”

Capítulo III

O pequeno apocalipse

Só passados uns tempos, largos, e depois de muito meditar, é que Diogo Relvas resolveu contar aos antepassados, absurdamente mais jovens de aspecto do que ele, as razões que o levaram a recolher à Torre dos Quatro Ventos. Talvez lhe devesse mudar o nome, reflectia com despeito. Antes lhe ficaria melhor o nome de Torre dos Quatro Ciclones...

De qualquer forma, tornava-se imperioso oferecer-lhes uma explicação, é claro, tanto mais que não poderia invocar o gosto de acompanhá-los, ali dentro, só por amizade, ou ainda inventar, por exemplo, que vinha passar férias com os dois. Tinha a certeza que se juntariam para o espancar, se resolvesse lembrar-lhes: - Bom, então vamos apanhar um banho de sol! Ponham-se em cuecas, sim, só em cuecas, e estendam-se no chão durante dez minutos. O primeiro banho não deve ultrapassar dez minutos... - Dizer-lhes isto, ou coisa semelhante, significaria expor-se à ira, se não ao riso, do avô Chicote e do pai.

Havia os negócios da casa além de tudo o mais, mil e um problemas a tratar, e ambos não seriam capazes de interpretar aquele desprendimento de Diogo Relvas pelo bom andamento da Lavoura. - E ainda eles não sabiam da missa a metade!... comentou para si, humilhado.

Percebendo isto, é fácil concluir que a confissão lhe foi penosa. Não era caso para menos.

Gaguejou, remoeu, disse e desdisse - uma coisa medonha e triste!

Sucedia-lhe em velho o que nunca lhe acontecera em menino, logo todo ancho e perorador, mal aprendeu meia dúzia de palavras escorregadas, o que até chegara a ser lenda entre a família, pois contava-se que com menos de quatro anos fizera um lindo brinde no dia dos anos da avó Zeferina, uma alentejana rebiteza e santanária. Por sinal que esses talentos semearam discórdias entre os avós. A velha achava-o capaz de chegar a cônego, se não a bispo, de tal maneira se embevecia com orações sacras, enquanto o avô Chicote se insurgia com a hipótese da mulher,

não por odiar a sotaina, antes pelo contrário, mas por entender que aos Relvas incumbia trabalho mais útil.

Ainda bem que neste dia não ouviu o mesmo avô cochichar ao pai, entre o lamento e o reparo:

- Naturalmente o Diogo sofre de amolecimento cerebral. Coitado! Algum desgosto de saias...

Um deles acabou por lhe fazer a pergunta, o que o vexou, pois bem lhe percebeu a intenção velada.

- Ah, não, isso não, de maneira nenhuma, pelo amor de Deus! Maria Joana Rolin Villaverde foi sempre esposa exemplar, embora mãe pouco robusta. Não gosto dos Villaverdes por outros motivos que nada têm a ver com a honra das senhoras... Todas excelsas.

Depois encarou-os, irado:

- Mas os senhores acreditam, porventura, que se ela me desfeiteasse a honra, o meu lugar seria nesta torre?...

- As mulheres são o Diabo... - sublinhou o avô, contemporizador.

- Mas não tanto como eu. Se tal sucedesse, o meu lugar seria na cadeia com duas mortes às costas. Duas mortes bem matadas, garanto-lhes.

Nem isto, sequer, explicou em termos. A indignação pô-lo gago, a cacarejar. O pai bateu-lhe nos ombros, um tanto galhofeiro. Via-se logo que morrera com menos de quarenta anos e que ainda conservava a mesma idade. “Se não fosses meu pai, dava-te a resposta”, pensou Diogo Relvas contrafeito.

Durante algumas horas deixou de lhes falar, meditando sozinho nas razões daquele estranho embaraço de palavras. E acabou por achar a explicação: faltava-lhe o fumo. Era isso mesmo. O estímulo do charuto ou da cigarrilha tornavam-se imprescindíveis para raciocinar com clareza. “Mas ia agora aos setenta anos pedir licença para fumar? Sim, nunca fumara à frente deles...” Então foi meter-se atrás dum dos cortinados da torre e ali acendeu um havano, saboreando-o quase sôfrego, embora daí por instantes se indignasse com a sujeição daquele refúgio. E irrompeu na torre a fumar. A verdade é que nenhum dos antepassados reparou no ultraje. Ainda bem.

Logo se sentiu mais senhor de si. Coisa estranha!... Montado num cavalo ou espetado num charuto o homem é outro, concluiu. E então foi capaz de lhes relatar com minúcia, sem uma falha de memória ou de palavra ajustada, as razões, todas as razões que o haviam levado ao convívio de ambos.

- Convido-os, pois, a fazerem parte dum triunvirato que providenciará no sentido de regressarem os bons tempos...

- Houve alguma vez bons tempos?!... - interrogou o pai com bonomia. - É o que pergunto. As coisas nunca foram como nós queremos.

O avô Chicote replicou, sem responder:

- Vocês não devem lembrar-se dum sermão que um santo, Frei João qualquer coisa, pregou uma vez na presença de D. Miguel...

- Ora! D. Miguel! - interveio o pai de Diogo Relvas com desdém.

- Cale-se! - repreendeu o primeiro senhor de Aldebarã.

- Pelo que diz o teu filho, só outro D. Miguel porá essa gente nos eixos...

- Mas o que disse, afinal, esse Frei João?

- Mais ou menos isto: Senhor!, em nome daquele Deus ali presente, em nome da religião, peço a Vossa Majestade que dê cabo dessa vil canalha liberal, porque são ímpios e pedreiros. E saiba Vossa Majestade que há três meios de dar cabo deles: enforcá-los, deixá-los à fome nas prisões, e dar-lhes veneno - veneno, senhor!

- Já não é possível! - lamentou Diogo.

Possesso, o avô bradou-lhe:

- Manda então dar-lhes chicote! Foi sempre o meu remédio...

Ao que o pai, liberal, retorquiu:

- Experimenta o açúcar...

- Ficarás sem a mão... - grunhiu o avô, irritado.

O resto da tarde passaram-na os dois Relvas mais velhos em disputa acesa, enquanto Diogo Relvas meditava, encostado ao parapeito duma das janelas. Ali se deixou ficar tempo sem conta, a recordar vinganças. Queria uma vingança lenta, prolongada e lenta.

Os antepassados calaram-se e adormeceram, voltaram a discutir e a zangar-se, cortaram até relações durante alguns meses, talvez anos, e Diogo concebia, ruminava, entregue por inteiro ao prazer da desforra implacável. Finalmente, numa tarde em que o neto, Rui Diogo, subiu à torre para lhe falar dos negócios da Lavoura, Diogo Relvas mandou-o sentar e descreveu-lhe todo o plano architectado. Macabro, mas digno, como ele ambicionara, embora para os Relvas a dignidade tenha um significado insólito.

Nem tudo correu na prática ao sabor do plano amadurecido durante largos anos. O que não espanta, porque nem aos deuses é dado mover o mundo ao sabor da magia miraculosa das suas mãos, talvez cheias de hesitações, por saberem demasiado quanto se tem feito à sombra do seu nome.

A verdade é que um sossego triste acaçapou-se sobre Aldebarã, apesar de todos os domingos e dias alumiados haver gente assoldadada para deitar foguetes e tocar música no coreto que os lavradores mandaram erguer no largo da aldeia. Mas vive-se na lei do respeito. Já uma pessoa de bem pode sair à rua, sem que um fraldiqueiro qualquer o maltrate. E isso é que importa.

Se Diogo Relvas resolvesse descer da Torre dos Quatro Ventos, passaria agora sobre um tapete, sem fio, de pequenos bichos espalmados e abúlicos, que nem arreganhariam a dentuça de cartão.

Finaram-se todos os farfalhos de progresso, que não passam de ilusões demoníacas para enganar gente simples, muitas vezes esquecida de que só a pobreza acomodada abre as portas do Paraíso.

Segredam muitos que o lavrador está demente, quando a lucidez continua a ser a melhor ilusão da sua vida. Diogo Relvas é ainda um homem lúcido, embora sonhe que o neto, vestido de cavaleiro medieval, segura, bem firmes na mão poderosa, as rédeas dum bicharoco estranho, onde ele vai na garupa com o pai e o avô. A garupa do bicho tem largo assento para os três.

Que bicho é?!...

Uma espécie de quinta alimária do apocalipse, imprevisível para S. João, que seria incapaz de inventar um rocinante cor-de-rosa, meio burro, meio cágado, frouxo para quem o vê de longe, mas que quer esmagar a terra onde assenta a pata matreira. De vez em quando, relincha de alegria e esconde a cabeça debaixo da carapaça, gozando à socapa quando pisca o olho a quem lhe dá a ração.

Nalguns momentos - deixemos Diogo Relvas delirar - não se percebe quem vai às cavaleiras, de tal modo se identificam a alimária com os donos. Na verdade são um único corpo e uma só vontade impenitente. Os Relvas continuam a ser os senhores absolutos de Aldebarã e das almas mortas que a habitam. Uns dão a fome e os outros a pachorra. E lá estão parados todos, vivendo na alucinação de que galopam vertiginosamente na dianteira duma cavalgada. O avô Chicote chega a enjoar, tão absurda lhe parece a carreira. E segreda para o filho: - Estamos a ir depressa, João! A gente assim perde-se... A gente assim espalha-se numa curva...

O filho encolhe os ombros, contrafeito, e move a cabeça para o lado de Diogo Relvas, que tem as duas mãos agarradas aos cotovelos do neto, a quem ensina a conduzir o rocim cor-de-rosa.

O velho ignora que já caíram todos no barranco dos cegos.

Mas sente-se vingado. O deus agrário está agora vingado de todas as afrontas.

E no delírio da grandeza e da onnipotência, julga acender com a mão trémula todas as estrelas lucilantes do céu pintado que lhe deram para ele se entreter...

Capítulo IV

Onde se assiste a uma guerra com moiros e à morte do velho

Nem sequer vê as estrelas, não só por estar cego como o neto, mas também porque já morreu.

Ou não? - era assim que ele fechava as frases para tirar delas efeitos mágicos.

Sim, Diogo Relvas morreu há mais de dez anos e ninguém o sabe em Aldebarã. É segredo!...

Vêem-no à distância, nunca mais lhe ouviram a voz, e ali parado, junto duma das janelas da torre-mirante do palácio da Mãe-do-Sol, o patrão velho derrama respeito, quase terror. É como o deus minaz de uma tribo agrária. (Lembram-se disto, não é assim?) Mas agora está morto. Morreu, por triste obra do destino, num dia de grandes glórias.

Sonhava-se numa grande planície, a cavalo, matando moiros. Alguns deles pareciam o Zé Pedro e os valadores da associação. Era um belo sonho. Fortunato Rolin ajudava-o e trazia enfiados na lança dois meninos que esperneavam; e ria, riam ambos, tratavam-se agora por compadres, e acabaram por combinar um jogo, puxando o primeiro menino cada qual por sua perna, de maneira a saberem qual deles tinha mais força. Divertiam-se, em suma. Uma guerra também diverte. O cheiro do sangue e da morte excita como a aguardente.

Foi o Rolin quem se lembrou daquilo:

- Quem ficar com a parte maior deste fedelho infiel, dormirá com a filha do rei da moirama.

- Valeu! - gritou o Relvas com voz triunfante.

O compadre quis ouvi-lo:

- Ainda podes?

- Já te esqueceste do que fui em rapaz...

- Mas agora já lá vai esse tempo...

- Ora essa! Sinto-me jovem que nem um novilho. Os homens da nossa têmpera nunca quebram no amor.

- Ah, é verdade! - gracejou o Rolin. - Tu é que eras o montepio das viúvas dos teus amigos...

- Tive-as bem boas... E rapariguinhas também. Lembras-te da Capitolina?!... Um petisco, compadre! (A sonhar, um homem respeitável pode dar-se a desvarios de linguagem.)

Neste tom prolongaram a conversa, até que os meninos se puseram a carpir e ambos repararam, então, no motivo de aqueles malditos garotos continuarem a mexer. Pegou-lhe cada um na sua perna, fizeram finca-pé num dos estribos para se aguentarem melhor na montada, e à voz do Pereira Saldanha começaram o jogo. Poderoso de músculos, Diogo Relvas atirou o primeiro puxão; Fortunato Rolin, embasbacado, só conseguiu ficar com um pé do moirinho na ponta dos dedos. Um alarido de aplausos percorreu o campo dos lavradores, reunidos agora à volta dos dois amigos. O próprio Rei viera assistir à disputa, montado num cavalo negro ajaezado a oiro.

- Vamos ao outro? - perguntou o de Aldebarã, triunfante.

- Mas agora, se Vossa Majestade permite - disse o Rolin -, o prémio é outro: quem ganhar fica com todas as mulheres que encontrar neste país e em todos os outros por onde passarmos.

- Apoiado! - assentiu toda a cavalaria, embora o Rei torcesse o nariz à proposta.

Em guerra mandam os guerreiros e as majestades limitam-se a obedecer-lhes.

Agarraram os contendores no moirinho já moribundo, entre gargalhadas e incitamentos dos dois grupos que se tinham formado para a disputa. A voz do Pereira Saldanha pediu silêncio. E mal gritou três, viu-se Fortunato Rolin cair de cambulhada e de mãos vazias, espojando-se no chão de mistura com o cavalo que montava e não conseguira sustentar-se nas pernas, ante o impulso da mão firme do Relvas, que se pusera a rodopiar com o corpo do moirinho por cima da cabeça, jogando-o depois para o fundo do horizonte, aonde deve ter chegado bem morto. Nesse mesmo instante, antes que o Rolin se erguesse, Diogo Relvas brandiu a espada e feriu o compadre de morte, pois aproximava-se a hora do saque e nesses momentos não se poupa a são nem a doente, quanto mais a um adversário com quem se joga a padreação duns milhares de fêmeas, além de que menos um a arrebanhar sempre faz diferença no roubo do oiro e das pedrarias.

Meteu-se o medo nos ossos dos assistentes e fugiram em galopada furiosa do senhor de Aldebarã, que desceu da montada e foi cortar a cabeça do Rolin, espetando-a na ponta da espada para que ninguém duvidasse da sua vitória.

- Aos moiros! Aos moiros! - desatou a gritar.

Iria agora matar os últimos; já não havia quem se opusesse à sanha da sua espada gloriosa. Feria-os e tirava-lhes a pele, forrando-se com elas para vencer o frio que sentia. Um frio esquisito naquela terra de soalheiras. Mas não tinha mãos a medir e por isso matava de qualquer jeito: à lança e a fogo, à metralhadora e a gás. Já não poupava as mulheres nem as crianças, para que nunca mais houvesse moiros naquela terra que passaria a ser sua para sempre. Sentia necessidade de ficar sozinho.

Aprestava-se para degolar o Califa, o último, já todo o séquito jazia estendido por terra. Nesse mesmo instante, reconhecendo que metade do rosto do moiro era o do Zé Botto, esse malandrim das indústrias, teve uma ligeira hesitação. Foi o bastante. Logo por toda a planície começaram a rebentar estalinhos de S. João, e por cada um vá de se erguer um moiro, centenas, milhares de moiros que cantavam - coisa esquisita! - uma música maldita que ele tão bem conhecia...

Acordou assustado daquele sonho estranho. Mas não sonharia ainda?!... É que ouvia cantar o mesmo hino... Correu a uma das janelas da torre e viu, sim, viu com os seus próprios olhos, uma multidão de servos a marchar pela estrada de Aldebarã, em cantoria e gritos subversivos.

Todo o corpo se lhe arreganhou com o ódio ancestral. Vacilantes, os seus quase cem anos ruíram como os tijolos esbandalhados duma parede velha. O coração deu um estalido e ficou a deitar um fumo malcheiroso. E Diogo Relvas adormeceu nos braços do avô e do pai, enquanto os anjos abriam no Céu as portas celestiais, para que lá entrasse com as honras devidas a um homem impoluto.

Rui Diogo saíra de manhã, na caleche negra do avô, aparelhada com os mesmos arreios, levando na boleia um cocheiro vestido com a mesma farda e boné igual de pala brilhante. Tudo igual, como se pudesse ignorar o que ia pelo mundo.

Atravessava as ruas da vila desconfiada e abúlica, sem desviar os olhos, mas espreitando com eles quem o saudava. E tinha desgostos que lhe amargavam o fígado empedrado. Passava imponente, mandão, tudo parecia depender dele, mas já poucos o cumprimentavam. Vivia entre ódios emolientes. E sabia-o quando ali chegava, embora garantisse ao avô que tudo estava como o velho concebera e ordenara.

Era feliz?!...

Não, não o podia ser, até a família lhe dava desgostos. Um dos primos, o António Diogo, já lhe entrara no escritório de revólver em punho e obrigara-o a abrir o cofre, donde tirara o que havia, sob a ameaça de lhe meter uma bala na

cabeça. As duas gémeas do tio Miguel perdiam-se por Cascais, ambas divorciadas, e sempre tão iguais em tudo, que os amantes se enganavam e elas também, tomando uns pelos outros, ou ainda tomando alguns outros por esses.

No fundo da caleche, Rui Diogo recordava uma história de mau gosto que lhe haviam mandado em carta anónima:

“Você, seu barbas, que julga mandar em tudo, veja lá se consegue que a Câmara Municipal deixe as crianças brincarem na relva. Doutro modo, as Relvas compensam clandestinamente a injustiça municipal, permitindo que se deitem nelas os pais das crianças...”

Era uma vingança sórdida de qualquer inimigo disfarçado. Mas as duas meninas davam ensanchas para tais vilanias, seguindo o trilho de sua tia, a mãe de Rui Diogo, que também não perdera tempo em receio de pecados. Talvez por saber que não há melhor caminho para se atingir a santidade. Assim mesmo morrera, quase em graça, rodeada de muitos pobres que a choraram sinceramente.

Mal o cocheiro aparecera ao postigo do carro, de boné na mão, a lembrar-lhe que haviam chegado, Rui Diogo apressou-se a atravessar o terreiro para subir à torre e relatar ao velho as conversas tratadas com os serventuários da vila. Ia mal-humorado, pressentia a desgraça, confidenciava depois à mulher no quarto. E tanto que não assobiara nas escadas, o que fazia sempre, enquanto gingava o corpo na ascensão, como se fosse o filho mais velho, ora pondo um pé no extremo direito do degrau ora tocando com o outro a parede oposta. Sabia-se livre de olhares estranhos e nunca se deixava daquela brincadeira, que encetara no primeiro dia de ascensão à torre quando o avô o escolhera para seu estafeta e mandatário.

Tocou à porta com os dedos, perguntou se poderia entrar e deu logo volta ao trinco, como sempre procedia também. O velho estava surdo; não era servo dele para esperar.

- Cá estamos! - disse sem alegria.

Mas, quando deu com o avô estendido e inanimado sobre a cama, correu para ele, tomou-lhe as mãos frias e abandonadas, apertando-as nas suas, esfregando-as depois, como se pudesse ainda reanimá-las. Fazia-o com frenesi, quase as beijava, sentindo que se lhe iria acabar o reinado familiar, se não o outro também, inseparáveis no conceito social. “Estou lixado! Estou lixado!” ciciava com amargura. Depois, sentindo-se impotente para dar vida ao que há muito acabara, enxugou algumas lágrimas verdadeiras na manga da jaqueta, e pôs-se a meditar, olhando a lonjura das terras aleziriadas, agora escassa de gado cavalair.

Nesse instante, um verdadeiro sopro divino encheu-lhe os escaninhos do cérebro.

Capítulo V

A glória dos mortos honorários

Ficou bom para estar sentado.

Depois de o embalsamarem ainda parecia mais saudável.

Só lhe faltava falar.

Rui Diogo maravilhou-se, já vencida a repugnância de ajudar o embalsamador naquela terrífica missão de esvaziar o morto de quanto pudesse apodrecer. Metera o homem clandestinamente na torre e ali haviam passado quase um dia na tarefa, ora fumando ora bebendo uísque com água gasosa. Já assobiavam ambos, satisfeitos da obra.

O senhor único de Aldebarã impressionara-se deveras quando o outro lhe revelara que o avô entrara em putrefacção há mais de vinte anos. Sim, exactamente no cérebro. O estranho é que ninguém dera por isso. Rui Diogo confessou que o velho cheirava mal algumas vezes, mas que atribuía o facto a coisas mais baixas. E de repente, sem perceber porquê, um vômito danado revolvera-lhe o estômago, obrigando-o a desrespeitar o avô com uns restos de três perdizes que ceara na véspera. Foi nessa altura que o embalsamador lhe falou duns bochechos de uísque para cortar o nojo. Já iam a meio da garrafa.

Começou a assobiar quando encetaram o trabalho de vestir o cadáver. Suavam.

Rui Diogo fez uma biografia do velho para o tempo passar mais depressa. O outro contou anedotas políticas.

Riram ambos, embora o lavrador não gostasse muito de certos gracejos. Depois foi um nunca mais acabar de histórias pícaras.

O trabalho estava quase pronto ao cair da noite. Faltavam-lhe os retoques. Rui Diogo pôs o chapéu na cabeça do velho, salvo seja, e achou-o muito esverdeado. Foi nesse momento que lhe ocorreu uma ideia genial. Desceu aos aposentos da mulher e trouxe de lá todos os apetrechos de beleza em lápis, pós e boiões, começando por lhe dar uma cor geral de amarelo-torrado; depois rosou-lhe bem as faces, espalhando o vermelhão com a ponta do dedo, e entusiasmou-se com

os efeitos miríficos da sua arte. Pintou-lhe bem os lábios, deu-lhe dois toques de lápis numa das sobrancelhas falhadas de cabelo e considerou a obra àquela distância ideal dos três passos. Cerrou os olhos azuis, deu um leve jeito à cabeça e exclamou:

- Perfeito! Está perfeito!

- Só lhe falta falar - rematou o outro, igualmente surpreendido com a inovação.

- Mas vive na realidade - sentenciou o lavrador numa voz profunda.

- Tanto para nós como para toda a gente, o meu avô não pode morrer...

Só lhe faltava realmente viver, o que já não se tornava necessário, agora que os servos e vassalos haviam regressado a casa, cansados de gritarem vitórias alheias. Nem uma folha bulia nas ruas.

O embalsamador pôs-se a lavar as mãos e recomendou:

- Evite que o sol muito quente lhe bata em cheio. Com o vidro pode arder...
Lembre-se que o vidro é feito por operários...

- Puxa-se a cortina - remendou o lavrador. - É uma questão de cortina...

O outro meneou a cabeça, mas inventou logo novo reparo:

- E não deixe as janelas abrirem-se. O ar da rua pode ser fatal ao senhor seu avô e nosso amo.

- Há perigo de se constipar? - perguntou o lavrador.

- Não, é ainda pior. Evite-lhe o ar, evite-lhe o ar...

Preocupado, calafetou todas as frinchas com jornais. O embalsamador sorria, achando que exagerava. Mas acabou por ajudá-lo, tanto mais que o preço combinado dava para aquele extraordinário.

Rui Diogo pagou bem o serviço em moedas de oiro. Deu outro tanto pelo segredo e apertou as mãos do homem. Olhou mais uma vez o avô, acenando a cabeça. Já à porta, o outro forneceu-lhe nova indicação:

- Borrife-o de vez em quando com éter. Fica mais viçoso...

Para glória dos mortos honorários, Diogo Relvas ali ficava firme na sua cadeira, onde o caruncho roía, roía, impiedoso e malandrete. Parecia rir-se deles, o malvado.

- O terrível para mim, acredite, é não poder chorar a sua morte...

- Mas ele está vivo, Excelência! - lembrou-lhe o outro com alegria explosiva.

- Tanto como nós...

E segredou-lhe, sob a influência do uísque:

- Aqui para a gente, meu velho, estamos todos mortos.

- É a única maneira de se viver feliz - assentiu o embalsamador num segredo cheio de desconfiança.

Capítulo VI

O entroncamento de seis gerações

Não havia, contudo, maior solidão do que a sua.

A família isolava-o. Bem sentia a hostilidade de todos, até da própria mulher, quando lhe perguntavam com ar melífluo e interessado:

- Então o avô, como está o avô?

Queriam sugerir duma forma sorrateira:

“Então quando é que esse gajo morre? Está já com cem anos; ainda não achará tempo de embarcar?...”

Uns ingratos, uns biltres... Trabalhava para eles uma vida inteira e a paga era aquela. Precisavam que lhes voltasse costas; seria bonito vê-los depois. Mas ele tinha uma missão a cumprir, jurara aceitá-la, e não a renegaria, embora compreendesse que já ninguém lhe agradecia o sacrifício. Era o entroncamento de seis gerações com as quais deveria pleitear, convencendo-as e exprimindo-as. Continuaria contra todas, se tanto fosse preciso. Tinha a certeza plena de que procedia em proveito delas.

Ao fim da tarde, como antes, subia as escadas da torre e fechava-se lá dentro. Ia a despacho.

O ar viciado entontecia-o à entrada, mas depois acabava por se habituar, procedendo em tudo como no tempo em que conferenciava com o avô. Adivinhava que o espreitavam por toda a parte, donde se podia avistar o mirante. E ali se conservava durante uma hora, pelo menos, sempre de pé, em atitude respeitosa, junto da mesa onde Diogo Relvas permanecia embalsamado e jovial.

Tirava-lhe o chapéu, dava-lhe uns borrifos de éter e escovava-lhe as barbas e o cabelo, de maneira a evitar que tomassem aquele aspecto de juta velha. Depois abria as cortinas para que todos assistissem ao encontro, deixando cerrada a janela que deitava para o poente, não se desse o caso de o sol lhe queimar o velho.

- Cá estamos! - dizia pela segunda vez.

Sentados na cama, um nadinha apertados, o trisavô e o bisavô seguiam a entrevista, interessados também no andamento da Lavoura. Gostava de ouvi-los.

Ali todos davam a sua opinião, embora lá fora rosnassem que era ele o senhor absoluto de terras, servos e gados.

Abria a pasta, espalhando os papéis sobre a mesa, e dava conta de tudo. O avô Diogo é que tinha sempre a última palavra. E só para lhe evitar canseiras, assinava por ele, imitando-lhe a letra grande e aberta, um nadinha trémula. Já escrevia melhor pelo avô do que por ele próprio. Quando verificava o facto, mirava-se no espelho e confrontava o rosto com o de Diogo Relvas. Estavam iguais. Só a cor dos cabelos e dos olhos os distinguia.

O trisavô, o Chicote, abria a conversa, mal percebia que o despacho da papelada chegara ao fim.

- Então?!... Como ides?

- Lá continuo o calvário. Cada dia mais difícil. O mundo perdeu a cabeça e só eu conservo a minha no seu lugar.

- Ainda bem - assentiu o Relvas mais velho. - Mas o que dizem eles?

- Ora, o que hão-de dizer! - intervinha o bisavô João de Meneses Relvas, o mais jovem dos quatro, pois continuava senhor da mesma cara com que morrera de desastre. - A má língua é uma instituição portuguesa. Temos de deixá-las à solta.

- Quando deixarás de ser bom rapaz? - retorquia o velho assanhado.

Diogo Relvas piscava o olho para Rui Diogo e ambos sorriam, enlevados com a disputa do Chicote e do filho. Era fatal. Pegavam-se sempre, mas percebia-se que gostavam desvairadamente um do outro.

- Já agora não mudarei - respondia o João. - Serei liberal até ao fim.

- Hás-de ganhar muito com isso, anda lá! O Rui Diogo que explique mais uma vez onde já estaria a nossa casa, se metêssemos por tal caminho...

- O senhor tem razão... Os Portugueses não estão preparados para entender o liberalismo. Não o sabem usar. Abusam.

- Mas somos um povo extraordinário! - gritava-lhe o bisavô.

- Bom, isso está fora de discussão. É evidente! - concordavam todos.

- Talvez por isso mesmo - concluía Diogo Relvas, sentado na cadeira. - Somos um povo com uma enorme intuição política. - Mas confidenciava para Rui Diogo: - Uns malandros, uns ingratos...

A discussão acendia-se, embora sem azedumes. Diogo Relvas dizia a última palavra.

- Graças a Deus, acabamos sempre por encontrar o equilíbrio. Em toda a vida de Aldebarã, podemos gabar-nos de nunca termos sofrido cinquenta anos de ideias

estranhas. Em tantos séculos, é notável! Eu próprio me queixei algumas vezes sem muita razão, valha a verdade. Isso significa que temos o povo mais independente, mais caracterizado, de todo o mundo; nenhum outro se pode gabar do mesmo equilíbrio e do mesmo respeito pelas tradições. Não interessa que muitos, talvez despeitados por esta fidelidade, nos considerem ultramontanos e conservadores...

- Isso é um elogio! - comentava o Chicote.

- Que só nos enobrece - rematava Rui Diogo, cofiando a barba e o bigode, já tocados pelos fios brancos dos sessenta anos.

- De que nos tem servido isso? - verberava o bisavô João Relvas.

- De orgulho.

- E isso nos basta! - acrescentava o mais velho. - Deixemo-los andar, porque hão-de todos vir bater-nos à porta...

- Já batem...

- D. Miguel há-de voltar...

- Ó pai!... - lamentava João Relvas.

- Ah, sim!, há-de voltar - concluía os outros três.

- Para glória nossa.

E ali ficavam, à parte, confidenciando planos, não viesse o Relvas liberal desfeiteá-los. Assim era melhor.

O Chicote já uma vez tivera de lhe aplicar um nome feio: traidor.

Sim, era lamentável reconhecê-lo.

Rui Diogo mantivera-se calado durante esse conflito, mas concordara plenamente com o trisavô.

Quem o visse na Torre dos Quatro Ventos, ouvindo-o conversar com os antepassados, diria que também estava demente. Enganava-se, porém, porque bem poucas vezes, desde que existem homens sobre a Terra, a nenhum outro caberia tanto ufanar-se de inteligência mais clara e penetrante do que a sua.

Um verdadeiro génio, mesmo que se evitem exageros.

Disseram-lhe uma noite em que o decoraram com a mais alta condecoração nacional. Estava radiante. Não pelo ornato em si, mas pela certeza de que os Relvas teriam o título de duques, quando soasse a hora da monarquia absolutista e tradicional que o País esperava com devoção e sonolência. Guardava esse segredo. Queria comunicar a nova ao avô, mal a ocasião chegasse. Era a sua homenagem.

Tinha a certeza de que o velho se voltaria na cadeira para o saudar.

Capítulo VII

Malfeitorias de gatos e pássaros

Estava-se em Janeiro. O mundo dos homens parecia petrificado nas terras dos Relvas. Toda a gente se conformava com a felicidade que lhe ofereciam; não havia outro remédio.

Só os gatos andavam excitados, correndo aventuras por recantos da mata e telhados do palácio. Viera de Aldebarã, faminta, uma gata amarela de pêlo listrado de branco e dada a ternuras desconhecidas entre os gatos palacianos. Nunca na Mãe-do-Sol se ouvira miar tanto, nem o luar tivera orfeão mais vasto para lhe erguer saudações.

A criadagem mostrava-se preocupada, não fosse o patrão velho irritar-se com a brincadeira.

- Talvez não oiça. Vai já em cento e dez anos... Velho rijo!

Nas cozinhas nunca se haviam dado tantos roubos. E todos feitos por gatos, garantiam as servas. Peixe fresco não escapava, sem que alguma posta melhor não faltasse à hora dos cozinhados. E à noite havia banquetes com a gata amarelada, logo seguidos de verdadeiras guerras entre a gataria macha, à qual nem os capados se livravam, não pela gata, é bem de ver, mas para reconquistarem o silêncio perdido e saboroso duma vida inteira. E a quem se habitua a pachorras, não lhe falem de guerreias.

Foi então que certo gato lírico resolveu oferecer à gata amarela um pássaro vivo. Tinha a certeza de que ela gostaria de apanhar um entre as patas. Cheio de ardis, fingiu-se morto no telhado sobre o qual se erguia a torre, lugar predilecto de toda a passarada da floresta. Os beirados estavam cheios de ninhos e de trinados. Já amarinhara ao coruto, estendera a pata vezes sem conta e nada conseguira. Mas o gato lírico não desistia do projecto.

E numa manhã de Janeiro, ainda por cima cheia de sol ameno, já medidos e estudados todos os movimentos da passarada vadia, o gato estendeu-se no telhado, cerrando os olhos. Pouco a pouco, uns pardais afoitos quase lhe tocaram com as asas brincalhonas. Vinham em grupos, primeiro; depois chegaram-se

outros; e um deles, sozinho, gordo, podia-se dizer, correu sobre o beirado, debicou umas ervas nascidas por ali, e voltou-se para os lados da mata, querendo cantar também. O gato descerrou mais os olhos, mediu bem a distância e lançou-se num salto.

Espavorido, o pardal abalou rente às telhas, batendo as asas com frenesi, e foi tocar num dos vidros da torre, julgando que tinha o espaço livre à sua frente. Cego também, o gato deduziu o mesmo. E como não dispunha de meios para voar, e o corpo lhe pesava de mais, enfiou a cabeça por um vidro grande e achou-se dentro do mirante. Ainda o coração não se refizera do susto, deparou-se-lhe a figura imponente do lavrador, sentado na cadeira onde o caruncho roía, roía... Pareceu-lhe vê-lo erguer-se e com três saltos saiu por outra janela, estilhaçando mais um vidro.

O ar entrou na torre, brandinho, parecia um bafo. Mas à noite soprou com força, mugindo nas árvores da floresta e nos volumes das paredes do palácio.

Diogo Relvas desmanchou-se aos poucos. Veio um bafo e levou-lhe um braço; outro soprou e destruiu-lhe a cabeça. Parecia um boneco de cal. O embalsamador bem avisara o neto.

Capítulo VIII

Paz, doce paz...

- Malandros! - gritou à porta, desvairado, como se atirasse um desafio ao resto do mundo. A esse mundo louco, que esquecia ingratamente quanto devia aos Relvas e se recusava a segui-los até ao paraíso medieval, ele o obrigaria a reencontrar a paz perdida por alguns séculos de ideias falsas, geradas em espíritos malignos e irrequietos.

“Hei-de prendê-los ainda mais curto, ora se hei-de!”, pensou com arrogância. Adivinhava, pressentia quem organizara e consumara o assassinio do avô. Um santo! Eram sempre os mesmos por toda a parte, servindo-se de meios que repugnariam a pessoas civilizadas. Ele os ensinaria com métodos adequados! Agora até se aproveitavam do ar para lhe esbandalharem o velho, uma relíquia preciosa da vida patriarcal e santa. O pior é que já não poderia colocá-lo perto da janela da torre, para que todos o vissem bem vivo. Teria, então, de lhes anunciar a morte?!...

- Não, isso não... Nunca! - respondeu num arremesso às próprias interrogações. - Que faria por aí essa canalha à solta?... (A canalha para Rui Diogo era a própria família ansiosa por herdar a fortuna do velho, alguns falsos amigos, prontos a traí-lo, os inimigos presentes e ausentes, os estrangeiros...)

Ocorreu-lhe um pensamento e não conseguiu conter o riso:

“Se julgam que me vencem assim, enganam-se. Agora sem os velhos a aconselharem-me é que eles irão saber o que é dançar na corda bamba... O verdadeiro poderio dos Relvas vai começar comigo, pois então! Amanhã mesmo, tenho-a cá fígada, mando correr com essa malta que vive em Bem-de-Deus. Lá porque trabalham ali há mais de cem anos, julgam que a terra lhes pertence... Enganam-se! Se não quiserem sair a bem, hão-de sair à força. A autoridade não se fez para outra coisa!... A terra é minha e volta agora para o seu verdadeiro dono.”

Lembrou-se do que o avô lhe dissera algumas vezes sobre essa gente e achou que a presença do velho também o incomodava. “Nada de romantismos!...” Devagar, aproximou-se do sítio onde jazia o pó deixado por Diogo Relvas e pegou

cuidadosamente nos farrapos da jaqueta e da calça sevilhana. Abriu uma das janelas, olhou à volta e resolveu-se a sacudir o avô, deixando que a brisa da tarde pegasse naquela poeira fina e branca. Tão branca e tão fina que uma espécie de nevoeiro começou a cerrar-se à volta dos limites de Aldebarã, envolvendo-a com o manto espesso duma noite estranha e alva na qual voavam abutres, prontos a acometer quem viesse perturbar a doce paz dos lagartos de loiça.

Freixial, Novembro de 60 a Novembro de 61.

ÍNDICE

Prefácio

Breve nota de culpa

Livro primeiro

O LIVRO DAS HORAS PLENAS

CAPITULO I - A “semana negra”

CAPÍTULO II - Que cartas temos na mão?

CAPÍTULO III - A Torre dos Quatro Ventos

CAPÍTULO IV - Retrato de família em ponto grande

CAPÍTULO V - Algumas páginas secretas do Diário de Emilia Adelaide

CAPÍTULO VI - A verdade é fêmea e por isso precisa de retoques

CAPÍTULO VII - Há um cavalo na alma de cada homem

CAPÍTULO VIII - Dois campinos pedem licença para entrar no romance

CAPÍTULO IX - O curro para Madrid

CAPÍTULO X - Um homem tem duas sombras

CAPÍTULO XI - Pequenos vícios para tão grandes ócios

CAPÍTULO XII - Onde se sabe de pequenas vinganças de Job

CAPÍTULO XIII - Histórias miguelistas

CAPÍTULO XIV - Mandar na chuva e começar a molhar-se

CAPÍTULO XV - Onde se assiste a desgraças e a coisas bonitas

CAPÍTULO XVI - Um lobo bonito

CAPÍTULO XVII - Cavalos e mulheres no picadeiro

CAPÍTULO XVIII - No suor dum homem pode nascer uma flor

CAPÍTULO XIX - Emília Adelaide volta às páginas do seu Diário

CAPÍTULO XX - Para onde levará a aranha a ponta da teia?

CAPÍTULO XXI - Uma bebedeira de vaidade

CAPÍTULO XXII - O anão pensa que não é boa a estrela de Zé Pedro

CAPÍTULO XXIII - Um título por duas horas

Livro segundo

O LIVRO DAS HORAS AMARGAS

CAPÍTULO I - Ao espelho das realidades e das aparências

CAPÍTULO II - Onde o amor se encontra com a morte

CAPÍTULO III - O medo da luz do dia

CAPÍTULO IV - Onde se vê o lavrador de Aldebarã praticar justiça de rei

CAPÍTULO V - Pequeno labirinto de amor e conveniências

CAPÍTULO VI - Pervertem-se ideias e pessoas

CAPÍTULO VII - Um novelo de angústias

CAPÍTULO VIII - Ou o vento numa seara?

CAPÍTULO IX - Onde os dois amantes voltam a encontrar-se

CAPÍTULO X - A corrida às lebres

CAPÍTULO XI -... e a corrida às mulheres

CAPÍTULO XII - O fio dum corpo decapitado

CAPÍTULO XIII - Curto diálogo de vingança

CAPÍTULO XIV - O lavrador não divide a vingança

CAPÍTULO XV - Assim dá gosto tratar

CAPÍTULO XVI - A minha avó contou-me

CAPÍTULO XVII - Que mais teremos agora?

CAPÍTULO XVIII - Onde as pessoas entram no reino da anarquia

CAPÍTULO XIX - Que vamos realmente fazer?

CAPÍTULO XX - Olhar o sol queima os olhos

CAPÍTULO XXI - O cavalo da afronta

CAPÍTULO XXII - E o caruncho continuava a roer

Epílogo

Livro terceiro

O LIVRO DAS HORAS ABSURDAS

CAPÍTULO I - O patrão velho

CAPÍTULO II - O pesadelo das barbas a arder e dos cavalos em liberdade

CAPÍTULO III - O pequeno apocalipse

CAPÍTULO IV - Onde se assiste a uma guerra com moiros e à morte do velho

CAPÍTULO V - A glória dos mortos honorários

CAPÍTULO VI - O entroncamento de seis gerações

CAPÍTULO VII - Malfeitorias de gatos e pássaros

CAPÍTULO VIII - Paz, doce paz